

J. W. ROCHESTER

ARANDI GOMES TEIXEIRA

A FORÇA DO AMOR

CorreioFraterno

Contents

J.W ROCHESTER
ARANDI GOMES TEIXEIRA

A FORÇA DO AMOR

CorreioFraterno

Editora Espírita Correio Fraterno
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP
Telefone: 11 4109-2939
correiofraterno@correiofraterno.com.br
www.correiofraterno.com.br

Vinculada ao LAR da CRIANÇA EMMANUEL *www.laremmanuel.org.br*

3ª edição, revista – 1ª reimpressão – Novembro de 2015

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Cristian Fernandes

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Eliana Haddad e Izabel Vitusso

CAPA E PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
André Stenico

CATALOGAÇÃO ELABORADA NA EDITORA
Rochester, J. W. (espírito)
A força do amor / J. W. Rochester (espírito); psicografia de
Arandi Gomes Teixeira. – 3ª ed., rev., 1ª reimp. – São Bernardo do Campo, SP : Correio Fraterno, 2015.

ISBN 978-85-5455-019-6
1. Romance mediúnico. 2. Espiritismo. 3. Reencarnação. 4. Espanha. 5. Literatura brasileira. I. Teixeira, Arandi Gomes. II. Título.
CDD 133.93

A marcha dos espíritos é progressiva, jamais retrograda. Eles se elevam gradualmente na hierarquia, e não descem da categoria a que ascenderam. Em suas diferentes existências corporais, podem descer como homens, não como espíritos.

ALLAN KARDEC – *O livro dos espíritos*

SUMÁRIO

CAROS LEITORES

Muita paz!

Aqui me encontro uma vez mais. O mesmo que outrora narrou fatos assombrosos da História de todos os tempos. Aquele que levantou o véu de Ísis tantas vezes para penitenciar-se, revelando aos olhos do vulgo os mistérios que a poeira do tempo encobria.

Com boa dose de satisfação e gozo (apesar da vergonha que me visitava a alma), revi-me em inúmeras épocas; poderoso, incensado, com cetros e coroas, coberto de ouro e púrpura, saber, magia e glória...

Fazendo uso dos conhecimentos infusos que trazia, tendo sido vergonhosamente exilado do meu orbe de origem, submeti impiedosamente essa Terra que me recebia. Extremamente rebelde, filho da luz, preferi as trevas inúmeras vezes...

E, nesse trágico contexto, arrastei milhares de criaturas, tornando-me consequentemente responsável por elas, pelos atrasos que provoquei diante da evolução espiritual, e ainda hoje sou tocado por profunda tristeza, em decorrência dos comportamentos desarmônicos com a justiça divina.

Neste planeta, desde eras primevas, trilhei o caminho do poder. Com orgulho, vaidade e ambição, e ao lado de espíritos afins, participei de contextos deploráveis, iludindo ou iludido, caindo e provocando quedas, dominando ou sendo dominado. Tecendo vasta rede de intrigas para alcançar os fins visados, passei por cima de tudo, até mesmo dos mais caros afetos.

Engendrando estratégias terríveis, desrespeitando e decidindo sobre os destinos de tantos, amealhei para mim mesmo as muitas dores que hoje carrego e das quais devo me libertar, através do exercício da humildade no verdadeiro amor.

Porém, até mesmo no ‘ranger de dentes’, revoltado e insubmisso, perdi

ocasiões de redenção, tramando novas e futuras perdas.

Hoje, nesta Terra abençoada, somos a representação de uma Humanidade ainda pervertida e adúltera, com poucos atenuantes e raras exceções. Muitos dos grandes desastres aqui tiveram a nossa participação ostensiva.

Na crucificação do 'Cordeiro de Deus' estamos todos comprometidos! Nós o sacrificamos por nos recordarem as suas palavras, gravadas nos refolhos das nossas almas, o sublime apelo para que nos modificássemos, desde o cerne, num compromisso firmado sob seu dúlcido olhar há milhares de anos em esfera espiritual, na qual estagiávamos, no aguardo do futuro que se desdobraria no tempo, em mundos que nos permitiriam renascer para progredir sem cessar!...

Ele encontrou a cruz ignominiosa em nossas mãos insensíveis, e mais uma vez nos comprometemos dolorosamente, em nossa obstinada insubmissão ao nosso Criador, Senhor absoluto de tudo e de todos!

Recalcitrantes, fugimos novamente da reparação necessária, silenciando-O... No espaço e no tempo, sacrificamos missionários e profetas, jovens e crianças, nos diversos cultos aos molocs ou aos bezerros de ouro, em holocaustos telúricos que pesariam sobre as nossas cabeças a nos cobrar dolorosos acertos...

A ignorância e a pobreza foram, desta forma, tecidas e entregues obrigatoriamente aos simples e aos ingênuos, que jamais souberam lutar pelos seus direitos por não terem acesso ao poder e nem usarem dos mesmos recursos venais... Recriamos as artes que igualmente deveriam incensar a nossa egolatria. A Terra, então, existia e produzia em função das nossas necessidades, que se avolumavam cada vez mais...

Desnecessário dizer o quanto lamentamos esse contexto indelevelmente gravado em nossa memória. A conscientização de tantos erros nos alcança de maneira dolorosa, exigindo-nos mudanças radicais.

E, em regime de urgência, decidi, com a permissão dos mensageiros do Bem que pacientemente velam por nós, intensificar o meu progresso com fé

e perseverança. E posso dizer que o tenho conseguido, e de tal forma, que já me surpreendo numa nova visão, em um contexto sincero, submisso às Leis de Deus, o que antigamente era apenas teoria e pouca intenção, enganando a mim mesmo (e quiçá a vós outros!).

Aquilo que parecia humildade era antes vaidade; o que parecia confissão era a narrativa vaidosa, incensando-me o orgulho.

E confesso que, se nesses momentos de liberdade espiritual sou autêntico, do outro lado da moeda identifico ainda a antiga arrogância, os velhos preconceitos e a contumaz vaidade. A rebeldia persistente e tantos outros 'pecadilhos' dão ainda pinceladas no nosso caráter, que já se aprimora, com as experiências que nos vão deixando marcas.

Recordando Santo Agostinho aconselhando que nos 'confessássemos' uns aos outros, faço estas declarações corajosas e sinceras para fazer-me entendido por quantos desejam (ainda) o Conde Rochester do século passado, ignorando, desavisados, os degraus vencidos nesse entremeio que nos marcaram demais, porque vivenciamos dores acerbas...

Com a sensibilidade mais apurada, o que antes nos satisfazia, agora é razão para nos deprimir.

Companheiros de jornadas evolutivas desde eras que se perdem na memória, trabalhamos hoje pela implantação na Terra do Consolador Prometido. Seguidores humildes e perseverantes (apesar dos tropeços) da gloriosa falange do Espírito de Verdade, fazemos a nossa parte com o coração exultante, agradecidos pela gloriosa oportunidade. É trabalho redentor, com o qual nos comprometemos há muito e, graças a Deus, nele estamos engajados.

Gratos aos amados amigos, encarnados ou desencarnados, que nos impulsionam nessa caminhada redentora, seguimos realizando nossa tarefa, tentando conduzir ao Pai aqueles que desviamos do caminho, enquanto somos igualmente resgatados por Sua misericórdia.

J. W. Rochester

I

O CASO ASHRAM

Barcelona, maio de 1813.

Numa dessas manhãs ensolaradas de Barcelona, descendo uma de suas ruas, podemos distinguir elegantemente trajadas as figuras de Justice de los Prados, de 33 anos, e seu irmão Conrad de los Prados, nos seus dezoito anos.

Embora tentem disfarçar, a tristeza faz-se visível.

Há alguns meses, perderam o pai muito querido, após insidiosa enfermidade, que também consumiu grande parte da fortuna amealhada com sacrifício, apesar do título de nobreza.

Justice, irresponsável, vem dilapidando o que restou nas noites de jogos e de prazer.

Neste momento, eles retornam da Praça de Touros, onde foram assistir aos treinos a convite de dom Miguel, um toureiro amigo de Justice.

É ele quem quebra o silêncio:

– Conrad, precisamos melhorar o nosso humor, não acha? Apesar dos divertimentos de há pouco, continuamos sorumbáticos e a nossa proposta de espairecer tornou-se nula!

– E como faremos isso? Você conhece algum recurso salvador?

– Esqueçamos por um pouco os nossos problemas!

– Eu não consigo, não posso e nem quero, Justice.

– E você pensa que eu consigo? Simplesmente tento, meu irmão!...

– Diviso tempos difíceis, como sombras negras à nossa frente.

– Ignore-as!

– De que jeito?

– Acreditando no futuro, Conrad. Veja o sol radioso que nos banha, esse céu de azul intenso que nos inspira! Sinta o ar balsâmico que, em haustos, penetra nossos pulmões. A vida é um convite à felicidade!

– Posso perceber isso, mas para o momento não tenho condições de fruí-la.

– Você? Belo como Apolo e sábio como é?

– Você é quem diz! Entretanto, se isso for verdade, você tem os mesmos atributos e estes de nada nos têm valido.

– Sem dúvida, valerão. Aguarde!

– Tem planos que desconheço, Justice?

– Não. Tenho esperanças. Poderemos antes de tudo, tentar conseguir um bom empréstimo, concorda?

– Naturalmente, mas... com quem?

– Com o senhor de Marsilhac, claro!

– Quanta insensatez, Justice!

– Por quê?

– Crê mesmo que ele nos atenderá? Sequer nos receberá, se eu o conheço bem.

– Não gosta dele, Conrad?

– Não é isso. Ele era amigo de nosso pai e por isso geriu os seus negócios por tantos anos, mas de nós se afasta deliberadamente. Não percebe que nos despreza?

– Sim, mas temos de nos submeter diante da situação vigente.

– Nisso eu concordo plenamente; mas você fala de um jeito e age de outro.

– Conrad, sinto que está me responsabilizando por tudo, não?

– Sabe que não. Você é o melhor irmão que alguém poderia desejar, entretanto...

– Entretanto, sou leviano e perdulário, não é?

– Assim é, perdoe-me, você mesmo reconhece.

– Mudarei, você verá. Tenho projetos que exigem comportamentos diferentes desses que você condena, muito justamente.

– Ah, Justice, já me disse isso outras vezes e continua sempre o mesmo.

– Bem sei, mas não é fácil mudar...

– Basta você querer.

– Quando se é um poço de virtudes como você! Não é o meu caso. A vida me fascina e oferece o capitoso vinho dos prazeres. Minha alma é livre, libra sem peias nos ares das ilusões!

– Você próprio reconhece que vive de ilusão! Onde disse vida, diga mundo; liberdade, escravidão e, finalmente onde disse vinho, diga veneno!

– Céus, Conrad, quanto amargor; assim você me assusta!

– É você quem me assusta com tanta irresponsabilidade.

– Não é irresponsabilidade, Conrad. É alegria de viver!

– Pois vivendo dessa maneira, certamente morrerá cedo; ou pela arma de um marido enganado ou por precoce envelhecimento.

– Conrad, que humor! Antes tivesse vindo sozinho.

– Perdoe-me, mas estamos à beira de um abismo!

– Encontraremos uma solução!

– Com o empréstimo pouco provável do senhor de Marsilhac?

– E de quem mais?

– Você sabe muito bem: do nosso caro tio Pepe.

– Dele nada quero.

– Mas por quê? Somente ele pode auxiliar-nos! É rico o bastante e só tem Nívea como herdeira. Quer-nos bem e nos socorrerá!

Ele quer bem a você, não a mim.

– Por que se insurge contra ele se esta pode ser a nossa única esperança?

– Porque nós não nos estimamos!

– Ao repreendê-lo, ele teve ótima intenção.

– Todavia não admito censuras, nem da parte dele.

– E da minha, meu irmão?

– De você é diferente. Não somos apenas irmãos; nos queremos muito bem e, como seu irmão mais velho, tento, sempre que posso, protegê-lo de todos os modos.

– Mas esse seu orgulho nos prejudica e nos jogará irremediavelmente na falência.

Contrariado, Justice adverte:

– Se você aceitar a ajuda dele, nos afastamos. Decida-se por um dos dois!

– Diante desse *ultimatum*, o que fazer? Peço-lhe que pelo menos modifique seus hábitos, economizando mais, enquanto não conseguimos mudar a situação.

– Tentarei, Conrad.

– Tentará? Terá que fazê-lo!

Agastado, Justice responde agressivo:

– Que quer, Conrad? Não possuo sua fibra moral. Sigo as minhas próprias tendências. Preciso gozar a vida enquanto a juventude vibra no meu sangue! Não posso esperar, minhas veias fervem de ansiedade! Não poderia jamais viver regradamente como você! De modo algum!

Igualmente alterado, Conrad revida:

– Mas deve! Por nossa casa já cobiçada pelos credores, por você, por mim, pelo nosso futuro! Justice, a minha carreira militar é menos importante que suas noites de prazer? Que medidas possuem seu cérebro e seu coração? Já desespero, não percebe?

Justice apieda-se e abraçando-o fala:

– Calma, Conrad, assim não chegaremos a nada. Tenha paciência comigo e espere, dê-me tempo.

– Paciência tenho tido, tempo não sei se teremos. Até quando espera fugir dos credores?

– Não sei, se pensar demais, enlouqueço.

Penalizado, Conrad decide fazer uma trégua:

– Que achou dos treinos?
– Bons, ótima equipe. Todavia, os picadores estavam ansiosos, talvez por serem jovens demais.
– É possível...
– No domingo espero assistir a um belo espetáculo.
– Não conte comigo.
– Por quê? Não gosta mais de touradas?
– Na verdade me aborrecem e causam-me mal-estar.
– Não consigo entendê-lo.
– Eu explico: é um espetáculo cruel, sangrento. Pobre animal, como sofre! Não possui defesas contra a inteligência e a agressividade do toureiro!
– Conrad, nossa terra é famosa no mundo inteiro pelas touradas!
– E também pela beleza do nosso sol, das nossas tradições, das nossas músicas, danças e pelo encanto das nossas mulheres...
– Ah, as mulheres! São a minha perdição, Conrad! Por que são tão belas, perfumadas e graciosas?
– Ainda encontrará uma que mudará sua vida.
– Duvido! As que eu aprecio têm os meus hábitos.
– A Espanha possui ainda outros bens que lhe dão notoriedade, Justice.
– Sim?
– Entre eles: o trabalho e o progresso.
– Voltamos ao assunto anterior.
– Assunto que precisamos continuar discutindo.
– E acabaremos nos desentendendo novamente!
Ignorando a intenção de Conrad, Justice muda o rumo da conversa:
– Observou o guapo dom Miguel, com sua capa vermelha? Olé! Olé!
E ele finge ser um toureiro; esquivando-se, elegante, de um suposto touro, de um lado para o outro, fazendo o irmão sorrir.
– Justice, você não tem jeito mesmo.
Pensando melhor, analise-me: sou alto, jovem, forte e possuo uma ótima

aparência, como diz você… Posso ser um toureiro! Já me vejo todo paramentado, dando os golpes finais, o touro caindo, o público aplaudindo delirantemente e eu a jogar o meu barrete para a mulher mais formosa que, após beijar uma rosa rubra, atira-a aos meus pés…

Boquiaberto, Justice ouviu até o fim para logo após explodir:

– Você enlouqueceu? Crê que eu permitiria? Não quero que se exponha aos riscos dessa empresa!

E Conrad, rindo:

– Não percebe que me divirto à sua custa? Se não gosto de touradas, como poderia ser um toureiro?

Justice explode em sonora gargalhada e abraça o irmão dizendo:

– Ora, ora, não é que eu acreditei? É bom rirmos juntos, precisávamos disso!

– Mas não imagine que me esqueço do resto…

– Eu sei, eu sei…

Num hiato repousante, os dois silenciam e prosseguem rumo ao centro que, naquela hora da manhã, regurgita de povo no seu movimento comercial.

Inteirando-se das novidades do dia, eles observam o burburinho daqueles homens e mulheres, alegres e apaixonados pela vida, por natureza.

Justice sorri descontraído.

Conrad interioriza-se apreensivo, admirando-se do poder móvel do irmão, que alterna estados de espírito com extrema facilidade; parecendo adaptar-se rapidamente às mudanças e conviver bem com elas. As dificuldades externas parecem não abalá-lo.

Circunspecto, Conrad recorda seu bom e querido tio Pepe. Justice complica a vida quando se nega à reconciliação. Interessado, sugere:

– Justice, vamos daqui para Santo Antônio de la Sierra? Nessa empresa não levaremos muito tempo. Veremos nosso tio e retornaremos em seguida. Prometo não retê-lo mais que o necessário. Que me diz? Sinto muito a falta

dele e a recordação da última vez que nos vimos ainda me magoa bastante...

Aborrecido, enquanto analisa alguns adereços finos no balcão de uma loja, Justice é taxativo:

– Já lhe pedi que esquecesse esse assunto, Conrad, por favor! – diz isso em tom baixo para que o balconista não possa ouvi-lo.

Conrad cala-se por alguns momentos, mas já na rua replica:

– Pois bem, Justice, eu irei sozinho! Não pretende impedir-me, pois não?

– Ora, Conrad, você é livre para fazer o que bem entender! Mas não se esqueça: ou ele ou eu!

– Isso não é justo e você sabe disso! Afasta-me de meu tio, sabendo o quanto nos queremos bem!

– Desculpe. Apenas não desejo a ajuda dele nesse momento. Já parou para pensar que se ele quisesse teria lhe procurado? Por acaso você não tem orgulho nem amor-próprio?

– Orgulho e amor-próprio só têm nos jogado nessa situação de penúria na qual nos debatemos.

– Ora, Conrad, vai recomeçar?

– Continuarei insistindo, Justice, é preciso!

Identificando uma bela mulher que se aproxima, Justice diz ao irmão:

– Não me incomode agora com esses problemas; acabo de ver alguém que conheço e que, por sinal, interessa-me bastante. Depois falaremos disso, Conrad, depois...

Vendo-o abrir largo sorriso, insinuante e vaidoso, Conrad se cala desanimado e se afasta. Atravessa a larga avenida e alcança agradável pracinha onde as crianças brincam enquanto tomam sol. Caminha por entre as aleias, pensativo. Senta-se num dos bancos e fica a observar os pássaros e o movimento do lugar.

Perdeu Justice de vista. Não importa, nesse momento não deseja mesmo a sua proximidade. Está profundamente contrariado. Respirando fundo, busca acalmar-se...

Por sua vez, Justice, ao lado da elegante mulher, conversa alegre, fazendo-lhe a corte. Ela, faceira e coquete, é toda sorrisos, aceitando-lhe os elogios e enchendo-o de esperanças. Após um quarto de hora, separam-se, não antes de combinarem hora e local para um encontro mais demorado.

Ao vê-la afastar-se, Justice fica a admirá-la em suas formas e elegância, quando subitamente vê surgir entre o populacho um homem alto e magro, de cabelos grisalhos, feições ainda bonitas, que corre desabaladamente.

O estranho homem quase colide com ele, que mal tem tempo para desviar-se. Os trajes ricos, já um tanto desarranjados, denunciam-lhe a posição social elevada. Os seus olhos esgazeados procuram incessantemente por alguém. É essa a impressão que dá aos que se deparam com ele.

Com os punhos cerrados, ameaçadores, ele impreca alto:

– Filho infeliz e degenerado, onde se escondeu? Ah, ingrato, quero fitar os seus olhos e surpreender neles a conscientização do mal que me fez!

Fixando os rostos dos passantes, julgando ver neles a pessoa em questão, prossegue revoltado:

– Deus sabe que não mereci isso, seu ingrato! Nunca lhe faltei com o meu amor e a minha proteção! Mais que isso, confiei em você como nunca fiz antes! Que tolo fui!...

Para de súbito e logo em seguida volta a correr no mesmo ritmo.

As mulheres que retornam do mercado têm as suas mercadorias derramadas pelo chão ao impacto do corpo do estranho personagem.

Algumas crianças choram assustadas, enquanto as mães as puxam apressadas, fugindo.

A confusão é geral.

Alguns passantes tentam detê-lo sem sucesso. Sentindo-se tolhido, ele os rechaça com força e agilidade impressionantes.

E prosseguindo em sua insanidade, ele grita:

– Por que se acumpliciou com os abutres que me arruinaram? De onde estiver, sua mãe deve estar renegando-o, como agora faço! Nem a

lembrança dela impediu o seu gesto criminoso? Nem mesmo o amor de sua irmã? Mas deixe estar que eu lhe encontro e dou-lhe uma lição que você jamais esquecerá!

Em sua imprevidência o homem já atravessara as ruas várias vezes.

Diante da confusão estabelecida, os lojistas começam a despedir os fregueses para fechar as lojas, amedrontados.

Era visível que aquele pobre homem necessitava urgentemente de auxílio, de proteção.

Alheando-se, Justice busca divisar Conrad. Afasta-se preocupado com o irmão que sabe estar magoado com ele, enquanto o homem prossegue no seu infeliz monólogo, agitando-se de cá para lá.

Percebendo a balbúrdia, Conrad acorre na tentativa de reencontrar Justice. Atravessando a larga avenida, divisa-o a procurá-lo por entre a multidão que se formara.

– Que há Justice? – indaga ele, curioso.

– Não sei ao certo, Conrad. Me parece que esse infeliz está desequilibrado e pensa perseguir alguém que de alguma forma o prejudicou. Segundo ele mesmo declara em altos brados, deve ter sido o próprio filho. Mas vamos embora, esse assunto é da alçada dos policiais que por enquanto parecem não existir...

Meio indeciso, quanto a ir-se ou a ver o que pode fazer a respeito, Conrad acompanha Justice. E, enquanto abrem passagem para si próprios, ouvem um alarido de cães que perseguem algum veículo...

Em poucos instantes, uma carruagem veloz, inclinando-se perigosamente, faz a curva, entrando na avenida.

A conduzi-la, três rapazes imprudentes que gargalham diabolicamente quando os passantes pulam depressa para evitar serem pisoteados pelos cavalos que sob o furor do chicote nos lombos, corcoveiam e imprimem mais velocidade às suas patas.

Inesperadamente, o estranho homem atravessa a mesma avenida sem

sequer dar-se conta do perigo.

Como que hebetados, todos se quedam sem ação, parecendo anestesiados, incapazes de qualquer reação diante da iminente desgraça...

Um clamor surdo se faz, quando o infeliz é colhido em cheio pela parelha de corcéis negros e resfolegantes. E, na mesma velocidade que chegou, a carruagem fatídica desapareceu nas ruas adjacentes...

Como que despertando de estranho torpor, todos correm para o pobre homem que jaz no meio da rua, com as roupas em frangalhos, imóvel e gemendo debilmente.

Nesse momento (tardiamente) surgem os policiais.

Um deles grita:

– Um médico!

O outro, tocando-o no braço declara fazendo uma careta:

– Não adianta mais, ele já está morto, veja, aquietou-se por completo.

Examinando-lhe os bolsos, os policiais descobrem-lhe o nome e o endereço.

Perplexos e penalizados, Justice e Conrad aproximam-se ainda a tempo de ouvir:

– Senhor Vicente Domingos Ashram. Santo Antônio de la Sierra...

Justice não consegue mais ouvir nada. Em seu pensamento, a reflexão a respeito daquela vida, perdida ali... "O que terá levado esse pobre homem a isso? Que desesperos o fizeram enlouquecer? Apesar de não ser tão velho, os seus cabelos já embranqueceram... Os seus problemas seriam iguais aos nossos? Dívidas e falência? Só Deus sabe! Bem, para ele, tudo terminou aqui nesse momento... Que Deus tenha piedade dele!..."

Olhando ao redor, ele distingue entre as pessoas o senhor Manuel Carreras, seu feroz credor, que o observa com um fino sorriso de ironia.

Antes que ele o aborde, puxa Conrad pelo casaco e mostra-o disfarçadamente.

Silenciosos eles se distanciam, introspectivos. Seus estados de espírito são

lúgubres...

Justice está profundamente tocado pelo que presenciou. Parece-lhe que aquele trágico acontecimento o marcará para sempre...

Sacudindo a cabeça, procura esquecer, enquanto caminha para casa.

Numa rua elegante, adentram em belo palacete, aliviados. Aí vivem felizes e protegidos.

O bom criado Antenor vem recebê-los:

– Os meninos saíram cedo, hein?

– É, Antenor, 'os meninos' saíram cedo para espairecer. Você conhece os nossos problemas, meu velho; tendo acompanhado nosso pai por quase toda sua vida – diz Justice.

Entristecido, Antenor responde:

– Sim, eu vivi tudo ou quase tudo que vosso pai viveu depois de casado. Este lar já foi esplendoroso! Conheci as duas senhoras...

– Por isso nos conhece tão bem!

– Assim é, patrãozinho. Vossa mãe foi a primeira, depois a do nosso pequeno Conrad.

– Pequeno, Antenor? Não percebe o quanto cresci?

Você será sempre o 'meu pequeno', menino Conrad. Como você era bonito! Justice também. Vocês sempre foram a minha maior alegria, os filhos que nunca tive.

Disfarçando as lágrimas indiscretas, Antenor afasta-se dizendo:

– Bem, vou até a cozinha providenciar a refeição. Com licença!

Sentado, Conrad brinca com o *fox-terrier* que veio lamber-lhe as mãos, fazendo festas.

Justice sobe aos seus aposentos onde relaxa em confortável poltrona.

Seus pensamentos se sucedem repetitivos: revendo o homem há pouco morto, dom Miguel, seu amigo toureiro, Conrad cobrando-lhe responsabilidades, os credores, os treinos... Até que principia a cochilar.

Em dado momento, surge diante dele vaporosa forma sem definidos traços.

Tenta levantar-se e não pode; sente-se chumbado à poltrona.

Fixa a atenção e, aos poucos, um ser irradia-se à sua frente. É uma linda jovem, loura, de pequena estatura, elegante e graciosa.

Olha-o, derramando sobre ele o azul dos seus olhos. Aproxima-se, faz menção de tocá-lo levemente, fazendo-o estremecer.

Aquela presença lhe faz bem. Ele sente que a ama, mas como? Sequer a conhece! Percebe-lhe um quê de censura no olhar triste...

A figura evanescente despede-se. Ele desejaria retê-la indefinidamente, contudo não consegue.

Desaparecida a visão, desperta totalmente e grava na memória a fisionomia da imagem sutil.

Acreditando-se cansado em excesso, julga-se em risco de adoecer. Talvez os seus nervos estejam superexcitados.

Preocupado, apanha um romance policial para distrair-se. Não conseguindo concentrar-se, desce e depara-se com o irmão, pensativo. Condoído, ele pensa: "É quase um menino, precisa tanto de mim!"...

Sai na tentativa de refazer-se.

Querendo pensar, dirige-se por ruas desertas.

Ao atravessar uma delas, eis que de súbito recua, esquivando-se de veloz carruagem que quase o atropela. Reconhece o senhor de Marsilhac como passageiro, que finge não reconhecê-lo. Diante deste fato, duvida do êxito de obter-lhe um empréstimo.

Ainda não refeito do acontecimento, quase esbarra no senhor Manoel Carreras que, maldoso, interpela-o:

– E então, 'lorde' Justice, já pode me pagar?

Bastante contrariado, ele responde:

– Ainda não. Perdoe-me, senhor, tenho tido problemas.

– Problemas tenho eu, por falta desse dinheiro!

– Eu lamento muito.

– Lamentar não resolve, é preciso fazer algo. Por que não procura ganhar

dinheiro, se gosta tanto de gastar?

– Já lhe disse que não tenho tido sorte.

– Na mesa de jogo?

– Isso não lhe diz respeito, francamente.

– Diante dos papéis que tenho em minhas mãos, diz sim!

– O senhor invade minha privacidade.

– Ao me dever, deixa de tê-la.

– Não vivo de acordo com as suas regras.

– Mas vive com o meu dinheiro.

– Assim, será difícil conversarmos.

– Não é conversa o que me interessa. A propósito, hoje pela manhã, bem cedo, eu os vi: você e seu irmão.

– Onde nos viu?

– Naquela rua comercial, onde morreu aquele pobre homem enlouquecido.

– Ah, sim. Desastroso, não?

Justice, por um instante, teve a impressão de que o assunto tomaria novos rumos.

– E você, por que não evitou o pior? – indaga acusadoramente o senhor Carreras com um sorriso sarcástico.

– Eu? Cheguei naquele momento e nem o conhecia. Como poderia?

– Segurando-o com firmeza. Simples, não?

– É que, surpreso, perdi a ação...

– Se fosse seu pai, perderia a ação?

– Não permito que a lembrança de meu pai entre nessa conversa, senhor Manoel.

– Seu pai foi homem digno e honesto; eu o conheci e não me parece que você tenha-lhe herdado as virtudes.

– Senhor Manoel, dessa maneira não responderei por meus atos! Sou-lhe bem mais jovem e não desejo agredi-lo!

– Ora, veja! Além de dever-me dinheiro, ainda me ameaça? Digo-lhe

apenas verdades.

– Passe bem, senhor Manoel. Procurarei honrar os meus compromissos.

Justice afasta-se rapidamente, não percebendo o olhar de desdém que o acompanha.

Profundamente decepcionado, para em frente a uma igreja.

Olhando para o seu interior, observa os altares iluminados por velas; imagens valiosas que impressionam com os seus semblantes místicos e pelo seu artesanato; mulheres piedosas, ajoelhadas, rezando. Ele as inveja pela fé que possuem.

Sente ímpetos de entrar, de pedir aos santos por aquele homem acidentado... No entanto, hesita. E se for visto por algum amigo? Será, sem dúvida, alvo de zombarias.

Olhando ao redor, depara com uma menina suja e triste.

A mãe à distância ordena-lhe que o aborde.

Cheio de compaixão, ele pergunta:

– O que deseja, pequenina?

– Dinheiro, senhor!

– Para você?

– Não, senhor, para minha mãe.

– Como é o seu nome?

– Milagres.

– Quantos anos tem?

– Seis anos, senhor.

Justice, comovido, surpreende naquela criança tristeza e vergonha...

Tira da bolsa e entrega-lhe três moedas. Certamente far-lhe-ão falta, todavia a alegria da menina correndo para a mãe, exibindo as moedas na mãozinha suja, sensibiliza-o.

De longe a pequena grita:

– Muito obrigado, senhor!

Sentindo-se mais infeliz que antes, renova-se-lhe o desejo de entrar na

igreja, mas não o faz.

Aqui e ali, segue observando os retratos da vida.

De rua próxima, ouve estampidos e vê um policial perseguindo um malfeitor, que rapidamente desaparece saltando muros e telhados.

Contrariado, pois não conseguira o desejado refazimento, conclui que é hora de voltar.

Conrad, apreensivo, vai-lhe ao encontro:

– Meu irmão, há horas que saiu, por onde andou? Foi providenciar ajuda financeira?

– Não, apenas vaguei por aí, Conrad.

– E amanhã, iremos ao escritório do senhor de Marsilhac?

– Certamente, Conrad.

– Não parece animado, meu irmão.

– Desculpe, vou descansar um pouco. Depois conversaremos, Conrad... – ele responde cansado e triste, incapaz de prosseguir falando.

*

* *

NÃO MUITO DISTANTE, num lugarejo, alguém passa por momentos indizíveis de dor.

Numa das tradicionais casas espanholas, de linhas medievais, distingue-se grande salão, vetusto e senhoril, decorado com muitas flores e um pequeno altar com imagens sacras, para ofício fúnebre.

Os presentes, constituídos de parentes e amigos, falam baixo, consternados.

Em prantos, uma formosa jovem é amparada por uma corpulenta mulher que, solícita e maternal, tenta confortá-la:

– Leilah, minha menina, acalme-se!

Amargurada, ela responde:

– Maria, como conformar-me? Onde buscar forças?

– Na sua fé, minha filha.

– Ah, meu Deus, sinto-me tão mal! Maria, meu coração parece que vai explodir!...

– Compreendo, mas lembre-se da ‘Virgem Maria’ vendo seu filho Jesus inocente ser crucificado...

– Ela por certo pode entender-me nestes momentos! Que ela me ajude!... Por que tudo isso, Maria, por quê?

– Coisas do destino, filha!

– Não, não foi o destino, Maria. Ele ainda poderia estar entre nós! Saber disso me desespera! Torna essa dor muito maior!

– Seja forte, a sina de cada um sobrepuja as circunstâncias.

– Você acredita mesmo nisso, Maria?

– Sim, Leilah.

– Não creio nisso. Pobre papai!

Desgarrando-se da ama, ela vai ao catafalco e ali debruça-se em lágrimas sobre o esquife, onde seu pai, o senhor Vicente Domingos Ashram, jaz parecendo dormir.

A moça dá vazão à sua dor. Revive em sua memória os tempos felizes ao lado dele que era admirado e respeitado por todos e, junto ao irmão, desaparecido no momento.

Da mãe não se recorda, todavia cultua carinhosamente o seu nome e o seu retrato.

Mais um veículo estaciona à porta.

Dele salta um belíssimo rapaz, bem-vestido, trinta anos presumíveis, que atrai para si todos os olhares.

Pedro, criado de Leilah, recepciona-o, recebendo-lhe a capa e o chapéu que ao ser tirado deixa à mostra seus cabelos negros, brilhantes e encaracolados.

Ao vê-lo, Maria pensa, vaidosa: “Que belo é esse pretendente da minha menina...”

Ignorando a todos, ele irrompe salão adentro em direção a Leilah que, ao vê-lo, atira-se nos seus braços, atraindo olhares invejosos.

– Pablo, meu amigo, pensei que não viesse!

Em tom de censura ele redargui:

– Minha flor mais preciosa, como pôde pensar assim? Demorei-me porque me encontrava no meu escritório em Barcelona. Vim assim que soube.

Envolvendo-a carinhosamente, ele a conduz ao jardim, para afastá-la daquele quadro doloroso, o que satisfez Maria. Mais que nunca, ela se convence de que somente ele pode fazer Leilah feliz.

Acomodando-a num dos bancos do jardim, sentando-se ao seu lado, ele segura-lhe as mãos e aconselha com branda energia:

– Procure acalmar-se! Espere aqui mesmo, vou à cozinha buscar-lhe uma bebida quente; suas mãos estão geladas!

Após tê-la feito ingerir uma xícara de chá, deixou-a por um pouco e regressou ao salão para reverenciar o morto.

Depositou ao lado do catafalco preciosa corbelha que trouxera, preparada com as flores da sua chácara. Respeitosamente orou durante alguns minutos e retornou ao jardim. Olhando-a, carinhoso, principia a falar-lhe novamente:

– Procure reagir para suportar tudo com coragem. Ele lhe deu bons exemplos, minha querida.

– Tem razão, todavia é doloroso demais separar-me dele! Estou sozinha, agora. Não sei se sobreviverei, meu amigo. É muita dor! Ainda não me recuperei da ausência de Antero! Por onde andará ele? Queria tanto tê-lo ao meu lado, principalmente hoje, nestes momentos tão difíceis...

– Minha querida, onde quer que ele esteja, certamente cumpre o destino que escolheu e o remorso deve ser-lhe companhia constante.

– Pobre irmão, tão querido, quando souber... Ah, meu amado pai, que dor!

E a jovem recomeça seu pranto, descontrolando-se.

Pablo a abraça e fala-lhe docemente:

– Leilah, aqueles despojos não representam muito, porque ele certamente já se libertou deles e foi para Deus! Nesse instante a emoção é muito forte dominando sua razão, mas com o tempo isso passará. Tudo passa, a vida é

assim.

– Pablo, você já sabe como ocorreu o acidente?

– Sim. E creio que seu espírito de escol não participou daquele gesto tresloucado.

– Não, Pablo, ele não teve a intenção, não foi suicídio!

– Eu sei, minha querida. Ele não era mais senhor de si. E quem estava lá?

– Dezenas de pessoas! Nós nem percebemos que ele havia saído. Foi tudo muito rápido... Se alguém o tivesse contido a tempo, segundo soubemos, ele estaria vivo, conosco...

Com olhar súplice, ela quer saber:

– O que faria você, meu amigo, caso estivesse lá?

– Ora, Leilah! O momento exigia uma ação salvadora! Foram covardes aqueles que se omitiram!

– Mesmo sem conhecê-los, condeno-os pela covardia! Que Deus me perdoe, mas no momento sinto uma grande revolta! – ela principia novamente a chorar, desta vez mais descontrolada. Pablo abraçando-a pelos ombros, aguarda que ela se acalme para retornarem ao velório.

Deixando-a ao lado do cadáver do pai, ele senta-se um pouco e fica em silêncio reverente, quando Maria, aproximando-se, lhe diz:

– Como está abatida a minha menina... Parece feita de mármore. Ainda assim como é bela!

– Tem razão, Maria. Você a ama muito, não é?

– E poderia ser diferente? A mãe deixou-a pequenita e eu tento substituí-la, dedicadamente.

– Amo Leilah, Maria, de todo meu coração!

– Eu sempre soube, salta aos olhos de qualquer um. Por que não se casam?

– Ah, infelizmente, ela não me quer; só me vê como amigo.

– Dê tempo ao tempo, senhor Pablo, ela tem apenas dezessete anos e que eu saiba não ama ninguém!

– Eu a conquistarei, Maria, e esperarei o tempo que for preciso!

– É de um amor assim que ela precisa, ainda mais agora que está sem o pai e sem o irmão. Com o senhor ela será feliz. Não admitirei que alguém a faça sofrer. Prometo protegê-la com todas as minhas forças! Conte com o meu apoio e a minha ajuda!

– Aceito sua ajuda e deploro, desde já, aquele que atravessar o nosso caminho! Por ela devemos unir forças, Maria. Fazer um pacto de auxílio mútuo, entende?

– Entendo e lhe digo que pela felicidade dela farei qualquer coisa!

Ele se levanta e vai para o lado de Leilah.

Pedro observou-os à distância. Imagina o teor do assunto entre os dois: Pablo e Maria. Lamenta a ingenuidade deslumbrada de sua mulher. Observa-lhe o exagerado instinto maternal, decidindo sobre a vida de Leilah, determinando-lhe o destino, como se isso fosse possível! Conhece Pablo muito bem e sabe, que ele não é, nem de longe, aquilo que aparenta.

Foi seu criado na Chácara das Flores, residência dele ali em Santo Antônio de la Sierra e conviveu com sua crueldade e tirania. Na bela chácara habita a infelicidade. O medo e a miséria são uma constante nos lares dos seus servidores.

Pablo domina-o com o olhar. E ele não é inimigo que se menospreze. Pedro espera que Maria descubra por si mesma a verdade.

É chegado o momento difícil e solene do fechamento do esquife.

Leilah, inconsolável, desmaia.

Voltando a si, toma lugar na carruagem, entre Pablo e Maria, para acompanhar o pai amado à sua nova morada.

O carro fúnebre à frente segue vagarosamente. Os cavalos balançam tetricamente as plumas negras presas nas suas cabeças inquietas...

Chorando, ela olha as marcas que vão sendo deixadas no chão, pelas rodas daquele veículo triste, decorado de preto e dourado...

Ela pensa estar sofrendo um terrível pesadelo e gostaria que assim fosse, para finalmente poder acordar... E chora, chora muito, abraçada; ora a

Pablo, ora a sua boa Maria...

II

A OUTRA FACE

VAMOS SURPREENDER PABLO no seu escritório em Barcelona. Ele se enriquece cada vez mais, controlando as suas filiais, em diversos países, administradas por pessoas de sua inteira confiança.

Hoje, dispersivo como está, não consegue concentrar-se no trabalho.

Seus pensamentos, obsessivos, voam para Leilah: “O que estará ela fazendo agora? Será que, sabendo-a sozinha, outro homem não terá se aproximado para conquistá-la? Ah, eu não suportaria! Não permitirei, jamais!”

Empurrando violentamente os documentos sobre a mesa, chama imperioso:

– Esteban, venha aqui!

Um rapaz, assustado, acorre e ele ordena-lhe que traga água fresca.

Todavia, insistentes, os pensamentos torturam-no... Descontrolando-se visivelmente, ele guarda os papéis, tranca as gavetas, pega a capa e o chapéu e sai precipitado.

Ao retornar com a água, Esteban encontra o escritório vazio. Arruma tudo da melhor maneira e se dispõe a polir o chão, rogando a Deus que Pablo não regresse antes de ele terminar. Poderá ser admoestado pelo que faz, sofrendo igual punição se não o fizer. É impossível contentar seu patrão.

Enquanto isso, esporeando freneticamente seu corcel negro, segurando firme as rédeas, Pablo vai vencendo as distâncias até que finalmente chega a

Santo Antônio de la Sierra.

Leilah, usando um avental com bolsos largos onde coloca sementes, traz nas mãos os diversos apetrechos de jardinagem no seu trabalho habitual.

Por baixo de enorme chapéu de palha, seus cabelos anelados estão presos por uma fita de veludo, enquanto uma mecha teimosa lhe cai sobre os olhos.

Afogueado pela corrida, Pablo entrega o cavalo a Pedro e, presto, dirige-se à moça:

– Minha querida, finalmente cheguei!

– Pablo? Que surpresa! Pensei que a essa hora estivesse trabalhando!

– Os meus negócios estão em dia, não se preocupe. Precisava vê-la. Como está?

– Eu estou bem, obrigada. Aos poucos vou superando a minha dor e aprendendo a conviver com a saudade... Lembra-se de como ele gostava deste jardim?

– Sim, e da sua mais rara flor!

– Acompanha-me até a cozinha? Poderemos tomar um refresco!

– Prontamente, alteza! – diz ele fazendo uma mesura engraçada.

Divertida, ela sorri mostrando lindos dentes.

Retornando ao jardim, ele a instrui como sempre faz a respeito das plantas:

– Minha cara, essa aqui necessita de mais água e aquela de mais sol; os filodendros estão altos e devem ser podados.

– E onde plantar essas sementes?

– Ali, e quando brotarem deve protegê-las do sol, senão crestarão.

Circunspecta, ela aceita as observações, prosseguindo no trato e no cultivo do pequeno horto. Os perfumes das flores exalam agradavelmente.

Fazendo uma pausa, ela indaga:

– E 'Leilah', como está?

– Cada vez mais bela. Ganhou outro prêmio. Consegui uma nova nuance que você ainda não viu.

– Com a doença de meu pai, faltou-me tempo, desculpe.

(Pablo, em sua chácara, cultiva exótica flor que batizou com o nome da moça. A espécie ganhou prêmios em exposições. Ele é grande comerciante de flores. Trabalha com importação e exportação).

Com voz afetuosa ele diz:

– Leilah, lembro-me ainda da primeira vez que a vi: mudando de caminho passei por aqui e a surpreendi assim, como está agora. Aproximei-me, fitando-a tão insistentemente que, assustada, você fugiu para dentro de casa.

– Fiquei tão encabulada, sem saber o que fazer! E você voltou nos dias seguintes e agia da mesma forma, olhando-me através das grades.

– Até que me apresentei ao seu pai, identificando-me e confessando o meu interesse pelo jardim. Perspicaz como era, ele rapidamente percebeu o meu interesse por você.

Então, nós dois descobrimos que gostamos das mesmas coisas. Já observou como nos completamos, minha querida? O que nos impede de ficarmos noivos e nos casarmos?

Séria, ela responde delicadamente:

– Meu amigo, não se iluda comigo. Sabe muito bem que o estimo tanto quanto a Antero. Só me casarei por amor. Talvez nunca me case, quem sabe?

– Leilah, não me rejeite dessa forma – implora ele, segurando-lhe as mãos.
– Dê-me uma oportunidade e eu a conquistarei; verá! Eu a farei muito feliz!

– Não perca seu tempo. Não quero que sofra, quero-lhe muito bem, Pablo!

– Então, case-se comigo! Essa a única maneira de evitar que eu sofra!

– Por favor, Pablo, não insista e seja feliz com outra.

– Sabe que não poderei.

– E, se eu quiser me casar com outro?

– Simplesmente não deixarei. Não posso permitir que perca o bom partido que sou.

– E como fará isso?

Colocando um joelho em terra, momesco, pousando as mãos em garra sobre o peito, ele responde:

– Arrancarei o meu coração e o entregarei em suas mãos, único amor da minha vida!

Ajoelhado entre os canteiros, numa postura engraçada, ele faz Leilah explodir numa sonora gargalhada.

Desconcertado, ele desfaz a cena, beija-a, ruidoso, na face e se despede:

– Minha cara, devo ir-me, senão, adeus negócios e o que irei oferecer-lhe quando nos casarmos?

– Ah, Pablo, você é incorrigível! Até conseguiu fazer-me rir. Estava tão engraçado!

– Realmente, eu brinquei, mas... o pedido é sério, você sabe.

– E a recusa também, meu bom amigo.

Olhando-a mais uma vez, apaixonado, ele monta garboso e parte desaparecendo na poeira que levanta.

Guardando os apetrechos de jardinagem, entristecida, Leilah senta-se em um dos bancos.

Maria, que disfarçadamente observara tudo, aproxima-se, dizendo:

– Percebeu que sempre que estão juntos são felizes e que quando ele se vai você fica infeliz?

– Ora, Maria, só somos amigos...

– São mais que amigos. Você não quer ver.

– E você vê coisas que não existem. Por que não podemos reter aqueles que amamos?

– Ele você pode, basta querer.

– Não, Maria, não assim; não o amo para casar-me com ele.

– Talvez ignore os próprios sentimentos.

– Sei o que sinto, Maria, não se engane!

– Ele é bom, belo e rico. Que quer mais? Muitas mulheres suspiram por ele!

– Que se case com alguma delas, ora! Maria você me cansa com esse assunto, que teimosia!

Maria faz um muxoxo, silenciosa. Está ofendida com os rompantes de Leilah que já arrependida aproxima-se dela e abraçando-a lhe pede desculpas.

Não se dando por vencida, Maria volta à carga:

– Leilah, não perca a oportunidade que a vida lhe concede. Pense bem!

Ela, porém, já não ouviu e se distancia balbuciando de si para si:

– Ninguém consegue reter aqueles a quem ama...

Sacudindo o corpo volumoso, Maria sai dizendo em tom de censura:

– Valha-me Deus, lá vem filosofia, salve-se quem puder!

A moça começa a chorar e as lágrimas caem-lhe sobre as vestes.

Penalizada, Maria retorna e diz carinhosa:

– Venha para dentro, minha filha, o tempo está mudando.

Atendendo, ela se dirige para o interior da casa, indo até a galeria onde estão os retratos dos seus entes queridos. Grossas lágrimas continuam rolando dos seus belos olhos castanhos.

Maria continua tentando convencê-la:

– Pablo virá amanhã com sua guitarra para cantarem juntos.

– Combinou isso com você e não comigo?

– Enquanto tomavam o refresco , ele conversou um pouco comigo e me informou dessa sua intenção. Você, distraída, não ouviu.

– Hum, vocês estão muito amigos, hein? Sinto que não é preciso indagar o que tramam...

– Não tramamos nada, menina! E venha experimentar o vestido de renda azul que ajustei para amanhã.

– Mas, não lhe pedi vestido algum, Maria!

– E é preciso? Eu não sei do que necessita e o que lhe fica bem? Esquece quem cuida de você?

– Não, Maria, não me esqueço, todavia requisito mais liberdade. Sua

solicitude me sufoca.

– Muito bem, agora ficou malcriada!

– Não sou assim, você sabe... Mas, por favor, pare de me tratar como criança!

Entristecida, Maria disfarça e ensaia sair.

Leilah aproxima-se e pede:

– Maria, não seja chantagista! Você sabe o quanto eu gosto de você, mas não se exceda nos seus cuidados, está bem? Mas, afinal, onde está o tal vestido? Vou experimentá-lo ou não?

Como sempre, Maria venceu. Vaidosa, ela exclama:

– Você vai ficar muito bonita!

– E para que, Maria? Não pretendo seduzir ninguém!

– Não é preciso, isso já aconteceu! Depois que terminarmos vamos à cozinha! Você precisa alimentar-se muito bem!

Suspirando, dando-se por vencida, Leilah conclui:

– Não adianta falar com você, mulher persistente! Quando vai perceber que eu já cresci e que devo andar com as minhas próprias pernas, sentir com o meu coração e pensar com a minha própria cabeça? Está bem, vamos! Seja o que Deus quiser!

Afetuosamente abraçadas, rindo muito, as duas vão à cozinha.

III

EM SANTANDER

NUM BORDEL, DECORADO de vermelho e rosa, onde cortinas e sanefas de cetim vedam o ambiente dos olhares indiscretos, vamos encontrar Antero Luiz Ashram: bonito rapaz de pele clara, alto, airoso, cabelos castanhos dourados, grandes olhos sonhadores e sorriso cativante. As mulheres dali o cobiçam. Anda na última moda, elegante e ricamente trajado.

Chegou há dois meses de Barcelona. Dependente dos prazeres mundanos, ele é amigo da bebida, de jogos de azar e de belas mulheres.

Bonita rapariga afasta as companheiras e aproxima-se dele, para acarinhá-lo. Manhosamente, intensifica os afagos, dominando-lhe os sentidos.

Após horas de volúpia, ele sai embriagado, exaurido e menos rico. Caminhando com dificuldade, alcança a hospedaria onde vive e, jogando-se no leito, adormece pesadamente.

Acorda pela manhã cansado e de mau humor.

Lembra-se da irmã, que ignora onde e como ele se encontra; de quem foi afável companheiro, protegendo-a sempre e instruindo-a.

Amou extremadamente a sua mãe, guardando dela doces recordações. Ao perdê-la, tinha dez anos e a irmã apenas dois. Na ocasião, muito revoltado, voltou-se contra o pai e mesmo sem razões, alimentou esse sentimento, responsabilizando-o por todos os seus pesares, mesmos os mais absurdos.

Jamais se subordinou à autoridade paterna. Desafiava o pai,

atormentando-o, sem saber por que o fazia... Alegrava-se ao vê-lo aborrecido.

Vicente Domingos sofreu muito e jamais conseguiu entender aquele filho. Essa a maior dor que viveu e que acabou por desequilibrá-lo, irremediavelmente.

Entre os dois, um elo luminoso, a pomba da paz, era sempre a irmã querida, Leilah.

Antero Luiz vive o momento, não faz planos. Suas dívidas se avolumam. Sente ímpetos de regressar e reconciliar-se com o pai, mas não o faz, prossegue, insano, numa vida desregrada.

Nesse momento, invadido pelo amargor das reminiscências decide sair junto a outros que, como ele, divertem-se irresponsavelmente.

Sentado à mesa de um bar, repleta de garrafas, com olhar brilhante e sorriso triste, ele tenta desabafar:

– Gabriel, já estou me cansando desta vida!

Debochado, o 'amigo' responde:

– E por que não a deixa? Torne-se um frade!

– Não brinque comigo; estou sendo sincero. Por vezes sinto vergonha de tudo que fiz e de tudo que faço!

– Por acaso matou alguém?

– De certa forma, sim.

– Diga-me, como fez isso?

– Apunhalando dois corações...

– É um assassino, então? Ora, quem diria!

– Não, mas sou um ingrato e um traidor...

Estalando a língua de prazer, saboreando o vinho, Gabriel sorri sarcástico. Na verdade, não acredita em Antero e nem se interessa por seus sentimentos.

Após esvaziar outro copo, Antero indaga:

– Você tem uma irmã?

– Eu? Deus me livre! E se tivesse, certamente não a apresentaria a você!
– Pois eu tenho. É um anjo caído do céu.
– E não lhe protege? – responde o outro, brincando sempre.
– Ouça-me, Gabriel. Estou falando sério. Tenho uma irmã querida da qual sinto saudades...
– Bem... Você já está me aborrecendo. Hoje, não está nada divertido!
– Eu não sou divertido. O que você vê é uma máscara!
– Agora está teatral. Que quer de mim? Não sou padre para ouvir confissões.
– Se é meu amigo, poderia ouvir-me...
– Está bem, fale! – exclama Gabriel, enquanto enche outro copo.
– Imagine você que eu fiz transações comerciais com os concorrentes de meu pai, roubei-lhe grandes somas em dinheiro e fugi de casa.
– Mas é pândego! Assim como o 'Filho Pródigo'?
– Não, porque aquele usou a parte da herança que lhe cabia e eu tomei o que não me pertencia. Não sei de que forma eles estão vivendo com o pouco que lhes restou. Por isso me atordoo com o vinho e com os prazeres, tentando esquecer...
– E que se embriague em minha companhia! Você tem bom gosto para vinhos!
– Seu bolso já está vazio novamente?
– Lamentavelmente, Antero.
– Meu amigo, aonde nos levará tudo isso?
– Estou muito jovem e não quero saber.
– Os anos passam...
– Ainda assim, o meu querido pai continuará enviando-me dinheiro para os estudos, que eu nunca fiz.
– Você é tão desonesto quanto eu.
– Por isso nos afinamos! – explode o companheiro de mesa, gargalhando estupidamente.

Desanimado, ele percebe que é inútil esperar ajuda de Gabriel. Paga a conta e sai cabisbaixo na direção do bordel em busca de Conchita.

Surpresa, ela o atende perguntando:

– Ora, meu querido, você nunca aparece aqui neste horário!

– Hoje, Conchita, eu sou o rei da incoerência.

– Posso saber por quê?

– Tem visto seu irmão?

– Enlouqueceu, meu precioso?

– Não.

– Você sabe que ele é mau e que me bate. Aliás, ele gostaria muito de arrancar sua bela plumagem.

– Gosta dele? Não, não deve gostar... Perdoe-me a tolice.

– Antero, veio aqui fazer-me perguntas sem sentido? Ah, já sei, meu irmão o procurou! Aquele traste vive me espionando!

– Não é nada disso, Conchita. É que estou saudoso de minha querida irmã...

– Ah, a que ficou em Barcelona. Sempre que você se embriaga fala nela. Chama-se Leilah, não é? Que posso fazer por você?

– Ouvir-me e tolerar-me, por favor. Gostaria de ser amado e não apenas desejado. Hoje, seja uma irmã para mim em vez de minha amante, minha cara.

A moça, amorosa por natureza, abraça-o e diz carinhosa enquanto lhe afaga a cabeça:

– Quem não o amaria, Antero?

Escorregando devagar, o rapaz deita a cabeça no colo de Conchita e chora. Em poucos minutos ele adormece.

Quando as outras se aproximam, ela, com o dedo nos lábios, pede silêncio para afastá-las.

Ao despertar, Antero beija Conchita e despede-se.

Vamos conhecer um pouco das tristes circunstâncias que jogaram

Conchita nessa vida.

Ela é natural de Oviedo, onde conheceu Antero.

Era, então, simples e ingênua quando se fizeram amigos e depois se tornaram namorados. Mas o namoro teve curta duração, pois Antero, às pressas, teve de deixar o lugar, fugindo das dívidas de jogo.

Um dia, José, seu irmão, apresentou-lhe Sarita, mulher bonita e inteligente, que sabendo do seu interesse em sair de Oviedo, convidou-a a acompanhá-la a Santander, prometendo-lhe trabalho.

Ela confiou nos dois e caiu em vil armadilha habilmente preparada. Surpreendeu-se objeto de prazer de homens rudes e sedentos de sensações. Era esse o negócio de seu irmão e de Sarita.

E o tempo passou ocultando a saudade e a desdita de Conchita até que em certa ocasião, entre os rapazes de um grupo que visitava o bordel, ela reconheceu Antero, renascendo no mesmo momento aquele amor que nunca deixou de existir.

Reataram o namoro, mas agora a situação é diferente, ela está em desvantagem. Todavia, afeiçoada a ele mantém-se esperançosa, mas Antero acomoda-se e nada faz para mudar a vida dos dois.

Dia seguinte ao desabafo, ela vai procurá-lo e encontra-o febril e acamado. Socorre-o, chama um médico e permanece à sua cabeceira enquanto ele convalesce.

Restabelecido e vendo-a ao seu lado, ele agradece:

– Minha Conchita, os céus a trouxeram. Sozinho, eu teria morrido.

– Não, Antero, você é forte. Mas me agrada demais ficar aqui e poder cuidar de você.

– Então fique, minha formosa. Não retorne mais àquele malfadado lugar.

– Você diz isso, mas vai lá e não é somente por mim...

– Vou com os amigos. Compreenda, coisas de homem. Ali encontramos satisfações várias...

– Por um alto preço, Antero!

– Você fala como se fosse minha irmã!

– Pare com isso, não quero ser sua irmã, quero ser sua mulher!

– Perdoe-me, Conchita! Fique comigo, por favor, e ensine-me a viver.

Feliz e entusiasmada, ela decide ir ao bordel apanhar seus poucos pertences, o que faz rapidamente.

Ao entrar, depara-se com o irmão que a espera, revoltado. Intenso tremor percorre-lhe o corpo a preveni-la do perigo que ele representa.

Feições congestionadas, olhar duro e feroz, ele salta sobre a irmã, agarrando-a pelos negros e longos cabelos:

– Onde você estava, sua irresponsável? Provavelmente com aquele tolo que só sabe perder dinheiro no jogo! Belo partido, hein, estúpida?

Debatendo-se, ela suplica:

– José, solte-me, assim me arrancará os cabelos...

No momento em que a moça vai ao chão com as bofetadas que lhe são desferidas, surge Sarita, acrescentando queixas descabidas:

– Conchita, quando aprenderá a nos obedecer? Nós só queremos o seu bem; temos feito tudo para protegê-la e é assim que nos paga? Você é muito ingrata!

Chorando convulsivamente, ela indaga, lamentando-se:

– O que vocês fizeram por mim?! Jogaram-me nesta vida infeliz?

– E o dinheiro que ganhou? De certo gastou-o com aquele idiota, não foi? – indaga o irmão, sem dar-lhe tempo para outras reclamações.

– Ele é meu noivo e eu vou ficar com ele. Vim buscar as minhas roupas! – declara ela, corajosa, entre lágrimas abundantes.

Com rosto violáceo, José explode:

– Se você fizer isso, eu mato os dois, ouviu? Que seria de você sem nós? Seja ajuizada, cadê o dinheiro? Sarita disse-me que você ganhou bem essa semana.

– José, eu preciso de dinheiro!

– Para quê? Não seja ingrata! – ele avança sobre ela, obrigando-a a

entregar-lhe a pequena bolsa de cetim, onde ela guarda as suas poucas economias.

Antes de sair, ele ainda ameaça:

– Não me desobedeça, você me conhece muito bem! Mato os dois!

E dessa forma caem por terra os planos de felicidade de Conchita.

Sarita retorna ordenando:

– Vá se arrumar, teremos clientes daqui a pouco, não vivo de brisa!

E a infeliz, sem alternativa, obedece como sempre faz.

Enquanto isso, Antero, numa rápida avaliação, descobre que seu dinheiro diminui a cada dia. Quanto às joias valiosas não mais as possui.

Esperando por Conchita que não chega, conclui que, pensando melhor, ela deve ter-se decidido ficar longe dele; que provavelmente vivera apenas um momento de entusiasmo e nada mais.

Resolve deixar Santander sem se despedir e viver mais modestamente noutro lugar, onde não o conheçam. E assim faz.

Passados alguns dias, Conchita vai procurá-lo e é informada de que ele viajou e não deixou endereço. Desconsolada, chora muito. A vida agora os separava, definitivamente.

IV
O REENCONTRO

A MONOTONIA SE instalou na vida de Leilah. Sem o pai tudo ficou vazio, sem atrativos. Todavia ela prossegue com coragem, aguardando tempos melhores.

Alguns meses são passados quando ela decide ir ao escritório do senhor de Marsilhac, avaliar a própria situação financeira. Seu pai sempre estivera à frente de tudo, exceto quando confiou a Antero a administração dos negócios, numa tentativa de conciliação. Quando Antero o enganou, o senhor de Marsilhac, de forma competente, conseguiu salvar alguns bens que já pareciam perdidos.

Ela pede a Maria que a acompanhe.

Durante o percurso, Leilah ora se extasia com a Natureza, ora se deprime com as penosas lembranças.

Percebendo-lhe a instabilidade, Maria teme pela sua saúde.

Finalmente chegam a um soberbo edifício de propriedade do senhor de Marsilhac e dirigem-se ao seu escritório, onde são recebidas por ele com muito entusiasmo.

– Senhorita Leilah, que prazer! Está melhor?

– Sim, senhor. Estou superando a perda irreparável de papai com a ajuda de Deus, obrigada.

– Eu já esperava que viesse. O senhor seu pai, meu querido e saudoso

amigo, deixou assuntos pendentes... Terei prazer em prosseguir cuidando dos seus negócios.

Ele cumprimenta Maria, agradecendo e elogiando os gostosos doces que ela periodicamente lhe envia.

No mesmo momento, Justice e Conrad entram na sala de espera, onde se acomodam em confortável sofá e permanecem silenciosos, pensativos. Pretendem insistir com o advogado no empréstimo salvador.

Uma hora depois a porta se abre.

Atraído pelo rumor, Justice levanta os olhos e, como galvanizado, salta do assento, fixando perplexo a figura de Leilah (o ato é tão expressivo que Conrad o censura com os olhos).

Diante daquela presença, verdadeira materialização da visão da bela mulher, etérea e estranhamente amada, de meses atrás no seu quarto confunde-lhe o raciocínio... Mas no momento seguinte, prevalece a natureza do conquistador incorrigível e ele exclama sedutor:

– Caro senhor de Marsilhac, bom dia! Não nos apresenta às simpáticas senhoras?

Demonstrando contrariedade com a aparente intimidade que Justice deseja demonstrar, ele acede educadamente:

– Pois não, senhor Justice de los Prados, apresento-lhe a senhorita Leilah Ashram...

Interrompendo-o, ansioso, Justice explode em elogios:

– Ora, mas é uma visão celestial, sem dúvida! – e ele se curva elegantemente, olhos nos olhos de Leilah.

A moça estremece ante aquele olhar sedutor e belo. Seu semblante parece-lhe familiar. Conclui que já deve tê-lo visto pelas ruas. Estende-lhe a mão e redargui docemente:

– Muito gosto, senhor! Maria, aqui presente, é minha ama.

– Prazer em conhecê-la, senhora!

Maria faz uma pequena inclinação de cabeça e nada responde.

– Ora, a senhorita Leilah parece uma belíssima pintura de Rafael! Que Deus a guarde! – prossegue incansável Justice.

– Eu digo o mesmo, senhor: Que Deus a guarde! Principalmente dos conquistadores! – replica Maria, com certa rudeza.

Enquanto isso, Leilah analisa Justice detalhadamente, sem contudo perturbá-lo. Ele está muito seguro de si; conhece os próprios atributos.

Conrad ao ser apresentado, aperta gentilmente a mão de Leilah e cumprimenta Maria.

Voltando-se para Leilah, ele diz:

– Tenho muito prazer em conhecê-la e concordo plenamente com meu irmão. Realmente a senhorita é muito bonita.

– Também me alegro em conhecê-lo; o senhor é muito simpático – responde ela jovial.

– Leilah, ficaremos aqui, a tomar o precioso tempo do senhor de Marsilhac? – intervém Maria, já aborrecida.

Correspondendo aos olhares de Justice, ela responde risonha:

– Por que a pressa, Maria? Há muito não vemos o senhor de Marsilhac, que sendo uma pessoa extremamente educada não está nos expulsando. Todavia, se você quer, vamos! Até a vista, senhor Justice, tive muito prazer em conhecê-lo! Até mais ver, senhor de Marsilhac, retornarei brevemente. Muito obrigada por tudo!

– Até mais ver, senhorita! Darei andamento aos papéis e muito em breve avisa-lá-ei para que venha assiná-los. Não é preciso agradecer. Tenho muito prazer em continuar cuidando dos seus negócios, repito!

Acercando-se dela, Justice beija-lhe a mão, fazendo-a corar ligeiramente. Decide não perdê-la de vista e, antes que Conrad possa intervir, indaga-lhe:

– Para onde se dirigem?

– Para Santo Antônio de la Sierra, onde moramos – responde Leilah apressadamente, sob o olhar de censura de Maria.

– Ora, que coincidência, não é Conrad? Estamos exatamente indo para lá!

O rapaz balbucia aturdido:

– Mas, Justice, e os nossos assuntos com o senhor de Marsilhac?

– Ora, Conrad! O senhor de Marsilhac nos atenderá em outra ocasião! Afinal, ele sempre cuidou dos nossos negócios. Retornaremos amanhã, certo, senhor?

Contrafeito, o senhor de Marsilhac concorda, esperando que não apareçam. Este constrangimento não passou despercebido a Leilah.

Justice prossegue no seu intento:

– Vamos acompanhar as senhoras, Conrad. Aproveitaremos para solidificar uma amizade que nesse instante começa. Aliás, temos mesmo que visitar o tio Pepe, não é?

A insistência de Justice provocou em Maria tamanha animosidade que de pronto julgou-o um devasso. Por isso tenta impedir que o rapaz as acompanhe:

– Minha filha, vamos ao centro fazer algumas compras? Preciso de aviamentos para os seus vestidos.

Leilah, que registrara a insatisfação do senhor de Marsilhac em relação a Justice, decidiu aproveitar a situação para conhecê-lo melhor:

– Não, Maria. Quero ir para casa, por favor. Aproveitemos a boa companhia desses amáveis senhores.

Vendo-se contrariada, só resta a Maria segui-la.

Leilah percebe os cuidados da ama e diverte-se com sua intenção de afastá-la de Justice que, por sua vez, a examina encantado.

Quando os seus olhos se encontram eles ficam magnetizados. Seus corações se reconhecem...

Conrad fica feliz, imaginando que finalmente conseguirão com o tio a ajuda de que tanto precisam.

Justice providencia o coche. Sentado em frente à moça ele a encara desabridamente.

Conrad rompe o silêncio procurando saber:

– A senhorita tem parentes; pai e mãe, irmãos?

– Sou órfã de pai e mãe e tenho um irmão que no momento está viajando.

– Seus pais faleceram há muito? – ele prossegue.

– Minha mãe, eu sequer conheci; meu pobre pai faleceu há poucos meses depois de estar doente algum tempo.

– Que pena. A senhorita e Maria devem ser muito afeiçoadas.

– Assim é.

– Vivem sozinhas em Santo Antônio de la Sierra?

– Não. Pedro, marido de Maria também mora conosco e temos alguns empregados. Além destes, o senhor Pablo Cortez, amigo querido, frequenta nossa casa. Sua amizade nos agrada deveras.

Prestando atenção à conversa, Justice sente-se melindrado com a referência ao rapaz que lhe é desconhecido.

– E os senhores são negociantes? – quis saber Leilah.

Justice interpõe-se rapidamente:

– Somos sim. Administramos agora os negócios de nosso falecido pai.

– Será que nós conhecemos o senhor seu pai?

– Ele chamava-se Mateus de los Prados e creio não ter-lhes sido conhecido.

– E têm tido problemas ao administrar os seus negócios?

– Sim, mas temos sabido contorná-los ou solucioná-los, não é Conrad?

Justice recorre à aprovação do irmão, temendo que Leilah possa descobrir a verdade pela insegurança de sua resposta.

Apesar do seu esforço, Leilah percebeu que aquele belo homem está mentindo e que provavelmente não merece sua confiança; que está tentando envolvê-la como faria com qualquer outra! “Ele não passa de um conquistador barato” – pensa. Todavia o coração repele a razão; ela está fascinada.

Subitamente, o cocheiro para o veículo e informa-lhes que precisará de alguns minutos para um rápido conserto.

Todos descem e Justice lembra-se de que foi ali, próximo àquela igreja que quase fora atropelado pela carruagem que conduzia o senhor de Marsilhac e que imediatamente o senhor Manoel Carreras cobrara-lhe o pagamento das suas dívidas de jogo. "Tomara Deus o senhor Manoel não me descubra aqui, seria desastroso" – ele pensa.

Leilah, enquanto espera, resolve entrar na igreja para orar, sendo seguida por Maria.

Mais próximos da porta principal, Justice distingue a pequenina Milagres, que ao vê-lo, corre-lhe ao encontro, os olhinhos reluzindo num rosto esfogueado pela corrida e pelo sol:

– Bom dia, senhor!

– Bom dia, Milagres, como vai? – ele responde afetuoso.

– Muito bem, senhor! Compramos boas coisas com aquelas moedas, mas já terminaram. Não tem outras aí?

Justice, momentaneamente esquecido de tudo, abre a bolsa e dá-lhe outras três moedas.

– Minha mãe vai ficar muito contente! Deus lhe pague! – exclama a pequena, agradecida e feliz.

Justice emociona-se. Gostaria de protegê-la, oferecer-lhe uma vida melhor... Mas como assumir tal compromisso se convive com tantas dificuldades? Por outro lado, a mãe, que de longe fiscaliza, jamais abrirá mão daquele lucrativo meio de vida...

Olhando-a docemente, acaricia-lhe o rosto e os cabelos escorridos e maltratados.

Leilah, enternecida com o quadro aproxima-se da menina:

– Como se chama, minha pequena?

– Chamo-me Milagres, senhorita!

– Onde mora?

– Um pouco longe daqui, com minha mãe.

– Que Deus a guarde, Milagres!

– Obrigada, senhorita! Tem algo para me dar?

– Ah, sim, venha cá. – Leilah a leva até um vendedor ambulante e lhe compra uma fruta. Satisfeita, ela agradece e corre na direção da mãe. De longe, sacode as mãozinhas num aceno de despedida, enquanto grita para Justice:

– Até a vista, senhor!

Aguardando-a, olhos cúpidos, a mãe toma-lhe o dinheiro e sai arrastando-a rudemente, fazendo-a tropeçar nos próprios pés.

Justice, totalmente esquecido dos outros, fica a olhá-las até que desaparecem.

– Justice, o cocheiro nos chama, vamos. – Conrad tira-o do alheamento.

Recomeçam a viagem interrompida, mas Justice perdeu a empolgação anterior. A moça que o observa atentamente descobre-lhe um coração pleno de ternura.

Maria exclama zangada:

– Arre! Como nossa casa é distante!

– Não, Maria, você é que está impaciente – conclui Leilah.

– E estou mesmo. Pedro já deve estar preocupado!

– Acalme-se, nosso querido Pedro sabe aonde fomos.

Justice, emergindo dos próprios conflitos, dirige-se amavelmente à moça. Desta vez, sem os rompantes de conquistador:

– Senhorita, conhecê-la me fez muito bem. Parece-me que já somos velhos conhecidos. Poderemos visitá-la oportunamente?

Apanhada de surpresa, ela se cala e Maria precipitando-se responde:

– Caro senhor, não temos tempo para visitas. Em nossa casa somente o senhor Pablo Cortez é sempre bem-vindo.

– Maria, por favor! – intervém Leilah, em tom de censura.

Justice sentira a hostilidade de Maria e entendera a provocação.

– Quando os senhores quiserem, nossa casa estará de portas abertas – consente Leilah, tentando corrigir a indelicadeza de Maria.

– Certamente iremos.

– Teremos muito prazer nisso.

Irônica, Maria indaga:

– Teremos?

Leilah finge não ter entendido, e aborrecida com a inconveniência de Maria chega a desejar o termo da viagem. Finalmente chegam. Justice desce do coche auxiliando Leilah e despede-se dela.

Maria entra em casa, sacudindo o corpo avantajado, segurando as saias e resmungando, sem se despedir.

– Regressemos à Barcelona – ordena Justice ao cocheiro.

Estupefato, Conrad pergunta:

– Justice, enlouqueceu? Não vamos visitar nosso tio?

– Não hoje, Conrad. Precisamos retornar para tomar certas providências.

– No escritório do senhor de Marsilhac?

– Não. Iremos lá amanhã.

– E quanto ao tio Pepe?

– Não mudei de opinião, Conrad.

– Então, viemos apenas para sermos gentis com a sua nova conquista, não foi? Pois bem! Desta vez, você se dará mal, meu caro irmão! Pelo jeito, esta bela moça não tem os seus hábitos!

– De que hábitos está falando?

– Desisto, Justice, vamos para casa. Lá ao menos eu tenho Antero e o Rex, que me ouvem e me entendem.

Justice não replica, mantendo-se em silêncio para melhor rememorar o rosto moreno de Leilah, seus belos olhos, a boca bem feita, a leveza, a graciosidade... “Tal qual a vi, mas em outros tons! É ela, a minha amada visão!” – ele pensa. Num entusiasmo crescente, ele prossegue em meio às suas cogitações: “Sei que não lhe sou indiferente. Estou fascinado! A visão que eu tivera agora verdadeiramente materializada. Que papel você representará em minha vida?”

Enfim o coche estanca em frente à mansão e Justice entra alegre, feito um colegial. Sobe as escadas cantando em voz alta uma opereta em voga.

Antenor, curioso, indaga a Conrad:

– Felizmente conseguiram o empréstimo, não foi?

– Se nem pedimos, Antenor! – informa Conrad, desanimado. – Estamos como sempre estivemos: cheios de dívidas.

– Então... Não entendo o comportamento do seu irmão.

– Nem tente, Antenor. A cabeça dele é diferente da nossa! Antenor afasta-se sem entender.

– Rex, vem cá! – Conrad chama. O animal atende feliz, ouvindo a voz do dono, à espera das ordens.

– Você me entende, não é? – ele escorrega a mão pelo corpo do animal, acariciando-lhe o pelo brilhante.

Demonstrando satisfação, Rex senta-se em frente a Conrad, sem desviar dele o olhar fiel.

– Meu amigo, vamos correr?

Latindo, Rex já se precipita impaciente na direção do grande portão. E os dois saem a correr pelas ruas.

Conrad precisa liberar energias, acalmar-se. Mal se contém, lembrando-se da leviandade do irmão. Enfim, ama-o e respeita-o acima de tudo.

Alguns dias se passam e Justice sente saudades de Leilah.

Seu comportamento parece modificado. Quase não sai. Seu pensamento fixou-se em Leilah e nada mais parece interessá-lo.

Ela, por sua vez, prossegue sua rotina de vida, conduzindo os afazeres da casa junto à Maria e privando da companhia do amigo Pablo que continua tentando arrancar-lhe o consentimento para um compromisso amoroso. São ótimos companheiros, dividindo trabalhos e recreação. Afinam-se nas artes, conversam longamente sobre livros, filosofia, música, pintura...

Maria 'profetiza' um futuro casamento, mas o que ela não sabe é que outro rosto masculino ocupa agora os pensamentos de Leilah.

Ela sente saudades, mas imagina-o envolvido em outros interesses e, quem sabe, esquecido da promessa de vir visitá-la.

Nesse momento, vamos encontrá-la junto a Pablo, analisando o esboço de um retrato de Antero, iniciado há algum tempo.

– Minha querida, por que não o termina? Está muito bom! Ultimamente noto-a diferente, distante mesmo. A minha presença a aborrece?

– De modo algum, meu amigo.

– Sente saudades de Antero?

– Sim, penso que nunca mais conseguirei superar sua ausência!

– Eu a ajudarei nesse mister, principalmente depois do nosso casamento. Terei todo o tempo do mundo para mimá-la, meu anjo.

– Pablo, Pablo! Como convencê-lo de que não nos casaremos?

– Nada que faça ou diga me fará desanimar desse sonho que já faz parte da minha existência.

– Lamento muito, Pablo, porque tenho certeza de que não me casarei com você.

– De onde lhe vem essa certeza?

– Não sei, não tenho explicações para ela, deve ser intuitiva.

– Então, deixe-me continuar esperançoso. Não me tire esse direito, peço-lhe!

Ela se cala e em sua tela mental surge o semblante daquele que aos poucos se assenhoreia de sua alma.

Percebendo-a distante, Pablo comenta carinhoso:

– Minha estrela está tão distante... Ainda assim brilha maravilhosa.

– Você é incorrigível, Pablo! – exclama ela, voltando do devaneio.

Maria chega trazendo-lhes um saboroso lanche:

– Meus jovens, vocês precisam se alimentar e não quero ver esses refrescos, salgados e doces de volta na cozinha.

Enquanto lhes serve a pequena refeição, ela observa que Leilah continua sonhadora como tem estado ultimamente. Encolerizada, culpa unicamente a

Justice. Supersticiosa pensa: “Parece um sortilégio!... Essas coisas são passíveis de acontecer, ainda mais aqui, na Espanha...” Envolvida em seus pensamentos, fica parada diante dos dois.

– Maria, o que houve? – pergunta Pablo.

– Nada, senhor Pablo, eu estava pensando...

Ardilosamente Pablo aproveita a oportunidade:

– Em como Leilah anda estranha?

– Não, no retrato incompleto de Antero... Sinto tantas saudades... – Suspirando, ela se retira.

Os dois terminam o lanche. Declarando ter um compromisso, Pablo despede-se de Leilah. Está desconfiado de que Maria sabe de alguma coisa...

Com a saída dele, Leilah respira aliviada; agora pode entregar-se aos seus pensamentos.

Recebeu carta de sua querida amiga Juliana, que reside em Zamora, dizendo que virá visitá-la, chegando dentro de três ou quatro dias.

Feliz com a notícia, prepara a casa para recebê-la. Finalmente poderá abrir o seu coração, compartilhando os seus receios e confessando os seus sonhos. Juliana sempre foi uma boa amiga e uma ótima conselheira.

V

O ADEUS DE ANTENOR

Descendo as escadas, Justice depara-se com Antenor, abatido e absorto.

– Antenor, meu velho, porventura sente-se mal?

Ele olha para o rapaz e responde suspirando:

– Deve ser a idade, meu filho. Sinto aqui dentro do meu coração, um aperto...

– Então, vamos chamar um médico!

– Não é para tanto, meu filho. O que eu sinto é muito mais profundo. O médico nada encontrará...

– Causamos algum desgosto a esse velho e amado coração? – Ao perguntar-lhe, Justice retém nas dele, as mãos rugosas e morenas daquele humilde e amado catalão.

– Não, por certo que não. São coisas de velho. Isso passa. Quer comer algo?

– Não, Antenor, obrigado. Não posso perder a minha forma física, principalmente agora.

– Ah, conquista à vista!

– Espero que sim, porque eu estou apaixonado!

– Esse é o seu estado normal.

– Dessa vez é diferente, Antenor. Chego a sentir-me amedrontado, porque pressinto que minha vida mudará.

– Conte-me, vamos!

Justice senta-se diante dele e, emocionado, descreve sua estranha experiência ao ver aquela forma vaporosa. Declara convencido que Leilah, a quem acaba de conhecer no hall do escritório do senhor de Marsilhac é a sua adorável visão, daquele dia.

O bom homem ouve com bastante interesse. Após uma pausa, Justice pede a sua opinião:

– Que Deus o ajude! Se ela é tudo que diz, não vai ser fácil conquistá-la! E principalmente, meu filho, far-lhe-á duras cobranças...

– Por meu comportamento, não é? Mas eu mudarei, Antenor, ela será meu estímulo!

– É, meu rapaz, agarre-se a esta oportunidade para finalmente modificar sua vida, completamente.

– Farei isso, meu querido Antenor, você verá!

– Justice, prepare-se porque, além dela, o mundo de vícios no qual você tem vivido lhe cobrará sem piedade e sem respeito!

– Estarei preparado e principalmente modificado! – ele responde, entusiasmado.

Antenor suspira e recai na prostração anterior.

– Antenor, será mesmo que você não precisa de um bom médico? Se concordar, vou buscar o doutor Pablo Luna.

– Justice, realmente não necessito. Preciso confessar-lhe que, haja o que houver, lembrem-se sempre de que eu os amo muito! Aqui, tenho sido muito feliz, junto a vocês!...

– Dessa forma, me impressiona, meu velho!

– Desculpe, não é essa a minha intenção! Agora, chega de prosa, o trabalho me chama.

Alcançando-o em meio do caminho, Justice abraça-o ternamente e exclama com voz emocionada:

– Se não se sentir bem, avise, por favor! Saiba que também nós o amamos

muito! Transferimos a afeição paterna para os seus ombros, caríssimo amigo e protetor! – ambos estão emocionados.

Conrad, que retorna com Rex, nota o clima de tristeza e curioso indaga apressado:

– Que têm vocês, aconteceu algo?

– Não, Conrad, descanse, apenas conversávamos! – Justice responde com calma e indaga em seguida:

– Vocês correram muito? Rex parece cansado.

– Cansado e feliz, não é Rex? – o cão late como querendo confirmar, fazendo-os rir.

– E eu – prossegue Conrad – estou finalmente menos revoltado com você!

– Menos mal, meu irmão! Vá à cozinha comer algo. Agora é a minha vez de dar umas voltas para espairecer, até a vista!

Antes que Conrad abra a boca para responder, Justice já desaparecera. Ele desejava voltar aos assuntos que o preocupam, insistentes, mas Justice foge, para não enfrentar a dura realidade.

Chegando a noite, todos buscam o repouso em seus leitos e, em breve, reina silêncio absoluto na rica residência.

Antenor, alquebrado, soube esconder dos seus meninos as dores físicas que há algum tempo o atormentam.

Passa as noites angustiado, indeciso quanto a lhes contar ou não.

Nessas horas insones, da janela do seu quarto, ele olha o zimbório estrelado e medita sobre a própria vida, quase toda ela dedicada àquela família que sente como sendo sua.

Recorda-se saindo do lar em busca de trabalho e de um futuro melhor. As constantes desavenças entre os familiares, provocadas pelo egoísmo, levaram Antenor a afastar-se deles.

Desiludido, carente de amor e de paz, despediu-se e deixou para trás a sua cidade, indo para Barcelona.

Os primeiros dias ali lhe foram extremamente difíceis, obrigando-o a

dormir nas ruas e a passar fome.

Resistindo às vicissitudes, conseguiu sobreviver prestando pequenos serviços, até que, logrou emprego numa grande casa de comércio. Transportava nas costas as mercadorias para entregá-las em domicílio. Assim acabou por conhecer muitas pessoas, entre elas o jovem e nobre Mateus de los Prados, casado recentemente.

Sempre que ia à mansão daquele rico senhor, sentia-se empolgado pelo acolhimento e almejou trabalhar para aquelas pessoas com quem simpatizava imensamente.

Naquele tempo, a família era financeiramente poderosa e respeitada em toda Barcelona. Primavam pela austeridade, baseada nos elevados princípios dos quais eram lídimos representantes.

Admirando-os sinceramente, Antenor acabou por conquistá-los e, certo dia, o senhor Mateus o convidou para substituir o mordomo que falecera recentemente.

Sem vacilar um instante sequer, Antenor aceitou a proposta que vinha ao encontro de seus anseios.

Transferindo-se para a mansão e assumindo com galhardia as suas novas funções, Antenor sentiu-se realizado.

Algum tempo depois, precisou ir à sua cidade natal e lá permaneceu durante algum tempo, assistindo a sua mãe doente. Após muitos sofrimentos, ela entregou sua alma a Deus.

Regressando, ele retomou sua função de mordomo já que seu substituto não conseguira satisfazer as expectativas dos patrões e surpreendeu-se com a presença da bela Lisbeth e do primogênito do senhor Mateus, nascido há quase dois anos, robusto, inquietos olhos verdes, revelando precocidade.

Desde esse primeiro momento, sentiu-se fortemente atraído pelo pequeno, que apesar de teimoso, sabia fazer-se amar.

Apesar das alegrias que o pequeno trouxera para todos, Antenor notou uma profunda tristeza no patrão, motivada pela doença da esposa, cujo

comportamento tornara-se estranho, alternando-se em momentos de lucidez e de insanidade.

Antenor recorda, condoído, as dificuldades que todos passaram a enfrentar.

Para tirá-la daquele mundo desconhecido, no qual ela se abismava cada vez mais, Mateus investiu em tratamentos caríssimos que prometiam curá-la.

Lembra-se nitidamente dela, quando nos raros momentos de lucidez apertava o filho contra o peito e chorava inconsolável...

Na maior parte do tempo, ela trancava-se no quarto, ignorando tudo e todos.

Repetidas ocasiões fugia para o campo, rasgando as roupas, ferindo-se nos arbustos, até que num dia fatídico caiu de um precipício.

Antenor, sempre solícito e abnegado, indispensável nos diversos setores domésticos e nos corações dos seus senhores, observava Mateus apegando-se desesperadamente ao trabalho e ao filho de quem se tornou companheiro inseparável, para fugir às terríveis recordações.

Alguns anos depois do trespasse de Lisbeth, Mateus, ainda magoado e carente, conheceu Felícia, inglesa de nascimento, educada na Espanha por uma tia generosa que não poupou esforços na sua formação, desde quando a sobrinha ficara órfã.

Impressionado pela beleza daqueles grandes olhos azuis, transbordantes de ternura, Mateus deixou-se levar para um novo matrimônio.

Antenor, com largo sorriso, recorda a luxuosa recepção que festejou aquele casamento. Fechando os olhos, ele pôde ver-se jovem e forte, bem-apessoado em seu uniforme impecável, dando ordens, supervisionando os criados, as bebidas, as iguarias, o bem-estar dos convidados...

Na casa, feericamente iluminada, os noivos receberam as felicitações.

“Ah! – pensa Antenor –, como as lembranças trazem o passado de volta, nos seus mínimos detalhes!...”

Superando as dores, Mateus se propôs a viver com Felícia uma nova felicidade.

Os anos se passaram e Justice completava quinze anos, quando Felícia deu à luz um belo menino. Deram-lhe o nome de Conrad em homenagem ao pai de Felícia que ela não conhecera.

Para o amoroso coração de Antenor chegava mais alguém pedindo amor e dedicação.

Comparando-as, Antenor relembra as duas queridas e saudosas senhoras as quais amou e respeitou devotadamente.

Os meninos, por sua vez, corresponderam sempre ao seu amor, retribuindo generosamente os seus cuidados carinhosos.

Acompanhando-lhes os desenvolvimentos físico e espiritual, recorda suas primeiras travessuras; o aprendizado na escola; as primeiras lágrimas que ele enxugava colocando-os sobre os seus joelhos para contar-lhes as suas próprias experiências...

Ah! Naquela família ele sempre se sentiu útil, indispensável, querido...

Conrad cresceu carinhoso e afável; muito unido ao irmão que exercia forte ascendência sobre ele.

Alguns anos depois, Felícia adoeceu gravemente, falecendo em poucos meses, deixando uma grande dor em todos os corações que a amavam.

Antenor, como sempre, consolou-os paternalmente.

Mateus, sem ter tido tempo para organizar-se economicamente, com os novos gastos no tratamento da segunda esposa, viu seu patrimônio financeiro ameaçado. Além disso, os filhos, criados em segurança e na opulência, jamais se prepararam para tempos difíceis.

Justice saía em companhia de pessoas levianas e estroinas, trazendo ao coração de Mateus aflições e ansiedades.

Reiteradas vezes, o pai saldou-lhe elevadas dívidas de jogo. Justice, habilmente, manobrava o pai que acabava por fazer-lhe as vontades. Além de ser perdulário, ele custeava as despesas dos seus companheiros de farra e

das suas namoradas.

Transformou-se rapidamente num *bon vivant*.

Conrad, caráter impoluto, não raras vezes o censurava, tentando aconselhá-lo, o que ainda faz, sem resultado.

Com a vida dissipada do filho, de prejuízo em prejuízo, Mateus sentiu a falência cair sobre ele, desesperando-se...

Um dia, deixando lacônico bilhete desapareceu por dois longos meses. Retornou fisicamente bem, mas jamais disse onde esteve.

Continuou tentando recuperar-se financeiramente, sem muitos resultados.

Agora, com lágrimas a rolar no rosto moreno, Antenor recorda-se de Mateus levando a mão ao peito e tombando pesadamente ao solo, com um ataque do coração, após o insucesso de uma transação comercial... Durante o tempo que viveu preso ao leito, gastou mais dinheiro para se restabelecer, sem alcançar o seu objetivo...

Mais alguns anos de angústias e Mateus faleceu, deixando os rapazes desesperados e o coração dele, Antenor, marcado para sempre, saudoso daquele que um dia lhe dera a mão, oferecendo-lhe uma família e uma vida digna.

Com a morte de Mateus, tudo mudou...

O senhor Pedro de los Prados tentou ajudar a família sendo rejeitado por Justice.

Recorda nitidamente a conversação dos dois:

– Justice, eu posso gerenciar os negócios do meu querido e saudoso irmão, revitalizando o que restou do seu patrimônio.

Orgulhoso e prepotente Justice replica:

– Meu caro tio, isso compete a mim e a Conrad.

– Mas vocês não têm experiência, Justice. Os riscos são grandes.

– Aprenderemos, não se preocupe.

– Justice, meu irmão sofreu muito e merece ter paz. Tenho condições de injetar novos recursos no capital deixado. Permitam-me.

– Perdoe-me, tio Pepe. Todavia é hora de provar a mim mesmo daquilo que sou capaz.

– Repito que os riscos são grandes. Você não pode, num estalar de dedos, entender e conduzir negócios com a competência adequada.

– Eu a adquirirei.

– Justice, a sua vida extremamente irregular, deixa-o literalmente sem crédito, diante desse mundo que desconhece.

– Finalmente, o senhor se revela! O que tenciona dizer em verdade é que não tenho moral para conduzir a herança de meu pai!

O silêncio do tio confirmando-lhe a conclusão irritou-o profundamente, fazendo-o encerrar ali mesmo a promissora conversação com acrimônia:

– Por favor, peço-lhe: não interfira em nossas vidas.

Conrad, perplexo, acudiu:

– Justice, por favor! Tio Pepe é nosso amigo. Não percebe que sua única intenção é nos socorrer? Como pode agir dessa forma insensata?

Ignorando o argumento do irmão, Justice volta-se para o tio e completa, taxativo:

– Deixe-nos em paz, não queremos a sua ajuda.

Pedro de los Prados, magoado, diante da atitude irresponsável daquele sobrinho, responde:

– Você ainda me pedirá ajuda, Justice. Perdoo-lhe as palavras, frutos da sua natural impulsividade. Estarei à espera de vocês de braços abertos. Todavia, se não derem o primeiro passo, nunca mais os procurarei! Lamento principalmente por Conrad!

– Não lamente, será melhor assim – conclui Justice, irredutível.

– Justice, ainda mais uma coisa: como seu tio, devo preveni-lo de que o futuro, sem dúvida, lhe trará dificuldades inesperadas. Se mudar de ideia, me procure, não se acanhe. Até a vista!

– Adeus, tio Pepe – Justice responde secamente.

Conrad, com os olhos nublados de lágrimas, sofre profundamente. Como

aquele querido irmão pode ser tão obstinado e tratar assim o tio tão querido?

Erguendo-se da poltrona, abraça entre lágrimas, demoradamente, o tio e acompanha-o até a sua carruagem.

Uma linda menina de cabelos negros corre no jardim a brincar com Rex.

Ao vê-los, vem-lhes ao encontro e notando a tristeza de Conrad, encoraja-o:

– Não fique triste, Conrad. Tio Mateus está no céu...

– Eu sei, Nívea. Obrigado.

A menina entra em casa para cumprimentar Justice, que a abraça, beijando-a amorosamente. Ele ama deveras aquela prima.

De volta, ela e o pai acomodam-se na carruagem e partem.

Nívea acena por algum tempo para Conrad que, sem responder, segue com o olhar o veículo, até que ele desaparece na curva do caminho. Está arrasado...

E as imagens sucedem-se na mente saudosa de Antenor. Ele não entende porque naqueles momentos seu coração sofre tanto...

Um pranto ardente desce-lhe pelo rosto enrugado, de traços fortes e ainda harmoniosos.

De uma coisa tem certeza: aquela é a sua família! Ama-os de verdade. Transferiu para eles todo amor que carregava em seu peito.

Viveu sempre ali, amando e servindo, abnegadamente.

Do seu salário, parte era para satisfazer as vontades dos seus meninos e quase todo restante enviava ao pai, que teimava em viver na velha casa onde Antenor nascera.

Com a morte de seu pai, ficou totalmente só, apegando-se mais ainda a eles...

Entre lágrimas que tenta enxugar, ele busca o leito para repousar.

Sente-se esquisito, distante, como se estivesse se despedindo...

Decorridos alguns minutos nessa estranha ansiedade, ele ouve estalidos no andar de baixo e os latidos de Rex...

Os rapazes, cansados, dormem um sono profundo.

Antenor sai do quarto para verificar e surpreende dois homens que acabam de invadir a casa.

Estanca no patamar e pensa o que fazer.

Tudo acontece muito rápido: ele pega o primeiro objeto que está ao seu alcance e desce, célere.

Apesar da idade avançada, Antenor é forte e atraca-se com um deles. Consegue desarmá-lo, mas o outro lhe aponta uma pistola e atira, acertando-o em pleno peito.

O estampido acorda os jovens que chegam a tempo de ver os ladrões fugindo.

Muito assustados, deparam-se com Antenor, caído numa poça de sangue. Correm para socorrê-lo, mas o querido amigo expira nos braços de Justice que não consegue evitar o pranto, enquanto o abraça forte, chamando-o em voz alta, desesperado.

Conrad, muito pálido, incapacitado de qualquer reação, volta à realidade e toma consciência da tragédia, quando Justice grita-lhe que vá chamar o doutor Pablo Luna, enquanto cuidadoso coloca o corpo de Antenor sobre o sofá.

O médico chega rapidamente e ao chegar constata a morte do querido Antenor; providencia o atestado de óbito e avisa a polícia.

Quanto a Justice e a Conrad resta apenas prantearem e despedirem-se daquele a quem consideraram sempre um segundo pai.

Os vizinhos e amigos, ao tomarem conhecimento do ocorrido, acorreram também para prestar a última homenagem àquele que se fez estimado por todos.

E, assim, Antenor partiu, deixando os seus ‘meninos’ e a ‘sua querida família’...

VI
JULIANA

VESTIDA NUM ELEGANTE costume, em dia claro de céu azul sem nuvens, no qual a brisa fresca brinca na folhagem dos arvoredos, chegou Juliana.

Ela é uma bela moça, de pele morena, cabelos e olhos negros, muito gentil.

Leilah e Juliana se abraçam emocionadas, trocam amabilidades e passam a recordar, saudosas, os tempos de boa convivência.

Maria traz-lhes um suco de frutas, comunicando que o almoço será logo servido. Depois de alguns quartos de hora, ei-las, sentadas no salão de refeições. Durante o gostoso almoço prosseguem conversando a respeito dos amigos comuns.

Em seguida elas se retiram para o quarto de Leilah, que não se cansa de demonstrar à amiga a alegria de recebê-la.

Tomando as mãos de Leilah, Juliana fala com tristeza:

– Querida, desculpe-me se a faço recordar, mas o que aconteceu na realidade com seu pai?

Ela narra tudo à amiga em breves palavras, terminando num pranto magoado.

– Posso perceber que você ainda não se refez.

– Ainda não, é muito difícil...

– Ele, de onde estiver, ficará triste, sabendo-a assim.

– Bem sei, mas você que sabe o quanto eu o amava, pode entender o

quanto sinto sua falta; a dor da sua perda ainda me martiriza...

– Terá que se conformar, e para isso não há nada como o tempo.

Juliana levanta-se e encaminha-se em direção a sua mala de viagem de onde retira um diminuto e gracioso embrulho:

– Mamãe enviou-lhe esta pequena lembrança.

Abrindo com cuidado o delicado pacote, a fisionomia de Leilah se ilumina de entusiasmo diante de um rico par de brincos.

– Quanta delicadeza! São lindos! Agradeça à sua mãe.

Preocupada com o futuro da amiga, Juliana decide perguntar:

– Querida Leilah, de que vive atualmente? Não tem mais a seu pai e nem a Antero... Quero dizer, como ficou a sua situação financeira que já foi tão próspera?

Revirando delicadamente entre os dedos finos o par de brincos, Leilah responde:

– Ao morrer, Juliana, meu pai me deixou a herança de minha mãe, na qual ele jamais tocou. Aqueles que faziam transações comerciais com o dinheiro dele jamais souberam da existência desse pecúlio que me chegou em hora bem apropriada. Acho que o próprio Antero sempre ignorou. Meu pai temia deixar-me sem recursos. Possuo também essa bela casa como você deve saber. Administro com muito cuidado o que me restou e, além disso, comercializo flores sob a orientação de Pablo que me incentivou a fazê-lo. Com a venda delas acrescento uma boa importância aos outros recursos.

– E ele? Continua esperando? – Juliana indaga, matreira.

– Como sempre, minha amiga.

– E isso lhe desagrada? Ele é um ótimo partido!

– Concordo, mas não o amo.

– Não poderá vir a amá-lo?

– Hoje, mais que nunca, tenho certeza de que isso não acontecerá.

– Esta convicção revela que alguém especial já faz parte dos seus sonhos. Conte-me!

– Sei muito pouco a respeito dele. Nos conhecemos e conversamos no hall do escritório do senhor de Marsilhac e quando, por gentileza, nos acompanhou até aqui em casa.

– E em tão pouco tempo conquistou você!

– Sim, e isso me assusta, porque lhe notei arroubos de conquistador.

– Que falta de tato, hein?

– Pois é. Isso me aborreceu demais, todavia ele não me sai do pensamento. Parece-me conhecê-lo, e olhe que não falo apenas do aspecto físico; sua alma para mim é um livro aberto! Será que perdi o bom senso?

– Já viu algum apaixonado sensato?

– Não gosto disso, Juliana. Devo ser racional e afastá-lo, ele me trará sofrimentos.

– Pode descrevê-lo? Estou curiosa.

– É belo como Apolo! Altivo, elegante, refinado, sedutor... Quase louro, tem olhos muito verdes que lembram o mar profundo...

– Mar no qual você quer navegar! – brinca Juliana.

– Ou naufragar, amiga! Você precisa vê-lo para me entender.

– Ele se interessou por você?

– Sim, desabridamente. Maria ficou uma fera! Mas eu acho que qualquer outra naquele momento o interessaria. Deve ser um refinado Don Juan...

– Disse-lhe coisas bonitas?

– Sim, mas aquela boca bonita deve trair sorrindo...

– Você está com medo.

– Com certeza. Sei que perderei o meu tempo e pior que isso: sofrerei!

– Você está sendo apressada em julgá-lo.

– Não, não estou. Ele foi imprudente, e me deu todos os recursos para isso.

– Ora, Leilah, ele nem poderia supor que estivesse sob exame crítico, do contrário teria representado o papel do bom moço.

– Você consegue ver com clareza, não é Juliana? Pena vivermos tão distantes.

– Apesar de sentir sua falta, a mudança daqui para Zamora foi-me benéfica. Meus pais acharam que, longe daqui, estaria defendendo-me de maiores decepções.

– Como se as lembranças viessem à tona, ela pergunta com ansiedade:

– E onde está Antero, Leilah?

– Não sabemos. As últimas informações localizaram-no em Oviedo. Você não o esqueceu?

– Não, jamais conseguirei! Por que ele agiu daquele modo, por quê?

– Juliana, não foi o comportamento dele que separou vocês...

– Eu sei, mas se ele não tivesse fugido, eu poderia, quem sabe, reconquistá-lo?

– Não creio, Juliana. O coração dele sempre foi um mistério.

– Ele acabaria me amando, eu sei.

– Se ele conseguisse primeiro amar a si próprio, Juliana. Eu mesma nunca o entendi verdadeiramente, embora só a mim dedicasse afeição. Agredia constantemente nosso pai, parecendo acusá-lo de algo indefinível... Meu pai não suportou, desequilibrou-se, como lhe contei... Pobre papai!

– Sinto tanta saudade, será que ainda o verei? – desabafa Juliana.

– Espero que sim, querida amiga. Que ele retorne para nós todos!

As duas prosseguem trocando confidências e relembrando fatos dos tempos já passados.

Juliana deverá ficar ainda algumas semanas com Leilah, e depois retornará diretamente a Zamora, onde os pais a aguardam.

VII
A VISITA

A MORTE VIOLENTA e inesperada de Antenor foi um golpe duro para os rapazes e principalmente para Justice. Não fossem as novas esperanças que banham seu coração...

Com mais essa dor, as intenções frívolas vão aos poucos dando lugar a profundas reflexões.

Diante da situação financeira, Conrad, volta a preocupar-se com sua carreira militar e Justice concebe planos de explorar touradas, que sempre lhe pareceram um meio rendoso. Nesse sentido ele viaja para várias cidades, tentando contatos. Seus recursos se extinguem e ele se vê na impossibilidade de prosseguir no seu mais novo intento. Desiste.

E o tempo passa...

Saudoso e inquieto, ele decide visitar Leilah e convida Conrad para acompanhá-lo. Este recusa o convite, pois sabe que o irmão investe numa nova conquista e não deseja envolver-se nas questões sentimentais dele.

Justice conclui que ir sozinho ser-lhe-á bem melhor e, vestindo-se com esmero, segue em direção à casa de Leilah, pleno de esperanças.

À sua aproximação, Maria entra rapidamente, ignorando-lhe a presença, mas Leilah vai recebê-lo com um sorriso largo e encorajador.

– Bom dia, senhorita Leilah! Que prazer em revê-la! – Justice curva-se cavalheirescamente, beijando-lhe a mãozinha estendida.

Respondendo ao seu cumprimento, ela indaga curiosa:

– E seu irmão Conrad, ele está bem? Por que não veio também?

– Sim, ele está bem. Teve outros interesses mais urgentes. Está empenhado em ser militar.

– Espero que consiga; todavia ele não aparenta ter essa vocação.

– Concordo. Ele, porém, diz o contrário.

– Maria, não cumprimenta o nosso amigo?

Contrafeita, ela diz secamente:

– Bom dia, senhor. Como vai?

– Eu, muito bem. E a senhora, dona Maria?

– Eu estava melhor alguns minutos atrás.

Censurando-a com o olhar, Leilah intervém:

– Maria, está muito calor, que tal preparar-nos alguns refrescos?

Zangadíssima, Maria, pisando duro, segue em direção à cozinha.

– Entremos, senhor Justice! – convida Leilah, dirigindo-se à porta.

– Chame-me Justice, simplesmente.

– Certo, Justice. Entre, por favor.

Os dois passam por uma bela varanda, de piso artístico nas cores marrom e amarelo; com vasos de plantas ornamentais e flores em profusão; cadeiras confortáveis espalham-se ao redor de mesas redondas, cobertas com toalhas rendadas e engomadas.

Entrando no grande salão principal, admirando o ar senhoril da casa, ele não se contém:

– Senhorita Leilah, que preciosidade! Tudo aqui parece medieval, como se o tempo tivesse parado. Se não a desagrada essa minha observação...

– Absolutamente, não. Na realidade, essa casa foi construída há duzentos anos. E foi bem conservada pelos nossos antepassados. Seguindo os seus exemplos, fazemos o mesmo, com muito zelo. Respeito o passado. Gosto das coisas antigas, de tradições. Elas me parecem mais sólidas, nos dão segurança. Essa é a minha impressão.

Justice passeia os olhos pelos móveis polidos e trabalhados artesanalmente. Continuando, observa a riqueza dos estofados. As ricas tapeçarias das paredes e do chão são de colorido forte e variado, onde aparecem arabescos caprichosos na reprodução de cenas que parecem ganhar vida e movimento ao olhar.

Nas paredes: a machadinha, a clava, o sabre, o arcabuz e outras armas se cruzam aqui e ali.

Há um ar solene em tudo. Justice imagina que, de uma hora para outra, naquele ambiente, poderão surgir guerreiros, brandindo aquelas armas, investindo contra pretensos inimigos ou que simplesmente sentar-se-ão ao redor daquela grande mesa da sala para, vaidosos, narrarem suas audaciosas aventuras, diante de lauta mesa, comendo cabritos inteiros, regados a bons vinhos.

A risada espontânea de Leilah traz Justice de volta ao presente.

Prosseguindo, ele faz mais uma observação:

– A propósito, seu nome não é espanhol.

– Não, não é. Somos descendentes de árabes, mais especificamente dos mouros. Mas já vivemos na Espanha, pelo menos há duzentos anos.

– Ah, isso é muito interessante! Me faz lembrar a rica e misteriosa Alhambra!

– De fato, é uma história fascinante.

Enquanto conversam, ela observa o quanto ele é brilhante, inteligente, educado e intuitivo. Analisa satisfeita o seu porte elegante, suas mãos fortes, de dedos longos e finos. Seus olhos brilham de admiração. Por vezes, precisa desviar o olhar para disfarçar o seu entusiasmo.

Os dois passam de um assunto a outro com facilidade, entendendo-se perfeitamente. As horas voam e Leilah teme o vazio que a ausência dele deixará.

Ele, por sua vez, prolonga a visita como se ali pudesse permanecer indefinidamente, exasperando Maria.

Incapaz de se conter, ela explode:

– Leilah, minha filha, está na hora das nossas orações, devemos rezar por 'ele'...

Compreensivo, Justice intervém:

– Senhorita Leilah, devo ir-me, desculpe. Tomei muito do seu tempo. Sou grato à dona Maria, alertando-me.

– Por favor, não se preocupe, Maria é assim mesmo. Com o tempo poderá entendê-la melhor.

– Não precisa se explicar. Nada vai alterar os momentos agradáveis que passei ao seu lado.

– Digo o mesmo. Obrigada pela visita. Ficarei aguardando outras! – ela responde sincera.

– Esteja certa de que virei muitas outras vezes!

Leilah decide facilitar o futuro encontro:

– Ouça, Justice, na próxima semana devo visitar um amigo. Quer acompanhar-me?

Mesmo espicaçado pelo ciúme quanto àquele 'amigo', ele responde, delicado e solícito:

– Sem dúvida, terei o maior prazer nisso.

Leilah leva Justice até a saída, onde ele se despede beijando-lhe a mão.

Ela permanece ali, vendo-o distanciar-se. De volta ao interior da casa, dirige-se ao oratório com Maria que, estudando-lhe a fisionomia, comenta:

– Ousado esse senhor, não acha? Que veio fazer aqui? E por que o convidou para acompanhá-la? Enlouqueceu, Leilah?

Bem baixinho, já se ajoelhando aos pés da imagem de Maria, ela responde calmamente:

– Creio que sim, graças a Deus!

Sem nada entender, Maria pega o seu belo livro de orações e inicia a ladainha. Leilah faz coro e enquanto ora pelo pai querido, pede-lhe que, de onde estiver, olhe dentro do seu coração e a proteja dos futuros sofrimentos,

que parecem chegar com aquele homem que a fascina.

VIII
CHÁCARA DAS FLORES

NO DIA E hora aprazados, Justice chega para acompanhar Leilah à Chácara das Flores, propriedade de Pablo Cortez.

Ao vê-la em trajes de montaria, Justice admira-se e sente-se cada vez mais apaixonado, como nunca lhe acontecera antes por nenhuma outra mulher.

Leilah exulta ao ler nos olhos dele a forte impressão causada e simultaneamente se regozija em poder contemplar-lhe a imagem sedutora e extremamente elegante. Fisicamente, ele corresponde aos seus ideais de mulher.

Duplamente satisfeitos, cumprimentam-se efusivos e decidem pôr-se a caminho. Incontinente, Justice ajuda-a a montar e bastante surpreso descobre que precisa de muita perícia para acompanhar de perto aquela bela amazona.

Ela sorri feliz, os seus olhos são duas contas de luz. Está deslumbrante e ele cada vez mais encantado.

Após algum tempo, chegam ao portão principal da chácara e ele faz a sineta soar.

Esperam um pouco e surge apressado um homem atarracado, malvestido e de feições tristes a quem Leilah se dirige:

– André, abra o portão e anuncie-nos ao seu patrão, por favor.

Desconfiado e temeroso, o homem hesita em atendê-la, olhando o

desconhecido que a acompanha.

– Abra ou vá pedir ordens, mas seja rápido, estamos cansados – insiste Leilah.

Antes que André se decida, Pablo aproxima-se na sua montaria. Usando elegantes roupas negras, botas de couro brilhante e chapéu de feltro, ele demonstra contrariedade. Com olhos perspicazes, observa Justice com ar de desagrado.

Diante desse altivo amigo de Leilah, Justice sente ciúmes e pode constatar que ele também se sente incomodado com a sua presença.

Leilah, que nada percebeu, adianta-se, alegre:

– Pablo, meu amigo! Que prazer em vê-lo!

Sem responder, observando a perturbação do criado, Pablo ordena-lhe que abra o portão, enquanto esclarece provocador:

– Não se espantem. Ele recebe ordens expressas para não deixar que pessoas estranhas tenham acesso à chácara!

– Mas eu o trouxe! – interrompe Leilah demonstrando contrariedade.

– Minha cara, mesmo com você, ele não deixa de ser um desconhecido!

Cada vez mais aborrecida, ela retruca:

– Sequer me deu a chance de apresentá-lo, Pablo!

– Pois, faça-o agora.

Justice, constrangido, exclama sem dar tempo de ser apresentado ao desagradável 'amigo' de Leilah:

– Senhorita Leilah, por favor, será melhor que eu regresse! Não desejo causar problemas...

– De modo algum, Justice! Se você não é bem-vindo, eu também não sou!

Pablo pôde perceber naquela defesa impetuosa de Leilah um interesse revelador pelo desconhecido. Conhece muito bem Leilah para saber que lhe será difícil contornar aquela situação futuramente. Precisa mudar o tom, ser mais conciliador. Dessa forma tenta consertar:

– Acalmem-se, por favor, e desculpem-me o mau humor! O dia hoje está

me desafiando; tive muitos problemas! Ora, ora, Leilah, minha querida! Seus amigos são meus amigos!

– Melhor assim, Pablo! Do contrário, regressamos agora mesmo, da mesma forma como viemos!

– De modo algum! Não façam isso! André, ajude-os a desmontar e dê ordens na cozinha para o preparo de uma ceia especial. Temos visitas importantes! Ande, homem!

O criado, aparvalhado, obedece e pega as rédeas puxando os cavalos, amedrontado.

Procurando controlar-se, aparentemente esquecida dos maus modos de Pablo, Leilah apresenta Justice:

– Pablo, esse é meu amigo, senhor Justice de los Prados.

Voltando-se para Justice, exclama:

– Senhor Justice, o senhor Pablo Cortez, proprietário dessa chácara, é um dos floricultores mais famosos da Espanha.

Esforçando-se para manter a serenidade, Justice estende a mão que Pablo ignora, virando-lhe as costas enquanto oferece o braço a Leilah. Ela, por sua vez, atrai Justice para si, dando-lhe o outro braço, ficando entre os dois, enquanto caminham em direção à casa.

Justice, chega a esquecer-se da humilhação sofrida quando atravessa a extensa área cultivada, numa variedade enorme de flores. Seus olhos repousam e se encantam, ora em extensões de colorido vibrante, ora em colorido suave. Um sentimento de integração com a Natureza faz Justice aspirar profundamente, distinguindo fragrâncias deliciosas, invadido pelo frescor e pela leveza do ar, sentindo indescritível bem-estar.

Pablo, orgulhoso, enquanto caminha, vai apontando e dando informações sobre a cultura de algumas espécies, suas procedências, a melhor época para plantar, para transplantar, as regas, até que, diante de um dos canteiros próximo à casa, acaricia as folhas de uma planta, observa-lhe o caule amarrado e apoiado em uma haste fina de madeira, para em seguida, com os

olhos brilhando, vaidoso, destacar com delicadeza entre os seus dedos afilados uma flor belíssima, produto de enxertos realizados paciente e exaustivamente, até obter o resultado ideal e a qual batizara com o nome de Leilah.

Mesmo sendo alvo da gentileza de Pablo, Leilah não consegue superar a decepção que sentiu com o comportamento dele momentos antes. Nunca o vira tão rude, tão agressivo.

Adiantando-se, Pablo caminha na direção da bela casa de construção sólida, na qual todos entram. Ali o luxo e o requinte se impõem, o extremo bom gosto chama a atenção.

Timidamente, André vem avisá-los que a ceia será servida.

Seguindo Pablo até o salão de refeições, Justice e Leilah sentam-se à mesa farta e bem arranjada. Iniciam o repasto, durante o qual se esforçam para manter um clima agradável. Pablo tenta sondar a vida de Justice, fazendo-o fugir pelas tangentes, de forma ladina.

Terminada a ceia, Justice sugere à moça regressarem, devido aos percalços do caminho e ao perigo de assaltos.

– Senhor Justice – gaba-se Pablo –, eu passo por essas veredas a qualquer hora e nada temo, carrego sempre uma arma e já espantei vários gatunos tendo mesmo, certa vez, ferido um deles.

– Eu não porto armas, senhor, e sequer saberia usá-las. Felizmente nunca precisei defender-me, até hoje... Mas atentemos que acompanho bela jovem, o que me exige muita cautela. Quero que ela chegue em casa tranquila e em perfeita segurança.

– Isso dependerá de quem a acompanhe – responde Pablo, ironizando.

Sua fala não encontrou boa receptividade em Leilah, que pensa: “Realmente, Pablo hoje não está num dia muito feliz...”

Percebendo a expressão de desagrado de Leilah, Pablo cai em si:

– Se permitirem, mandarei meus homens acompanhá-los ou levá-los de carruagem.

Justice responde prontamente:

– Agradecemos, mas não precisamos. Vamos, senhorita! Nossos cavalos são velozes e a senhorita Leilah cavalga como ninguém!

– Eu sei, senhor Justice. Fui eu que a instruí na equitação. Dei-lhe de presente esse cavalo árabe, o Lanceiro, no qual ela monta muito bem. Adoro acompanhá-la em longas cavalgadas!

O ciúme brilhou nos olhos de Justice. Pablo alegrou-se intimamente, suas palavras produziram o efeito desejado. Pretende desafiá-lo e vencê-lo; ele não lhe tomará Leilah...

Despedindo-se, os dois partem.

Não falam muito durante a viagem.

A moça está contrariada e Justice taciturno. A visita deu-lhe muito que pensar... Em vez de um, agora são dois os adversários: Maria e Pablo.

Leilah, divisando sua casa, grita que já estão perto, tirando Justice do mutismo em que se encerrara. Logo chegam.

Auxiliando-a a desmontar, eles ficam muito próximos, olham-se sinceramente emocionados e constrangidos pelo descompasso dos corações. Ele sente ímpetos de apertá-la de encontro ao peito, de beijá-la, mas teme assustá-la. Controla-se e se despede prometendo retornar em breve.

Maria, que esperava ansiosa, assiste à despedida dos dois e vai logo repreendendo a moça:

– Menina, não é muito comum uma moça sair sozinha com um rapaz e muito menos regressar tão tarde!

– Maria, não são ainda dezoito horas! Por que desprezar a companhia de um bom amigo, se não tenho pai e nem irmão?

– Ah, eu pensei que seu bom amigo fosse Pablo! Esperava que ‘ele’ a trouxesse.

– Bem que ele gostaria, mas nem ele nem você decidem sobre a minha vida. Tenho vontade própria. Ainda não percebeu, Maria?

– Retornou agressiva?

– Sigo os exemplos do ‘bom amigo’! Ele foi bastante desagradável com Justice!

– E garanto que você o defendeu, estou certa?

– Só defendo quem merece! Você me conhece muito bem!

– Não sei se a conheço mais. O que sei é que Pablo, querendo ser seu marido, é natural que se aborreça, vendo-a em companhia de outro.

– Maria, Maria! – responde irritada Leilah –, eu nunca dei esperanças a Pablo, muito pelo contrário!

– E é aí que você peca! E se ele não a ajudar mais com a venda das flores?

– De algum modo eu me arranjarei, não tenha dúvidas! Eu não estou à venda, lembre-se disso, se me quer bem!

Maria cala-se. Sabe que a moça tem razão. Aborrecidíssima vai para a cozinha pressentindo que lhe será difícil cumprir o que prometeu a Pablo...

IX

SOMBRAS

SURPREENDIDOS PELO AMOR, mas não preparados para ele, os nossos jovens, presos a compromissos originados na lei de causa e efeito, submetidos à Grande Lei, reencontram-se novamente para novas experiências renovadoras na atual caminhada evolutiva.

Aqui neste planeta, acicatados pelo 'bendito aguilhão', todos nós progredimos incessantemente.

*

A SAUDADE DE Antenor mora nos corações dos dois rapazes e toda casa reflete a sua ausência.

As dificuldades são as mesmas.

Conrad limita-se a esperar pacientemente por uma solução satisfatória, e Justice, perdendo a fleuma habitual, vive momentos de ansiedade que lhe ameaçam o equilíbrio. Agora, mais que nunca precisa ter uma situação financeira estável para fazer frente aos sonhos de felicidade que lhe batem à porta e ao esmagador poder econômico de Pablo. Sente-se em desvantagem.

Como conquistar Leilah sem possuir bens e estabilidade para oferecer-lhe? A ela que luta, corajosa, por um presente tranquilo e um futuro melhor? Sem o pai, com o irmão desaparecido, um casal de protetores, quase sozinha... Caberá, sem dúvida, ao futuro consorte o dever de ampará-la e, nisso, Pablo parece talhado com perfeição. De que forma modificar uma situação segura, predeterminada?

Essa insegurança leva Justice a procurar novamente os prazeres enervantes e fugidios, a afogar no vinho as suas incertezas, a alegrar-se em companhias levianas, a procurar emoções nas mesas de jogo.

Após algum tempo de vida boêmia intensa, com o corpo exaurido e a alma insatisfeita, ele enfrenta dias e dias de terrível depressão.

Por fim, não mais resistindo à saudade, ele volta a visitar Leilah que o recebe com visível alegria.

Cortês, elogia o aspecto acolhedor da casa.

Aproveitando o assunto, ela o convida para conhecer as demais dependências. Na galeria onde estão os retratos da família, eles se detêm por alguns minutos.

Justice, curioso e interessado, analisa cada rosto, fazendo alguns comentários inteligentes a respeito dos antepassados da moça.

Subitamente, ele quase desfalece de susto ao reconhecer dentre eles o rosto do homem acidentado no centro de Barcelona, morto pela carruagem, naquele dia trágico...

Tenta dissimular, mas não consegue. Receoso, indaga:

– E este, Leilah, quem é?

– Meu amado pai, Justice. Morreu tragicamente há alguns meses, pobre querido... Estava doente e fugiu de casa sem que notássemos e após três quartos de hora trouxeram-no morto. Foi o dia mais infeliz da minha vida!

Justice empalidece sentindo-se aturdido. Com que então o destino lhe preparou uma armadilha! "Não é possível! Tomara eu esteja sonhando para poder despertar!" – ele roga aos céus.

Percebendo-lhe a indisposição, aflita, ela quer saber:

– Justice, você está bem? Oh, meu Deus, o que se passa?

– Acalme-se, minha cara, já estou bem. Tenho dormido muito pouco, deve ser isso, perdoe-me – ele a tranquiliza.

– Trabalha à noite?

Dessa vez o sangue fluiu, avermelhando-o. Vacilante ele balbucia:

– Não, não é isso!

Justice sai bruscamente procurando refazimento emocional, em vão, porque naquele momento defronta-se consigo mesmo e o que vê em nada o favorece.

Leilah segue-o pressurosa, pedindo à Maria, que naquele instante penetra no salão, traga-lhe um copo com água. Ela obedece aborrecida e, ao voltar, pergunta com ironia:

– Por que não ficou na cama se está doente? As noitadas devem cansá-lo...

Pela primeira vez, Justice concorda intimamente com Maria. O que ele está fazendo ali? É uma afronta tentar conquistar Leilah, se não possui o galardão necessário. E, no entanto, como negar esse amor que o surpreende de forma tão impositiva?

Leilah, atônita, com a investida da ama, observa que Justice se cala, parece não ter como se defender. Maria nem pode ser censurada. Ela foi perspicaz.

Desconcertado, Justice tenta argumentar:

– Peço-lhes mil perdões! Ainda me encontro abalado pelo desastre que se abateu sobre nós! Perdemos há bem pouco tempo, de forma trágica, o nosso querido criado, Antenor. Ele era para mim e para meu irmão um segundo pai...

Justice surpreende-se consigo mesmo diante da improvisada desculpa.

– E como foi isso? – Leilah indaga solícita:

– Durante um assalto à nossa casa. Defendendo-nos, ele levou um tiro em pleno peito.

– E você e seu irmão onde se encontravam?

– Como estávamos muito cansados, dormimos logo e tão profundamente que não ouvimos qualquer ruído. Só acordamos com o disparo... Pobre Antenor!

– Lamento muito, Justice.

Maria, que também ouve o relato de Justice, sensibiliza-se com a sorte do criado, mas não reage como Leilah. Crava os olhos acusadores no rapaz

como a dizer-lhe: “Levantei a ponta do véu, agora sei como e onde atacar!”

Sob forte constrangimento, Justice sente um arrepio percorrer-lhe a espinha, fazendo-o levantar-se e querer sair dali o mais depressa possível.

– Senhorita Leilah, agradeço por tudo, mas devo ir-me. Meu irmão certamente me aguarda. Virei outras vezes, até a vista! Beija-lhe a mão e retira-se, deixando a moça pesarosa, sentindo naquele cumprimento um adeus.

Senta-se e fica absorta, desanimada. Aquele que está dominando sua alma parece ter reservas que o impedem de ser espontâneo e talvez de ser feliz...

Magoada, levanta-se resolvida a completar o retrato de Antero, quando Pablo chega, comunicativo e jovial.

Ele viu Justice saindo. Controlando-se, conseguiu ignorá-lo. O comportamento que tivera na chácara não é tática eficaz para usar com Leilah.

Reservada, a moça o recebe, mas, pretextando dor de cabeça, vai para o seu quarto onde se tranca.

Conversando com Maria, ele ouve o relato do que sucedera há poucos instantes.

– Então, o *bon vivant* fugiu para não ser descoberto! Temos aí um veio riquíssimo. Maria, você é genial!

– Não deixe Leilah saber que lhe contei.

– Tranquilize-se, Maria. Já fui bastante imprudente noutro dia e não pretendo errar de novo.

– É, ela se queixou comigo. Chegou muito zangada com o senhor!

– Pobre querida, vou me penitenciar. Esperarei que ela melhore e conversaremos. Preciso animá-la.

– Concordo plenamente.

Deduzindo com acerto que Leilah se demorará trancada apenas o tempo suficiente para que ele se retire, Pablo apanha um livro na estante e ainda está a folheá-lo quando vê a moça aparecer...

– A minha querida já está melhor?

– Você ficaria à minha espera indefinidamente, Pablo? – ela indaga com azedume.

– E poderia ser diferente, Leilah? Como poderia ir-me antes de verificar suas melhoras? Além do que, devo-lhe desculpas por meu comportamento lastimável lá na chácara.

– Já o desculpei, o que não me impede de dizer que me impressionou muito mal.

– E você não sabe do meu amor e dos meus anseios? Por que se espanta com os meus ciúmes?

– Gosto de sinceridade e nela tenho sempre pautado todos os meus atos, inclusive com relação aos 'seus anseios'.

– Perdoe-me, majestade – diz ele, inclinando-se reverente.

Como a moça não corresponde à brincadeira, Pablo tenta comovê-la:

– Leilah, compreenda que não posso ficar impassível vendo um homem ao seu lado. Sabendo-a criteriosa em matéria de amizade, todo e qualquer cavalheiro que passe a ser considerado seu amigo, imediatamente torna-se meu rival e, como tal, passo a defender o direito de conquistá-la para mim.

– Defende os seus direitos e esquece os meus?

Pablo, muito inteligente, percebendo que seriam infrutíferas naquele momento quaisquer tentativas para comovê-la, nada responde, preferindo se retirar. Antes, abraça-a, despedindo-se. Monta seu cavalo e parte velozmente.

Ao vê-lo perder-se na distância, ela murmura:

– Seria seguro e cômodo aceitar o seu amor, Pablo! Todavia prevejo tempestades em nossas vidas. Espero suportá-las e salvar o melhor...

Retorna ao retrato para os retoques finais, silenciosa e circunspecta.

*

JUSTICE SENTE-SE NUM verdadeiro caos.

Ao chegar em casa, sobe em silêncio e fecha-se em seus aposentos.

Também aí se distinguem o luxo, o bom gosto e o refinamento da família e

daqueles que construíram a mansão.

Senta-se na mesma poltrona onde se surpreendera com aquela bela visão. Cerra os olhos e pode-se ouvir sua respiração ofegante.

Os seus pensamentos se entrechocam, recordando o homem que, enlouquecido, deixou-se colher pela carruagem fatídica, o seu doloroso estertor, os passantes perplexos, o olhar do senhor Manoel e seu posterior julgamento, a intuição, avisando-o de algo indefinível, o policial lendo em voz alta o nome do senhor Vicente Domingos Ashram. Como não associou logo o nome de Leilah àquele sobrenome?

O rosto expressivo dela, percebendo-lhe a insegurança diante de Maria, o envergonha duramente...

"Como aspirar por tal mulher? Estarei preparado para essa empresa? Tudo me diz que não. Sendo como é, conseguirá perdoar-me as estroinices? Ela, em essência é a bondade e a beleza... E eu?!... Vivencio tudo que existe de mais vulgar e desprezível no mundo dos vícios..."

Levanta-se, serve-se de um cálice de vinho para reconfortar-se. Sem saber por que, o rostinho de Milagres lhe surge na memória... Retomando os seus pensamentos, conclui acertadamente que ela perdoará tudo a todos, menos ao homem que amar verdadeiramente, forçando-o a alçar-se até ela.

Batendo na mesa com a mão espalmada, exclama:

– Não me submeterei! Não quero, serei como sou e só mudarei quando eu quiser!

Em seguida, mantendo o cálice na mão, fixa a bela cor do vinho, senta-se novamente e, desistindo das reações hipócritas e extremistas, explode em alto e bom som:

– Todavia, Justice, seu coração já não é mais obediente como antes, ganhou independência com a chegada dela! Está caído, vencido e feliz aos pés desse amor! E você nada pode fazer! Que enrascada você se meteu, hein? Já não lhe bastam as dificuldades financeiras? Tudo chega ao mesmo tempo!

Passando pelo corredor, Conrad bate à porta e indaga:

– Justice, você está bem?

Ele abre a porta e Conrad entra:

– Por acaso ensaiava algum monólogo famoso? Pois que falava sozinho! Pela sua expressão deve ter acontecido algo que o perturbou bastante! Pode me contar?

– Não se preocupe, Conrad, eu estou bem.

– Não me parece. Você saiu e regressou desse jeito? Por quê?

Dando um longo suspiro, concluindo que não adianta enganar o irmão, além do que precisa desabafar, ele declara:

– Saudoso, fui visitar Leilah.

– E?

– Conrad, estou perplexo diante do que ocorreu nessa visita. Fui até lá cheio de esperanças de paz e de refazimento... Desejava revê-la após tanto tempo...

E ele narra os fatos que culminaram na desastrosa descoberta do retrato do senhor Vicente Domingos Ashram...

Conrad está alarmado. Ele mesmo recorda, inúmeras vezes, aquele dia infeliz. Um sentimento de culpa o acompanha desde então. Fora um mero espectador, sem esboçar a menor reação diante do desenlace daquele pobre homem. Dá razão aos receios de Justice e convence-o a descer para, juntos tomarem a ceia que os aguarda na mesa farta e bem arranjada. Abraçados, os dois descem silenciosos. Não há muito por dizer...

X

O REGRESSO

COMO O LEITOR já tomou conhecimento, Antero saiu de Santander sem despedir-se de ninguém. Embarcou num trem para Zaragoza, aonde chegou muito cansado, emagrecido e aparentando mais que os seus vinte e cinco anos.

Sem saber qual rumo tomar, perambulou pela cidade por horas a fio. Por fim dirigiu-se a uma pensão, alugou um quarto, no qual, enfim, desabou sobre uma cama modesta.

Seu sono foi agitado e povoado de pesadelos.

Despertou pela manhã do dia seguinte, confuso e assustado, esquecido de como chegou ali.

Uma criada risonha e cantante, depois de bater à porta, entra no quarto trazendo água. Ela derrama o precioso líquido numa jarra que está sobre uma mesa e sai, logo depois de sorrir para o rapaz como a dar-lhe as boas-vindas.

Após a higiene e uma ligeira refeição, Antero sente-se bem melhor.

Decide, para distrair-se, visitar os lugares pitorescos e tradicionais, carregando o pouco dinheiro que lhe resta.

Considerando, racionalmente, a difícil situação financeira na qual se debate, decide trabalhar.

Apresenta-se, para conseguir o seu intento, em vários lugares, sendo

sempre recusado, pela óbvia falta de aptidão nos mais simples ofícios.

Desoladíssimo, ele retorna à pensão.

Sem conseguir ocupação, volta aos bares e aos bordéis. Os velhos hábitos dominam-lhe os sentidos.

Faz novas amizades em ambientes sórdidos e, em breve, derrotado, está vivendo as mesmas situações degradantes de Oviedo e de Santander.

Sem coragem, passa dias inteiros dormindo, sem alimentar-se e sem os mínimos cuidados de higiene. Uma tosse persistente já começa a atormentá-lo; sua saúde está seriamente abalada.

Tendo vendido até o mínimo necessário, agora se cobre de trapos; pede favores aqui e ali como fazem os mendigos e entre eles acaba por viver: dormindo ao relento, raramente alimentando-se, complicando em muito o seu estado físico.

Quem o visse, não reconheceria nele o belo Antero de antes.

Numa viagem de negócios a Zaragoza, o senhor de Marsilhac, pretendendo conhecer melhor a cidade, sai a passeio. Ao atravessar uma pequena rua do centro tem sua atenção voltada para um estranho mendigo, sentado na calçada, em estado lamentável, dialogando em voz alta, febril.

O tom daquela voz faz o senhor de Marsilhac parar e voltar sobre os próprios passos. Aproximando-se, fixa aquele rosto sofrido, notando-lhe os belos olhos, apesar de encovados, o resto de beleza naqueles traços fisionômicos, aquelas mão finas, os gestos educados...

– Antero Luiz Ashram! Meu Deus! Que houve com você, meu filho? Como pôde ficar assim? – pergunta-lhe em sobressalto.

Ouvindo-o e reconhecendo-o, Antero, envergonhado, finge não entender e continua o seu solilóquio.

– Caro rapaz, não tenha receio, eu quero ajudá-lo. Por favor, em nome de seu pai, permita-me! – diz o senhor de Marsilhac penalizado, tocando-lhe os ombros.

Antero cala-se, baixa a cabeça e grossas lágrimas descem livres pelo seu

rosto.

– Levante-se, rapaz, e venha comigo. Eu tentarei modificar essa situação, não fique constrangido.

Hesitante, o rapaz envelhecido precocemente responde:

– Caro senhor, eu não o conheço. Confundiu-me com outra pessoa. Deixe-me em paz, siga o seu caminho, peço-lhe!

Tocado até as fibras mais profundas o senhor de Marsilhac insiste:

– Antero Luiz, pare com isso, se eu me for, jamais terei paz. Esse quadro que agora vejo nunca se apagará da minha retina. Sei que você me reconhece, permita-me auxiliá-lo.

– Eu não mereço, o senhor sabe disso!

– Quem sou eu para julgá-lo, Antero? Esqueça o passado e olhe para o futuro.

Em meio a um acesso de tosse, ele responde amargo:

– Sei qual será o meu futuro, senhor... E também sei que ninguém poderá ajudar-me o suficiente. Não vê que estou me punindo? Não me tire esse direito.

– Antero, somente Deus tem direitos sobre os nossos destinos.

– Eu fiz o meu destino, não percebe?

– E só você pode mudá-lo, rapaz, bastando coragem e determinação.

– E por que o faria?

– Por Leilah, Antero!

Desta vez, os seus soluços misturam-se com a tosse, deixando-o bastante extenuado.

Após alguns instantes, como refazendo suas energias, ele diz magoado:

– Não quero que Leilah me veja assim.

– Então mude, saia disso, meu rapaz.

– E o meu pai?

– Garanto que já o perdoou.

O bom homem não tem coragem de lhe contar a verdade e sem esperar

outras alegações, levanta-o da calçada, conduzindo-o a um restaurante onde lhe oferece uma refeição. Em seguida, vai a uma loja de artigos masculinos e compra-lhe roupas. E só então se dirige ao hotel, instalando-o em quarto arejado. Finalmente o rapaz se deita e tenta repousar.

Imediatamente, chega o médico que senhor de Marsilhac pedira ao gerente do hotel. Examina-o cuidadoso, prescreve-lhe medicamentos vários e o assiste, ali mesmo, com um calmante. O efeito é instantâneo. O semblante de Antero torna-se mais tranquilo e ele adormece.

O doutor informa ao senhor de Marsilhac o diagnóstico desolador:

– Pobre homem; é a tísica. Não viverá muito.

Contristado, ele deplora aquele rapaz, cuja história conhece através dos desabafos do pai, seu cliente senhor Vicente Ashram.

O estado de Antero alterna dias de alguma melhora e outros de recaída. É patente que ele está definhando, inexoravelmente.

Impossibilitado de aí estender sua permanência, pois antes de regressar a Barcelona tem negócios inadiáveis em Paris, o senhor de Marsilhac lembra-se de um cocheiro amigo e, pagando-lhe generosamente, pede-lhe que devolva Antero ao lar paterno, prometendo a ele outras gratificações.

Informa Antero de suas providências, abraça-o fraternalmente, desejando-lhe boa sorte e despede-se. Pressente que nunca mais o verá. A este pensamento, seu bom coração se confrange...

O referido cocheiro, um tratante, que já fora previamente contratado por outra pessoa, transfere o serviço para um carroceiro, pagando-lhe ínfima importância.

Mal-acomodado, exposto às intempéries e aos caprichos do condutor que, para aqui e ali para embriagar-se, Antero piora. Sua febre aumenta e seu estado geral é melindroso.

Finalmente, após alguns dias de atropelos, a carroça entra em Barcelona. Aborrecido com o fardo, o homem decide livrar-se de Antero que está quase inconsciente, atirando-o à beira do caminho e assim o faz. O pobre rapaz

fica ali, jogado na lama da estrada, incapaz de defender-se...

Horas depois, surge um cavalheiro a toda brida que se surpreende ao deparar-se com aquele corpo.

É Pablo Cortez. Curioso, ele se aproxima, inclina-se sobre ele e, perplexo, reconhece Antero.

Ainda sob o impacto da descoberta, coloca Antero sobre sua montaria, prende-o cuidadosamente e ruma para Santo Antônio de la Sierra. Deplora profundamente o estado melindroso do irmão de Leilah e lamente ser o mensageiro de sofrimentos para ela.

Enquanto cavalga devagar e com cuidado, reflete sobre os mistérios daquela vida. Conheceu-o tão altivo, em idade fagueira, cheio de sonhos... E ali está ele, findando-se lentamente. É apenas a sombra daquilo que foi.

Aquela degradação dá-lhe arrepios.

Após algumas horas, chega à casa de Leilah.

Maria ouve a sineta do portão e sobressalta-se pelo adiantado da hora.

Chama Pedro e juntos vão atender à porta, identificando Pablo, que traz um corpo sobre o cavalo. Reconhecendo Antero desacordado, ela emite um grito e cai em prantos.

Leilah acorre assustada deparando-se com Pedro e Pablo retirando Antero de sobre o animal e carregando-o até o leito.

Leilah indaga, aflita:

– Meu querido, o que fizeram com você? Deus de misericórdia! – Ela está desorientada. Chama-o, mas ele febril, encontra-se incapaz de raciocinar.

Agasalham-no confortavelmente, enquanto Pedro corre chamar o médico da família. Ele chega, arranjando o guarda-pó branco, carregando sua pequena maleta, bocejando um pouco, mas com boa disposição.

Examinando o rapaz, diz taxativo:

– Antero Luiz agoniza! Lamento muito. Vou medicá-lo para que se reanime um pouco, o mais, entregaremos a Deus.

Desfeita em lágrimas, Leilah abraça carinhosamente o irmão amado,

ajoelhada ao seu lado.

Horas depois ele desperta. Maria consegue fazê-lo tomar algumas colheradas de um consistente caldo de carne.

Os medicamentos, a alimentação e principalmente o aconchego agem favoravelmente sobre o ânimo de Antero, que agora reconhece os seus. Deparando-se com a expressão aflita da irmã, exclama, desolado:

– Leilah, querida, por certo eu já morri, senão como poderia vê-la?

– Não, meu querido irmão. Você está vivo e em sua casa. Olhe à sua volta e veja!

Obedecendo, ele reconhece seu quarto, exatamente como deixou. Rompe em prantos que lhe intensifica a tosse. Vendo o médico aproximar-se, indaga:

– Doutor, estou mal, não é?

– Meu caro rapaz, para Deus os nossos diagnósticos são limitados.

Antero compreende e cala-se. Ouvindo o choro de Maria, diz-lhe, amorável:

– Sair de casa foi rematada loucura! Podem constatar como me destruí.

Incapaz de se expressar pelo volume das lágrimas que lhe apertam a garganta, Maria acaricia-lhe os cabelos, como fazia quando ele era criança.

Dirigindo-se outra vez a Leilah, Antero manifesta o desejo de falhar-lhe a sós.

Segurando-lhe as mãos, ela diz comovida:

– Poupe as energias, Antero querido.

– Não, Leilah, preciso confessar que fui muito infeliz e que, apesar de estar longe, sempre vivi aqui em pensamento... Respirando com dificuldade, ele prossegue:

– Aqui eu vivia tão bem... Com saúde, alegria e proteção... Como pude, meu Deus, ser tão imprudente?

– É, Antero, às vezes agimos sem pensar – afirma Leilah. – Faz parte das nossas imperfeições.

Correndo os olhos pelo ambiente, Antero tenta transpor os limites do aposento:

– E ele, onde está? Não quer me ver, não é? Dou-lhe razão, eu não mereço mesmo! Mas, apesar de tudo, peça-lhe que venha me ver, tenho tanto a dizer... Quero implorar seu perdão... Não tentarei desculpar-me, não tenho esse direito; todavia desejo despedir-me...

– Ele não está aqui, Antero – ela mente profundamente mortificada.

– Quando ele chegar avise-o que estou aqui, por favor, minha irmã. Que Deus me conceda tempo para revê-lo. Sinto que o meu destino chega ao fim, minha querida...

– Não fale assim, eu lhe peço. Ele deve demorar porque está viajando a negócios. Você o conhece muito bem. Todavia, posso garantir que ele já o perdoou e que está ansioso para abraçá-lo novamente. Disse-me isso, com muito carinho e saudade!

Olhos brilhando, ele bebe cada palavra. Respirando com dificuldade, acrescenta:

– E você, minha querida, já me perdoou?

– O que tenho eu para perdoar? Amo você tanto quanto a papai. Eu os amarei sempre, haja o que houver, façam o que fizerem, meu amor é incondicional.

– Acredito em você. Não mereço tanto, mas agradeço a Deus por tanta misericórdia!

Ele vai perdendo as forças. Assustada, Leilah pede socorro ao médico que, retornando ao quarto, ordena repouso.

Fechando os olhos, ele obedece.

Leilah e o médico deixam o quarto. Paira no ar uma impressão dolorosa. E sentindo isso, todos falam baixo.

Não há o que duvidar, Antero vai reunir-se ao pai.

A moça vai até o oratório e em prantos roga por ele. Pede à Maria que pai e filho se reconciliem no outro plano de vida.

Após alguns dias de angustiosa ansiedade, Antero Luiz se desliga dos laços que o prendem à vida terrena, deixando tristeza e saudade.

Mais uma vez a casa é enlutada e, mais uma vez, Pablo apoia e sustenta Leilah em momentos indizíveis de dor...

XI

PROVIDÊNCIA DIVINA

Profundamente perturbado pelos desafios que Pablo representa e pela identificação do retrato do pai de Leilah, o senhor Vicente Domingos Ashram, acidentado naquela via pública, Justice conclui que o melhor a fazer é afastar-se da moça, reconhecendo não ter os valores requeridos para fazê-la feliz.

Sem alegria e descuidado de si mesmo, emagrece dia a dia.

Conrad, que nunca o vira assim, decide, à sua revelia, chamar o médico. Doutor Pablo constata-lhe uma debilidade física perigosa, comprometendo todo o organismo. Receita-lhe fortificantes, antidepressivos e exposições ao sol em caminhadas matinais.

Conrad faz o irmão medicar-se e buscar vida saudável, mas Justice não reage satisfatoriamente ao tratamento. Querendo ver o irmão restabelecido, sabedor que a causa de todo sofrimento está na alma, ele decide provocar situações que possam ajudá-lo a se renovar intimamente.

Numa manhã de sol brando e luminoso, eles passeiam pelas alamedas floridas de um bosque próximo.

Amuado, rejeitando a caminhada, Justice segue devagar e indiferente.

Conrad, no firme propósito de animá-lo, dirige-se a ele:

– Meu irmão, jamais imaginei ver esse dia!

– Que dia, Conrad?

– Este, no qual lhe surpreendo um sentimento positivo e verdadeiro por uma mulher.

– Engana-se, meu irmão, estou apenas desanimado, diante de todos os nossos problemas. Estou farto de ser um perdedor em todos os setores da minha vida... Aos poucos perco a condição de lutar contra tantas adversidades...

Condoído, Conrad argumenta:

– Justice, tenho certeza de que sua doença é incurável porque não está apenas no corpo, mas principalmente na alma apaixonada por Leilah... Lembre-se de que eu o avisei quanto a ela ser diferente...

– Essa constatação, desde o primeiro momento, foi o que mais me fascinou, Conrad! Dessa vez, caí na minha própria armadilha. Comparando-me a ela, sinto-me desolado... Estou desgraçadamente no outro extremo!

– E por que não vai à sua procura? Quer que eu o faça? Posso ser o seu embaixador.

– De modo algum, Conrad. Não quero ser humilhado; principalmente por ela...

– É provável que ela o ame, Justice!

– Não quero iludir-me, Conrad. Se você tiver razão, ela se decepcionará comigo e certamente me despedirá sem apelação.

– Você se precipita, cria fantasmas e passa a viver com eles...

– Conrad, como você consegue ser tão racional?

– Porque estou fora do problema. Se estivesse no seu lugar estaria igualmente confuso.

– Infelizmente, Conrad, eu não estou confuso. Vejo claramente a dura realidade.

– Uma realidade que é resultado do seu estado depressivo.

– Por favor, deixe-me assim, não me acene com esperanças...

– Confessa então essa paixão que o atormenta?

– Por que negá-la se você conhece a minha alma?

– E que bela alma! Levante a cabeça, meu querido irmão. Você é bom e digno de ser amado. Os defeitos que tem serão corrigidos com o tempo e muita determinação. Pense no quanto ela deve estar triste com a sua ausência.

– Ela tem o poderoso Pablo.

– A quem ela não quer.

– Quem garante? Tenho minhas dúvidas!

– Dúvidas não, ciúme!

– Que seja! Estou decidido, não irei procurá-la!

– Assim, você me decepciona; desiste sem lutar!

– Desculpe, somos diferentes. Voltemos, sinto-me exausto. Por favor.

Sem desanimar, Conrad eleva o pensamento a Deus rogando-lhe o auxílio adequado para desviar aquele amado irmão do abismo para o qual se encaminha. Olhando em volta lhe diz:

– Olhe onde estamos. Reconhece?

– Naturalmente, essa é a praça onde paramos naquele dia em que o cocheiro precisou consertar o veículo.

– No dia que conhecemos Leilah! – completa Conrad.

Entristecido, Justice suspira profundamente. Ao divisar a igreja onde a pequenina Milagres pede esmolas, interessado em encontrá-la, olha curioso as redondezas, mas não a vê.

– Justice, vamos entrar na igreja? Precisamos descansar e pedir auxílio aos céus. Me acompanha?

– Sim. Preciso reconciliar-me com Deus; agora mais que nunca...

No interior do templo, Conrad ajoelha-se nos últimos bancos e mergulha em preces ardentes.

Justice perambula frente aos altares que ladeiam toda a extensão da igreja, parando aqui e ali, fascinado pela beleza das imagens.

Distraído, aproxima-se de uma moça que, ajoelhada, ora contrita, esbarrando-lhe levemente. Pede desculpas em voz baixa quando ela

suspendendo o belo rosto, meio envolvido na rica mantilha rendada que lhe cobre a cabeça, queda-se atônita.

Leilah está diante daquele que no momento é a razão das suas orações.

– Justice! Você aqui? – diz baixinho, erguendo-se, enquanto, espantado, ele lhe dá a mão para auxiliá-la a levantar-se.

– Sim, senhorita Leilah. Sou eu.

– E por que razão está tão abatido?

– Depois lhe digo, minha cara, prometo! – diz Justice, ajoelhando-se aos pés da imagem e suplicando aos céus forças e inspiração.

Acompanhando-o, ela deixa-se ficar agradavelmente ao seu lado. Tem a impressão de que naquele momento se casam. Imagina a cerimônia e o seu coração bate tanto, que teme seja ouvido por ele...

Conrad, abrindo os olhos, após sentida e fervorosa prece, julga estar sonhando, ao vê-los juntos. Agradece e, enquanto espera, acrescenta outras petições por seus saudosos pais e pelo querido Antenor.

Absorvidos em suas orações, Justice e Leilah mantêm-se ajoelhados lado a lado.

Ele não consegue impedir que lágrimas abundantes desçam-lhe pelo rosto abatido. Disfarçando-as o quanto pode, convida Leilah para saírem e conversar.

Ela anui incontinente e, juntos, buscam o jardim, onde se sentam num banco. Ele, silencioso, busca se refazer.

Leilah, procurando controlar a emoção que ainda a domina, indaga:

– Meu caro amigo, o que houve? Por que nunca mais nos vimos? Pensei tantas coisas...

– Tive problemas que desequilibraram minha saúde.

– E por que não me avisou?

– Não quis causar-lhe preocupações. Não se incomode comigo, não vale a pena.

– Crê que eu não tenha condições de ajuizar por mim mesma?

– Não há o que ajuizar. Quero vê-la feliz ao lado do homem que você escolher...

– Talvez eu já o tenha escolhido, resta saber se fui aceita...

– Falamos por enigmas.

– Caso você se expresse com mais clareza, poderemos decifrá-los, quem sabe? Vale tentar!

– O que me pede é impossível por enquanto.

– E por quê?

– Porque posso decepcioná-la... Isso me magoaria demais.

– Mais uma vez, reivindico a oportunidade de julgar por mim mesma. A vida já me exigiu muito, consequentemente me fez amadurecer.

– Não me atrevo, perdão...

– Esse pedido de perdão soou-me bastante amplo...

– Você lê em minh'alma... Peço-lhe que confie em mim. Esse que agora lhe fala tem propostas de vida diferentes das adotadas até então.

Suspirando fundo, ela o olha indecisa. Que saberá futuramente? Ser-lhe-á possível perdoá-lo e acima de tudo esquecer? Sua alma se agita. Ama esse homem...

Repentinamente, criando coragem e tomando-lhe as mãos, ele exclama emocionado:

– Leilah! Eu a amo e sofro demais, diante das dúvidas de realizar esse amor!

– Garanto-lhe a minha afeição, Justice. O que teme?

– O futuro...

Olhando-a ardentemente, ele se inclina e beija-lhe as mãos.

Ao levantar os olhos, encontra os dela, apaixonados, carinhosos, entregando-se.

Permanecem assim enlevados, sem perceberem a chegada de Maria que, perplexa, observa-os muita zangada.

Atendendo ao pedido da moça, Justice anota o seu endereço num papel e

entrega-lhe.

– Se for preciso, irei vê-lo – ela afirma.

– Recuperando-me, eu a procurarei.

– Promete?

– Sim, prometo. A partir deste momento confirmo os meus novos propósitos de vida. Na certeza do seu afeto, encontrarei forças para vencer os obstáculos.

Ficam silenciosos e Justice entrega-se aos seus conflitos: “Você certamente perdoará os meus erros financeiros, mas e os morais? E quando descobrir que eu poderia ter-lhe salvo o pai? Como fui insensível! Ter-nos-íamos conhecido em melhores condições se eu tivesse impedido seu querido pai de morrer daquela maneira.” Estes pensamentos o mortificam...

Impaciente, Maria se aproxima e indaga irônica:

– Retornei ‘muito cedo’, Leilah?

– Não, Maria, eu estava conversando com o senhor Justice, aconselhando-o a cuidar-se melhor. Ele está adoentado.

– Como vai, dona Maria? – pergunta ele, ignorando-lhe o tom sarcástico.

– Eu estou muito bem! Vamos, Leilah?

– Sim, vamos. Até à vista, senhor Justice. Se necessário for, eu irei visitá-lo.

Conrad, que vinha saindo da igreja, dirige-se a eles, cumprimenta Maria e fala afetuosamente à moça:

– Senhorita, que prazer em revê-la! Duvido que possa avaliar a intensidade da minha alegria. Diz ele olhando significativamente para o irmão.

Satisfeita pelo que pôde captar na expressão do rapaz ela agradece as palavras amigas:

– Eu também duvido que consiga aquilatar a minha satisfação, somada a uma imensa gratidão a Deus! Como vai? Espero-os lá em casa oportunamente para conversarmos enquanto tomamos um delicioso lanche que só Maria sabe fazer.

– Nós iremos, sem dúvida. Obrigado!

– Se não forem, eu irei até vocês! "Se Maomé não vai à montanha..."

Querendo abreviar a despedida, Maria diz enfática:

– Adeus!

Imóvel, Justice segue-as com o olhar, enquanto Conrad, silencioso, reflete sobre aquele encontro como sendo uma resposta às suas súplicas.

Justice regressa mais animado e, à medida que os dias passam, readquire a saúde e o vigor físico.

Maria e Leilah fizeram o percurso de volta à casa em silêncio. A primeira, aborrecida, a outra, pacificada, sonhadora. Em sua memória a fisionomia amorosa de Justice, suas palavras carinhosas, sua declaração cheia de promessas... Então ele a ama! Seu coração exulta pleno de felicidade, de realização!

Ao chegarem em casa, separam-se. Uma vai para a cozinha e a outra segue direto ao oratório para agradecer.

– Senhora! Graças vos dou por tudo que tenho recebido de vossas mãos amoráveis! Como estou feliz! Ele me ama, Senhora minha! Tenho, afinal, esperanças de vir a ser sua mulher! Peço-vos que tudo aquilo que possa ameaçar esse futuro, seja afastado para bem longe de nós dois. Que o céu permita-nos realizar nosso amor! Mãe querida, abençoe e proteja meu querido pai e Antero que, de onde estiverem, possam partilhar da minha felicidade e da minha esperança!

Após alguns minutos de fervorosas preces, ela se dirige à Maria, já esquecida dos seus rompantes.

A ama, a princípio mal-humorada, esquece tudo e retorna a sua habitual bonomia com a moça e, juntas, providenciam o almoço e põem ordem na cozinha.

À tarde, Pablo aparece, expansivo e sedutor como sempre.

Encontra Leilah reticenciosa, distante. Sofre com isso, mas não se deixa abater. Jamais desistirá dela.

Conversam, tocam juntos, analisam vários livros sobre a técnica de pintura

e finalmente, na hora vespertina, ele se despede, deixando-a entregue às suas mais recentes e caras recordações.

Pretextando sede, Pablo vai à cozinha saber de Maria o que realmente aconteceu para deixar Leilah mais indiferente que antes. Sua intuição de homem apaixonado lhe avisa sobre algo.

Em cochichos, Maria conta-lhe o encontro com Justice na igreja e a promessa de visita que Leilah lhe fez.

Pablo empalidece, crispa os dedos no rico punhal que carrega na cintura e exige:

– Maria, eu quero o endereço dele.

– Não o tenho, mas vou fazer o possível para conseguir.

– Logo que o tenha, leve-o ao meu escritório central.

– Está certo, eu farei isso, descanse. Quero vê-la feliz e casada com o senhor.

– Que os céus a ouçam!

Após a saída de Pablo, Maria vai ao encontro de Leilah e lhe pergunta:

– O senhor Justice mora longe do centro de Barcelona?

– Não muito, Maria – responde-lhe a moça distraída.

À primeira oportunidade, Maria entregará o endereço de Justice a Pablo sem indagar das suas intenções.

*

BANHADO EM PROFUNDAS saudades, Justice decide rever o quarto de Mateus, conservado intacto desde a sua morte.

Com a chave nas mãos, reverente, abre-o e entra.

Observa cada canto, parecendo revê-lo a movimentar-se ou sentado a fumar em sua poltrona favorita.

Depois, a recordação dele doente, indefinidamente deitado naquela bela cama de mogno, sólida e larga onde ele exalou o último suspiro...

Em meio àquele ambiente, analisa o recente passado, consciente dos seus muitos erros e das dores que lhe causou. Espera em Deus que ele, de onde estiver, saiba e se alegre com as suas novas perspectivas de vida; desta vez

banhadas no seu exemplo de trabalho e dignidade.

Toca nos seus objetos de uso pessoal: o cachimbo inglês e a bolsa de couro com fumo perfumado ainda estão sobre a mesinha de cabeceira...

Extremamente emocionado, caminha entre os móveis, todos da mesma madeira vermelha, formando artístico conjunto: a poltrona e o escabelo acolchoados de veludo carmesim.

A sua grande cadeira, agora vazia, descansa recostada na grande escrivaninha que ainda está arrumada com os seus objetos, como se ele os estivesse usando diariamente.

O rico tapete persa abafa o som dos seus passos e recebe as lágrimas que caem dos seus olhos. Os cortinados estão cuidadosamente cerrados.

Decide abri-los para arejar o quarto, puxando-os cuidadosamente até as laterais da ampla janela.

Puxa o ferrolho com força abrindo-a, e sente o vento entrar fortemente.

Debruça-se sobre o mármore e olha longe e ao redor. A vista é magnífica!

Virando a cabeça para o lado direito, divisa um pequeno baú, bela obra de artesanato, feito de couro, com detalhes em prata, trancado com minúsculo cadeado do mesmo metal, escondido entre o cortinado no vão da janela.

Surpreso e expectante, procura nas gavetas da mesinha de cabeceira a chave apropriada e descobre-a dentro de pequena bolsa de camurça preta.

Experimenta-a e o cadeado cede.

Aos seus olhos espantados, surgem pequenos rolos de papéis amarrados com fitas, em maços separados.

Nervoso, abre-os um a um e depara-se com documentos carimbados, selados e assinados. Neles reconhece a assinatura do senhor de Marsilhac!

Guardando consigo os documentos, fecha tudo com cuidado e dirige-se imediatamente para o escritório do referido advogado.

A caminho, vai refletindo em como a Providência Divina o tem advertido, fazendo-o compenetrar-se de uma realidade futura, extensão da atual. É como um navegador que divisa sinais de terra firme, após longa e exaustiva

permanência em alto-mar.

Impulsionado por tudo que tem vivido, segue em passos rápidos quando é interceptado por uma beldade extravagante que exclama debochada:

– Olha o meu Justicezinho! Se os meus olhos não me enganam é ele mesmo! Deixe-me vê-lo. Quanta saudade! – A mulher fala enquanto puxa Justice pela manga do casaco e virando-se, faceira, olha em volta para aquilatar o sucesso alcançado junto aos circunstantes.

– Consuelo, por Deus, estamos na rua! Depois nos veremos, até a vista!

Ele vai saindo, envergonhado, quase a correr, enquanto ela, olhando os passantes, grita:

– Despreza-me o ingrato! Deve ter-se casado! É isso mesmo, só pode ser! Ah, pavãozinho! Arranco-lhe as penas e os olhos, você verá! – Ao redor, risotas e cochichos debochados são ouvidos. Alguns mais afoitos fazem comentários nada agradáveis, nada elegantes.

Bastante confuso, Justice desaparece nas ruas próximas, apressando ainda mais os passos, temendo novos encontros.

Enfim chega e, ao entrar no prédio, para, recompõe-se.

Em seguida, dirige-se e bate numa porta onde se lê: “Contratos Imobiliários - Causas e direitos cíveis”.

Após alguns instantes, a porta se abre e enquanto o contínuo o manda entrar, o senhor de Marsilhac vem-lhe ao encontro, parando desapontado.

– Ah, é o senhor? Eu aguardava outra pessoa! – ele esclarece, olhando-o por sobre o aro dos óculos.

Decepcionado e intimidado, o rapaz arrisca:

– Permita-me, senhor de Marsilhac. Se a pessoa em questão chegar, eu me retiro. Necessito dos seus serviços e pagarei por eles.

O profissional, respirando fundo, admira-se das palavras ouvidas e indica-lhe uma cadeira:

– Pode dizer a que veio.

– Tenho aqui papéis – ele passa-lhe o envelope – que me parecem ser de

suma importância. Estiveram muito bem guardados desde a morte do meu querido pai. Nada entendo de leis. Preciso que o senhor os examine e me diga, também, quais são os seus honorários.

O advogado abre o envelope, retira e avalia cuidadoso os documentos, informando-o após alguns instantes:

– Conheço esses papéis. Já foram examinados por mim a pedido de meu amigo Mateus, seu falecido pai.

Aqui, o senhor tem algumas apólices de seguro para resgatar. E também hipotecas de várias propriedades que ao serem saldadas devolver-lhe-ão a posse delas. E ainda: Letras de câmbio, que poderão ser comercializadas em curto prazo.

Seu pai era muito prudente e um comerciante honesto. Sua doença é que o colocou em situação financeira desfavorável. Sem dúvida, preservou tudo isso pensando no futuro dos filhos.

Agradavelmente surpreso, Justice permanece ali por mais alguns quartos de hora indagando e sendo esclarecido a respeito de tudo o que lhe interessa.

Com a alma em festa, ele regressa ao lar. Conrad ficará radiante com essas notícias. Eles agora possuem os elementos tão desejados para o recomeço.

Justice pode concluir acertadamente que agora terá chance de afirmar-se diante de todos, e principalmente redimir-se frente à memória de seu pai, que está lhe concedendo os meios seguros para seguir-lhe os passos e os exemplos de dignidade no esforço honesto que sempre o caracterizou.

XII
TIO PEPE

A JUVENTUDE VIGOROSA, a vontade e a nova diretriz dada aos pensamentos reequilibram Justice, conduzindo-o a uma vida normal.

As orações fervorosas abriram-lhe espaços até então ignorados.

Mais consciente, ele pretende agir de forma menos impulsiva, sabendo inevitáveis os problemas que ainda surgirão.

Surpresos, eles receberam chamado do tio e partem para lá sem demora.

Depois de um ano reveem Nívea, que os surpreende.

Com apenas quatorze anos, aparenta vinte, alta, morena, olhos escuros e brilhantes; os cabelos negros trançados coroam-lhe a bela cabeça. Inteligente, no seu jeito de menina terna, é amada e admirada por todos.

– Meu querido Justice, que saudade! Por onde andou? E você, Conrad, deixou-me tão só! Ainda mais na situação em que me encontro, com a doença de papai... – diz ela com voz magoada e as lágrimas prestes a cair.

Justice, apertando-a de encontro ao peito, beija-lhe os cabelos e o rosto, desculpando-se:

– Minha menina querida, perdoe-nos. Não sabíamos de nada. Desde a morte do nosso pai, quando nos vimos pela última vez, tivemos muitos problemas. O tempo nos escravizou. Nosso coração, porém, esteve sempre com você, a quem amamos...

– Por que não pediram ajuda ao meu pai? Ele poderia tê-los auxiliado.

– Temos diferenças, Nívea. Você sabe.

– Lamento. São ambos tão bons...

Conrad, fingindo ciúme reclama:

– E o meu abraço? Esqueceu-me?

Abraçando-o expansiva, ela o beija no rosto. Ele, feliz, retribui-lhe os carinhos.

– Nívea querida, como você cresceu e está bonita!

– Você acha, Conrad? Tanto quanto as moças que você conhece?

– Não conheço muitas, Nívea. Esse privilégio cabe a Justice.

– É, eu sei. Esse conquistador!

Terminados os cumprimentos, sentam-se e conversam, inteirando-se dos acontecimentos.

– Minha querida, como está o nosso tio e como adoeceu? – indaga Justice, sinceramente interessado.

Entristecida ela responde:

– Meus caros, nunca pensei ver papai assim. Foi horrível o que houve com ele.

– Conte-nos – pede Conrad.

– Bem, tudo começou com uma queda de cavalo, num dia em que ele inspecionava as usinas. O corcel assustou-se com uma serpente, corcoveou e atirou-o ao chão. Caindo de forma desastrada, ele contundiu a coluna vertebral.

Na tentativa de curar-se, tem experimentado todos os tratamentos possíveis. Os remédios para as dores cruciantes que passou a sofrer causaram-lhe problema cardíaco, que o vem enfraquecendo paulatinamente. No momento, um pouco aliviado, resolveu chamá-los porque os ama e teme o pior. Como vocês são os únicos sobrinhos, quer vê-los e deixar o testamento em ordem, foi o que me disse. Pobre papai...

Nívea emocionou-se e começou a chorar. Conrad a abraça carinhosamente, aguardando que ela se acalme para que possam ver o tio.

Em pouco tempo sobem ao quarto do doente onde param à porta, enquanto Nívea entra sozinha para prepará-lo. Despertado pela filha que o avisa da presença dos sobrinhos, ele acomoda-se melhor entre as almofadas. Está extremamente pálido e emagrecido. Depois de alguns instantes, manda-os entrar.

Os dois obedecem e Justice, estendendo-lhe a mão, aperta a dele enquanto lhe dirige palavras de conforto.

– Caro tio Pepe, como está? Espero que fique rapidamente curado.

Consciente da gravidade do seu estado de saúde, ele agradece e responde:

– Obrigado, Justice. Em verdade, estou muito doente. Todavia creio em Deus. E você, como vai?

– Muito bem, obrigado. Aqui estamos colocando-nos à disposição do senhor e de nossa querida prima.

– Agradeço-lhe, mais uma vez.

Conrad tem os olhos marejados de tristeza. Aproxima-se e abraça-o fortemente, enquanto lágrimas quentes lhe descem pelo rosto.

– Meu querido Conrad! – exclama Pedro de los Prados. – Por que não veio ver-me antes?

– Perdoe-me, tio. Temos tido muitas dificuldades após a morte de nosso pai. Até mesmo o nosso bom Antenor foi assassinado por ladrões.

– Oh, meu Deus! Pobre e infeliz homem! Dedicou a vocês dois a maior parte da sua existência! E por que não me pediram ajuda? Certamente as dificuldades são também financeiras, ou será que me engano? – questiona ele, observando Justice que responde prontamente:

– Nós nos arranjaremos, tio Pepe.

O tio pensa consigo mesmo: “Continua o mesmo, arrogante!...”

Captando-lhe no olhar o que ele pensa, Justice se apressa a esclarecer:

– Tio Pepe, a bem da verdade, os problemas que tenho enfrentado me modificaram radicalmente e não faltará ocasião para provar isso ao senhor.

– Alegro-me muitíssimo, acredite. E quanto à carreira militar de Conrad?

– Estamos aguardando as coisas melhorarem, tio – explica Conrad.

– Poderei impulsionar estas melhoras, meu caro sobrinho – afirma-lhe o tio.

Justice narra a descoberta dos documentos no escritório do pai e os esclarecimentos do senhor de Marsilhac.

Ouvindo-o atentamente, Pedro concorda:

– Fez bem em procurá-lo. É um profissional de caráter, digno de confiança e competente; além de ser grande amigo de nossa família que o respeita e admira.

– Reconheço tudo isso. Há mais, caro tio: antevendo um futuro melhor, planejo casar-me muito em breve.

Nívea pula de onde se sentara, perguntando surpresa:

– O quê? O meu Justicezinho vai se casar? E com quem? Quero saber!

O pai, risonho, admirando-a aconselha:

– Calma, Nívea, ele lhe contará, ou melhor, eu espero que nos conte a todos.

– Pois bem, ouçam! – E entusiasmado, Justice relata em que circunstâncias conheceu Leilah, assim como os sucessos posteriores.

Ouvindo-os, eles observam a alegria e o entusiasmo daquele parente, perdidamente apaixonado.

– Justice – diz o tio –, fico muito feliz com seus planos, e pode contar com o meu apoio.

– Sou-lhe grato. Oportunamente trarei Leilah para conhecê-lo.

– Não se demore demasiado...

Todos entendem o que ele quer dizer e se entristecem.

Providencialmente, Nívea exclama:

– Vamos descer para um lanche? Papai, deseja algo de especial para sua refeição?

Não, querida, confio em você. Ainda tenho algo a dizer aos rapazes. Se eu precisar, mandarei chamá-los. Não nos esqueçam de novo. Necessitarei da

presença dos dois aqui para os processos legais referentes ao testamento.

Vendo Justice afastar-se, o tio apela:

– Justice, dobre esse orgulho e veja-me com outros olhos, ao menos agora que me aproximo da grande viagem.

Retornando ao ponto de partida, Justice coloca-se à frente do tio e responde corajosamente:

– Perdoe-me, tio Pepe, não apenas por agora, mas por tudo. Como já lhe disse, sou outro homem, com outros valores. Sei que fui culpado do nosso afastamento, mas lhe peço outra oportunidade para retratar-me diante do senhor e do mundo. Poderei reerguer-me sem o seu auxílio, principalmente agora que estou descobrindo circunstâncias favoráveis com o patrimônio deixado por meu queridíssimo pai.

– Continua orgulhoso! Não afaste a mão que se oferece para ajudá-lo. Poderá ser a última vez! A vida passa rapidamente, Justice. Somos parentes pelo sangue e irmãos em Deus, nosso Pai.

– Concordo plenamente com o senhor. Respeito-o de fato e espero que viva ainda muito tempo para Nívea e para todos nós...

Recostando-se nos travesseiros, Pepe pede a Conrad para permanecer ao seu lado.

Nívea e Justice descem abraçados.

– Justice, aceite a ajuda de meu pai.

– Mais tarde, minha querida. Primeiro vou reabilitar-me diante de mim mesmo. Espero que me entenda.

– Entendo sim. – Tomando-lhe o braço, ela o conduz até a cozinha.

Pepe, sentindo-se extremamente cansado, pede a Conrad que o ajude a deitar-se mais confortavelmente. O rapaz arranja-lhe os travesseiros, cobre-o com a manta e diz afetuoso:

– Tio Pepe, perdoe-me a ausência prolongada. Não dependia somente de mim. O senhor sabe o quanto eu amo meu irmão.

– E não quis contrariá-lo, não foi?

– Sim.

– Bem, com Justice mais fraterno comigo, sinto-me à vontade para pedir que você fique aqui assessorando Nívea. Ela precisa disso. Que me diz?

– Que terei um enorme prazer nisso. Regressarei com Justice para apanhar algumas roupas e retornarei para cá. Permanecerei aqui, ao seu lado, enquanto precisar de mim.

– Ótimo! Tinha certeza de poder contar com você. Agora, desça e vá juntar-se a eles.

Beijando-o na testa, Conrad retira-se.

A essa primeira visita, depois do desentendimento no passado, seguiram-se outras.

Justice observa atento que Conrad modificou os seus sentimentos com relação à Nívea e decide interrogá-lo:

– Conrad, há algum tempo venho notando-o mais sonhador que de costume. Parece-me que ao fitar a nossa querida Nívea os seus olhos brilham mais e que sua voz parece saída do próprio coração ao se dirigir a ela, com palavras que soam amorosas e doces... Será que estou vendo coisas?

– Você está certo, Justice. Parece-me que somente agora a conheço. Fez-se bela e boa, e isso me fascina. Tenho motivos para acreditar que também ela me quer...

– Assim, tudo se arranja e nosso tio ficará mais tranquilo, não?

– É o que parece. A vida nos prega algumas peças.

– Um compromisso entre vocês me alegraria muito. Como sabe, quero muito bem à Nívea. Carreguei-a no colo e acompanhei quase toda a sua infância. Só me afastei após aquele mal-entendido com o seu pai. Tem razão em encantar-se. Aquela magricela transformou-se em belíssima mulher.

– E tem apenas quatorze anos!

– Mas é amadurecida e bastante inteligente, assim como você. Somente alguém como ela poderia conquistar o meu poeta preferido.

– Ora, Justice, você é suspeito para falar de mim! Faço apenas umas

poesias muito simples, sem pretensão alguma!

– Pois não apenas admiro-lhe o talento para elas, como creio que faria melhor figura nas letras que nos quartéis, meu irmão.

– Veremos! Mas no momento o que me domina são os pensamentos relativos à Nívea e a esse amor que me tomou de assalto! Seremos felizes?

– E o que impedirá?

– Sua pouca idade. Nosso tio pode julgar-me oportunista, interesseiro.

– Ele o conhece bastante; jamais pensará tal coisa. Todos conhecem sua lisura e dignidade, Conrad. Não se preocupe; não existem razões para isso. Acompanha-me até lá?

– Certamente! Vim apenas revê-lo e a nossa casa!

Ao chegar à casa do tio Pepe, Justice pretende avistar-se rapidamente com a prima para regressar em seguida deixando que ela e Conrad possam ficar a sós. E assim pensando vai encontrar a moça na cozinha, dando ordens aos criados a respeito da dieta do pai. Nas mãos, uma braçada de jasmins para decorar o quarto dele que adora aquelas florzinhas brancas e perfumadas.

Ao ver Justice, corre para ele e o abraça afetuosa:

– Meu querido Justice, que bom vê-lo! Por que não fica conosco?

– E quem zelará por nossa casa?

– Poderiam vendê-la e viriam morar aqui onde ficaríamos todos juntos.

– Isso não faz parte dos nossos planos. E você como está?

– Aflitíssima por papai.

– Não perca as esperanças. O quadro ainda poderá se reverter.

– Amo-o demais para iludir-me, sinto que ele se despede...

Beijando-a no rosto e nos cabelos, Justice aconselha:

– Seja forte, Nívea. E conte conosco.

– Com o apoio de vocês, terei mais forças.

Sob pretexto de compromisso inadiável, Justice despede-se.

Aproximando-se de Conrad, absorto, Nívea quer saber:

– Meu querido Conrad, entristeceu-se?

– Não, minha cara.

– Está cansado de ficar conosco? Nós o temos prendido aqui...

– Ficar ao seu lado, querida Nívea, não é o que se possa chamar de sacrifício. É antes uma ventura.

– Está sendo sincero, Conrad?

Aproximando-se mais, Conrad confessa:

– Estou. Não consigo mais conter meu coração que explode de amor! Amo você, Nívea! Não sei como e nem quando isso aconteceu. Só sei que me sinto feliz ao seu lado e quero ficar assim para sempre.

– Conrad, suas palavras caem no meu coração como um bálsamo, fortalecendo-me para suportar a dor que em breve me alcançará... Pobre pai!

– Nívea! Jamais amei e sinto que nunca mais amarei de novo! Mas... você é tão jovem e eu, por enquanto, sem estabilidade financeira... Que pensará seu pai?

– Ficará feliz, conheço-o muito bem. Você sempre foi o filho varão que ele gostaria de ter tido. E, quanto a mim, ansiava por isso, porque eu o amo desde criança!

– E ainda é...

– Você se engana. Sou tão adulta quanto você.

– Estou brincando, não se zangue!

– Sempre vi em você o homem ideal em todos os sentidos.

Conrad, abraçando-a fortemente, apaixonado, beija-a nos lábios. Ficam enlaçados por algum tempo até que a criada avisa Nívea que o pai a chama. Despertando do enlevo, ela se precipita para o andar superior.

Controlando a emoção, aproxima-se do leito do pai que de olhos semicerrados respira debilmente.

– Nívea, quero falar-lhe, minha filha.

– Sim, pai amado.

– Ouça. Precisamos resolver assuntos relacionados aos negócios, antes que

eu me vá...

– Papai, por favor!

– Acalme-se, Nívea, e me escute. Você herdará os meus bens e a herança de sua mãe. Filha, muito em breve, você estará sozinha e preciso dar-lhe as últimas orientações para que assuma tudo com sabedoria.

A jovem cai em pranto. O pai, acariciando-lhe os cabelos, pede:

– Filha, não me tire a coragem... Conto com você. Para isso a instruí desde cedo sobre o mundo dos negócios. Confio no seu tino comercial e nessa cabecinha privilegiada... Todavia, você precisará de ajuda, adequada e fiel.

Ela sente ímpetos de interrompê-lo para inteirá-lo do seu amor por Conrad, mas cala-se, vendo o enorme esforço que ele faz para prosseguir falando:

– Filha minha, ajuizei e decidi instituir-lhe um tutor. Justice é bom, mas infelizmente não tem as qualidades morais para isso.

– Apesar disso, gosto imensamente dele, papai.

– Eu também, embora ele não acredite. Ajudá-lo-ei através de doação, senão fará o mesmo que fez com a herança de Mateus, meu querido e saudoso irmão.

– E então, pai querido, que fazer?

– Como é sabido, amo e admiro muito seu primo Conrad, identificando-lhe caráter adamantino... Ele é o filho varão que a vida me negou e ser-lhe-á proteção garantida. Nele deposito toda minha confiança. Por isso, instituí-lo-ei um dos meus herdeiros e seu protetor, até que você se case. Assim morrerei tranquilo.

Sem poder conter as lágrimas que lhe correm pela face, Nívea revela emocionada:

– Paizinho, Conrad e eu, descobrimos que nos amamos e queremos nos casar!

Pedro de los Prados, deixando transparecer toda a emoção que lhe invade a alma, exclama veemente:

– Louvado seja Deus! É a forma de Ele chamar-me em paz!

Calou-se comovido, beijou a filha e procurou repousar.

XIII

A CILADA

NA VIDA PREGRESSA de Pablo Cortez existem deslizes e contravenções, habilmente acobertados pelo seu poder financeiro.

Distante de sua vida privada, Leilah conhece tão somente o amigo, o homem solícito e jovial.

Apesar de tudo, ele é sincero e autêntico no amor que sente por ela. Deseja fazê-la feliz e a respeita profundamente. As horas vividas ao seu lado são sua única alegria. Quanto ao resto, ele vive ansioso, insatisfeito e cheio de rancor, embora tenha herdado dos pais grande legado financeiro.

Tem na casa de Leilah o seu refúgio; ali se descontrai e tece planos para o futuro. Tem investido tudo nessa esperança que agora vê ameaçada.

Em Maria encontrou a aliada ideal. Ela conseguiu-lhe o endereço daquele 'homem abominável' que ousou surgir e aspirar pelo amor de Leilah.

De qualquer maneira, ele será afastado. Não sabe ainda como, mas irá às últimas consequências.

Irascível, seus passos ecoam pesados no piso de madeira polida, espalhando o medo e a insegurança entre os seus servidores. Exerce o seu poder arbitrariamente. Transformou seu lar num lugar desagradável, soturno, que é disfarçado através de situações artificiais, engendradas por ele durante as raras visitas de Leilah à sua bela vivenda.

Pondo em ação um plano para destruir Justice, em sigilo, paga regiamente a

profissionais investigadores, que lhe rastreiam os passos no presente e no passado. Os frutos são altamente recompensadores! Ele vibra com as suas descobertas.

Jamais permitiu que Leilah suspeitasse das suas maquinações e não toca no nome de Justice, fazendo a moça pensar que ele ignora o relacionamento dos dois.

Em Justice, as esperanças aumentam quanto aos seus negócios que reativou recentemente.

Apoia fortemente a Conrad e a Nívea. Permite a reaproximação do tio, ao qual se afeiçoou novamente, com sinceridade.

Visita Leilah com frequência e nessa convivência luminosa refez-se plenamente.

A nota dissonante é Maria com quem o trato diário é cada vez mais difícil. Justice tentou conquistá-la de todas as formas, sem nenhum resultado satisfatório.

Maria, por sua vez, começa a sentir algum remorso, porque ele, na realidade, já conquistou sua admiração, mas por fidelidade a Pablo continua obstinada, incomodando o quanto pode ao rapaz que pacientemente lhe tolera as constantes hostilidades.

Leilah, ressentida com o comportamento radical da ama, afasta-se dela cada vez mais.

Apesar da vigilância cuidadosa de Maria, os dois fruem momentos deliciosos de amor. Nesse sentido, contam com a ajuda inteligente de Pedro, que vê naquele amor a compensação para os embates que Leilah tem sofrido.

Nesse momento, os dois jovens conversam e Justice lembra-se de Antero:

– Leilah, não teve mais notícias do seu irmão? Quer que eu o procure?

Com tristeza no olhar, ela entende que ele ignora os tristes acontecimentos que lhe arrebataram o querido e saudoso irmão...

– Justice, me esqueci de dizer-lhe... Ele morreu.

– E quando foi isso? – ele indaga surpreso.

– Quando você esteve ausente daqui por algum tempo. Quando esteve doente, lembra? Nós ficamos profundamente tristes e passamos a evitar comentários. Rezamos por ele todos os dias.

– Lamento tanto. Eu não sabia.

– Na ocasião, me senti muito só... Agora tenho você, Maria, Pedro e Pablo.

– O senhor Pablo é seu amigo há muito tempo?

– Sim, há vários anos e sempre está presente em todas as ocasiões difíceis, amparando-me.

Abraçando-a comovido e apaixonado, ele diz enfático:

– Perdoe-me as ausências e as falhas. Daqui para diante, estarei sempre ao seu lado. Essa posição me pertence e sou cioso dela. Não permitirei que outro a roube de mim, Leilah.

Aconchegada ao peito do rapaz, ela sussurra:

– Não me decepcione, Justice. Estou vendo partir todos os que amo. Não suportarei outra despedida...

– Eu jamais a deixarei, meu anjo – diz ele, beijando-lhe os olhos nublados de lágrimas e os cabelos perfumados.

– Justice, eu ainda não me conformo com a falta do meu querido pai. Você sabe que várias pessoas o viram morrer daquela forma cruel, sem nada fazer para salvá-lo? Não é inacreditável?!

Recordando prontamente que ainda não falou com ela a esse respeito e que teme fazê-lo, ele estremece e redargui:

– Minha Leilah, esqueça as coisas tristes da vida. Não sabemos como será o futuro. Aproveitemos o presente, sendo felizes, enquanto planejamos os nossos destinos. Entreguemo-nos à misericórdia de Deus, que nos vê tais quais somos e nos perdoa.

– Justice – diz ela, fitando-o com olhos indagadores –, por que tenho sempre a impressão de que você me esconde algo, vivendo à espera do meu perdão? Confesso que isso me aflige!

Apanhado na armadilha casual, ele fica mudo e pálido. Constrangido, olhando-a firmemente, pergunta:

– Eu poderia contar com a sua natural misericórdia, caso precisasse dela?

Libertando-se do abraço, ela responde categórica:

– Não sei! Eu preciso saber antes o que devo perdoar. Como lhe oferecer a minha natural misericórdia, como você diz, se percebo que você, não raras vezes, sente-se inseguro diante de mim? Sou mulher, Justice, e como tal temo por minha condição nesse amor. O mundo concede aos homens todas as prerrogativas, não acontecendo o mesmo com as mulheres, daí a incerteza que muita vez me envolve.

– Você já amou antes, Leilah?

– Não, jamais. Pensei até que isso não me aconteceria e me surpreendo entregando o meu coração e o meu futuro a alguém que provavelmente não conheço tanto, como seria de desejar.

– Perdoe-me isso também.

– Será minha sina ouvi-lo sempre pedir-me perdão? De que, Justice? Esclareça-me! Isso me faz mal e pode nos separar!

– Necessito antes de sua inteira confiança. Tenha paciência, querida. Quero modificar algumas circunstâncias para provar a mim mesmo que sou digno de você, para então confessar-lhe algumas culpas, cujo perdão dependerá da sua compreensão e da força do amor que diz sentir por mim...

– Como entender o que não posso sequer imaginar? Por ventura você é comprometido com outra mulher, Justice? Só de pensar fico desorientada!

– Não, não. Sou livre e totalmente seu, querida de minh'alma. Também nada fiz contra as leis dos homens, descanse.

– E contra as leis de Deus?

– Quanto a essas, todos nós tememos, porque os nossos critérios de justiça deixam muito a desejar. Todavia, sinto que Ele me aceita, desde aquele dia em que nos encontramos na igreja e decidimos o nosso futuro.

– Justice, não decidimos coisa alguma e eu não oficializarei esse

compromisso antes de saber o que me esconde. Amo-o demais para arriscar-me a outra perda.

Abraçando-a, arrebatado, ele a beija ardentemente enquanto lhe segreda apaixonado:

– Do meu amor você jamais poderá duvidar, Leilah! Amo-a alucinadamente e sem você serei infeliz! Dê-me algum tempo, por favor...

Acarinhada e feliz, ela consente:

– Está bem, eu esperarei. Oxalá aquilo que eu vier a saber seja passível de perdão e sobretudo de minha compreensão como mulher que está investindo muito nessa relação.

– E agora me dê os detalhes do que houve com seu irmão.

A moça narra-lhe tudo e, emocionando-se, chora.

Ao topar com a cena, Maria pensa:

"Ele não a fará feliz, minha filha! Eu o afastarei de você, prometo a mim mesma!"

Justice despede-se e antes de sair diz à Leilah:

– Quero convidá-la para irmos à casa de meu tio Pepe, aqui nas proximidades. Conrad encontra-se lá porque o nosso tio está bastante enfermo. Falei de você e ele demonstrou vontade de conhecer sua futura sobrinha.

– Aceito o convite. Terei muito prazer e reverei o querido Conrad.

– E conhecerá Nívea, nossa prima muito querida.

Com um toque de ciúme, ela indaga:

– Ela é bonita, Justice?

– Muito! Você verá – diz ele divertido, percebendo-lhe o sentimento –, e ficará alegre em saber que ela e Conrad se amam e pretendem casar-se, para alegria de meu tio, que adora o meu irmão. Sabendo do nosso amor ela demonstrou vontade de conhecê-la.

Respirando aliviada, Leilah exclama entusiasmada:

– Levar-lhe-ei belas flores!

– Faça isso, minha cara. Ela as aprecia e tem também um belo jardim onde cultiva perfumados jasmins, as flores preferidas de seu pai. É filha extremamente dedicada, bonita e bastante inteligente, apesar dos seus quatorze anos.

– Como é jovem! Anseio por conhecê-la!

Justice finalmente parte montado em seu cavalo. Enquanto cavalga rumo ao lar, cabelos ao vento, excitado por tanto amor, admirando a Natureza exuberante que o rodeia, espera sinceramente ser feliz com Leilah… Acelerando a cavalgada, rapidamente ele chega em casa.

Depois de acalmar-se, introspectivo, percebe que seu entusiasmo arrefecera. À ventura mesclam-se maus presságios. Sente-se ameaçado. É amado, mas a incerteza persegue-o, inexorável…

Refletindo sobre a conversa que tivera com Leilah, conclui que não deve adiar por muito tempo, as explicações que lhe prometeu. Os fatos que ela ignora poderão servir mais tarde de arma nas mãos dos seus inimigos.

Após a saída de Justice, Leilah sente-se insegura. Como é de seu hábito, ora buscando forças e inspiração. Implora proteção para seu amor.

Mais tarde Pablo chega. Com o alarido habitual, cumprimenta-a beijando-a afetuosamente no rosto. Elegante e gentil, tenta envolver a moça. Ultimamente suas visitas têm sido muito frequentes, numa tentativa de vigiá-la. Notando-a mais distante que das outras vezes, ele procura Maria, a quem pede informações.

Observando-lhes as manobras, Leilah abomina aqueles conchavos. Finge não perceber e ignora-os.

Confidencialmente, Maria fala a Pablo:

– Senhor Pablo, imagine que hoje vi os dois abraçados e logo após ela chorava! Por alguma razão que eu não entendo, ele a faz infeliz.

Colérico, ele explode agressivo:

– E que tem feito você que não os vigia melhor? Afinal, o que quer? Que eu descuide dos meus negócios e venha vigiá-la em seu lugar?

Desagradavelmente surpresa, Maria reclama:

– Senhor Pablo! Estou espantada com as suas palavras. Assim me ofende!

Controlando-se, ele tenta consertar:

– Desculpe-me. Como pode ver, eu estou desesperado. Amo demais a Leilah e estou sendo traído!

– Mas, ela ainda não é comprometida com o senhor! – diz Maria, com seus grandes olhos castanhos fixos em Pablo.

Mais uma vez ele se contém:

– É apenas uma forma de expressão, Maria. Brevemente, deverei tomar providências a respeito.

A ama sente dentro do coração uma palpitação esquisita, avisando-a de que algo está errado, de que talvez ela deva apoiar a moça, ajudando-a a ser feliz com Justice.

Pablo volta à companhia de Leilah que, no momento, trabalha com bordados. Entre seus dedos ágeis, sob seu comando criativo, a agulha sobe e desce bordando coloridos na barra de uma toalha de mesa.

– Belo trabalho, minha querida.

– Obrigada, Pablo. Ele me distrai.

– Que há? Acho-a pensativa. Noto-lhe pequenos vincos na testa...

– Estou apenas atenta ao meu trabalho.

– Conheço-a muito bem e sinto que há algo mais...

– Que talvez seja apenas do meu interesse, Pablo.

– Está armada contra mim?

Olhando-o significativamente, ela pergunta:

– Deveria estar?

– Naturalmente que não.

– O que foi perguntar à Maria? Desta vez ela não soube as respostas?

– Leilah, assim você me ofende. Não sou um menino e sim um homem de respeito...

– Que ultimamente tem se comportado bastante mal.

– Há de convir que você tem-me dado motivos para que eu fique na defesa.

– Contra mim, Pablo?

– Contra você não, formosa. Contra a presença de pessoas indesejáveis ao seu lado.

– Aqui, Pablo, é a minha casa, não a sua.

– Mas eu a amo e pretendo ser seu marido.

– Ora, esse assunto já me cansa. Não vê que eu não aceitarei esse casamento?

– Se outro não se interpuser entre nós...

– E o que há 'entre nós'?

– Afeição sólida que poderá se transformar em amor.

Suplicante, ela diz:

– Pablo, por Deus, seja unicamente meu amigo... Quem sabe meu irmão, agora que perdi Antero?...

Ele se levanta, passeia pela sala, silencioso. Não prosseguirá no mesmo diapasão.

– Está bem. E, como irmã, quer me contar algo?

– Não há nada a contar.

– Minha querida irmãzinha, quer sair comigo? Espairecer?

– Não. Obrigada.

– Então, vou indo. Vim apenas para vê-la.

– Não é preciso visitar-me tanto, Pablo. Não me sufoque com a sua solicitude...

Magoado, ele disfarça, despede-se e antes de retirar-se acrescenta:

– Posso perceber que você está mal-humorada. Quem será o culpado? Eu por certo não sou, já a encontrei assim.

Ela silencia, suspirando aborrecida. Abraçando-a finalmente, ele sai.

Cabisbaixa, Maria entra na sala e pergunta à moça:

– Leilah, minha filha, quer experimentar uns doces que fiz? Estão

deliciosos!

– Não, Maria. Obrigada.

Maria apreende naquela voz uma tristeza muito grande e fica penalizada. Sente-a muito só e lembra que não tem ouvido suas confidências e desabafos como antes.

Naquela noite, Maria desperta com o choro da moça e vai encontrá-la ajoelhada aos pés da imagem de Maria. Abraçando-a, leva-a ao leito e, cobrindo-a zelosamente, reflete e questiona a respeito de sua atuação no sentido de minimizar a carência daquela que tanto ama e a quem não está sabendo amparar.

Pablo fora muito rude. Surpreendeu-a de forma bastante desagradável... Pode observar que apesar das lágrimas de Leilah, ela mostra-se feliz quando está com Justice... O que fazer? Sua Leilah está sofrendo e sozinha!...

Durante o percurso, Pablo resolve apressar os planos que tem em mente contra Justice. Quando Leilah descobrir quem realmente ele é, sem dúvida atirar-se-á em seus braços e concordará em ser sua mulher. Assim, pensa em enviar-lhe um convite para um confronto do qual sairá vencedor. Já tem nas mãos as armas de que precisa!...

Enquanto cavalga seu belo corcel, sorri maldosamente, quando inesperadamente depara-se com um corpo caído ao largo da estrada. Desmonta e examina o corpo, constatando que aquele homem fora morto por assaltantes.

Pablo ignora que aquele corpo é do carroceiro que conduzia Antero e que o atirou à beira do caminho, doente e quase morto. Estranha coincidência...

Pablo monta de novo e segue o seu caminho. Ao chegar a Barcelona, avisará as autoridades.

XIV

UMA NOVA AMIZADE

EM DIA E hora marcados, Justice e Leilah vão visitar o senhor Pedro de los Prados. Maria negou-se a acompanhá-los.

No veículo que segue lento, eles estão abraçados e Leilah inicia a conversa, perguntando:

– Meu querido, lembra-se da outra ocasião em que estivemos a caminho de minha casa?

Amoroso, ele responde:

– E como eu poderia esquecer? Você acredita que eu já a conhecia antes daquele dia?

– A mim? De onde você me conhecia?

E Justice descreve a experiência que viveu durante o rápido entorpecimento, omitindo os fatos anteriores que teriam detonado a aparição.

Surpresa, ela indaga à queima-roupa:

– E como pode ser isso? Nunca nos vimos antes!

– Pois é. Fiquei assombrado e pensei que estivesse sofrendo alucinações. Algum tempo depois, para meu espanto, deparei-me com você, minha visão materializada, no hall do escritório do senhor de Marsilhac.

– Agora entendo sua precipitação! Essas coisas inexplicáveis também sucedem comigo e me assustam!

– Leilah, ao vê-la no escritório do senhor de Marsilhac, compreendi imediatamente que não deveria deixá-la escapar-me. Senti naquele mesmo instante que o destino colocava à minha frente a única mulher que me faria feliz.

Enlevada, ela deita a cabeça no ombro dele e suspira:

– Justice, temo o futuro. Você é tão enigmático... Será que ficaremos juntos?

– Para mim, ficar com você é tudo o que eu quero!

Avistando a casa do tio, ele exclama satisfeito:

– Veja, Leilah, já podemos divisar a propriedade de tio Pepe!

– Que beleza, Justice! Parece um pedaço do paraíso!

– Tem razão, é maravilhosa! Pena um dia termos que deixar tudo o que ficticiamente nos pertence...

– De fato, nada nos pertence.

– O amor, sim!

– Porque nos vem de Deus!

O veículo para e eles interrompem a conversa.

– Desçamos, Leilah, venha.

Auxiliando-a, seguem rumo à entrada da rica mansão.

São anunciados e Conrad, jovial, vem recebê-los, vibrando de contentamento por ver Leilah. Abraça-a fortemente, beija-a no rosto e conduzindo-os ao interior da casa, diz:

– Entrem. Venham por aqui, procuremos por Nívea.

Conrad mal termina de falar, eis que a moça surge, atraída pelo rumor de vozes.

– Justice, meu querido, que bom revê-lo! E pelo que posso ajuizar essa bela moça é Leilah.

– Sim, Nívea. Quero apresentá-las e espero que sejam amigas.

Nívea abraça Leilah, beijando-a nas faces. Ela, retribuindo, comenta:

– Estava ansiosa por conhecê-la. Justice fala demais em você, Nívea.

– Estou contente por notar que a pessoa que ele escolheu é encantadora. Contentar-me-ei daqui em diante a ser a segunda no coração dele, mesmo porque o coração que eu quero já me pertence.

Assim falando, ela olha para Conrad, que retribui o seu olhar amoroso.

– Que tal casarmo-nos no mesmo dia? – pergunta Justice intempestivo.

– Calma, Justice, ainda é muito cedo para programações dessa espécie – responde Leilah a sorrir.

Sentam-se e conversam trivialidades, bebem refrescos de frutas colhidas no pomar e deliciam-se com os doces saborosos preparados por Nívea.

– Nívea, como está tio Pepe?

– Da mesma maneira, Justice. Daqui a pouco iremos vê-lo. Agora ele dorme. Espero em Deus que desperte melhor. Quer muito conhecer Leilah.

– Terei muito prazer nisso, Nívea – diz Leilah, afável.

– Ele vai ficar muito bem impressionado com você. Eu, logo que a vi, desejei ser sua amiga, mais que isso: irmã. Já sei que não tem irmãos e nem parentes próximos, então... Nossas residências são quase vizinhas. Esse fator facilitará uma convivência bastante estreita entre nós.

– Concordo. Vem ao encontro de uma grande necessidade. Sou muito só.

Enquanto as duas se mantêm entretidas, em confidências recíprocas, Justice e Conrad se afastam abraçados para conversarem a respeito de negócios e do andamento da casa, de onde Conrad está temporariamente afastado.

– Conrad, com a ajuda do senhor de Marsilhac estou reativando aos poucos os negócios de papai e já prevejo para nós um futuro melhor, desde que tenhamos paciência e obstinação.

– Como podemos ver, Deus nos tem socorrido.

– Tem razão, Conrad.

– Com você e Leilah, está tudo bem?

– Sim.

– Ela já foi informada sobre o seu passado e sobre 'aquele dia'?

– Ainda não. Estou aguardando momento mais propício. Quero antes sentir-me mais seguro. O simples pensamento de perdê-la desorienta-me.

– Cuidado, Justice. Ela pode vir a saber por outras pessoas, tirando de você a oportunidade de explicar-se convenientemente. No seu lugar eu apressaria essa confissão.

– Ainda não tenho condições para isso, Conrad.

– Estou torcendo por você, meu irmão.

Ouvindo Nívea que os vem convidar a subir e ver o doente, calam-se.

Encontram Pedro recostado nas almofadas com amplo sorriso no rosto extremamente pálido. Ele recebe os cumprimentos e Justice lhe fala, apresentando-lhe Leilah:

– Tio Pepe, essa é Leilah, o amor da minha vida.

Estendendo-lhe os braços ele pede:

– Venha minha querida, abrace-me!

Enquanto o abraça afetuosa, ela declara:

– Sinto um prazer enorme em conhecê-lo. É como se estivesse conhecendo o pai de Justice.

– Obrigado, querida. Nós éramos muito unidos e até parecidos fisicamente. Você é muito bonita e amável. Agora entendo porque esse solteirão inveterado foi conquistado! Que sorte a dele! Parabéns, Justice!

– Agradeço-lhe, tio. Não posso negar a minha felicidade. Para começar tenho vocês como parentes, um irmão como Conrad e a adorável Leilah a quem amo. E como está o senhor? Quando sairá desse leito? Quero-o no meu casamento...

Sorrindo conformado, ele pergunta:

– Justice, teremos dois casamentos, você já sabe? – diz isso piscando o olho, enquanto observa Nívea e Conrad abraçados.

Demorando-se um pouco na contemplação deles, Pepe volta a falar:

– Justice, eu não estou muito bem: Há flutuações constantes no meu estado de saúde. Conto com Deus acima de tudo, mas creio que sair desse

leito é ilusão. Devo resignar-me e deixá-los prevenidos para o que vier a suceder.

– Acalme-se, meu tio. Deus está acima das nossas conjecturas. Espero vê-lo restabelecido dentro de breve tempo. Quero contar-lhe os meus progressos nos negócios.

– Bem, desçamos. Os grandes financistas encontram-se – diz Conrad brincando, enquanto Nívea abraçando Leilah pelos ombros convida-a a conhecer a propriedade. Têm muito a conversar.

Em poucas horas, tornam-se confidentes, como almas afins que estivessem temporariamente separadas. Leilah promete visitar Nívea mais vezes, pois esta não pode se ausentar, por causa da enfermidade do pai.

Embora não desejassem, tiveram de despedir-se no fim da tarde.

Justice, numa charrete da família, acompanha Leilah a sua casa. Dali prosseguirá sozinho até Barcelona.

Ao despedir-se da moça, beija-a ardentemente e suplica:

– Leilah, não permita que o mundo nos separe. Nosso amor está acima das misérias e das mesquinharias. Haja o que houver lembre-se de que eu a amo e amarei eternamente. Não me condene e jamais me abandone, em nome de Deus!

Um pouco assustada, ela responde:

– Justice, eu também o amo e dificilmente viverei sem você.

Abraçam-se amorosamente e se despedem.

Ele retorna triste, muito triste...

XV

PEDRO E MARIA

VALENDO-SE DA AUSÊNCIA de Leilah, Pedro procura a mulher para lhe falar:

– Maria, minha querida, estou preocupado com seu comportamento em relação à nossa menina, tão cara ao nosso coração.

– Não entendo o que está insinuando.

– Digo que você está trilhando um caminho perigoso e que Leilah dia a dia se afasta de você. Isso me entristece...

– Você está enganado. Quem a deixa assim esquisita é o senhor Justice.

– Não é verdade, Maria.

– Pedro, percebo que você confia no senhor Justice, mas ele não a fará feliz.

– Como pode afirmar tal coisa? Aliás, você quer ignorar o amor que os une por pretender casá-la com Pablo. Não vê que Leilah somente fará o que quer e se afastará definitivamente de você?

– Tento zelar pelo seu futuro! – Maria responde, exaltando-se.

– Maria, reflita e ouça a voz da consciência, a respeito de seus arroubos de mãe possessiva e um tantinho cruel.

A boa mulher sensibiliza-se e permanece calada algum tempo, como se estivesse revendo os acontecimentos passados que emergem de sua memória lentos, mas profundamente reveladores.

Mais conciliada consigo mesma, torna ao diálogo:

– Pedro, foi bom você abordar o assunto. Na verdade, Leilah está ficando ressentida comigo. Por outro lado, o senhor Pablo, pela primeira vez, tratou-me com grosseria fazendo-me pensar que o fará também a nossa Leilah...

– Mulher, ele não é o que você imagina. Se a menina gostasse dele, então nós o suportaríamos, mas não é o caso. Você precisa mudar antes que seja tarde demais.

– Creio que você tem razão.

– Precisamos, minha boa Maria, colocarmo-nos em nosso lugar e deixar a menina decidir. Em coisas do coração, não se deve interferir. A pobrezinha já tem sofrido tanto e é tão só...

– E eu estou colaborando para esse sofrimento... Oh, meu Deus, o que fazer? Já me aliei ao senhor Pablo e ele é bastante autoritário.

– Leilah jamais aceitaria alguém assim. Ela tem personalidade forte, é muito independente...

– E como eu sei disso!

– Procure reconquistá-la.

Curiosa, Maria pergunta:

– Por que você não gosta do senhor Pablo?

– Nem me pergunte, Maria.

– Você o teme ou estou enganada?

– Você não está enganada. Agora vou cuidar do meu trabalho. Pense bem, Maria, e aja com lucidez, por favor.

Maria, que há muito vive em conflito, começa a chorar baixinho. Abraçando-a pelos ombros, Pedro a beija e diz afável:

– Não chore. Não quis magoá-la, acredite. Eu a amo, Maria. Agora, vá conversar com Maria, como sempre faz. Ela aliviará o seu coração e a inspirará.

Convencida pela ternura de Pedro, ela aceita a sugestão e, depois da prece fervorosa, decide-se pela neutralidade. Não interferirá no romance de Leilah, mas não apoiará Justice e esquivar-se-á dos assédios de Pablo.

Lamenta ter-lhe dado o endereço de Justice sem saber o que ele pretende. Podendo avaliar as possíveis consequências do seu ato, fica deprimida.

Querendo afastar os pensamentos angustiantes ela prepara os vestidos que a moça gosta, faz as iguarias que ela mais aprecia, organiza os vários instrumentos de arte que ela usa e coloca fresca rosa ao lado de sua cama. "Ela ficará feliz" – pensa. – Recordando a mãe de Leilah, ela pede: "Senhora Ashram, de onde estiver entenda-me e ajude-me!"

Já mais tranquila, ela vê Leilah, que chega alegre como um pássaro, acompanhada por Justice, que após deixá-la retorna ao seu lar.

Ela vai ao encontro de Maria que, interessada, ouve-lhe o relato entusiasmado sobre o passeio, o tio de Justice e Nívea. Leilah está bela e saudável. Conclui que está sendo injusta com aquele que a deixa assim, tão venturosa.

À moça não passa despercebido que, pela primeira vez, após muitos meses, Maria está mais afável.

– Maria, querida, você está diferente! Que houve?

– Ah, menina, tome juízo, eu sempre sou assim.

– Não, Maria, não ultimamente. Que santo a transformou?

"São Pedro" – pensou Maria, rindo.

– Agora você está misteriosa, minha Maria! Não faz mal, ainda bem que você mudou, eu já não suportava mais o seu jeito arredio!

Leilah puxa-a para si e beija-a no rosto, abraça-a forte, enquanto exclama:

– Amo você, sua mulher teimosa! Você é a minha querida mãe, Maria! Seja sempre minha amiga!

– Você agora tem outra amiga, a Nívea! Arre! Que me sufoca, menina!

– É diferente, Maria! Você é mais importante para mim!

– Está bem, está bem! Agora, venha ver. Engomei três belos vestidos. Quero-a muito bonita, como sempre! Eu me orgulho de sua beleza, afinal eu a criei!

Pedro, curioso, vem ver o que está acontecendo. Vendo-as reconciliadas,

fica emocionado e sai, sem ser percebido, de volta aos seus afazeres.

XVI

O DESAFIO

Justice recebe em sua casa um convite de Pablo para um encontro em seu escritório de Barcelona com dia e hora marcados. Enquanto lê, vai-se indignando e, ao terminar, explode agressivo:

– Quem ele pensa que é? Quanta presunção!

Acalmando-se, Justice senta-se e queda-se em silêncio. Respirando fundo, volta-se para Esteban, que aguarda atento pela resposta.

– Diga ao seu patrão que vou pensar!

Ficando só, imagina o quanto Conrad poderia aconselhá-lo se ali estivesse. Ele é sempre tão ponderado...

No estado atual das coisas, quando tudo parece querer tomar rumos diferentes, o convite de Pablo não lhe agrada. Ele é um déspota e sem dúvida tenciona humilhá-lo. Por enquanto, não tem como enfrentá-lo de igual para igual.

Decide ir ao encontro de Conrad pedir-lhe ajuda.

Ouvindo-o atentamente, Conrad aconselha:

– Você não deve ir. Todavia creio que esse senhor não aceitará recusas. Pressinto perigos nesse encontro.

Após ouvi-lo, Justice acrescenta:

– Certamente o único móvel desse encontro será afastar-me do caminho de Leilah. Que acha se falar com ela a respeito?

– Pensa com acerto – concorda Conrad.

– Juntos decidiremos. Ela deve conhecer bem o senhor Pablo Cortez. Não desejo ir, mas há nessa questão outros pontos a considerar.

– A sua vaidade masculina, por exemplo.

– Que seja, Conrad.

– Cuidado, meu irmão. Ele deve estar tramando sua perda de uma forma ou de outra.

– É, eu preciso pensar. E nosso tio, como está?

– Sua saúde inspira cuidados, pobre tio Pepe. Vamos vê-lo?

Sobem ao quarto do doente e aproximando-se Justice chama:

– Tio Pepe, como vai?

– Como pode perceber, pior que antes.

– Irá melhorar de novo, meu tio.

– Não, Justice. Estou partindo.

Adiantando-se, Conrad, toma-lhe a mão e aconselha:

– Não fale muito, tio. Nós agora vamos descer para ver Nívea.

– Filha querida... Conto com sua solicitude, Conrad, para poder confortá-la.

– Querido tio Pepe, o senhor ficará bom.

Com tristeza no olhar, ele aperta a mão do sobrinho e soltando-a logo em seguida, busca repousar.

Enquanto descem, Justice indaga, interessado:

– O que diz o médico?

– Não nos deu esperanças. O coração dele está muito fraco. Não resistirá por muito mais tempo...

– Lamento tanto... Agora que poderia conhecê-lo melhor ele nos deixa. Gostaria de poder privar mais de sua companhia.

– Eu o avisei tantas vezes, Justice.

– Bem sei. Você vai ficar aqui mais tempo? Sinto sua falta.

– Desculpe, Justice. Ficarei enquanto eles precisarem de mim. Minha

presença o tranquiliza. Tenta viver por causa de Nívea. Só por ela.

– Bem, Conrad, devo ir. Irei à casa de Leilah agora mesmo. Conversaremos a respeito do convite de Pablo e então saberei o que fazer.

Justice sai bastante preocupado com a saúde do tio e com as decisões que deverá tomar.

Durante o trajeto desaba forte tempestade, obrigando-o a parar para fugir do aguaceiro.

Nesse ínterim, Pablo está batendo à porta de Leilah. Encontra-se todo encharcado. Também fora surpreendido pelo temporal e busca abrigo na casa da moça, unindo o útil ao agradável.

Maria o recebe bastante solícita e empresta-lhe roupas que pertenceram a Antero enquanto seca-lhe cuidadosamente o rico traje.

Pablo, aquecido e refeito, é conduzido por Maria à sala de pintura, onde se encontra Leilah e com ela permanece até que a tempestade amaine.

Ao sair, por pouco não se encontra com Justice que chega por outro caminho.

Pablo vai refletindo que Leilah distancia-se cada vez mais dele. Sabe o porquê e pretende mudar o rumo dos acontecimentos. Defenderá suas intenções amorosas até as últimas consequências...

Com a saída dele, Maria, já esquecida da promessa feita a Pedro, invigilante e instável, reflete sobre aquele pretendente tão rico, belo e inteligente. Sem dúvida ele fará Leilah muito feliz!

O que ameaça essa possibilidade é a presença constante do sedutor e arruinado senhor Justice de los Prados. Ele pode enganar a todos, menos a ela! Sua situação financeira não pode equiparar-se a de Pablo! E como é generoso! Há poucos instantes, antes de sair, abriu generosamente a bolsa, fazendo-a aceitar polpuda soma em dinheiro... Certamente que não poderá contar isso a Pedro, ele não entenderia!... Além de admoestá-la, provavelmente a faria devolver tão grande soma.

Pedro não consegue ver que o futuro de Leilah é ao lado de Pablo! Sim, sua

menina será feliz e rica. Terá tudo que desejar e poderá até mesmo conhecer o mundo, imagine!...

Antes de sair, Pablo confirmou mais uma vez a intenção de protegê-la e a Pedro, caso se consorcie com Leilah.

E ao lado de Justice, como será a vida de Leilah? Sendo ele um conquistador barato certamente fará dela uma sofredora!

“Pobre filha, que destino o seu coração está escolhendo!

Mas eu estou aqui para protegê-la e ainda vou conseguir provar-lhe que o senhor Justice é um farsante! Prometi a sua mãe, minha querida Caroline, que a defenderia e vou fazê-lo, custe o que custar! Você, minha querida é ainda muito jovem e não conhece a vida!...”

Enquanto pensa em tudo isso, ouve a sineta da porta e vai atender alegre, julgando que Pablo retornara por alguma razão.

Ao deparar-se com Justice, indaga bastante contrariada:

– O senhor? O que deseja?

– Falar à Leilah, Maria – responde ele delicadamente.

– Perde seu tempo. Ela não está. Saiu com o senhor Pablo e provavelmente demorarão. Quando estão juntos, esquecem-se do tempo.

Mesmo conhecendo a parcialidade de Maria, Justice sentiu o ciúme atenazar-lhe as fibras mais profundas. Fica sem saber o que fazer. A ama é uma barreira intransponível.

Impaciente, ela indaga:

– Que mais deseja? Seja breve, por favor, tenho afazeres urgentes.

– Quando Leilah regressar, diga-lhe, por favor, que desejo falar-lhe com certa urgência.

– Está bem, eu direi – mentiu Maria.

Simulando ir-se embora, Justice, sem ser notado, permanece nas redondezas, esperando em vão por Leilah.

Após longo tempo, cansado, desiste e se vai.

Ao ver Maria entrar, a moça perguntara-lhe curiosa e intrigada:

– Você falava com alguém, Maria?

– Com um bêbado que vendia vasos ornamentais.

– Com este tempo? Estranho... Que pena! Pensei ouvir a voz de Justice...

Gotículas cristalinas de chuva batem e escorrem pela vidraça desviando a atenção do que Leilah está fazendo. Ela gosta de chuva; as tempestades fazem-lhe bem, parecem lavar-lhe a alma.

Cuida, ela mesma, com carinho de suas plantas, revolvendo-lhes a terra, adubando-as com as próprias folhas, transplantando as mudas para vasos dos mais diferentes tamanhos.

O resultado dessa dedicação não se faz esperar; o colorido e o perfume tornam esse lugar cheio de alegria e paz onde Leilah se refaz das lutas diárias, medita e conversa com Deus.

Julgara ouvir a voz de Justice, porém Maria dissera-lhe ter sido um vendedor...

Olhando através da vidraça as nuvens escuras e a chuva fina e constante, Leilah relembra o irmão. A natureza parece pranteá-lo; recorda Pablo entristecido e lamenta não lhe corresponder aos anseios. Seus sonhos, somente o ser amado poderá concretizar.

Cessando a chuva e voltando de suas reminiscências, retira-se da estufa e vê Maria ajoelhada, a rezar diante da imagem.

Observa-a e sem saber por que ela lhe parece culpada.

Sorrateira, vai até a porta da rua na esperança de ver Justice chegar.

Ele, por sua vez, já em casa, enciumado e infeliz, decidiu não mais falar com Leilah a respeito do convite de Pablo.

Com a descoberta dos documentos, o auxílio do tio, os novos princípios abraçados e a vontade que agora lhe impulsiona o íntimo, refará a sua vida e poderá, com certeza, aspirar o amor de sua pretendida.

XVII

O CONFRONTO

Alguns dias depois, Justice muda de opinião e por despeito aceita o convite de Pablo. Julga por bem definir posições. Somente assim, livre de ameaças ou empecilhos, conseguirá ter paz para amar Leilah.

Sem refletir um pouco mais, contrata um mensageiro para levar a Pablo a sua resposta afirmativa, aceitando a data, o horário e o local.

Entre ansioso e inseguro, às vezes introspectivo e sombrio, não tem recebido nem dado notícias aos seus em Santo Antônio de la Sierra para não preocupá-los com a sua decisão que, de fato, é rematada loucura.

O que esperar de um homem autoritário e violento como Pablo? Entretanto, aguarda do rival um comportamento civilizado. E assim se prepara emocionalmente para o confronto que espera seja simplesmente verbal.

Pede coragem a Deus e sente o coração a lhe segredar que deve recuar, que é mais prudente deixar o orgulho de lado e prosseguir ao lado de Leilah, confiando no futuro. Afinal se amam e o que mais lhe pode interessar?...

Não! Sua vaidade de homem diz que deve enfrentá-lo, fazê-lo entender quem é quem e impor-se dignamente, defendendo os seus mais lídimos direitos de homem apaixonado, terminando de vez com essa situação deprimente.

Se Pablo, como é provável, ignora o seu passado, não terá como atacá-lo.

Atualmente, tem primado pelo bom senso, afastando-se definitivamente da vida boêmia que sempre levou (se bem que os antigos camaradas e as mulheres levianas de antes veem tentando desmoralizá-lo ante a sociedade). Leilah encontrará nele um marido amante e virtuoso.

Justice acredita que resolverá todos os problemas atinentes ao caso em questão.

Planeja visitar Leilah somente depois do referido encontro, porque não conseguiria esconder-lhe os seus propósitos e ela fatalmente o faria mudar de ideia, afastando a oportunidade de um definitivo acerto de contas.

Dias antes, passa horas inteiras no escritório de seu pai, ocupando-se da reorganização de antigos documentos e de tudo que diz respeito aos negócios. Deixando tudo em ordem, Conrad encontrará facilidade, caso necessite consultá-los.

Sente-se oprimido. Parece-lhe carregar grande peso...

O referido encontro incomoda-o demais. Nunca fizera coisa parecida. Contraria os seus princípios. Em verdade sente-se bastante mal.

Ao levantar os olhos, observa na parede o retrato do pai. Demora o olhar nele com reverência, em pensamentos de amor, respeito e saudade. Há nele um remorso por tudo que lhe fez em vida. Deveria ter-lhe sido o braço direito, entretanto...

Sacode a cabeça para desanuviar os pensamentos.

Recosta-se na cadeira, sente-se amolentar e cochila.

Logo desperta assustado, com as têmporas latejando, o coração batendo descompassado como se tivesse enfrentado grave perigo...

Lembra-se do convite de Pablo, retira-o do bolso e entende a razão da própria ansiedade.

Seu pai tê-lo-ia alertado sobre algo?

Volta-se agora para o retrato de sua querida mãe, a bela Lisbeth, que foi feliz com Mateus até que, perdendo todo senso de realidade, desequilibrada, perdera a vida de forma tão trágica...

Justice de nada se recorda, era muito pequeno.

Fica admirando a beleza da mãe e gostaria de tê-la agora...

Em parede contígua, o retrato de sua madrasta, Felícia, a mãe de seu irmão. Foi-lhe amorosa e dedicada, tratando-o com o mesmo amor que dedicara a Conrad. Enquanto a teve, amenizou seu temperamento libertino. Ela o aconselhava, alertando-o para o perigo da vida que ele começava a assumir. Tem dela recordação terna. Conrad herdou-lhe as qualidades morais.

Quando ela partiu para sempre, Mateus experimentou mais uma vez a perda da felicidade conjugal.

Suspirando, retorna à tarefa interrompida.

O bom senso o avisa do grande perigo que corre indo àquele encontro. Gostaria que já tivesse ocorrido. Quer ver-se livre o quanto antes.

E assim, vivendo insone e ansioso, em lamentável estado de corpo e alma, vê chegar o dia combinado.

Levanta-se cedo, faz ligeiro desjejum, prepara-se com esmero.

Procura entre os seus pertences sua refinada bengala encastoada de prata. Não a encontrando, desiste e parte rumo ao escritório de Pablo.

Ao avistar a rua e o elegante edifício, é tomado por um mau pressentimento e ensaia desistir, mas reage imediatamente a uma atitude que considera covarde. E prossegue em direção ao prédio.

Seus passos repercutem na rua silenciosa, tétricos.

Enfim chega. Olha em volta e entra. Um frio lhe percorre a espinha. Sobe os degraus e vê-se diante de amplo e luxuoso hall, onde Esteban faz algumas arrumações.

Notando-o, ele lhe pede que se sente e aguarde, enquanto vai anunciá-lo. Percorrendo o ambiente com os olhos, Justice pode aquilatar o poder aquisitivo daquele homem que o espera para disputar o amor de sua querida Leilah, revoltando-se diante do pensamento.

Esteban retorna, pede que o siga e após atravessarem comprido corredor

em mármore chegam ao limiar de uma sala de espera menor e mais rica do que tudo o que já vira. Imagina estar num palácio real.

Batendo suavemente na porta aberta, Esteban convida Justice a entrar, o que ele faz altivo e prevenido.

Pablo, sentado em riquíssima poltrona de veludo carmesim, sem tirar os olhos dos papéis que assina ininterruptamente, diz soturno:

– Seja bem-vindo, senhor Justice de los Prados. Sente-se e dê-me apenas alguns instantes.

Justice se mantém de pé, ignorando o tom imperativo na voz do rival.

Pablo sorri sarcástico após olhá-lo ligeiramente e lhe diz:

– Sente-se, por favor. Não me demorarei. Estes assuntos são extremamente urgentes. Permita-me.

Justice senta-se e observa curioso e detalhadamente todo o local, sem perceber que Pablo o examina, dissimulado, com um fino sorriso nos lábios.

Após alguns minutos, que a Justice pareceram horas, Pablo chama o empregado, entrega-lhe todos os papéis e ordena que vá despachá-los pelos Correios e que depois vá para casa, porque não mais precisará de seus préstimos. Surpreso, o criado balança afirmativamente a cabeça, olha para Justice parecendo lamentá-lo e sai finalmente, fechando a porta atrás de si.

Pablo, silencioso, terminando de guardar e trancar nas gavetas alguns papéis e documentos que continuaram sobre a mesa, olha para Justice, levanta-se e fala:

– Perdoe-me a espera. Tenho negócios que me envolvem demais. Sou muito ocupado.

Caminhando em direção a um aparador, onde copos e garrafas refletem um belo colorido sob o efeito da luz que neles incide, pergunta:

– Deseja beber algo? Tenho aqui o que quiser, as melhores bebidas do mundo. Algumas são o verdadeiro néctar dos deuses!

Desagradavelmente impressionado, Justice responde irônico e contrariado com tanta ostentação:

– Não desejo beber e quero esclarecer que também fui tirado das minhas ocupações e finalmente lembrá-lo de que não foi ideia minha este encontro.

Sentando-se de novo, Pablo encara-o fixamente e redargui:

– Naturalmente, sei que fui eu quem o convidou. Era-me indispensável conversar a respeito de um assunto, que para mim tem muita importância, senhor Justice.

– Não vejo que assunto podemos ter em comum, francamente.

– Pois se engana. Nós temos.

– Seja mais objetivo – pede Justice, impaciente.

– Bem, irei direto ao assunto. Desejo falar a respeito de Leilah.

Ao ouvir o nome da moça, Justice explode:

– Pelo que sei, este assunto só pertence a mim, pois que nos casaremos brevemente!

– Engana-se novamente, senhor Justice. O que desejo esclarecer é justamente isso. Eu me casarei com Leilah! E isso já estava decidido bem antes que o senhor surgisse em nossas vidas!

– Decidido por quem?

– Por mim e por ela...

– Não acredito. Mesmo não lhe dizendo respeito, vou-lhe informar que a senhorita Leilah Ashram aceitou-me como seu noivo e em breve nos consorciaremos. Portanto essa conversa é perfeitamente dispensável e, se me permite, despeço-me agora – diz Justice mais controlado, fazendo menção de sair.

Adiantando-se em sua direção, Pablo o detém e ordena enérgico:

– Fique! Ainda tenho muito a dizer-lhe. Aconselho-o a sentar-se, o que farei também.

Justice percebe que Pablo agora se revelará tal qual é. Senta-se e aguarda.

Abrindo uma das gavetas da sua rica escrivaninha, Pablo vai colocando sobre ela, diversos papéis que passa a ler devagar, pausadamente. São nomes de credores bem conhecidos de Justice.

A cada nome, Justice empalidece e, com dificuldade, indaga:

– Onde deseja chegar, senhor Pablo? Qual é a sua verdadeira intenção?

– Demonstrar que o senhor não tem condições morais para aspirar à mão de Leilah!

– Isso nada prova – blefa Justice –, são papéis antigos já devidamente saldados!

– Mente, senhor Justice! – diz Pablo, ameaçador. – São recentes e o senhor sabe disso! Sua vida é uma ruína financeira e moral!

– Como pode afirmar isso?

Abrindo uma pasta sobre a escrivaninha, ele folheia devagar, desesperadamente devagar para Justice, e passando os olhos sobre as folhas vai lendo trechos aqui e ali, da narrativa do comportamento de Justice nos cassinos, nas mesas de jogo, em bordéis, em escritórios de cambistas...

Pálido de cólera, surpreendido tal qual uma criança, Justice intervém:

– Basta, senhor Pablo! O senhor não tem esse direito!...

– Tenho sim! Porque um crápula como o senhor se arroga no direito de roubar-me a noiva!

– Ela não é sua noiva. Nunca foi! E fique sabendo de que esses papéis condenatórios fazem parte de um passado que eu abomino e para o qual há muito virei as costas, tentando me redimir e merecer a mulher que eu amo e que corresponde plenamente a esse amor!

– Quando eu lhe apresentar esse 'belo dossiê' ela ficará bastante decepcionada! Provavelmente nunca mais desejará vê-lo de novo!

– O senhor julga muito mal a mulher que diz amar e por quem tem sido rejeitado sempre! Leilah é 'minha' noiva e nem o seu ouro de Midas poderá mudar isso! Com todo o seu poder e orgulho foi preterido por alguém que não faz parte do seu reinado podre, mas que almeja fazê-la feliz com um amor verdadeiro e eterno! Mulher sensível como é, poderá aquilatar isso e estaremos imunes ao veneno que possa destilar sobre nós. O nosso amor é e será sempre mais forte que a sua prepotência!...

Justice, indignado e trêmulo, aperta as mãos fechadas fazendo as unhas ferirem as palmas de suas mãos. Naquele momento dá-se conta do imenso amor que sente por Leilah. Por ela será capaz de tudo.

Pálido e encolerizado, Pablo ouve tudo e replica furioso:

– O senhor é quem se engana! Tudo farei para separá-los e sequer terei remorsos, pois ela merece alguém melhor!

– Merece com certeza ao senhor! Ora não me faça rir! Antes que eu surgisse, ela já o tratava simplesmente como bom amigo, qualificação que somente aceitarei depois da de 'homem amado'!

Pablo descontrola-se, cerra os punhos e parte para cima de Justice e bem próximo lhe grita:

– A sua situação financeira não será obstáculo para conquistar Leilah, todavia, Don Juan, sua vida sentimental pregressa, esta sim! Conheço-a bastante bem para saber que jamais o aceitará! Ela prima pela moral e pela justiça!

– Veremos, senhor Pablo Cortez! Confio no nosso amor e na determinação que imprimi em minha vida. Ela saberá dar valor ao meu esforço verdadeiro! Afaste-se dela e não se arrogue de direitos sobre ela porque essa afirmação soa falso como o seu caráter que não conhecemos na verdade, mas deve esconder muito lixo! Mas fique tranquilo, tenho ocupações mais urgentes que vasculhar a podridão de falsos moralistas como o senhor! Não perco o meu tempo senão com o que realmente me interessa! Passe bem! – Vira-se e caminha decidido, em direção à porta.

Enfurecido, Pablo alcança-o, segurando pelo braço com selvageria. Joga-o sobre a cadeira e diz fora de si:

– Eu ainda não acabei, fique aí e me ouça! Ordeno-lhe que se afaste dela, do contrário eu acabo com a sua vida!

Desvencilhando-se, Justice responde:

– Pois faça-o! É a única forma de afastar-me! Não é valente? Prove! – Tão revoltado está que sem esperar outro ataque, dirige-se de novo para a porta.

Pablo, tal qual um tigre, atira-se sobre ele e joga-o no chão. Justice levanta-se e defronta-o, surpreso com tanta violência.

– E então? Fará o que ordeno? – indaga Pablo, cheio de ódio.

– Jamais, senhor Midas! – responde Justice irônico, tentando sair dali, pressentindo grave perigo.

Novamente Pablo o alcança e o agride, atingindo-o em plena face. O sangue jorra-lhe dos lábios e ele se defende como pode do outro, que age de forma enlouquecida.

Lutando corpo a corpo, eles caem sobre os móveis. Copos e garrafas quebram-se no chão, espalhando cacos e bebidas no belo piso.

Os papéis dispersam-se e os dois resfolegantes, ora atracados, ora livres, esmurram-se como dois selvagens.

Num relance, Justice percebe, horrorizado, Pablo retirar da cintura o punhal, erguê-lo ameaçador em direção ao seu peito e logo a lâmina brilha ofuscante diante dos seus olhos arregalados.

Como num sonho, ele agarra fortemente o pulso do rival, mantendo-o inerte no ar, livrando-se do golpe fatal.

Pablo reage violentamente, medindo forças que se equilibram. O impasse é aterrorizante.

Com um forte movimento, Justice torce o braço de Pablo fazendo o punhal voar em arabescos, caindo no chão, onde tinindo tetricamente vai acomodar-se num canto da parede.

Pablo, olhos coruscantes de ódio, perdendo a arma de vista, agarra violentamente o adversário pelo pescoço e, apertando-o desvairado, tenta arrebentar-lhe o crânio de encontro à pesada escrivaninha de carvalho.

A uma reação desesperada de Justice, ele falseia o pé, gira nos calcanhares e bate com a nuca na quina da referida mesa. Cai e aquieta-se...

Justice, julgando-o desacordado, caminha cambaleante e ferido.

Com muito sangue a escorrer-lhe do rosto, antes de sair, lava-se ligeiramente e recompondo-se um pouco, ganha a rua onde chama um

coche que passa, enquanto tenta estancar o sangue pertinaz.

Dentro do coche, sente dores terríveis por todo o corpo. Dá o endereço de sua casa ao cocheiro e recai sobre o assento.

O homem, desconfiado, guarda o endereço e as feições daquele estranho passageiro. Sente que ali há algo de grave que poderá valer-lhe futuramente. "Afinal sou pobre como Jó..." – pensa.

Parando o veículo, o cocheiro avisa da chegada. Justice ainda atordoado, paga-lhe e entra em sua casa deparando-se com Conrad, que preocupado com sua ausência viera procurá-lo.

– Justice, meu irmão, que houve? – grita assustado, vendo Justice em estado deplorável.

Ao revê-lo e ao tentar explicar, Justice, sob forte emoção, desaba desacordado, sobre o chão de mármore...

Conrad, com a ajuda da criada, levanta-o, acomoda-o num sofá e em seguida manda buscar o doutor Pablo Luna, o que a mulher faz bastante assustada.

Ficando sozinho, Conrad aproxima-se do irmão e começa a limpar-lhe os ferimentos, enquanto diz de si para si:

– Oh, Deus, socorrei-nos! Salvai esse irmão amado, em nome de vosso filho, Jesus! – e abraça-o ternamente, tentando alentá-lo.

Logo o médico chega, faz os exames de rotina e, após os curativos necessários, recomenda-lhe repouso. Com a ajuda de Conrad, leva o rapaz para o leito, ministra-lhe pequena dose de sedativo e informa que retornará pela manhã do dia seguinte.

Justice dorme. Ao despertar pela manhã, quando está narrando ao irmão os acontecimentos de que fora vítima, a campainha do portão soa e Conrad, ao atender, surpreende-se com os policiais trazendo uma ordem de prisão para Justice.

Sorrateiramente, o cocheiro vendera as informações, podendo ser visto, todo sorrisos, contando as moedas que conseguira.

Os policiais comunicam que Justice está sendo acusado do assassinato de Pablo Cortez. Todas as evidências são contra ele. Como se encontra sob cuidados médicos, os policiais ouvem-lhe o depoimento e intimam-no a apresentar-se à delegacia no dia seguinte.

Com a saída deles, Justice, chora amargamente, amparado por Conrad, que igualmente pranteia a tragédia estabelecida pela imprudência daquele querido irmão. Um silêncio de morte cai sobre aquele lar...

*

DIANTE DA 'CENA do crime', está um dos irmãos de Pablo, cego de ódio tramando planos cruéis de vingança.

Ele divisa, caída a um canto, a pequena joia mortífera cravejada de brilhantes...

Analisando-a morbidamente, esconde-a no bolso do colete.

A rara peça artesanal com as iniciais de Pablo Cortez certamente revelaria a habitual agressividade do irmão.

De fato, ele a portava sempre e por várias vezes. Participando de refregas, usou-a para ameaçar ou ferir.

Nesse propósito, reúne a família e instrui os advogados, nem sempre escrupulosos e comprados a peso de ouro:

– Raciocinemos juntos como os fatos se sucederam: ao ver-se preterido por Leilah, futura esposa de Pablo, Justice desesperado foi ao escritório dele e desafiou-o com o comportamento sem classe que lhe é próprio.

Não conseguindo convencê-lo a abrir mão de Leilah, incapaz de outra argumentação, esperou que ele se distraísse e golpeou-o pelas costas (sim, porque frente a frente, ele não conseguiria! Pablo era um tigre!). Deve ter usado para isso provavelmente aquela bengala encastoada de prata que complementa sempre o seu traje.

Antes de sair, para despistar a polícia, quebrou tudo, revirou os papéis e espalhou os documentos, simulando assim um provável roubo.

Não podemos perder de vista aqueles que fizeram a análise técnica do local. Com eles também nos entenderemos, sem dúvida.

E assim, faremos justiça! Vingaremos o nosso querido Pablo, que certamente de onde estiver nos secundará!...

Outras providências serão tomadas para incriminar Justice e levá-lo à pena capital. Não será difícil, levantar provas contra um homem de vida irregular, arruinado financeiramente...

A imagem de Pablo, como homem de negócios atuante e útil à sociedade, será preservada, permanecerá impoluta, enquanto a de Justice, será enlameada, rotulando-o de imoral, de *persona non grata*, decorrente do seu comportamento, estroina e irresponsável...

Sem remorsos, os familiares concordam unânimes. Afinal, são a parte ofendida, prejudicada, tornando-se muito fácil manipular e comover a opinião pública.

Com os recursos financeiros que possuem esmagarão Justice!...

XVIII
CONSEQUÊNCIAS

A NOTÍCIA DA morte de Pablo deixou Leilah inconformada. E, ao saber que Justice o assassinara, caiu como fulminada, sentindo-se o médico da família quase impotente para recuperá-la do trauma sofrido.

Todavia, aos poucos a moça se refaz e alguns dias depois, acompanhada de Pedro, vai à casa de Justice, onde a criada lhes informa da sua prisão e entrega-lhe um lacônico bilhete escrito por ele antes de sair:

"Querida Leilah,

Amor da minha vida.

Sou inocente, acredite.

Deus nos favorecerá e ainda seremos felizes.

Perdão por trazer-lhe sofrimentos.

Amo-a.

Espero vê-la em breve e então me explicarei.

Sempre seu,

Justice de los Prados"

Depois de lê-lo, mantendo-o apertado em uma das mãos, ela regressa à casa, triste e sem saber como ajudá-lo.

Sem notícias de Conrad, decide procurá-lo na casa de Nívea e vai em companhia de Maria.

Na mansão de Pedro de los Prados, Leilah chora copioso pranto nos braços

de Conrad, que lhe acaricia os cabelos e aguarda que ela se acalme.

Nívea aproxima-se e segurando-a suavemente pelo braço, leva-a a sentar-se. Pede à criada para trazer um calmante que a moça toma com dificuldade, tal o seu descontrole nervoso.

Maria, ao vê-la frágil, compadece-se e sem analisar a sua participação nos acontecimentos, volta-se contra Justice, para ela o único responsável pelo sofrimento de Leilah, alegrando-se com seu afastamento que considera providencial. Gostaria de dizer à Leilah palavras de conforto, mas não consegue. O destino estendeu mão implacável sobre a vida de sua menina mais uma vez.

Em conflitos constantes, ela muda rapidamente os seus pensamentos. Refletindo melhor, agradece à Maria a existência de Conrad e Nívea em ocasião tão difícil.

Deplora a morte de Pablo, mas vê no trágico acontecimento uma terrível lição. Lamenta Leilah preferir a ajuda de estranhos por não mais confiar nela. Mas dá-lhe razão, pois sempre fora hostil em relação ao seu namoro com Justice. Constatando agora o sofrimento de Leilah, pode aquilatar a força do seu amor por aquele homem. Esforçar-se-á para recuperar o amor e a confiança de sua menina. Rogará à 'Virgem de Macarena' os meios de que precisa...

Ouvindo Nívea encaminhar Leilah para repousar (o que faz evitando que o pai a veja e suspeite de que lhe ocultam as tristes ocorrências), pede licença e a acompanha. Enquanto a moça adormece, ela, ao lado, ora em silêncio maternal.

Leilah, fechando os olhos, estende-lhe a mão, conciliada.

Comovida, Maria roga aos céus para aquele pesadelo acabar.

Passadas duas horas, Leilah, mais calma, quer decidir junto aos amigos os rumos a tomar. Vai-lhes ao encontro e depois de agradecer-lhes o apoio, silencia mortalmente abatida.

Conrad intervém solícito:

– Querida amiga. Estamos transtornados com esta situação tão desastrosa e temos tido pressentimentos sombrios. Desculpe-nos a sinceridade. Todos o amamos e tememos pelo seu futuro. Além de rogarmos ao bom Deus a ajuda necessária, movimentaremos todos os recursos possíveis para libertá-lo...

– Conrad, você o tem visto? – indaga ela, ansiosa.

– Não. Ainda não conseguimos permissão para isso.

– E então como obter informações?

– Já entramos em contato com um advogado bastante competente, amigo de meu pai. Encontra-se no momento em Granada, mas já foi informado do caso e prontificou-se a estudá-lo logo que chegue, daqui a alguns dias – diz Nívea.

– O mais urgente no momento é conseguirmos autorização para visitá-lo – esclarece Conrad.

– Você sabe como ele se encontra? – indaga Leilah.

Conrad responde desanimado:

– Eu tenho ido à prisão diariamente levar-lhe alimentos e roupas, mas visitas não são permitidas, talvez porque a poderosa família de Pablo esteja movendo céus e terra para tornar pior a situação de Justice.

Conrad se emociona e silencia, incapaz de prosseguir. Nívea o abraça carinhosamente enquanto lhe diz:

– Confiemos, meu amor. Deus tudo vê e nos socorrerá. Tudo isso há de passar... Recordemos da necessidade de resignação dos testemunhos. Tenhamos fé...

Mais confiante Leilah retorna à casa com Maria.

Conrad e Nívea vão ao encontro do doente que os interroga a respeito da prolongada ausência de Justice. É informado de que ele está viajando a negócios, mas que regressará brevemente.

Observando Conrad com mais atenção comenta:

– Conrad, noto-o extremamente abatido e sem a alegria habitual. O que há?

– Não se preocupe, tio Pepe. Estou um pouco adoentado, mas deve ser algo passageiro.

– Cuide-se bem, meu rapaz. Olhe que Nívea conta com você e seu amor. Meu espírito só repousará sabendo-a amparada por você.

– Estaremos todos bem, querido tio. Agora repouse. Obedeça aos que o amam. Queremos que fique conosco por muitos anos.

O senhor Pedro chama o rapaz para mais perto de si e fala:

– Aproxime-se mais e ouça: posso sentir que vou deixá-los brevemente. Apresse o noivado para que eu parta em paz. Quanto ao casamento, sem dúvida, eu assistirei lá do alto com Deus.

– Farei o que me pede, tio, mas não pense assim. Realizaremos uma cerimônia simples, devido ao seu estado de saúde.

– Obrigado, Conrad. Confio plenamente em você.

– Agora repouse. Por favor!

Atendendo ao apelo, ele se deita, visivelmente cansado, respirando com dificuldade.

Nívea percebeu que, aos poucos, ele se despede... Gostaria de deter o tempo que se escoa, célere, contínuo... Os fatos sucedem-se ininterruptamente. Nos próximos dias completará quinze anos e já se sente adulta. Pudesse trocar sua felicidade pela vida do pai e não vacilaria.

A situação desastrosa de Justice preocupa a todos, que temem o pior. A família de Pablo não aceita as explicações dele e persiste, unida, no propósito de vingança.

XIX

NA PRISÃO

Sem receber visitas, nem notícias, a não ser as que ouve dos carcereiros, homens cruéis e insensíveis, o estado de espírito de Justice é péssimo.

Dois advogados, de rostos patibulares, compareceram a sua cela e interrogaram-no horas seguidas até a exaustão, para induzi-lo à confissão de um crime que não cometeu. Pressionaram e ameaçaram-no veladamente com prováveis torturas físicas, pois as da alma ele já as padece.

Deitado sobre uma enxerga, ainda se ressentindo dos ferimentos sofridos na luta com Pablo, recorda-se várias vezes de tudo e conclui que sua culpa se resume em ter comparecido àquele encontro fatal.

Lamenta a morte daquele homem cheio de vida e de confiança no futuro. Não consegue odiá-lo. Em seu coração nunca houve lugar para o ódio.

"E Leilah, que juízo estará fazendo de mim? Terá recebido o meu bilhete? Como terá reagido à notícia? Afinal Pablo era o seu mais caro amigo!..."

Essas incertezas acompanham-no em sua solidão.

"Como estará Conrad? Pobre irmão; deve estar triste e desorientado. Não me permitem ao menos vê-lo..."

Adormece várias vezes, pela fome e pelo cansaço. É despertado pelo carcereiro que, aos gritos, anuncia a refeição. Ele se esforça para comer. Quer manter-se vivo.

Dois dias após a visita de Leilah, Pedro de los Prados entrega-se a Deus,

deixando todos consternados. Nívea é o retrato da dor.

Após as exéquias, Leilah permanece ao lado dela por vários dias enquanto Pedro e Maria retornam para casa.

Nesse meio tempo, o advogado, doutor Carlos Lombardi, chega de Granada.

Além de cuidar do caso de Justice, regulamentará o testamento do seu cliente e saudoso amigo Pedro de los Prados. Lamenta não tê-lo alcançado com vida para despedir-se.

Para começar suas funções, dirige-se com Conrad à prisão onde, graças à autoridade que representa, conseguem entrar sem dificuldade.

Sentado, com a mão no queixo, pensativo, Justice, ao ver Conrad, levanta-se indeciso, julgando estar sonhando.

Conrad corre para ele e abraçam-se saudosos. Em seguida, a uma observação mútua, Justice reprova o irmão:

– Conrad, como se abateu! Você me preocupa...

– E você? – indaga Conrad, em tom de brincadeira. – Acredita-se melhor? Onde aquela elegância refinada?

Rindo, Justice pergunta ansioso:

– E Leilah, como está? Condena-me ou não?

– Sofre por você como todos nós, Justice. Recebeu o seu bilhete e esteve doente. Ela o ama. Não veio vê-lo porque não lhe foi permitido.

– E Nívea? E tio Pepe?

– Estão bem.

Conrad omite a morte do tio para poupar o irmão de novo sofrimento.

O advogado que se mantivera afastado, aguardando que conversassem, pigarreia e Conrad apresenta-o:

– Justice, esse é o doutor Carlos Lombardi, advogado dos mais conceituados em toda Espanha. A família de Pablo subverteu a ordem com o poder financeiro que possui prejudicando você...

– E como fazer para acreditarem que não tive intenção de feri-lo sequer?

Ele sim me atacou brutalmente, vindo a sucumbir por sua própria violência.

– O doutor Lombardi aqui está para esse mister. É advogado de Nívea e tudo fará por você, confie.

– Alegro-me sobremaneira por conhecê-lo, doutor Lombardi. Finalmente vislumbro esperanças de liberdade, graças a Deus! – Voltando-se para o irmão, lamenta. – Ah, Conrad, é um tormento estar preso aqui. Os raios de sol atravessam com dificuldade as grades das janelas e o ar é irrespirável... A comida horrível, os carcereiros agressivos... e as saudades?...

– Tenha paciência, Justice. Tudo faremos para que saia daqui o mais breve possível. E, a propósito, meu irmão, pelo que vejo não recebe nada do que lhe trago! Tratantes, me pagarão!

– Calma, Conrad. Eles só atendem a quem lhes dá propinas. E bem altas. Posso deduzir que obedecem ordens para torturar-me. Quando lhes peço algo, riem diabolicamente, mas quando da presença dos advogados da família Cortez tornam-se extremamente servis... Não se queixe. Se puder recompense-os por cumprirem com as suas obrigações mais simples... É assim que funciona. Esse mundo nós ignorávamos, Conrad...

– Entendi, Justice.

O doutor Lombardi acrescenta:

– Senhores, lamentavelmente, na face da Terra, os próprios homens são os carrascos dos seus semelhantes. Agora, à frente do caso, mudarei a direção dos ventos. Já chegamos aqui. Melhoraremos as condições durante a sua permanência neste recinto. Enquanto isso, peço-lhe que narre tudo que aconteceu sem omitir o menor detalhe, mesmo que lhe pareça sem importância.

Ciente de tudo, o doutor Lombardi informa que irá ao fórum entender-se com os advogados de acusação.

Antes de se retirarem, Conrad deixa material para Justice escrever para Leilah e explica-lhe que na manhã seguinte virá buscar a correspondência, trazer-lhe o necessário para um relativo conforto e também 'gratificações'

para os carcereiros.

Mais tranquilo, Justice, naquela noite, dorme melhor e em sonhos sente-se aconchegado ao colo de sua mãe. Na realidade, ela ali se encontra, reconfortando-o nestes momentos dolorosos.

Do invisível tem zelado pelo filho amado e vê com alegria os planos de casamento dele com Leilah, pois nesse amor ele se redimirá dos erros, se lhe derem tempo. Tem inspirado a alguns familiares de Pablo a piedade e o perdão, mas sabe ser tarefa difícil porque o orgulho e o egoísmo os dominam. Enfim, planeja, com a permissão de Deus, todos os meios possíveis para ajudá-lo. Pena ele não tê-la atendido quando lhe sugeriu intuitivamente que não comparecesse àquele malfadado encontro.

Agora, aconchegado ao seu coração materno, tal como se fosse ainda criança, ele dorme, refazendo em parte as energias e fortalecendo-se para os dias que virão...

XX
REVELAÇÕES

Percorrendo todos os caminhos possíveis para ajudar o irmão amado, Conrad acha por bem sensibilizar o coração dos adversários que estão criando os mais variados obstáculos e exigindo uma justiça conforme os seus critérios.

O competente doutor Lombardi vem encontrando dificuldades no prosseguimento das sindicâncias devido às barreiras levantadas propositadamente pelos familiares de Pablo, mais especificamente por um de seus irmãos que, inconformado, quer ver Justice condenado à pena máxima, ou seja, à execução.

Conrad, desesperado, decide ir falar-lhe em particular.

Leilah, compartilhando-lhe o sofrimento, acompanha-o ao lar do senhor Cortez, onde são recepcionados com frieza e olhares rancorosos.

O senhor Cortez é idoso, elegante e de fino trato. Ele aparece no requintado salão e cumprimenta afetuosamente a moça, enquanto esquadrinha, silencioso, a figura de Conrad, que pálido e temeroso dirige-se a ele:

– Caro senhor, perdoe-me incomodá-lo em sua casa. Era, porém, o único meio de poder falar-lhe. Sou Conrad de los Prados, irmão de Justice de los Prados.

– Devo dizer-lhe que a chave que lhe abriu as portas é a senhorita Leilah,

pessoa querida de nosso falecido irmão e de todos nós, e a quem víamos como futura parenta até que o seu malfadado irmão se arvorou em pretendente da referida amiga.

Mesmo sendo citada, Leilah acha que deve silenciar e orar enquanto permite a Conrad a palavra.

– Senhor, eu quero esclarecer a respeito do que o senhor ouviu de outros e daquilo que eu sei por ter ouvido o meu irmão quando ele nem sabia que o senhor Pablo Cortez estava morto! Fui o primeiro a ouvi-lo e garanto-lhe que ele não é culpado. Como meu irmão está sendo injustamente acusado, é necessário que o senhor também tome conhecimento da versão dele para uma correta avaliação.

E Conrad inicia, expondo com minúcias o estado em que Justice chegou em casa, todo ferido, as roupas rasgadas, o desmaio, os primeiros socorros médicos...

Enquanto vai falando, o interlocutor o ouve inquieto e impaciente.

Ao findar a narrativa, Leilah está chorando baixinho.

O senhor Cortez pede ao criado que lhe traga água fresca e sugere:

– A senhorita poderia se furtar a isso. Não quer nos aguardar na sala ao lado?

– Não, senhor. Perdoe-me a fraqueza. Vou conter-me. Prossigam e não se preocupem comigo. Devo, a bem da verdade, dizer-lhe que acredito na inocência de Justice, vítima de uma fatalidade e que ainda não me recuperei da grande dor de perder meu mais querido amigo.

– Então a senhorita pode imaginar o quanto estamos sofrendo. E é justamente por isso que exigimos justiça.

– O que pode ser justiça para uns não o será para outros. Senhor, peço-lhe que pela nossa amizade, considere com imparcialidade os fatos verdadeiros. Confio em sua sensatez.

– Pleiteia a liberdade do assassino de meu irmão? Realmente, ele não encontrou na senhorita a amiga leal. Enganou-se!

– A justiça para ser perfeita não leva em conta nossos desejos de vingança, caro senhor!

– Posso entender porque Pablo a amou. Além de bela é também bastante corajosa. Todavia o que eu decidi, está decidido. Não voltarei atrás. Meu querido Pablo de onde estiver me incentivará a prosseguir.

– E completar o que ele tentou e não conseguiu? – indaga Conrad, indignado.

– O que o senhor seu irmão fez exige resposta do Céu e da Terra, senhor Conrad! Exigirei sua condenação, nem que tenha de usar toda influência de que disponho. Perdeu o seu tempo se pensou conseguir convencer-me. Lamento, senhorita Leilah, mas se continuar com tais amizades, não deverá mais contar com a nossa.

– Senhor Cortez, muito lastimo e daria tudo para que fosse diferente, mas se o senhor quer assim...

– É exatamente como eu quero. Peço-lhes que se retirem, estou deveras cansado e a entrevista está encerrada.

Quando fazem menção de sair, Conrad empalidece ao ver entrar na sala dois bonitos rapazes gesticulando e falando em voz alta.

Atônito, recua e indaga:

– Senhor, por obséquio, quem são estes?

– Meus netos, ora. Por quê? O senhor os conhece? Eu duvido.

– Sim, eu os conheço, senhor! E julgo por bem o senhor não encerrar o assunto. Chame-os, por favor.

Ouvindo os seus nomes, eles voltam, contrariados e altivos:

– Ora avô, o que deseja? Não vê que estamos com pressa?

– Aproximem-se e vejamos o que este senhor deseja.

– Se nem o conhecemos, avô!

Conrad, trêmulo, sem explicações prévias, vai relembrando aos rapazes o nome de certa rua do centro de Barcelona, dia e hora e por fim um nome: Vicente Domingos Ashram.

Ao ouvir o nome de seu pai, Leilah pula da cadeira na qual se sentara e fita os rapazes, que se entreolham cúmplices e amedrontados.

O avô que observa tudo sem nada entender explode:

– O que sucede afinal? O que estão escondendo? Expliquem-se, vamos!

Leilah, emocionada, diz dirigindo-se aos dois rapazes:

– Então foram vocês!... Oh, Deus!

Conrad indaga rapidamente:

– Quem era o outro?

– Juan... diz um deles, apanhado de surpresa.

– Tolo! Idiota! Não se pode confiar em você! – esbraveja descontrolado o outro.

O avô que a tudo assiste, perplexo, tem bastante lucidez para perceber que os seus netos estão metidos em alguma situação grave que ele ignora e que Conrad conhece...

– Afinal, posso saber o que há? – pergunta zangado.

Conrad, parecendo não tê-lo ouvido, sem tirar os olhos dos rapazes parados no meio do salão, vai relatando quase inaudível:

– Eu estava lá... e Justice também. Nós os vimos na carruagem que o atropelou...

Leilah, diante da revelação, olha para Conrad e com voz rouca indaga, incrédula:

– Vocês estavam lá?! Oh, Deus, o que mais saberei? O que o destino ainda me reserva? Como poderei acreditar em quem quer que seja daqui em diante? Conrad, por quê?...

Conrad a abraça e pede delicadamente:

– Minha cara, ajude-me agora, depois conversaremos. A vida de Justice está por um fio...

Controlando-se, ela se aquieta enquanto fixa os rapazes com olhar acusador.

Conrad, mais tranquilo, dominando a situação, volta-se para o senhor

Cortez e diz gravemente:

– Senhor Cortez, enquanto o senhor persegue um inocente, tem sob seu teto dois criminosos e ignorava isso...

– Eu gostaria de entender melhor...

E Conrad narra-lhe o envolvimento dos rapazes no fato que culminou com a morte do pai de Leilah que, por sua vez, ouve tudo, com olhos brilhando de lágrimas e indignação estampada no rosto.

Ao findar a narrativa, Conrad conclui:

– Senhor Cortez, não sou juiz de ninguém e não sei até que ponto estes seus netos são mais culpados do que nós que ali estávamos e nada fizemos. Todavia, a morte do senhor Ashram, pai de nossa querida Leilah, deu-se pela imprudência e insensibilidade desses rapazes e de seu outro companheiro. Da mesma forma que o senhor pede a condenação de Justice, Leilah poderá pedir a deles... No entanto, deixemos a justiça caminhar e seguir os processos legais e acatemos a decisão final dos homens e de Deus!

Mostrando-se arrasado, o velho senhor principia um monólogo:

– Oh, Deus! Quantos sofrimentos! Até quando nos provareis?

Conrad, respeitoso silencia.

Leilah está revoltada. Nesse momento, arrepende-se de ter vindo.

Dispondo-se a sair, o senhor Cortez a chama:

– Senhorita, perdoe-nos a todos, se puder. Meus netos são imaturos e me custa educá-los. Faltando-lhes a mãe, eu, ao lado do pai, procuramos conduzi-los, sem muito sucesso, como pode ver. Entretanto não deixarei de levá-los à justiça para averiguações e diante desse incidente constrangedor não farei acusações ao senhor Justice. Descansem.

Deixando transparecer no rosto e na voz o desgosto causado pelos netos, tenta reparar seu julgamento precipitado:

– Senhor Conrad, faça o que puder pelo seu irmão, não interferirei. Senhorita Leilah, perdoe-nos mais uma vez em nome de Deus! Sinto-me bastante pessimista quanto ao futuro do ser humano. Agora vão, por favor.

Preciso ficar só!...

Ele faz um aceno e deixa-se cair amargurado numa poltrona, com a cabeça entre as mãos.

Conrad o deplora e, conduzindo Leilah afetuosamente pelo braço, ambos saem silenciosos.

Ao chegar à casa da moça, descem e entram.

Com tristeza na voz, ela declara:

– Conrad, peço-lhe que esqueça que me conheceu. Eu farei o mesmo, assim também com relação a Justice. Rezarei por ele para que não perca a vida, até mesmo porque ele precisa aprender a respeitar a dos outros. Desculpe-me!

– Leilah, não se deixe levar por extremos! Justice e eu não merecemos. Acredite, nós a amamos muito...

– Dispenso esses amores que só me têm trazido sofrimentos e decepções. Adeus!

Fecha a porta e Conrad, desolado, retorna à carruagem onde dá vazão às lágrimas represadas por tanto tempo. Irá ao escritório do doutor Lombardi contar-lhe os recentes acontecimentos.

*

JUAN, O PARCEIRO dos netos do senhor Cortez, é menino pobre e marginalizado.

De família desajustada e misérrima, ele sempre temeu o pai, homem extremamente violento que não o compreende nem perdoa, espancando-o por qualquer motivo.

Nem mesmo quando está sóbrio, ele o trata como filho. Ignorando-lhe as boas ações (que infelizmente são poucas), cobra-lhe duramente por qualquer deslize.

A mãe, sempre adoentada e indiferente, sequer se dá conta da existência de Juan.

Naquele dia fatídico, junto aos netos do senhor Cortez, seus amigos há alguns anos, roubaram a carruagem para sentirem o prazer de dirigi-la à vontade, sentindo a emoção e a vertigem da velocidade. Conduziam o

veículo, excitados, numa estranha compulsão.

E assim, desafiadores e irresponsáveis, ameaçaram a quantos se interpunham em seu caminho, vindo desgraçadamente a matar aquele infeliz homem que identificaram alguns dias depois através das notícias.

Instado depois pelos companheiros, ameaçados de prisão, acompanhou-os e juntos desapareceram no mundo...

Esse fato, somado a tantos outros, abreviaram a vida do senhor Cortez. Seu coração não resistiu a tantos golpes e, no último alento, despediu-se da vida, com a esperança de reencontrar o irmão Pablo.

XXI

A CARTA

FALECIDO O SENHOR Cortez, desaparecidos os rapazes, os outros membros da família arrefeceram a perseguição a Justice, deixando o advogado de defesa atuar livremente no processo.

Entregando nos prazos estabelecidos documentos e provas da inocência de Justice, o doutor Lombardi pretende abreviar os sofrimentos do rapaz que já se abate a olhos vistos.

Ao receber Justice, Pablo tivera o cuidado de evitar testemunhas, mas os exames do local e do cadáver afastaram a versão de assassinato.

Nívea, incansavelmente, apoia Conrad em todos os aspectos. Sua força, sua lucidez e sua determinação empolgam-no. Após os trâmites do testamento, oficializarão o noivado, que já comemoraram em família.

Ao saber por Conrad da resolução de Leilah, Nívea decide ir vê-la. Ambos concordam que Justice também deve saber, para prevenir-se e de algum modo tentar mudar a situação aflitiva dos dois, que se amam verdadeiramente.

Alguns dias antes daquele em que viu confirmada a sua desconfiança de que Justice estaria escondendo seu envolvimento em alguma situação que a repugnaria, Leilah recebera carinhosa carta dele pedindo-lhe apoio e confiança. Rascunhara em resposta algumas linhas vazadas de extremado amor, na qual confessava a sua ansiedade por revê-lo.

Agora, chorando, relê o que havia escrito e revoltada rasga a resposta em pedaços. Debate-se em meio a sentimentos contrários. Deseja vê-lo e abraçá-lo e ao mesmo tempo quer esquecê-lo definitivamente.

Sem alegria, apática, ela adoece preocupando o médico e afligindo Maria que além de tudo sente-se culpada.

Conrad, numa das visitas diárias a Justice, narra-lhe os acontecimentos na casa do senhor Cortez e consequentemente os fatos que lhe incriminaram os netos.

Informa-o igualmente do conhecimento de Leilah da presença deles no momento em que o seu pai o senhor Vicente Domingos Ashram perdeu a vida naquela avenida.

Justice, aos poucos, readquire as forças e a aparência anterior, graças às melhores condições de higiene e alimentação.

Ao ouvir as declarações de Conrad, assusta-se e pergunta:

– Depois de tudo isso, você a viu?

– Não, proibiu-me. Ou melhor, proibiu-nos...

– Meu Deus! De que me valerá sair daqui e ficar sem ela?

– Eu o avisei, querido irmão, de que deveria contar-lhe. Lembra-se?

– Conrad, traga-a aqui, eu lhe peço! Preciso falar-lhe!

– Vou tentar, mas é melhor que lhe escreva.

– Já o fiz e agora sei por que não obtive resposta...

– Escreva-lhe novamente e Nívea será a portadora da carta já que decidiu visitá-la em breve.

– Eu farei a carta de amor mais convincente que ela já leu, acredite. Pedirei o seu perdão...

Conrad para distraí-lo dos pensamentos tristes, fala da inclusão deles como beneficiados no testamento do tio Pepe, do noivado que só será oficializado com a presença dele, Justice.

– Justice, lamento profundamente as atuais circunstâncias, mas regozijo-me ao vê-lo mais amadurecido, mais consciente.

– Tem razão. Foi preciso ser testado pela dor. Em tão pouco tempo, parece-me ter vivido séculos.

– Bem, Justice. Até amanhã! Coragem!

Abraçam-se comovidos e Justice, ao vê-lo sair, deita-se desanimado sobre o duro leito para logo erguer-se decidido a escrever a seguinte carta:

"Amada Leilah:

Daqui, de onde estou por minha imprudência, beijo-a saudoso.

Peço a Deus que esteja bem.

Recordando os nossos mais caros momentos, encontro forças para suportar a incerteza e o desconforto em que vivo, mas felizmente surgem novas esperanças de liberdade.

Agradeço-lhe a tentativa de ajudar-me, indo visitar ao lado de Conrad o senhor Cortez e é a esse respeito que quero falar mais especificamente.

Amor meu:

Naquele dia fatídico, sentindo-me deprimido, fui assistir às touradas para distrair-me convidando Conrad para acompanhar-me.

Quando voltávamos, presenciamos uma cena bastante constrangedora envolvendo um homem alto, elegante e de cabelos grisalhos que corria desabaladamente em todas as direções.

Confesso que me faltou a iniciativa para contê-lo, mesmo porque outros tentavam sem êxito. Bem sei que minha omissão não se justifica, mas antes que pudéssemos refletir, houve o fatal acidente, dantesco, imprevisível!

Ainda sob o forte impacto, vimos os policiais assumindo as primeiras providências e sendo-nos a vítima totalmente desconhecida, eu e Conrad regressamos ao lar tristes e abatidos.

Naquela ocasião, eu sentia sem saber explicar que aquele fato mudaria minha vida e não me enganei...

Uma vez em casa, refleti mais que nunca. Foi em meio a estas reflexões que tive a visão que já lhe contei.

A imagem vaporosa, que retratava você em outros tons, mas não menos

luminosos, censurava-me silenciosamente... O que sucedeu de fato? Por que e como pôde você, que eu ainda nem conhecia, aparecer diante de mim, inculpando-me daquilo que me cobra hoje?

Esses fatos que agora podemos associar não estariam nos revelando a 'predestinação' de sermos um do outro? Não estariam nossas almas mais conscientes e mais atentas do que nós, míseros mortais?

Pense bem e veja nesses fenômenos a grandeza e o poder de Deus e, se eu errei, perdoe-me! Deus a abençoará e de futuro prometo ser mais vigilante!

Se disser que é tarde para atender aos meus rogos, só concordarei se você garantir que não me ama porque quando o amor é verdadeiro e grande, perdoa!

Imploro a sua compreensão. Necessito dela para sobreviver e sair daqui. Do contrário, ser-me-á melhor ser condenado abreviando o que fatalmente sucederá sem o seu amor!

Em minhas orações, tenho pedido a seu pai, que me perdoe. Leilah, tendo-a ao meu lado, terei forças e coragem! Sinto-me em uma embarcação pequena, suportando toda fúria da tempestade que se abateu sobre mim. Seja o meu guia, a minha estrela, minha bússola!

Espero que Conrad tenha narrado a você como aconteceu a morte de seu amigo Pablo. Temo que também nisso você me condene, embora veladamente.

Direi agora quais os motivos que me levaram a aceitar o convite de Pablo: primeiramente, desafiar-lhe o poder esmagador, que me impossibilitava enfrentá-lo de igual para igual; e depois, quando indo a sua casa para ouvir a sua opinião e conselho a respeito do convite dele, fiquei sabendo que vocês tinham saído juntos e que regressariam bastante tarde. Louco de ciúmes, fiquei aguardando, escondido atrás das árvores mais próximas (não me envergonho de dizer-lhe), até que exausto e decepcionado, voltei para minha casa.

Por orgulho e por ciúmes, fui enfrentar Pablo e dizer-lhe com prazer

maquiavélico que pretendíamos nos casar brevemente.

O desfecho você já sabe.

Devo confessar-lhe que seu amigo fez uma minuciosa sindicância de toda minha vida pregressa, descobrindo-me as chagas que eu tentava disfarçar, enquanto curava-as corajosamente para merecê-la plenamente!

Fui imprudente, conquistador e perdulário. Esbanjei o pecúlio deixado por meu pai, causando sérios problemas a Conrad e a mim mesmo.

Era essa situação aflitiva que me acabrunhava, naquele dia em que o incidente com seu pai nos surpreendeu.

Posso assegurar-lhe que todo um passado de irresponsabilidade ficou para trás e, decidido a redimir-me dele, almejei o único amor de minha vida – você! E espero não perdê-lo. Do contrário, não sobrevirei, acredite!

Você, amada Leilah, boa e pura, atravessou o caminho deste pecador impenitente para transformá-lo, reconduzindo-o a Deus!

Você é a minha redenção!

Espero sair brevemente e irei vê-la, apesar da proibição.

Lutarei até o fim e até o último alento por você, por minha felicidade que começará com o seu perdão!

Beijo-a apaixonadamente e martirizado de saudades!

Eternamente seu,

Justice de los Prados”

XXII
A MEDIADORA

Nívea vai visitar Leilah, como embaixadora da esperança para Justice e para essa nova amiga que, magoada em excesso, se defende de tudo.

Maria recebe-a com alegria e informa-a rapidamente de seus cuidados com a saúde de Leilah.

Nívea ignorava que os tristes acontecimentos tinham feito Leilah adoecer.

Agora, vendo-a, compreende Maria.

Leilah, recostada nos travesseiros, mostra satisfação ao rever Nívea que, sem esconder a surpresa por vê-la tão abatida, pergunta:

– O que a deixou assim?

– Você sabe. Mas não quero falar a respeito.

– Se falar, trocaremos impressões e se sentirá melhor. Os amigos existem para isso. Ou errei em pensar que você me considera sua amiga?

– Quanto a isso, descanse.

– Você ainda não me perguntou por Justice.

– Isso talvez não me interesse.

– E por quê? Gostaria que me explicasse. Conrad me contou, mas confesso que não entendi muito bem.

– Já depositou sua confiança em alguém que não merece? Provavelmente não, Conrad é um exemplo de dignidade. Por isso, você jamais poderá entender-me.

– Engana-se, Leilah. Conrad não resume todas as pessoas que me cercam. Sendo herdeira de um patrimônio considerável, muitos me espreitam fazendo-me sorver, por vezes, taças de fel...

– Perdoe-me o egoísmo... Nívea, estou tão deprimida... Não acredito mais nas boas intenções de seu primo e menos ainda no amor que diz sentir por mim!

– Mas deve acreditar nele. Justice jamais amou antes. Posso dizê-lo porque o conheço bem. Afianço-lhe que ele é sincero. Foi um refinado conquistador por injunção dos seus atributos físicos, deixando-se arrastar pelas ilusões mundanas. Mas jamais foi um cínico!

Imprudente tem sido sempre, mas todos que privam de sua companhia o amam sinceramente. É desses espíritos fracos, mas amorosos e plenos de riquezas interiores que serão exploradas somente pela pessoa certa. No caso, você, querida Leilah.

Não se deixando levar pelas argumentações, Leilah intervém:

– Confirmando estes aspectos que deploro, para não dizer que desprezo, você vem fortalecer a minha decisão de deixá-lo definitivamente.

Se pretendia defendê-lo, não atingiu o seu objetivo, porque eu 'ainda' não lhe conhecia a faceta de Don Juan e, assim sendo, não poderia acusá-lo neste sentido. Cobro-lhe, sim, pela insensibilidade de não ter impedido o acidente que vitimou meu querido pai, que ainda hoje poderia estar comigo!

– Cara amiga, eu sei o que disse e porque o fiz. Não estou sendo leviana, pois que isso está fora das minhas habituais atitudes. Desculpo-lhe os azedumes que fazem parte da sua revolta.

Eu, que amo esse primo e conheço bem os seus dotes de coração, conhecedora do seu firme propósito em modificar-se por sua causa, temo que ele desista de lutar, ao ver acrescido o seu sofrimento na prisão injusta, por seus arroubos de moça ofendida que decidiu julgá-lo e condená-lo sem dar-lhe a chance de defender-se, usando para isso, minha amiga, apenas as suas próprias medidas, ignorando o mundo que a rodeia e que também nos

traz lições preciosas ao longo do nosso caminho. Ouça bem: temo, repito, que o nosso querido Justice venha a perecer de dor, abatido pelas suas 'apressadas conclusões'. Como julgar tão duramente, minha amiga, se também nós somos passíveis de erros?

– Sim. Você acerta quando diz que eu julgo com dureza. A vida tem feito isso comigo todos os dias, instruindo-me. Os princípios que norteiam minha vida me impedem de compreender alguém que, por leviandade e displicência, falta com amor ao seu próximo.

– Esse alguém com certeza ainda não se conscientizou tão bem quanto você desses valores reais. Você está sendo radical não apenas com ele, mas com você também que o ama, por isso essa dor tão grande, Leilah...

– Posso deixar de amá-lo, Nívea. Além de, covardemente, ter deixado meu pai ser colhido por aquela carruagem, ele ainda está sendo acusado da morte do meu melhor amigo. Como acreditar nas suas promessas se a sua aproximação tem cheiro de morte?

– Leilah! Não duvide da inocência dele! Você conheceu profundamente o seu amigo Pablo ou apenas o que ele aparentava ser? Pablo parece ter sido um homem extremamente violento, Leilah.

– Não creio nisso... Ele era bom, pobre Pablo...

– Leilah, você precisa compreender melhor o ser humano e não criar para aqueles a quem ama julgamentos diferentes, radicais, em cobranças dolorosas como essa! Está-lhe faltando o equilíbrio, minha amiga. Jesus nos disse: "Não julgueis para não serdes julgados"...

Suspirando profundamente, Leilah apoia-se nos travesseiros, fecha os olhos e Nívea vê lágrimas caindo-lhe sobre as vestes.

Tenta reanimá-la quando Maria entra com uma bandeja.

– Leilah, está na hora do seu remédio. Mas, por que chora?

– Por nada, Maria. Dê-me.

Enquanto ela toma o remédio com certa relutância, Nívea pensa em algo que rapidamente põe em prática:

– Maria, você me disse que Pedro trabalhou para Pablo... Ele poderia vir até nós?

Leilah olha-a com surpresa, enquanto Maria responde:

– Sim, senhorita Nívea. Vou chamá-lo.

Maria retira-se e, depois de um curto espaço de tempo, Pedro chega, chapéu na mão, tímido, olhando Leilah, pergunta-lhe:

– Então, menina? Quando voltará a cavalgar? O animal já se impacienta.

– Pedro, monte-o e saia por aí. Ele precisa de exercícios. Pobre Lanceiro, esqueci-me dele...

– Pedro – pergunta Nívea –, você trabalhou para o senhor Pablo Cortez?

– Sim, senhorita Nívea.

– Fale-nos dele, por favor.

Pedro, hesitante, olha para Leilah que o anima a responder.

– Bem... o que deseja saber?

– A verdade, Pedro. Como ele era de fato?

– Odiado por todos os seus criados; era injusto e cruel...

– E como eu nunca soube, Pedro? – pergunta Leilah, esboçando certa incredulidade.

– Porque ele me ameaçava e porque a menina sendo boa o via com olhos de amiga.

Olhando para Nívea, Leilah desabafa desanimada:

– Como vê, não tenho nenhuma razão para continuar acreditando em quem quer seja.

– Anime-se, Leilah! Deixe de lado os julgamentos! Pare de ver o mundo dividido em pessoas boas e más! Isso lhe trará sofrimentos e desilusões!

– Além dos que tenho tido, minha amiga?

– Muito mais ainda, Leilah.

– Bem, o que tem em mente, Nívea?

– Você é perspicaz! Trago comigo uma carta de Justice para você. Ele a ama de fato e precisa do seu amor desesperadamente. Como você sabe, a

pena máxima não está fora de cogitação.

– Meu Deus! Nívea, por que os homens se matam? Estão sempre arranjando justificativas para isso!

– Faz parte das nossas imperfeições. Bem, eis a carta!

Com mão trêmula, Leilah recebe e abre o envelope. À medida que avança na leitura, seu rosto trai a surpresa cobrindo-se de lividez. Terminando, amassa-a nas mãos, acomoda-se nos travesseiros e respira dolorosamente.

– Nívea, por que amar a quem não merece?

– Isso é você quem diz. Eu, se não amasse Conrad, fatalmente amaria Justice e nós duas seríamos rivais!

– Ora, não brinque. Conrad é maravilhoso, não lhe traz inquietudes.

– Concordo, todavia Justice é digno do seu amor, garanto.

– Não sei o que pensar. Sinto-me extremamente triste, agredida pela vida, que me tem roubado todos aqueles que amo...

– Ah, agora começo a entendê-la, Leilah! Você está insegura quanto ao futuro com Justice. Há o medo de vir a perdê-lo; ele não lhe oferece 'garantias', mas quem as tem? Apiede-se dele e não lhe tire a tábua de salvação que é o seu amor! Você também precisa dele para ser feliz! Não tenha medo do futuro! Quanto a Pablo, morreu por sua própria violência. Você já sabe.

– Nívea, neste exato momento, Maria também me causa decepção. Através desta carta, fiquei sabendo da intromissão dela em assuntos que diziam respeito somente a mim e a Justice...

– Tencionando protegê-la, ela errou, Leilah. Seja complacente com ela, querida amiga. Compreenda e perdoe...

– Tentarei, acredite. Sinto-me extremamente desgastada, física e espiritualmente.

– Anime-se. Controle a emoção e exercite mais a razão.

– Devo visitar Justice...

– Enquanto melhora sua saúde, escreva-lhe e Conrad será seu mensageiro.

– Farei isso. Quando a carta estiver pronta, Pedro levará à sua casa.

– Aguardarei então – e Nívea despede-se prometendo voltar brevemente.

Leilah, comovida, segura-lhe a mão e diz:

– Querida Nívea, eu lhe agradeço por tudo...

XXIII
REFLEXÕES

Considerando a inutilidade do seu comportamento extremista, Leilah, com novos propósitos, se bem que ainda se sinta infeliz, decide lutar.

Escreve para Justice uma carta vazada dos sentimentos que ora carrega no peito.

Repensa sua relação com Maria e, ao vê-la aproximar-se, decide falar-lhe:

– Maria, poderíamos conversar?

Desconfiando do assunto, a ama empalidece bruscamente, traindo-se.

– Sobre o que, filha? Quero dizer antes que a amo e somente desejo o seu bem.

Leilah capta-lhe a insinuação e prossegue:

– Minha boa Maria, sei que pressente aquilo que pretendo. Como você sabe, Justice escreveu-me, explicando detalhadamente os insucessos que o levaram à prisão; contou-me, inclusive, da sua vinda até aqui, no dia em que aquele vendedor de cerâmicas "trabalhava surpreendentemente debaixo de copiosa chuva"... Sabe a que eu me refiro e gostaria de uma explicação convincente...

Maria, chorando, responde:

– Leilah, minha filha, agradeço-lhe a oportunidade desse acerto entre nós. Sou-lhe extremamente dedicada e, assim sendo, sei que exagero nos cuidados, julgando-lhe imatura e incapaz de decidir o seu próprio destino...

Perdoe-me. Como já deve saber, naquele dia o senhor Justice a procurou e eu menti...

– Eu senti que era ele, meu coração avisou-me! Sabe que por causa da sua mentira eu sofro agora? Que, se eu e ele tivéssemos conversado naquele dia, provavelmente os acontecimentos se desenrolariam de maneira diferente? Que junto a Pablo poderíamos ter resolvido tudo em outros termos? Que, hoje, temo que o único homem que amo seja condenado e consequentemente executado?

– Deus não permitirá!

– Por que recorrermos a Deus para consertar os nossos erros?

– Porque Ele é misericordioso. Ele nos socorre e nos dá oportunidade de nosso arrependimento e de nossa reparação!

– Avisei-a tantas vezes, Maria...

– Eu sei. Todavia julgava protegê-la...

– Prejudicando os outros... Que justiça é a sua, Maria?

– Meu coração só quer vê-la feliz...

– Até nisso você errou, Maria. Seria eu feliz sozinha?

– Não! Com Pablo!

– Eu não queria casar-me com ele! Não percebe que o incentivou naquele sentimento obsessivo por mim, levando-o a atos extremos?

– Foi uma fatalidade, filha!

– Não, Maria, eu não creio nisso. Nós determinamos, geralmente, o que você chama destino. Você decidiu o meu futuro, construindo um castelo de areia só para você!

– Perdoe-me, querida. Se quiser, vou-me embora, livrando-a de minha presença e dos meus exageros...

Leilah olha-a ternamente enquanto ela chora. Tocada profundamente pelo arrependimento de Maria, estende-lhe os braços e fala-lhe carinhosa:

– Venha cá, minha querida 'mãe'. Tenho sofrido tanto quanto você. Unamos os nossos pensamentos e roguemos a Deus pela vida daquele que

distante de nós sofre sem consolo. Não me julgue ingrata a toda essa dedicação. Agradeço a Ele a concessão desse coração amoroso e, sem você, minha querida, o que teria sido de mim? Pare de chorar e, por favor, perdoe-me também...

Sem as duas perceberem, Pedro, homem bom e forte, lágrimas nos olhos, aguarda refazer-se da emoção daquele momento para se fazer anunciar e levar a carta da sua menina às mãos de Nívea para o seu destino.

Leilah o vê primeiramente e exclama:

– Meu querido Pedro! Que faz aí? Venha nos abraçar!

Ele se aproxima das duas e as enlaça com ternura. São três almas que se amam e caminham juntas há muitas existências...

Disfarçando a emoção, ele indaga:

– E a carta, Leilah?

Tirando um bonito envelope debaixo do travesseiro, ela diz a Pedro:

– Aqui está, Pedro. Leve-a o mais breve possível. Vá no Lanceiro. Ele gostará do passeio. Abrace Nívea por nós.

– Pedro, espere – diz Maria pressurosa –, eu fiz uns doces deliciosos para Nívea e quero que os leve com meus cumprimentos. Que moça boa e educada! Bom ela ter aparecido em sua vida, Leilah!

– Maria, Maria... Veja Nívea como sua amiga e decida por você. Deixe-me agir por minha conta, certo?

– Naturalmente. Aprendi a lição, descanse. Você gosta dela, não?

Sorrindo, divertida, Leilah responde afirmativamente enquanto Pedro balança a cabeça desaprovando-lhe a contumaz indiscrição.

Dando-se conta de sua incorrigível inconveniência, Maria retira-se apressada para logo voltar com o embrulho de doces, entregando-o a Pedro. Saindo, ele monta em Lanceiro, que relincha feliz, sendo ouvido por Leilah, que da janela os observa sorridente...

Neste ínterim, pessoas conhecidas dos dois irmãos procuram Conrad.

Entre ele, o senhor de Marsilhac e o senhor Manuel Carreras,

naturalmente com propósitos bastante diferentes.

O primeiro a visitá-lo foi o senhor de Marsilhac que sempre simpatizara com o rapaz, devido a sua semelhança física e espiritual com seu saudoso amigo Mateus. Após os cumprimentos e a troca de informações superficiais, o advogado indaga:

– Que fatos desastrosos levaram Justice à prisão?

Depois de narrar-lhe tudo com detalhes, Conrad silencia para ouvi-lo dizer:

– Seu irmão foi vítima de sua própria irresponsabilidade. Sempre pude perceber-lhe um coração bom, mas a sua leviandade conduziu-o a esses sofrimentos. Eu espero que se saia bem e regenerado.

– Ele conseguirá. Apesar de tudo, está amando, isso o sustenta.

– Verdade? E eu a conheço?

– Sim, o senhor a conhece. É a senhorita Leilah Ashram.

– Ora! Por essa eu não esperava!

– Sem saber, ela foi o motivo da ação enlouquecida de Pablo. Ele agiu por ciúmes.

– Será que seu irmão tem noção da ventura que alcançou? Aquela moça é um primor! Conheço Leilah e o seu irmão Antero, já falecido, desde pequenos.

– Nós lamentamos a morte prematura de Antero e tomamos conhecimento do seu procedimento generoso ao encontrá-lo distante daqui.

– Ora, Conrad, para isso aqui estamos. De repente, um golpe mais forte nos leva e o que carregamos? Nada daquilo que pensamos possuir, somente o que fizemos de bom ou de mau. Concorda?

– Plenamente. Também nós vivemos assim. Justice, apesar de ter sido sem juízo, tem um coração de ouro...

– Faço votos de que ele saia mais forte e mais sensato dessa dolorosa experiência...

– Obrigado. Assim espero.

– Conte comigo no que for preciso, mas o caso dele está em mãos bastante competentes. Doutor Lombardi e eu somos amigos, além de colegas.

– Ele tem sido muito eficiente. Nívea o contratou. Tivesse sido eu, buscaria sem dúvida os seus préstimos, contudo estou plenamente satisfeito com o seu digno colega.

– Estou convicto do êxito do doutor Lombardi. Bem, até logo Conrad e diga ao seu irmão que lhe desejo boa sorte e o felicito por escolher Leilah. Os deuses devem estar ciumentos! Até a vista!

– Até a vista, senhor de Marsilhac. Muito grato pela visita e pelo seu interesse.

Decorridos alguns dias, bate à porta de Conrad o senhor Manuel, demonstrando falso constrangimento:

– Bom dia, senhor Conrad. O que me traz até aqui não me agrada em absoluto e o senhor já deve imaginar o que é...

– Bom dia, senhor. Dessa vez o senhor não sairá de mãos vazias porque Justice incumbiu-me de lhe pagar grande parte de suas dívidas, prometendo para futuro próximo saldar o restante.

– Que boa surpresa! Ele recebeu alguma herança?

– Não, senhor. Movimentou antigos negócios de nosso querido pai e obteve sucesso.

– E onde ele está?

– Viajando a negócios, senhor.

– Bem, devo confessar que estou bastante satisfeito. Esse dinheiro vem-me em boa hora. Aguardarei o restante em futuro próximo como prometeu.

– Alegro-me. Agora me dê as promissórias referentes.

O senhor Manuel abre a pasta de onde retira os papéis solicitados e os entrega a Conrad que, após conferi-los, agradece e o acompanha até a porta onde se despedem.

Ao fechar a porta, Conrad respira aliviado. Sente-se feliz por ver que a imagem do irmão vai aos poucos sendo resgatada.

Nesse estado de espírito, vai até a prisão levar a carta ansiosamente esperada por Justice.

XXIV
RESPOSTAS

NA PRISÃO, JUSTICE conhece de perto o drama daqueles que por ignorância e infelicidade infringiram as leis da sociedade humana que, longe de reeducá-los para reintegrá-los em seu seio, os estigmatiza, marginalizando-os, desencadeando neles a insatisfação, a revolta e a violência. Perplexo e penalizado, constatou que ali muitos jovens estiolam-se e morrem precocemente.

Sem ser religioso, tem orado por esses infelizes...

Conrad, a seu pedido, trouxe-lhe livros que o fazem refletir a respeito dos mistérios da vida e da morte, e dos destinos diferentes dos seres humanos.

Apesar dos sofrimentos, percebe que essa lição severa que ora experimenta ser-lhe-á proveitosa.

Na ânsia de extravasar os sentimentos, dedica-se à arte de fazer poesia e ri ao recordar que também Conrad dedica-se a este mister. Não pode se furtar a pensar:

“Eu precisei sofrer para que brotasse em mim a poesia, mas ele já nasceu poeta”...

Os tumultos são frequentes no meio onde se encontra e dificultam sua concentração, mas já descobriu os efeitos da prece e a ela recorre quando quer ausentar-se do burburinho fatigante.

Ansiando pela resposta da carta, transporta-se, em pensamento, ao

encontro de Leilah, mas repentinamente 'retorna' ao ouvir a voz sonora de Conrad.

Corre até a minúscula janela e, apurando os sentidos, ouve:

– Senhor Conrad, trazendo encomendas para o seu irmão, de novo? Não devemos exagerar. Aqui não são permitidos privilégios! Acabarei sendo repreendido ou perdendo o meu emprego – diz o carcereiro.

– Senhor, permita-me entregar o que trago ao meu irmão, é muito importante!... Não tema! O doutor Lombardi tem como protegê-lo; além do que, temos premiado regiamente os seus obséquios!...

– Ora, o que me dão são migalhas. Gasto tudo com a minha família!...

Entendendo a advertência disfarçada, Conrad abre a bolsa, retira duas moedas e as entrega. Com os olhos cúpidos no resto que não pôde avaliar, o carcereiro complementa com olhos compridos e cavilosos:

– Que isso fique entre nós, por favor. Como sabe, não posso aceitar propinas...

Respirando fundo, Conrad aguarda que ele abra a cela de Justice, o que ele faz com ares de senhor.

Fecha por fora a cela e determina o tempo da visita com voz imperiosa.

Os dois irmãos abraçam-se longamente.

Tentando disfarçar a emoção, Justice inclina-se reverente e apontando o duro leito diz brincando:

– Por favor, fique à vontade.

Sentados, lado a lado, Justice comenta:

– Conrad, aquele que nos trancafia e explora nem deve ter família. É por demais egoísta.

– Bem sei, mas dependemos dele.

– Aqui vivenciamos os aspectos irônico e covarde da justiça humana: eu, preso sem ter cometido crime algum, enquanto o carcereiro, livre, no interior da penitenciária, viola os princípios da lei. E lá fora, outros tantos vão praticando esses mesmos delitos, sob as mais diversas formas e pelos

mais diferentes motivos.

Neste sentido, penso na pequenina Milagres. A vidinha dela me entristece. Será que algum dia poderei auxiliar essa criança?

– Espero que sim. Primeiramente, saia daqui.

– Conrad, como está Leilah? E quanto a carta que espero há tanto tempo?

– Nívea encontrou-a acamada. Seus nervos muitos sensíveis ressentiram-se dos sucessivos abalos sofridos. Felizmente está melhor.

– O que ela pensa de mim?

– Bem, Nívea fez uma brilhante defesa a seu favor.

– Então eu precisei de defesa?

– Você há de convir que as recentes descobertas a respeito de nossa participação passiva na tragédia que vitimou seu querido pai magoaram-na.

– Tive tantas oportunidades para explicar-me e não aproveitei! Pensei reter a verdade comigo, que tolo fui, meu irmão!...

– Concordo. Avisei-o inúmeras vezes. Mas não estou aqui para julgá-lo. Sossegue! Sua querida já nos perdoou e brevemente virá visitá-lo. Enquanto esse momento não chega, tenho algo que o confortará.

– A carta?

– Sim, aqui está. Fique com a sua romântica missiva. Voltarei amanhã.

Conrad sai e Justice, absorto, revira entre os dedos o envelope azul e perfumado. Apesar da ansiedade, teme o seu conteúdo.

A porta é trancada e ele finalmente fica a sós, na penumbra da cela.

Beija a carta, abre e principia a ler:

"Caro Justice,

Peço a Deus que o proteja.

Estou melhorando de saúde e brevemente irei visitá-lo.

Estava determinada a nunca mais vê-lo. Para isso, tomei várias precauções e uma delas foi proibir a presença de Conrad aqui. Ainda me debato tristemente nas recentes descobertas.

A perda de meu querido amigo Pablo, a sua prisão, acusado de tê-lo

assassinado, e outros acontecimentos decorrentes dessa mesma acusação me abalaram profundamente. Vou lhe contar:

Imagine você que, querendo ajudá-lo, acompanhei Conrad à residência do senhor Ramires Cortez, irmão mais velho de Pablo.

Recebidos por ele, conversávamos a respeito dos trágicos acontecimentos que ceifaram a vida do seu irmão caçula, quando entraram dois rapazes que foram reconhecidos por Conrad como sendo os condutores da carruagem que matou meu amado pai.

Você deve ter entendido onde quero chegar...

Não posso absolutamente compreender o comportamento omisso (ou covarde?) de vocês. No entanto, diante da fé que professo, envolvida no exemplo Daquele que sempre nos aceita e nos tem misericórdia, eu já os perdoei igualmente.

Quanto a nós, darei tempo ao tempo. Sinto-me imensamente decepcionada.

É-me impossível tomar decisões ou dar-lhe esperanças.

De imediato, a minha preocupação é com o amigo que se encontra encarcerado aguardando solidariedade.

Como amigo, não quero julgá-lo, mas quanto ao homem ao qual eu entregaria o meu futuro, arrogo-me no direito de analisá-lo com mais prudência.

Como informei, espero em breves dias visitá-lo, como amiga.

Confiemos em Deus e aguardemos o que o futuro nos reserva.

Praza aos céus que você consiga rapidamente a sua liberdade.

Abraça-o,

Leilah Ashram"

Concluída a leitura, olhos marejados de lágrimas, Justice dobra devagar as folhas e coloca-as no envelope. Silencioso, fita a minúscula janela gradeada que ainda deixa passar um luminoso raio de sol.

E mais uma vez, ele chora, orando a Deus...

XXV

LIBERDADE

Finalmente, doutor Carlos Lombardi consegue anular o processo de acusação contra Justice de los Prados, que sem saber da boa notícia amarga a incerteza, debatendo-se entre o desconforto atual e os enigmas futuros.

O medo de perder Leilah domina-lhe todos os outros pensamentos.

A demora da moça em visitá-lo, deixa-o visivelmente abatido.

De posse da ordem judicial, doutor Lombardi dirige-se à prisão em companhia de Conrad.

Dentre as testemunhas de defesa, o depoimento sincero e espontâneo de Esteban foi decisivo. Ele estivera muito tempo vacilante entre o medo da família de Pablo e a necessidade de se posicionar até que se decidiu a depor.

Narrou o que houve, detalhando as providências de seu ex-patrão para ficar com Justice a sós e, na ocasião, lamentara aquele rapaz ali com poucas chances de escapar à habitual violência de Pablo.

E assim, a vida de Pablo Cortez veio a lume. O seu dossiê foi desastroso em confronto com o de Justice, pacífico por natureza, apesar de irresponsável e boêmio.

Chegam à prisão.

Conrad, com os olhos brilhando, lágrimas prestes a cair, entra ao lado do advogado.

Conduzidos à cela, Justice os recebe um tanto desanimado.

– Justice – diz Conrad feliz –, temos notícias maravilhosas, meu irmão!

– Sim? E quais são? Diga-me.

O doutor Lombardi, adiantando-se, exibe-lhe a ordem de soltura.

Justice, lendo por alto, julga estar enganado e pede-lhe explicações ao que ele prontamente atende:

– É o seu alvará de liberdade! Hoje sairemos daqui em sua companhia, meu rapaz!

Justice pergunta descrente:

– Não vou precisar mais retornar aqui?

– Não. Sua inocência ficou finalmente comprovada. Veja, tenho aqui os autos da defesa.

O rapaz, pálido e trêmulo, ouvindo isso, desaba sentado sobre o leito, exclamando:

– Graças a Deus! Enfim! Como agradecer-vos, meu Deus? – e cai em pranto convulsivo.

Conrad, incapaz de expressar-se, abraça o irmão com força, querendo transfundir-lhe vibrações fraternais que as palavras não conseguem traduzir nesses momentos solenes.

O ilustre advogado assiste à cena bastante comovido. Entretanto, interrompe-os, lembrando que ainda precisam passar pela administração do presídio para requisitar uma autorização de saída.

Cumpridas as exigências legais, os três caminham em direção ao grande portão que dá para a rua.

Justice leva consigo apenas as roupas que veste e os seus documentos. Tentará esquecer esse episódio de sua vida, contudo o doloroso aprendizado já foi assimilado.

Na rua, as impressões o envolvem comovendo-o. O azul do céu, o canto dos pássaros, o vento a bater-lhe no rosto, tudo na natureza fala-lhe de movimento e liberdade. Agradece a Deus poder fruí-la novamente...

Os dois o observam silenciosos.

Justice, voltando-se para os companheiros, exclama entusiasmado:

– Conrad, doutor Lombardi, a vida é maravilhosa e a liberdade seu maior dom! Deus nos fez livres e assim devemos viver!

Neste momento maravilhoso que estou vivendo, posso aquilatar profundamente o que é ser livre e ao mesmo tempo analisar os conceitos que temos de liberdade.

O homem, na sua incoerência, pleiteia liberdade, mas aprisiona tudo ao seu redor. A começar pelo seu semelhante, esquecido nas prisões por motivos nem sempre justos. Quantos infelizes perdem o direito de viver, pela ambição, egoísmo e crueldade de seus opositores? E quantos vivem para promover as desgraças alheias?

O homem sufoca a mulher a pretexto de amá-la. Domina os filhos com a desculpa de protegê-los e sacrifica a vida dos animais por capricho. Vejam-se as caçadas... Lembra-se do que dissemos das touradas, Conrad?

– Naturalmente que sim. Eu era contra e você, a favor.

– Todavia, eu não queria que você se arriscasse sendo um toureiro. No meu egoísmo, não me importava que os outros o fossem, não me importava os riscos que corriam, não me importava com o animal.

Que chances tem o touro de sair vivo da arena? Realmente, Conrad, você estava com toda a razão e eu a rir de você! Que tolo fui!

Nós, homens, que nos dizemos civilizados e inteligentes, destruímos com a maior facilidade desde a natureza bela e perfeita que nos dá lições de grandeza até o nosso próximo o qual ainda não aprendemos a amar! Tudo por causa do nosso orgulho e da nossa vaidade...

Conrad, boquiaberto, mal pode crer naquilo que ouve.

– Pasmem, senhores! Esse homem é agora um livre-pensador!

– E poeta, Conrad – diz ele, sorrindo divertidamente.

– Também? Doutor Lombardi, que tal 'sentenciarmos' uma prisão de vez em quando a qualquer cidadão, como aprendizado?

– Calma, Conrad – responde o advogado rindo muito –, a você eu jamais

prescreveria tal sentença!

– Tem razão. Se para Justice os resultados foram bons, para outros as consequências são desastrosas!...

– Conrad, filosofar é bom, mas sofri demais. A ninguém desejo o que passei. Eu tive vocês apoiando-me sempre, abnegadamente, e ainda assim... Não dá para generalizar. Espero nunca mais retornar à prisão. O simples pensamento dá-me calafrios!

Oh, Deus, tende piedade dos encarcerados e possam eles contar com a solidariedade humana que influenciará seus sentimentos, tornando possíveis as suas recuperações!

Após essa súplica ardente, Justice calou-se, sensibilizando os outros dois.

Conrad indaga:

– Caro irmão, aonde quer ir?

– Para casa. E espero que me acompanhe, por favor...

– Está bem, eu irei. Devo avisá-lo de que Nívea planeja uma reunião para comemorar o seu regresso.

– Depois Conrad, depois...

E os três partem em carruagem de aluguel.

Vão silenciosos e pensativos.

Os pensamentos de Justice voam céleres para Leilah.

Com os olhos fechados, reflete: "Serei perdoado? Conseguirei reconquistá-la?" – Espera, desesperadamente, que sim.

Mantendo-se assim, sua fisionomia ameniza-se, relembrando os momentos de carinho, os seus abraços, os seus beijos... Não, Leilah não pode tê-lo esquecido! Pretende lutar tenazmente por ela.

Seus pensamentos são interrompidos quando sente o veículo parar em frente à casa. Descem apenas os dois irmãos e doutor Lombardi despede-se prometendo estar presente à comemoração.

Movimentando-se a carruagem, doutor Lombardi recosta-se no banco e sorri. Sente-se realizado. Ganhara mais uma boa causa.

XXVI
RECONCILIAÇÃO

Escravizada pelos rígidos preceitos que sempre nortearam os seus passos, Leilah se debate entre o desejo de ser feliz com Justice e o de manter-se fiel aos seus princípios.

Porque o coração jamais estivera comprometido, sempre lhe fora fácil resolver os mais variados conflitos. Agora, no centro de um processo até então desconhecido e com a vida a exigir-lhe posicionamentos urgentes, sente-se atordoada.

Certa de que cederá aos próprios sentimentos, reluta em visitar Justice na prisão.

Nas noites insones, o semblante amado se impõe.

Quando consegue dormir, sofre pesadelos, nos quais presencia a execução de Justice que morre, olhando-a acusador.

De outras vezes, assiste à renhida luta entre ele e Pablo, ambos vestindo roupas de épocas recuadas.

Grita assustada, enquanto eles se digladiam ferozmente, disputando-a.

Finalmente, Justice é atingido e expira em seus braços, enquanto Pablo ri diabolicamente, findando por arrancá-la à contemplação do cadáver amado e, arrastando-a, leva-a consigo sobre seu belo corcel, negro como a noite e com arreios de prata.

Debatendo-se para livrar-se, ela desperta chorando e banhada de suor.

Maria acode e pacientemente consegue acalmá-la.

Refeita do sonho aflitivo, mantém-se silenciosa e introspectiva. Desinteressada dos seus trabalhos de arte e da música, porque recordam Pablo e Justice, sente-se só como nunca se sentiu antes.

Só tem paz quando se encontra na estufa, cultivando as flores que comercializa ou nas loucas cavalgadas, montada em seu querido Lanceiro.

Maria, sentindo-se culpada pelo estado de Leilah, perde a alegria e o entusiasmo de antes.

Pedro, observando-as, espera pacientemente que, de uma forma ou de outra, tudo volte à normalidade.

Hoje, ao entregar o belo arranjo de flores encomendado por Nívea, recebeu uma carta para Leilah. Tem a esperança de que naquelas letras, como ele diz, haja algo que possa auxiliar a sua cara menina a sair daquele abatimento. E, imbuído desse pressentimento, entrega-lhe a missiva.

Em silêncio respeitoso, observa-lhe a grande tristeza. Raramente interfere ou tenta influenciá-la no que quer que seja. Confia em sua natureza sensata e dócil.

Recebendo a correspondência, ela pergunta a Pedro:

– As flores chegaram bem ao seu destino?

– Muito bem. Frescas e belas, encantaram a todos. Ao sair, ainda ouvi os comentários de que você tem mãos de fada, no que concordo plenamente.

– Ora, Pedro, com as orientações do querido e saudoso Pablo é extremamente fácil cultivá-las e confeccionar arranjos. Flores são como as pessoas, reagem de acordo com o trato que recebem. Estes outros já estão prontos. Vou acondicioná-los cuidadosamente e endereçá-los para que você os leve ainda hoje aos seus compradores. E agora me diga: Nívea espera resposta?

– Sim.

– Então, por favor, aguarde alguns minutos, sim?

Retirando-se para o seu quarto, tira o conteúdo do envelope e lê:

“Caríssima Leilah,

Você está bem de saúde? Já se recuperou totalmente?

Estamos com saudades!

Os meus afazeres impedem-me de ir até aí, por isso lhe escrevo.

Pressinto que não vem até nós com receio de enfrentar os problemas sentimentais que carrega.

Nego-lhe o direito de ausentar-se por tanto tempo de nosso convívio. Já nos conquistou a todos e sentimos a falta de sua presença amiga.

O fim desta é informá-la de que Justice já conseguiu a liberdade. Encontra-se em casa tentando refazer-se de todos os sofrimentos passados. O trabalho do doutor Lombardi foi concluído com enorme êxito.

Conrad planejou avisá-la, mas lembrou-se de sua proibição e desistiu.

Justice encontra-se razoavelmente bem. Tememos o lado emocional que nele está desequilibrado pelos motivos já conhecidos.

No momento, submete-se aos cuidados médicos, repousa e faz dieta alimentar para fortalecer-se.

Como amiga (mais que isso, considero-me sua irmã) sugiro que vá visitá-lo. Será bom para os dois.

A saudade que o atormenta, aliada à incerteza de ser correspondido, compromete-lhe a saúde.

Reflita, querida Leilah. Perdoe, dando-lhe nova oportunidade que ele aproveitará plenamente.

Nos próximos dias, farei comemoração bem íntima aqui pelo retorno dele ao nosso convívio.

Contamos com sua imprescindível presença. Não nos negue esse prazer.

Meus cumprimentos a Maria.

Abraço-a afetuosamente.

Até breve!

Nívea”

Dobrando delicadamente a carta, Leilah medita.

A notícia da liberdade a enche de alegria, mas sabê-lo adoentado a entristece horrivelmente.

Visitá-lo, neste caso, impõe-se-lhe como dever cristão, todavia não tem coragem de defrontar-se com ele.

Escreve rapidamente a resposta e retorna ao encontro de Pedro que lhe observando a insegurança indaga solícito:

– Recebeu más notícias, menina?

– Não, Pedro. São notícias boas. Justice já está em liberdade.

– Oh, graças a Deus! E por que tanta tristeza? Minha filha, sinto que se debate como um pássaro recém-engaiolado... Use o bom senso e seja mais complacente, deixando a justiça perfeita para Deus.

A vida passa tão depressa... Ouça o seu coração e procure ser feliz. Você está sendo cruel consigo mesma...

Noto-a tão triste. Só você pode mudar isso. Pelo que sei, esse rapaz já sofreu demais. Deve estar agora estribado noutros valores; deve ter adquirido valiosa experiência.

Receba-o de braços abertos e com perdão incondicional, como deve ser entre os que se amam verdadeiramente.

Aceite a oferta generosa da vida enquanto é tempo. Não envelheça só e frustrada em seus anseios de mulher... Não vale a pena.

Ela o ouviu silenciosamente e com respeito. Ele é sempre sensato e prudente e, desde pequenina, a protege agindo como pai amoroso.

– Pedro, você e Maria são felizes?

– Qualquer um pode ver isso.

– Mesmo sendo tão diferentes, o relacionamento entre vocês não se ressente? Isso não altera a relação de vocês?

– Não, menina. Absolutamente. Procuramos nos compreender e nos respeitarmos.

– Vocês são tão sábios nessa simplicidade... Sabem viver sem grandes complicações. Eu gostaria de ser assim, mas não consigo.

– Aprenderá com o tempo. Comece agora mesmo.

– Bem, Pedro, aqui está a resposta para Nívea. Por favor, faça também a entrega das encomendas aos fregueses, mas antes sele o Lanceiro para mim. Decidi sair um pouco. Preciso pensar!

Minutos depois, Leilah monta o belo animal e afasta-se rapidamente.

Já distanciada da casa, solta gradualmente as rédeas, fazendo Lanceiro trotar. A magnífica manhã impressiona-lhe os sentidos e ela entrega-se aos seus pensamentos.

Repentinamente, divisa, à sombra de algumas árvores frondosas, de pé, o vulto amado de Justice parecendo esperá-la.

Automaticamente, vira as rédeas para fugir-lhe. Com o coração na voz ele pede:

– Não se vá, por favor!

O timbre daquela voz toca-lhe as fibras mais ocultas da alma sofrida e saudosa.

Bruscamente, puxa as rédeas e Lanceiro retesa o corpo forte e luzidio, enquanto relincha surpreso. A emoção de sua dona o confunde.

Ela fixa Justice de frente e do alto, silenciosa, como uma esfinge que ele deverá decifrar para não ser derrotado, nem esquecido...

São instantes que parecem séculos.

Aparentemente confiante ele se aproxima.

Nenhum dos dois quebra o silêncio que se faz pesado.

Ele lhe estende a mão para auxiliá-la a desmontar. Nos seus olhos amorosos os reflexos da saudade longamente curtida.

Segura forte e delicadamente a mão fria da moça, enquanto fala com voz cariciosa:

– Minha Leilah, quanta saudade!...

Ao descê-la, seus corpos se tocam e como imãs se atraem poderosamente.

Ficam enlaçados, o peito a explodir de amor, a boca incapaz de articular palavra...

O tempo parou. Nada mais existe, nada mais lhes importa...

Tomando-lhe o rosto nas mãos, Justice analisa cada detalhe enquanto exclama apaixonado:

– Como pude sobreviver sem o brilho desse olhar? Não, certamente estive morto e ressuscito agora!

Beija-a docemente nos olhos, nas faces e finalmente nos lábios amados que correspondem totalmente, apaixonados e submissos.

Ela sabe que sua alma entregou-se toda, inteira, sem reservas...

Agora, tem consciência de que tem vivido à espera desse momento.

Não pode prescindir daquele amor, daquela presença...

Esconde o rosto em seu peito para disfarçar as lágrimas que a socorrem, lavando-lhe os olhos e a alma, e aconchegando-a Justice aguarda que ela se reequilibre.

Olhando-o nos olhos, ela confessa:

– Eu o amo, Justice. Agi muito mal com você. Perdoe-me...

Colocando-lhe os dedos sobre os lábios, ele pede:

– Não fale sobre isso. Apenas repita que me ama e nada mais importa. Esqueçamos tudo que passou e vivamos esse presente maravilhoso que nos brinda com a felicidade há tanto almejada. Para merecê-la, Leilah, eu farei qualquer sacrifício.

– Não desejo que sofra mais do que já sofreu, Justice. Eu o amo! Neste instante, sei que enfrentarei qualquer dificuldade, desde que esteja ao seu lado. Não me deixe, por favor. Tenho a má sorte de perder aqueles a quem amo. Imploro aos céus que conosco agora seja diferente!

– Será, eu sei. Não tema, sou outro homem. Jamais cometerei as mesmas leviandades de antes. Esteja certa de que o meu amor é forte e sincero. Ser-lhe-ei fiel, haja o que houver! Confie em mim e asserene o seu coração, deixando-o amar-me.

Nunca amei antes, Leilah. Somente agora conheço o amor. Empenharei toda a força de minha alma para fazê-la feliz!

Pedro, que saíra para entregar as flores, os viu abraçados.

Observa-os feliz e, disfarçadamente, passa sem que eles o percebam.

Olhando a carta que pusera no bolso, tem a intuição de que ela já está ultrapassada, mesmo antes de chegar ao seu destino.

XXVII

EXPLOSÕES

Encerrando as suas orações, Maria vai até o jardim e ali respira profundamente.

Encantada, admira as flores que exalam agradáveis perfumes, numa policromia belíssima. A seguir, encaminha-se a um banco de pedra com as laterais feitas em ferro artisticamente trabalhado e senta-se, suspirando.

Seu coração maternal sofre ao ver Leilah abatida e infeliz, quando possui tudo para ser venturosa.

Recorda seus primeiros passos, suas primeiras palavras, sua inteligência precoce e a meiguice mesclada de forte rebeldia; crescendo, ela tornou-se como as flores desse jardim, irradiando alegria e beleza.

Atualmente, duvida que possa ter acertado na sua função de mãe. Talvez não estivesse preparada para educar Leilah... Foi tarefa além das suas possibilidades de mulher simples...

Sente-se culpada e desorientada.

Com a mão no queixo, em desalento, deixa cair grossas lágrimas. Sem saber o que pensar, questiona-se se não seria melhor deixar aquele lar. Talvez Leilah consiga outra pessoa mais inteligente, que não atrapalhe...

Pensamentos tristes e desanimadores abatem-na.

Olha além do jardim, admirando o verde que se estende à sua vista quando, ao fixar os olhos num casal que se aproxima abraçado, reconhece

sua querida menina e... Justice! Mas ele não está preso?

Olhando-os enquanto se avizinham, hesita entre a revolta de revê-lo e o alívio de percebê-la sorrindo.

"Além de devasso, também ex-prisioneiro! Que loucura de Leilah!" – pensa inconformada.

Com o semblante fechado, enxuga os olhos no avental enquanto os aguarda.

Ambos acercam-se de Maria e Justice, conciliador, pergunta-lhe:

– Dona Maria, como vai?

– Eu estou muito bem. Quando 'saiu'? – responde, deixando transparecer sua arrogância e seu desprezo com relação ao rapaz.

– Há bem poucos dias. Estive doente, somente agora me recuperei – Justice finge não ter percebido suas palavras mordazes.

Leilah, silenciosa, observa Maria, lamentando-lhe a incapacidade de superar a sua aversão por Justice ou ao menos disfarçá-la, como seria de bom-tom.

Voltando-se rapidamente, Maria penetra na casa, resmungando baixinho:

– Ex-presidiário, devasso e doente! É demais! Acho que Leilah está se arriscando muito! Ora, por que não foi ele que partiu em vez de Pablo?

Pedro, já de volta, vendo-os, prefere não lhes falar, entrando pelo portão dos fundos. E, alegre como um menino, vai imediatamente ao encontro de Maria, comentando baixinho:

– Já viu como a menina está feliz? Pensei que esse dia jamais chegasse!

Olhando-o rancorosa, Maria explode:

– Oh, homem, o que tem nessa cabeça? Não percebe que ele não a merece? Ela será infeliz com ele!

– Eu vejo que você é infeliz! E porque quer. É cega da alma, apesar dos joelhos grossos de tanto rezar.

Maria, já se esqueceu do que Leilah lhe disse naquele dia em que nos abraçamos os três? Que memória tem você, Santo Deus! Que cabeça dura!

Não vê que assim Leilah se afastará cada vez mais? Não percebeu ainda que ela não confia mais em você? Maria, Maria! Tenha juízo, mulher de Deus! Até quando será assim radical e amarga?

– Você sabia que ele já estava em liberdade?!

– Se você não estivesse tão distante do coração de nossa menina, também saberia.

Maria senta-se em uma cadeira e suspira, enquanto se lamenta:

– Ela nem me disse... Está cada vez mais distante... Parece uma estranha...

– Ela apenas se defende, Maria. Você age muito mal!

– Não diga isso, Pedro! Eu não mereço!

– Merece sim. Acorde enquanto é tempo e traga-a de volta ao seu coração.

A mulher, zangada, em rompantes, levanta-se e dirige-se ao seu quarto.

Pedro, conhecendo-a bem, pode perceber que ela se debate mais uma vez, entre seus impulsos e o seu coração generoso.

Seguindo-a de perto ele chega ao quarto onde ela começa a tirar do armário as suas roupas e os seus pertences, enquanto chora.

– Maria, que faz?

– Não está vendo? Vou-me embora. Aqui não sou querida!

– E para onde?

– Para a casa de minha irmã, Maria do Rosário, em Córdoba.

Pedro deixa-a ali e sai à procura de Leilah.

Acercando-se, cumprimenta Justice com um sorriso, desculpa-se pela intromissão e chama:

– Leilah, por favor! Venha aqui.

Surpresa, ela o atende e indaga curiosa:

– Houve problemas com as encomendas, Pedro?

– Não, entreguei-as conforme ordenou.

Minha filha, Maria está fazendo as malas; diz que vai embora para a casa de Maria do Rosário!

– Como? E por quê? – enquanto indaga, ela se precipita com rapidez na

direção do quarto de Maria, esquecida da presença de Justice.

Para, surpresa, diante da porta aberta.

Maria, em copioso pranto, arruma uma valise; suas roupas e outros objetos estão espalhados sobre a cama.

– Maria, que houve? Não entendo! – exclama magoada.

– Há muito que você não me entende, minha filha...

Como vê, parto para Córdoba. Pretendo ficar lá por muito tempo ao lado da minha irmã. Assim você se livra da minha presença!

– E quem disse que quero livrar-me da sua querida presença?!...

Enxugando o pranto, Maria silencia e senta-se no leito macio forrado com linda colcha de seda, abatida, cabisbaixa.

Leilah se aproxima, acomoda-se ao lado dela, toma-lhe as mãos e pergunta, mal contendo o pranto:

– Eu magoei você? Não gosta mais de mim e nem da nossa casa?

– Não é nada disso. Eu é que não sou mais necessária aqui...

– E desde quando? Como pode dizer isso, Maria?

– Desde que não nos entendemos mais. Você me evita, minha filha, não confia mais em mim, não me ama mais...

Extremamente comovida, Leilah a abraça chorando e deixa-se escorregar sobre o tapete, para apoiar a cabeça no colo de Maria como fazia quando criança. Beija-lhe as mãos calosas e sussurra:

– Você é minha querida mãe de criação! Nunca foi apenas a minha ama, Maria querida!

Se estamos momentaneamente afastadas, é por sua intolerância... Pense bem, analise os fatos e me diga quem nos afastou...

– O senhor Justice.

– Engana-se, Maria, foi você mesma!

Ele tem tentado, exaustivamente, conquistá-la, sem sucesso.

Se eu o amo, devo abrir mão da minha felicidade por um capricho seu? Isso é injusto, Maria! Direi mesmo que seria insensato da minha parte aprovar-

lhe os atos de rebeldia contra ele, que nada lhe fez, muito ao contrário, ele lhe quer bem. Você, porém, não consegue perceber isso!

Se eu o deixasse, seria por mim mesma e jamais por influência de quem quer que fosse! Você me conhece tão bem!... Sabe o quanto sou determinada naquilo que desejo e age como se eu precisasse ser conduzida pela mão? Oh, querida Maria, como você tem me magoado ultimamente! – Leilah lhe fala, súplice e amorosa, olhando-a bem nos olhos enquanto lágrimas ardentes rolam pelo seu rosto.

Maria chora igualmente; cabeça baixa, envergonhada. Concorda, lamentavelmente, com tudo que está ouvindo da sua querida menina... E Leilah prossegue:

– Se você me ama, deve querer que eu seja feliz, todavia tem agido de forma tão contraditória!... Se for embora como poderei ser feliz? Não percebe, minha Maria, que não suporto mais perder aqueles a quem amo? Não faça isso comigo e nem com Justice!

– Ele me substituirá no seu coração com grande vantagem!

– Não! O seu lugar na minha vida jamais alguém ocupará. Você está sendo impulsiva e também egoísta!

– Aos poucos ele a roubará de mim, definitivamente. Desde que ele chegou, nós nos desentendemos.

– Por sua culpa, Maria.

Maria silencia, respira fundo, olha as roupas e os objetos espalhados, segura entre as mãos o rosto aflito e úmido de pranto de Leilah, beija-a, levanta-se agitada e declara:

– Pronto, já mudei de opinião! Não vou embora! Afinal sou ou não sou sua mãe? Imagine deixá-la sozinha! Como pude pensar nisso? Que a 'Virgem de Macarena' me perdoe! E você também, minha querida!

– Obrigada, minha Maria! Nunca me deixe, por Deus!

– Bem, bem! Vou arrumar de novo toda essa desordem! Depois vou preparar uma gostosa refeição para vocês.

Vá namorar! Recupere o tempo que não esteve ao lado dele. Não se preocupe, aos poucos aprenderei a retribuir a afabilidade que Justice nunca me retirou. Ele é persistente e educado! Isso eu não posso negar, com efeito!

– Essa é a 'minha' Maria!

E a moça, que minutos antes chorava, agora sorri, pendurada ao pescoço da ama enquanto a cobre de beijos, aconselhando-a:

– Deixe o quarto como está, por enquanto. Mais tarde virei ajudá-la a arrumar o guarda-roupa e ver do que necessita no momento para ficar bem bonita e elegante para Pedro e para mim! E com o tempo... para Justice também.

Ela concorda e sacudindo o corpo volumoso, satisfeita, dirige-se à cozinha, com o coração banhado em novos sentimentos.

Pedro, ao notá-la calma e sorridente, conclui que Leilah, como sempre faz, conseguira tranquilizá-la. Respira aliviado. Ama aquelas duas e simpatiza muito com Justice. Sente que ele está preparado para fazer sua menina feliz.

Lembrando-se de que ainda não cuidara dos animais, encaminha-se à cocheira cantando antiga canção andaluza.

A melodia alcança os ouvidos de Justice, amante da música e do bel-canto. Prazeroso, ele agradece, intimamente, a Deus por estar ali, beneficiando-se daquele lar amoroso e equilibrado.

Leilah o surpreende meditativo. Ela tem os olhos vermelhos e ele os beija sem fazer indagações. Pressente ter sido motivo de desentendimento entre ela e Maria.

Quer bem a Maria e continuará tentando conquistar-lhe a amizade e a confiança.

Compreende-lhe o ciúme. Provavelmente, Maria pensa que ele lhe roubará o coração da filha querida...

Enlevado, continua ouvindo Pedro cantar...

XXVIII
INTERCÂMBIO

LEILAH É LUMINOSO farol guiando Justice a porto seguro.

Maria, convencida dos dotes espirituais do rapaz, depõe as armas, admirando-se de si mesma na sua cegueira anterior.

Justice frequenta diariamente a casa de Leilah e, num clima de paz, eles planejam futuro venturoso.

Retomando os negócios, aos poucos, ele se refaz financeiramente.

Após as duras lições que se constituíram em duras provas a que todos foram submetidos, as compensações chegam, afagando as suas existências.

Nívea decide marcar a comemoração que vai reunir aqueles que estiveram envolvidos no longo e doloroso transe e pede a Leilah lhe faça companhia por alguns dias em sua residência a fim de auxiliá-la nos preparativos.

Ainda pranteiam o querido Pedro de los Prados e Nívea permanece em luto. Por isso, a comemoração será simples e informal.

Chega o dia em que todos se encontram, descontraídos e gratos aos céus, pela libertação de Justice:

Nívea e Conrad, Justice e Leilah, Pedro e Maria, senhor de Marsilhac e secretária (gentil senhorita de cabelos ruivos), doutor Lombardi (que recebe a profusão dos elogios) e Esteban, feliz por ter cooperado com seu depoimento no caso.

A casa está decorada com jasmins, em homenagem ao saudoso pai de

Nívea.

O doutor Lombardi, animado, conversa com seu colega o senhor de Marsilhac, expondo-lhe detalhadamente o processo que culminou com a liberdade de Justice, sem ter havido julgamento, pois, as provas, as circunstâncias e os testemunhos inocentaram-no.

Maria, entusiasmada, ouve Leilah e Nívea trocarem ideias e combinarem a realização de uma única cerimônia de casamento.

Em certo momento da conversa Leilah indaga:

– E quanto à abertura do testamento de seu saudoso pai, Nívea?

– Marcaremos para antes do casamento.

– Quero fazer o mais belo vestido de noiva da Espanha para Leilah! – exclama Maria. – Senhorita Nívea, se quiser, confecciono o seu também, que será tão belo quanto o dela!

– Obrigada, Maria. O meu vestido já está encomendado a um atelier parisiense. Eu já escolhi o modelo e aguardo a apreciação de alguns estilistas de Paris.

Todavia, Maria, vista o que vestir, sentir-me-ei venturosa, porque caso-me com o homem da minha vida!

– E que sejam muito felizes! Que Deus os abençoe!

– Auguro o mesmo para você e Justice, Leilah!

– Obrigada. Maria sempre desejou fazer-me esse vestido que usarei no dia do meu casamento, e que para ela é a coisa mais importante.

– E não é? – indaga Maria, olhos espantados.

– É, Maria, e ao mesmo tempo não é. O mais importante será como estará vestida a minha alma. Concorda?

– Sim – responde Maria, com olhar compreensivo.

Leilah, ao perceber Nívea ensimesmada, pergunta-lhe:

– Aborreceu-se, Nívea?

Regressando das regiões dos seus pensamentos, ela responde suspirando:

– Sinto a falta de papai. Sua ausência me entristece... Diz ela, apontando o

retrato dele, elegante em trajes de caça ao lado do seu imponente alazão.

Leilah levanta-se, abraça-a e tenta consolá-la:

– Ele não estará ausente. O meu também estará comigo, vibrando de felicidade e lendo a ventura que vai em meu coração. Eles não nos abandonam, Nívea. Maria ensinou-me assim e minha alma firma-se nessa certeza. Por isso nessa data, estarão presentes: minha mãe, meu pai e nosso querido Antero Luiz, que há tão pouco tempo nos deixou.

Estão ainda abraçadas quando Justice e Conrad aparecem na porta e o primeiro indaga, preocupado:

– Houve algo? O que se passa com as nossas queridas?

– Nada, Justice – responde solícita Maria –, é a saudade daqueles que nos precederam no mundo de Deus...

– Ah... Nós também lamentamos as ausências dos nossos pais, de nosso tio e de Antenor – concorda Conrad.

Nívea, com voz pausada, esclarece:

– Leilah acredita que eles estarão conosco no dia dos nossos casamentos. Esperamos que ela tenha razão. Não tenho informações a respeito, mas acredito em Deus, que sendo justo e bom, não deve separar aqueles que se amam, permitindo reencontros 'casuais' dos que partiram com os que ficaram, ainda mais nas grandes ocasiões em que são decididos os destinos dos seus entes queridos. A crença de Leilah tem fundamento.

Justice, que se sentara em rica poltrona de veludo azul-marinho, suspira e comenta para todos ouvirem:

– Com referência ao auxílio que recebemos dos nossos 'mortos' queridos, quando estive preso, frequentemente sonhava com minha mãe. E aqueles sonhos me confortaram nos momentos mais críticos...

Emocionado, Conrad participa:

– Eu nunca lhe disse, Justice, mas vejo o rosto luminoso de minha querida mãe algumas vezes, como uma névoa fugidia; ela me sorri, enquanto eu choro de emoção. Estou convencido de que ela está sempre comigo!

Surpreso, Justice interpela-o:

– E por que nunca me disse?

– Receava suas brincadeiras.

– Mas poderia tê-lo feito quando lhe contei do 'espectro' de Leilah! Ainda hoje sinto dificuldades em entender ou comentar esses fatos. Eles me impressionaram vivamente.

Nívea pede com doçura e interesse:

– Justice, conte-nos como foi! Eu gostaria de saber!

– E eu também, meu filho! – completa Maria.

E Justice, segurando a mão da noiva que se aproximara, narra-lhes o fenômeno detalhadamente.

Os advogados que vinham chegando tornaram-se ouvintes, bastante interessados. Após ouvi-lo atentamente, o senhor de Marsilhac declara:

– Imaginem vocês que eu, há alguns anos, tive que defender a causa de um fantasma!

Todos se espantam e querem saber mais.

Ele, sentando-se comodamente em uma das poltronas, narra o fato num belo timbre de voz:

– No legado de uma família havia uma sala fechada em determinada casa que jamais deveria ser aberta, tendo sido lacrada com todos os pertences do dono logo após a sua morte.

Os parentes passaram a questionar a validade da vontade do falecido, colocando-se uns contra os outros, dividindo opiniões.

O advogado da causa do 'fantasma' era exatamente eu e, como venci, 'ele' ficou tranquilamente instalado nos seus aposentos até que outros parentes, num futuro bastante longínquo, decidam de outra forma.

– E o seu corpo também ficou lá? Arre, que calafrio! – diz Maria, muito preocupada.

– Não – responde o advogado –, o seu sepultamento foi no jazigo da família.

– E depois da sentença, o senhor veio a ter notícias do caso? – Nívea indaga.

– Bem, fiquei sabendo que os vizinhos, apesar da sólida parede que os separava, garantiam ver a claridade da luz de uma lamparina; diziam ouvir conversas em altas vozes e portas abrindo-se e fechando-se com estrondo, numa agitação constante.

Maria, de olhos muito arregalados, exclama:

– Valha-nos Deus! Que imprudência incentivarem tais coisas! Essas almas não buscarão o repouso eterno?

Querendo incentivar-lhe a razão, Justice questiona:

– Será, minha boa Maria, que o repouso eterno existe?

Leilah, atenta a tudo que ouvia, comenta:

– Se existe, dever ser bem monótono...

– Leilah, minha filha, olha o que diz – repreende Maria.

– Mas, Maria – acorre Justice –, ela tem razão! Já refletiu sobre o que é não ter ocupação durante toda a eternidade?

Ou se buscaria o trabalho que desenvolve as potencialidades latentes ou os prazeres que divertem! A não ser que a sua e a minha alma não tenham as mesmas aspirações!

Maria se cala pensativa. Para ela é muito difícil entender dessa forma as 'coisas do céu'...

Participando do assunto em questão, o doutor Lombardi declara:

– A minha profissão tem-me permitido conhecer países onde tenho visto coisas estranhas e que me exigiram uma forma de análise diferente da usual.

– O que, por exemplo? – indaga Nívea, bastante curiosa.

– Bem, as próprias crenças, por exemplo, diferenciam-se demais, de acordo com os diferentes lugares e países. A grande maioria deixa transparecer variados fragmentos dessa verdade incontestável que é a vida após a morte.

Povos existem que se preparam mais para a morte que para a vida. Isso é muito comum no Oriente, onde o homem acredita fanaticamente no seu

destino fatal, aceitando-o e preparando-se para recebê-lo com resignação.

Há, nesse sentido, uma apatia perigosa e contraproducente que nos revolta a nós, ocidentais, pela inércia e submissão a castas mais poderosas, interessadas em mantê-los passivos e indefesos, à espera da felicidade no 'Nirvana'.

Noutros países, a crença nessa sobrevivência é mais racional.

Os estudiosos desse assunto vão buscar conhecimentos nos arquivos sobre os mistérios iniciáticos das civilizações do passado e na mitologia grega, riquíssima no seu simbolismo.

Na Grécia, recordamos Sócrates, que predizia um futuro melhor para aqueles que fossem bons e julgamentos rigorosos para os maus. Ele afirmava ter o seu *daimon* a inspirá-lo sempre.

Platão, seguindo-lhe os passos, escreveu suas obras, inspirado nas experiências transcendentes do seu mestre.

Os estudiosos da literatura antiga da Índia védica nos esclarecem sobre os símbolos que estão intimamente ligados à natureza dos homens; como o bem e o mal, o poder e a submissão.

Temos visto grandes sábios usando a razão ao indagar sobre Deus e colocando-O sobre bases infalíveis.

É muito questionável a forma habitual com a qual se define Deus e os seus atributos. Numa distorção absurda nos comparamos antropomorficamente ao Criador, nas nossas malfadadas imperfeições, esquecidos de que Ele é perfeito.

Há que se beber nas fontes do passado para entender-se o presente e o mistério da presença do homem nesse pequenino globo terrestre.

Somos afligidos por tantos males... A felicidade existe? Não creio. Minha experiência me diz que o homem daqui caminha num 'vale de lágrimas', arrependido, sem saber de quê e carregando um 'pecado original' que não sabe onde e como o adquiriu...

Na voragem do tempo, somos todos tragados e ficamos sem saber o destino

daqueles que nos precederam, o que muito nos entristece...

Felizmente, hoje há no mundo um novo sopro de conhecimentos espiritualizados, com base na imortalidade da alma e aceito por mentes mais evoluídas, preconizando novas oportunidades para o ser humano através das múltiplas vidas, em que seremos mais ou menos felizes ou infelizes de acordo com o cumprimento ou não das Leis de Deus.

Falo de reencarnação, com a qual meu Espírito está consoante, pois se como advogado eu busco justiça, que dizer de Deus?...

De oportunidade em oportunidade, o espírito experimenta o crescimento e a evolução, necessários e incessantes. De degrau em degrau, ele vai ascendendo numa escala infinita de progresso.

O senhor de Marsilhac que tudo ouviu encantado, aduz rindo:

– Se a fatídica 'Inquisição', nas suas variantes mais modernas o perseguir, o meu ilustre colega pode contar com os meus préstimos para defendê-lo e garanto que não lhe cobrarei honorários. Ouvir essa riquíssima preleção já é um pagamento prévio e compensador!

Todos riem e Maria está boquiaberta. Várias vezes persignou-se, fazendo todos rirem.

Leilah comenta com serenidade:

– Eu já tenho lido a respeito e, numa ocasião, Pablo e eu manifestando-nos a favor da teoria da reencarnação, perdoe-me, Justice, chegamos a dizer que gostaríamos de renascer próximos para prosseguir com a nossa amizade.

– Nada tenho a perdoar, Leilah. Tenho Pablo na condição de irmão. Ele a amou demais e posso entendê-lo em seu desvario. Como me sentiria no lugar dele? Não quero nem pensar! E quanto ao assunto em pauta, eu me adianto desde já pedindo a Deus e à sua justiça que me faça renascer todos os séculos vindouros ao seu lado!

Nívea, que silenciosamente tudo ouvira, exclama pensativa e extremamente comovida:

– Agora eu entendo por que desejei fazer essa reunião. Minha alma

envolveu-se hoje aqui em novas esperanças. Meu pai não está perdido para mim... Eu poderei privar de novo e sempre da sua adorada presença!...

Doutor Lombardi, tomara esses conceitos sejam verdadeiros, pois confortam profundamente, sendo muito mais conformes à justiça divina.

– Sim, minha cara menina, mas eu sugiro que guardem para si essas ilações, por enquanto perigosas para todos. Aguardemos o futuro e tenhamos esperanças de que comprovadas essas ideias, que emanam de Deus, elas sejam sacramentadas, a fim de podermos fruí-las em plena liberdade! Ainda é bem estreito o ângulo de visão das criaturas e as perseguições existem mesmo que disfarçadas... Não desprezemos a prudência...

Justice dirige-se ao bom causídico e diz respeitoso:

– Agradecemos-lhe esses esclarecimentos! De minha parte, proponho-me a estudar essas filosofias para entender melhor as leis divinas e os nossos destinos.

– Conte com a minha presença nesses estudos, que, aliás, sempre me fascinaram! – completa Leilah, dirigindo-se ao noivo.

– Quem sabe poderíamos formar um grupo de estudos filosóficos? Eu também gostaria de me aprofundar nesses assuntos – diz o senhor de Marsilhac.

Todos concordam. A criada vem avisá-los de que o almoço está à mesa.

Vivamente animados pelas novas esperanças, eles encaminham-se à sala de refeições, comentando entre si alguns detalhes das declarações do doutor Lombardi.

Sem que possam perceber, encontra-se ali uma plêiade de espíritos, que os impulsionaram a assuntos tão profundos e urgentes para o homem da Terra.

Os seus entes queridos que já partiram descobriram mais uma vez ser uma existência o prosseguimento da outra, sendo ilusória a separação; que Deus é justo, recebendo cada um “segundo as suas obras”; que a caminhada é longa e se faz por etapas. Todos estão ali, misturando-se a eles.

Finalmente, brilha radioso sol para nossos personagens, que ficará obscurecido vez por outra pelas nuvens das aflições e pelas tempestades purificadoras...

Enquanto formos imperfeitos, será assim...

Nas ilações sábias e inspiradas do doutor Lombardi, eles beberam a água pura do esclarecimento que conforta, porque justifica em Deus.

Finda a reunião, todos retornaram à rotina, embalados em novas ideias e novas perspectivas.

Justice aprimora-se nos seus negócios para estar rapidamente pronto para o casamento. Afinal, já é um homem de 34 anos. Precisa apressar-se para ser feliz, ter filhos...

Leilah, venturosa e impulsionada pelos sentimentos que vibram fortemente no seu íntimo, prepara-se para ser esposa e mãe.

Ao lado da querida Maria, ela apressa o enxoval, a arrumação da casa e os planos para a festa nupcial.

Tudo lhe sorri e Maria participa da alegria da moça, assim como Pedro, que requisitado um sem número de vezes para colaborar, atende com prazer.

E enquanto isso, todos se preparam para o grande dia.

XXIX
MILAGRES

Deixemos os nossos amigos entregues às suas azáfamas e busquemos Milagres, a criaturinha que já conhecemos através de Justice.

Em sórdido pardieiro, envolvida em trapos, ela está febril. Delira e grita muitas vezes, enquanto a mãe irresponsável bebe o vinho comprado com o 'trabalho' da pequenita, que naqueles momentos difíceis só tem a Deus e ao seu anjo da guarda a velarem por ela.

A mulher, olhos inchados e vermelhos pelo álcool, estala a língua para melhor saborear o líquido rosado que sorve, deliciando-se.

Vez por outra, olha de soslaio para a menina e pragueja:

– Tomara que não morra, infeliz! Como vou viver? A ela todos dão as esmolas que me sustentam e regalam!

E ri diabolicamente, exibindo boca suja de dentes amarelos.

– Mamãe... – ouve-se a pequena balbuciar –, quero água... por favor, mamãe...

Cuspindo de lado, a mulher exclama colérica:

– Não sou sua mãe, traste! Por que me incumbi de criá-la? As preocupações que me traz são maiores do que as esmolas conseguidas!

– Água! Estou com muita sede...

Batendo com o fundo da garrafa na mesa, ela se levanta visivelmente irritada e encaminha-se a outro minúsculo compartimento onde apanha

pequena caneca com água e dá à menina, levantando-lhe simultaneamente a cabeça.

Bebendo sofregamente, Milagres derrama um pouco no rosto, tal a sua ansiedade. Sem dar-lhe tempo de beber todo o líquido, ela larga a menina e retorna à garrafa, resmungando:

– Quando eu era formosa, não precisava desse estorvo! Sozinha, me virava muito bem, ora se não!

Agora, os homens já não me procuram como antes e sou obrigada a usar essa carinha de anjo para pedir. Brevemente, ela poderá assumir o meu lugar e, sem dúvida, viveremos à larga! Abomino essa miséria!

Em seguida, radicalmente transformada, lamenta-se:

– Pobre filhinha – e já está em prantos –, mesmo não tendo saído de mim, eu quero o melhor para você!

Quando minha irmã morreu você tinha apenas alguns meses! Ela pediu-me para cuidar de você e é o que faço, não é? – ajoelhando-se ao lado da menina, acaricia-lhe grotescamente o rostinho maltratado.

Em seguida, levanta-se novamente modificada, sarcástica, uma outra pessoa:

– Ora, não morrerá dessa febre! Preciso de você forte e falante, para ganhar muito dinheiro daqueles belos e ricos senhores!

Cambaleando, ela cai ao lado de Milagres e em poucos instantes ressona ruidosamente.

Tudo em volta é triste e sórdido.

*

APESAR DOS INÚMEROS afazeres e da sua felicidade, Justice não consegue se esquecer da pequenina Milagres.

Os anseios de protegê-la levaram-no ao lugar onde a encontrou, por duas vezes, mas em vão.

Decide-se então por uma sindicância e, nesse sentido, sai dando espórtulas a quantos lhe possam dar informações das duas, até que finalmente um homem bastante andrajoso diz saber o endereço. Cinicamente, ele pede mais

dinheiro, pois, como diz, está informando e ainda se propõe a conduzi-lo até a moradia das duas.

Justice sabe que ele pode estar mentindo, criando uma boa ocasião para assaltá-lo. Mesmo assim o acompanha, confiante na ajuda e na proteção de Deus. Segue desconfiando, cuidadoso e vigilante.

Caminhando longamente por ruas esburacadas, eles chegam a um lugar tétrico, assustador. Casas pequenas e de construção frágil amontoam-se aqui e ali, num grande terreno baldio.

Justice suspira, penalizado.

Andando por um sórdido labirinto, cheio de buracos de lama, nos quais se surpreendem com situações tristes e vexatórias, os dois chegam a um portão malcolocado e avistam a 'mãe' da menina a lavar alguns trapos numa velha bacia enquanto cantarola conhecida canção madrilena.

Ao vê-los, reconhece-os e larga o que faz. Ajeitando o belo lenço de seda que lhe envolve a cabeça, requebrando, aproxima-se do seu companheiro de 'profissão', perguntando-lhe:

– Que faz aqui a essa hora? – e olhando Justice de alto a baixo, diz: – O que deseja, gentil senhor?

– Dolores, este senhor quer ver a pequenina Milagres.

– Milagres, a minha querida filha? Pois chega em boa hora. Ela está muito doente e eu não tenho dinheiro para tratá-la!

Assustado, Justice indaga:

– Por favor, minha senhora, o que tem a menina?

– E eu sei? Ela tem muita febre e me dá muito trabalho! Já gastei todo meu dinheiro que, diga-se de passagem, não é muita coisa. Sou pobre e muito necessitada da caridade pública... – isso ela diz revirando os olhos e avaliando as possibilidades de comover Justice para conseguir dinheiro.

– A senhora permite que eu a veja?

– Entre! Ela está deitada aí dentro.

Justice apressa-se. Enquanto se espanta com a miséria e a imundície da

casa, o seu 'guia' puxa-o pela roupa e propõe com cinismo:

– Pelo que vejo, gosta muito dessa garota e não vai se importar em pagar-me um pouco mais. Afinal estou em hora de 'trabalho'!

Justice, em silêncio dá-lhe mais algumas moedas. Teme estar sonhando. Aquele contexto é assustador...

O homem se vai e Dolores, com a saia presa à cintura de ambos os lados, pés descalços, entra no cubículo e vai dizendo com voz melíflua:

– Olhe bem como está abatida a minha pobre menina. Tenho feito tudo que posso, mas faltam-me recursos, o senhor entende, não é?

Ignorando-lhe a encenação, ajoelhado junto a Milagres, Justice toca-lhe a testa ardente e segurando-lhe as mãozinhas, sussurra, chamando-a:

– Milagres...

Abrindo os olhos, enfraquecida, ela o vê, surpreende-se e esboçando débil sorriso pergunta:

– O senhor? Estarei sonhando?

– Por que indaga isso, minha pequena?

– Porque tenho pensado no senhor muitas vezes... Água...

A mulher, com presteza, traz a caneca com água e Justice, auxiliando-a a sentar-se, a faz beber, com cuidado. Molhando o seu lenço na água que restou, ele refresca-lhe a testa.

A pequena vira-se para o outro lado e adormece novamente.

Querendo ajudar, Justice vai em busca do médico e retorna alguns quartos de hora depois com o doutor Pablo Luna, que examinando a menina constata a precariedade dos pulmões e assevera a necessidade urgente de uma internação.

Junto a Dolores eles partem, levando Milagres para o hospital.

Justice faz questão de carregá-la em seus braços, carinhosamente.

Aquele pequenino corpo de encontro ao seu emociona-o. Sente pela garota uma ternura infinita e reflete sobre quantos pequeninos na mesma situação de Milagres podem estar vivendo nas mãos de pessoas cruéis que os

exploram...

A um balanço mais forte do veículo, ela geme e Justice a abraça mais forte para protegê-la e a mantém assim até a chegada ao nosocômio onde a internam.

A ‘mãe’, após encenar o papel de mãe amorosa, regressa prometendo voltar para vê-la.

Justice é convencido pelo médico de que sua presença ali não se faz necessária. Ele retorna com a intenção de trazer Leilah para ver Milagres e auxiliá-lo a amparar aquela infeliz criança.

Pelo caminho, vai meditando sobre os últimos acontecimentos: “Com que então, a pequenita pensa em mim? Talvez essa a explicação para minha vontade irresistível de revê-la. Que estranho!... Que laços nos ligam? Os fraternos... Afinal somos todos irmãos, porque filhos de Deus! Mas... pressinto compromissos entre mim e esse pequeno ser... Tão sofrida, pobrezinha...”

Recorda que vem acalentando em seu coração a vontade de adotá-la.

Decide comunicar à Leilah e aos demais a sua intenção. Recorrerá ao doutor Lombardi ou ao senhor de Marsilhac para orientá-lo nos trâmites da lei.

Sob o influxo inspirador, roga a Deus que salve aquela criaturinha tão frágil e já tão querida do seu coração...

Milagres passa dias e dias entre a vida e a morte.

Comunicando a todos os recentes acontecimentos, Justice consegue a adesão amorosa e as orações fervorosas pela cura da menina. Todos se esqueceram das suas urgências e se revezam nos cuidados com a enferma.

Extremamente sensibilizada, Leilah absorve-se na contemplação daquele rostinho sofrido, no qual pode ler a insegurança e a angústia. Compara-a acertadamente às suas flores, considerando o crescimento e a fragilidade de que se revestem.

Fica horas a zelar por ela, apoiando o coração de seu querido Justice que

teme perder a pequenita.

Sentada ao lado da cama, lê orações intercalando-as com os próprios apelos saídos do coração. Ministra-lhe os remédios, cuida de seu conforto e surpreende-se amando-a ternamente. Lê para ela histórias de fadas enquanto de olhos fechados a menina relaxa, ouvindo a voz doce e pausada de Leilah.

Dolores nunca apareceu no hospital.

Conrad e Nívea, carinhosos e dedicados, acompanham aquela dolorosa expectativa.

Maria faz novenas pedindo ao Pai a cura da pequena enferma.

Do coração bondoso de Pedro, que já fora ver Milagres no hospital, jorram súplicas aos céus.

Nos momentos de lucidez, Milagres retribui os desvelos com sorrisos esforçados. Aprendeu a ser servil e grata. É um antigo condicionamento instalado pela vidinha difícil que sempre levou.

Quando, porém, divisa ao seu lado o querido senhor, o sorriso largo e espontâneo faz-se acompanhar de suspiro profundo e repousante, como alguém que tendo atravessado muitos perigos pode distinguir à sua frente a segurança desejada. Nesses momentos, ela aperta a mão fina de Justice e adormece serena.

O doutor Pablo Luna está pessimista quanto ao seu prognóstico:

– Lamento muito, meu caro Justice, mas não vejo possibilidade desse organismo debilitado superar tantas crises. Esteja preparado para o pior.

Justice fica profundamente infeliz. Não quer perder aquele pequeno ser.

Olhos nublados, incapaz de articular qualquer som, aperta a mão do médico e sai. Vai diretamente para aquela mesma igreja onde a conheceu, onde descobriu a fé e onde se entendeu com Leilah.

Dentro da carruagem, ele chora. Medita sobre os insondáveis caminhos dos mortais...

Milagres já faz parte do seu futuro. Inseriu a sua doce presença no roteiro

de sua vida que tem passado por várias transformações. Deus certamente não lhe arrebatará a oportunidade de oferecer a Milagres a chance de viver dignamente e de sentir-se amada.

Sente-se como se estivesse reencontrado alguém muito querido que, por razões desconhecidas, estivera distante e com quem reata relações interrompidas no tempo e no espaço...

Ao chegar à praça, olha à sua volta e imagina vê-la ali, pés descalços, cabelos maltratados, olhos brilhando, tímida, obedecendo àquela mãe que à distância comanda. Relembra-a sendo arrastada pela mãe, enquanto esforça-se para acenar para ele, num gesto de amizade e gratidão...

Entra na igreja e, no altar, ajoelha-se e reza, sem pejo e sem receios de ser visto, e ali chora, muito...

Ao sair está mais tranquilo.

Retornando ao hospital, encontra Nívea que assumiu a vigília.

Abraçam-se e ela o reanima:

– Tenha fé, Justice. A nossa menina irá reagir. Logo mais, Conrad estará aqui com você. Acalme-se e relaxe um pouco. Até a vista!

– Até a vista, Nívea.

Senta-se ao lado da cama. As horas arrastam-se dolorosamente. De repente abre-se a porta e o doutor Pablo dirige-se a ele em tom espontâneo, encorajador:

– Alegre-se, homem! Milagres está me surpreendendo. Os resultados dos últimos exames foram bem melhores!

– Deus me ouviu! Graças!

– Nessa minha profissão vejo situações bastante controvertidas, Justice. Àqueles aos quais diagnosticamos vida longa morrem às vezes repentinamente, desmentindo-nos e outros, sem chances aparentes de sobrevivência, após algum tempo, saem daqui vendendo saúde e alegria!

Os mistérios que cercam o exercício da medicina obrigam-nos a aceitar o imprevisível como possibilidade. Os diagnósticos fatais são relativos.

Milagres é um desses casos. Quer-me parecer que ela deseja sobreviver, por você! Como se a pequena voltasse a acreditar na vida, isso de forma subjetiva, claro! Enfim, aguardemos, Justice. Tenho esperanças fortes baseadas nas reações do organismo de Milagres e nos novos resultados dos exames.

Enquanto o esculápio retorna aos seus afazeres, Justice inclinando-se carinhosamente sussurra:

– Obrigado, minha pequena! E beija-a suavemente na testa.

Leilah chega e, sem ser vista por ele, a tudo assistiu. Não querendo interromper, sorri e constata venturosa que além de amar aquele homem, respeita-o e admira-o profundamente...

*

ALONGANDO OS OLHOS sobre a bela natureza que o cerca, Justice reflete antes de tomar uma decisão quanto ao futuro de Milagres que, já restabelecida, deverá deixar o hospital.

Sentado num dos bancos da praça, olha à sua volta. Aqui, flores em profusão de cores e perfumes; ali, as árvores frondosas a desafiarem o tempo. De pé, fortes, estoicas, elas sobrevivem a cada uma das inúmeras fases da história de um povo. Silenciosas e maternais, vão dando frutos e sombra, indiscriminadamente.

Os olhos de Justice fitam o empíreo, a morada celeste.

Os pássaros pipilantes vêm comer as migalhas que ele espalha em torno; alegres, leves, bicam aqui e ali, confiantes e tranquilos. São frágeis e belos.

Justice, imóvel e reverente, os observa.

A natureza o extasia, repercutindo-lhe na acústica da alma.

No ápice de tanta beleza, lembra-se de Milagres. Linda e boa, sofrida e insegura, ela precisa apenas de amor e confiança para crescer com saúde e alegria. Por enquanto é pássaro implume, sem rumo certo... No futuro será como a árvore que dá bons frutos. "Ela precisa de um verdadeiro lar – pensa ele –, onde se sinta segura. Pobre pequena... tantos outros pequeninos nascem ricos e são felizes... Felizmente o tempo que viveu com a mãe não a perverteu... Parece-me uma alma incorruptível... Como a mãe reagirá ao

saber-me interessado em adotá-la? Todavia se não puder tê-la como filha, seguirei seus passos, amparando-a e conduzindo-a dentro das possibilidades...”

Levanta-se vagarosamente para não assustar os minúsculos seres que prosseguem se alimentando.

Consultará primeiramente a Leilah, Conrad, Nívea e o advogado. Em seguida sondará as intenções da mãe da menina que parece ter sido tragada pela terra.

Caminha bem devagar, beneficiando-se do ar puro da manhã.

Encontra Leilah conversando com as suas flores. Sorrindo, certifica-se de suas afinidades.

Ao vê-lo, ela corre-lhe ao encontro:

– Meu Justice! Que bom tê-lo aqui tão cedo! Já tomou o seu desjejum?

– Não, minha querida. Saí antes de o sol nascer.

– As preocupações não lhe permitiram dormir?

– De certa forma, sim.

– Bem, durante a refeição, você me contará, se quiser, o que lhe deixa intranquilo.

– Naturalmente, para isso estou aqui. Preciso do seu aval para uma grave decisão.

– Quanta solenidade! – diz ela rindo, enquanto se pendura fortemente em seu braço, fazendo-o inclinar-se para receber um sonoro beijo no rosto e uma perfumada flor na lapela.

Rindo, ele a enlaça pela cintura e beija-a ardentemente.

Vendo-os, Maria sorri feliz.

Pedro chega à cozinha para o café antes de iniciar seu trabalho nas cocheiras.

Maria encaminha-se em direção ao fogão e, depois de arrumar o serviço de café em uma bandeja, pede ao marido:

– Leve isso para a sala de jantar, Pedro. Já posso perceber que Leilah não

comerá conosco aqui, na cozinha.

Ele sai levando a bandeja e retorna em seguida, sentando-se à mesa.

Vendo Justice, aproxima-se e indaga, carinhosa:

– Levantou-se com o astro-rei, meu filho?

– Sim, minha boa Maria. Ele é ótima companhia e bom conselheiro!

– Ora, ora, vivendo e aprendendo! Sempre acreditei ser a noite a boa conselheira!

– Bem, prefiro meditar à luz do dia e ao ar livre.

– E, pelo visto, hoje é dia de decisões.

– Exatamente, minha boa Maria. E você, Pedro, como vai?

– Eu estou muito bem, senhor Justice.

– Folgo em sabê-lo. Com licença, vou juntar-me a Leilah.

A moça, que o havia deixado por alguns minutos, retorna com outro traje e os cabelos presos.

Sentados, frente a frente, alegres, fazem a refeição.

Lembrando-se dos passarinhos, Justice sorri ao concluir que as criaturas de Deus se assemelham muito.

Sério, dirige-se à noiva:

– Leilah, hoje o que me move é a preocupação com Milagres que já está em condições de receber alta do hospital.

– E então?

– Bem, o problema é: como reconduzi-la àquele buraco?

– Valha-nos Deus! De modo algum! Sua descrição do local foi um horror!

– Então, auxilie-me a pensar como mudar o destino desse pequeno ser que me conquistou de forma tão profunda...

– Por que não a adotamos? Será nossa primeira filha!

– Meu amor! Temi que você não desejasse iniciar um casamento carregando tal responsabilidade...

– Ora, Justice, se nós a amamos e se ela precisa de nós, por que não a assumirmos desde já? Não há o que esperar e muito menos o que temer!

– Eu deveria saber que esse seria o seu comportamento, natural e espontâneo. Fico-lhe grato, minha querida!

– Então, meu amor, mãos à obra! Vamos buscá-la!

– Antes devemos procurar-lhe a mãe e entrar em entendimento.

– Se ela aprovar, prefere deixar a menina aqui, comigo?

– De preferência, Leilah. Nossa criada é impaciente e não gosta de crianças...

– Então, está decidido! Aguarde-me um instante. Vou preparar-me para irmos ao hospital! Essa decisão deixará Maria radiante! Finalmente terá alguém para mimar! – dizendo isso, sai correndo rumo ao seu quarto, deixando Justice enlevado e sonhador.

– O bolinho está ruim, meu jovem? – pergunta Maria, vendo-o absorto.

– Não, Maria, ele está ótimo! Eu estava distraído...

– Enquanto fica distraído, coma!

O rapaz ri, ciente de que Maria tem para com ele o mesmo tratamento dispensado a Leilah, o que pressupõe confiança e amor.

Com voz amorosa responde:

– Está bem, Maria, farei isso, obrigado.

Satisfeita, ela sai, sacudindo o corpo avantajado.

Momentos depois, os noivos se dirigem à casa de Nívea, de onde irão ao escritório do senhor de Marsilhac, pedir informações sobre o aspecto legal de adoção.

As providências se iniciam com a procura da mãe de Milagres.

Não a encontrando no exercício das suas 'funções', nas proximidades da igreja, dirigem-se ao endereço onde ela mora.

Batem à porta e ela vem recebê-los:

– O que desejam? Ah! É o senhor! Ainda bem que apareceu, finalmente! Onde escondeu Milagres?

– Ora, minha senhora! Nós a levamos ao hospital, juntos, esqueceu?

– Tem razão! Ela continua doente ou já morreu?

– Ela está melhor, porém encontra-se bastante enfraquecida. Necessita de alimentação rica e saudável.

– Aqui? Ora, ora, meu caro senhor!

– Queremos falar-lhe, por favor.

Deparando com Conrad e com o senhor de Marsilhac que observam à uma pequena distância, ela pergunta, temerosa:

– Estes são policiais?

– Não, senhora, são meus amigos.

– E para que vieram aqui?

– Para decidirmos o futuro da sua filha.

Do interior do cubículo, ouve-se uma gargalhada masculina e debochada, acompanhada do tinir de copos e garrafas.

Olhando-os significativamente, ela declara:

– Tenho visita, como podem perceber, não estou sozinha.

– Perdoe-nos, mas é urgente conversarmos – diz Justice.

– Bem, sentemo-nos aqui fora mesmo, mas diga logo o que deseja.

– Milagres já se curou. Iniciará agora a fase de recuperação. Eu posso cuidar bem dela. Preciso do seu consentimento para levá-la para uma casa onde será bem tratada.

– Pois já o tem, pode levá-la.

– É preciso que nos dê os documentos que provem sua filiação de acordo com as exigências legais.

– O que possuo lhe informará que ela é minha sobrinha e não minha filha. Mas eu lhes darei, não quero atrapalhar.

– Sendo a senhora tia e responsável por ela, se incomodaria que alguém de posses a adotasse? Quero dizer, a criasse daqui para frente?

– Hum... Isso é diferente. E quanto a mim? Ela é meu arrimo! Trabalhamos juntas!

– A senhora sabe que não pode explorar crianças. É contra a lei.

– Explorar? Eu é que tenho sido explorada, criando-a desde bebê! Ela

apenas me auxilia. A sobrecarga recai sobre os meus ombros! Sou mulher humilde e sem recursos!

– Por favor, eu lhe peço, responda ao que perguntei.

– Também não me respondeu. Como eu ficarei?

– Nós gratificaremos a sua aprovação. E então, consente?

– Hum... Vai depender!

– De quê?

– Da gratificação! Estou envelhecendo e brevemente não poderei trabalhar. Que será de mim, sem Milagres?

– Nós prometemos ampará-la.

– Quero isso escrito e assinado. Aquele ali, com aquela valise, não é advogado?

– Sim, senhora.

– Pois que ele escreva tudo direitinho!

O senhor de Marsilhac adianta-se e a inquire:

– A senhora, como única parente conhecida assinará, agora, um documento provisório, transferindo a guarda de Milagres para o senhor Justice, aqui presente?

Logo após a assinatura, ela indaga curiosa:

– Com esse papel Milagres já é de vocês? – Não, a senhora deverá comparecer no endereço deste cartão, amanhã. Lá terei os papéis para o início do processo de adoção.

– Quero um adiantamento logo. Estou realmente muito necessitada!

– A senhora receberá. Esteja lá na hora marcada.

De dentro de casa, troa uma voz, enrolada pela embriaguez:

– Como é, 'Lolinha, agora 'atende' aí fora? Se demorar muito, eu posso me aborrecer e ir embora!

Rapidamente ela os despede e entra na casa, faceira e risonha.

Os três saem devagar, penalizados...

XXX

O NASCER E O RENASCER

ADMIRANDO O OCASO, Leilah recorda os seus entes queridos que já se foram.

Está prestes a consorciar-se com Justice e é feliz. Entretanto, hoje se sente invadida por estranha melancolia...

Os últimos reflexos do sol cobrem as flores do jardim, dourando-as, admiravelmente.

É de uma beleza incomparável o quadro que a Natureza, artista sem par, exibe.

Ela não sabe de onde lhe vêm essas emoções naturais e ao mesmo tempo grandiloquentes... Seu coração parece explodir naquela contemplação reverente. Sente ímpetos de chorar e dá vazão ao pranto que lhe lava os refolhos da alma.

Após alguns minutos de choro, lava o rosto e se acalma, sentindo-se integrada àquela beleza natural. Há em sua alma um estranho êxtase...

Despede-se do astro abençoado e entra em casa. Ainda uma vez, olha para trás e apreende os derradeiros raios avermelhados...

Pedro e Maria saíram e retornarão em poucas horas. Foram visitar um menino doente. O casal conhece as dificuldades de sua família e foram levar-lhes alguma ajuda material e apoio moral.

Foram carinhosamente recebidos e após o cumprimento do dever cristão, eles regressam satisfeitos.

Leilah recolhera-se cedo e, quando eles retornam para casa, Maria vai vê-la, pois não é hábito da moça dormir tão cedo. Verificando que ela está bem e tranquila, conversa com Pedro e juntos comentam satisfeitos os bons resultados da visita que fizeram a Paquito.

Fazem as suas orações costumeiras e recolhem-se ao leito também.

Transcorridos alguns minutos, tudo se aquieta dentro da casa.

Pode-se ouvir o murmúrio longínquo das águas do rio, o ruído dos animais notívagos, os grilos cantando, os raros movimentos nas cocheiras, dos animais que algumas vezes se inquietam para acomodarem-se melhor.

As estrelas parecem ter baixado, coroando o telhado da casa antiga e tradicional...

Passadas as primeiras horas de sono profundo, Leilah ouve um pequeno ruído no quarto e supõe ser Maria, em sua vigília amorosa e incansável.

Todavia, inquieta, sentindo-se observada, ela abre os olhos.

Na escuridão do quarto ela distingue tênue claridade azulada e sente o coração bater descompassado.

Firma o olhar e vê a luz modificar-se aos poucos, formando a figura de um homem alto, magro, elegante, cabelos grisalhos e terno sorriso nos lábios, que diz com doçura incomparável:

– Minha filha, quanta saudade!...

Ela, de olhos fixos, julga estar sonhando. Com emoção incontida, as lágrimas descem-lhe pelo rosto, onde a incredulidade e a estupefação se imprimem fortemente.

– Meu Deus – ela exclama atônita –, é meu pai! Mas, como?!

A aparição exclama em tom de carinho:

– Leilah, minha querida!

– Papai! Como pode estar aqui?

– Minha filha, estou aqui com a permissão de Deus, falando-lhe após a conclusão das minhas dores terrenas...

Cumpri bem a minha jornada, apesar dos sofrimentos que fizeram parte da

minha condição humana. Conduzi você e Antero com total dedicação e bebi meu cálice de fel até a última gota...

– Por que pereceu daquela forma tão trágica, meu pai? E era o momento da sua partida?

– Sim, era a minha hora, querida; e daquela maneira. Morrendo tragicamente eu expiei atos violentos de um passado longínquo.

– Então é verdade que vivemos muitas vezes! O senhor está confirmando isso através da própria experiência, neste corajoso testemunho!

– Sim, minha filha, assim como é verdade estar aqui, provando-lhe a inexistência da morte e a possibilidade de mantermos as afeições legítimas mesmo quando partimos para a 'vida real'.

– Meu pai querido! – exclama a moça entre copiosas lágrimas –, então não o perdi e nem a Antero!

– Você entendeu bem, filha.

Seu irmão está ainda bastante desorientado, devido aos excessos que cometeu e à sua ingratidão para comigo. Ainda não se libertou dos grilhões das culpas impressas em sua mente desarmonizada que lhe reproduz contínua e penosamente cenas passadas.

Auxilio-o constantemente, porque consegui a permissão do Alto para continuar orientando-o como filho e irmão em Jesus Cristo.

Ao ver-me, os seus remorsos retornam, mas ele chegará finalmente, dentro de breve tempo, a entender a misericórdia divina.

– Pobre e infeliz Antero...

– É espírito difícil, recalcitrante, filha. No coração desse amado filho só há lugar para você e, assim, beneficia-se muito de suas preces constantes. Prossiga, ele precisa delas.

– Pai amado, hoje, ao entardecer, estive tão triste sem saber a razão e concluo ter sido essa saudade de vocês...

– Eu estava ao seu lado, minha querida. O que você sentiu foi, em verdade, a minha presença. Faço-me presente sempre que posso.

– Papai, casar-me-ei brevemente. A minha escolha é da sua aprovação?

– Plenamente, minha filha. Vocês caminham juntos há séculos e, ao reencontrarem-se, recordaram-se intuitivamente. E o amor que já existia os reúne mais uma vez para, juntos, se ajustarem ante a Grande Lei, que considera a nossa evolução e a solidificação do amor em nós.

Tenho-lhes acompanhado os passos e estou feliz com você. Finalmente o verdadeiro amor venceu as barreiras. Tem minha bênção e sem dúvida a de Antero e a de sua mãe.

– Não me lembro dela, que pena...

– Ela virá de planos siderais bastante elevados para o seu casamento e o de Nívea, de quem é também espírito familiar.

A empatia motivada pela orfandade materna une você e Nívea. Em verdade vocês duas são velhas conhecidas.

Entre vocês existem semelhanças de propósitos espirituais. Continuem unidas e amparando-se pela vida a fora.

Jamais vacile na sua fé em Deus. Momentos difíceis virão para todos, entretanto jamais estarão sozinhos. O Pai a ninguém abandona e Seu Filho Amado Jesus nos ilumina os passos nesta senda de luz!

– E Pablo? Por que tanto sofrimento? Terei contribuído para seu destino cruel?

– Não, minha querida. Ele traçou o próprio destino com seu orgulho e tirania. Mais cedo ou mais tarde despertará em consciência e se ajustará ante a Grande Lei do Pai, principalmente considerando a todos a quem prejudicou.

Também Justice se harmonizou, diante de inúmeros problemas do passado. Daqui para frente, ao seu lado, seguirá evoluindo.

Estou orgulhoso de você, que soube perdoá-lo. E neste exato momento, você finalmente compreende que ele não é tão culpado assim por minha morte.

Dentro de alguns anos, você e Justice receberão Pablo e Antero como

filhos para conduzi-los pela vida, transformando-os aos poucos com muito amor. São espíritos difíceis, mas serão acessíveis ao grande poder do verdadeiro amor.

E assim prossegue a vida, querida, incessantemente, rumo à perfeição!

Leilah sente como um beijo roçar-lhe a face e vê aquela imagem caminhar pela casa, parando aqui e ali, como a matar as saudades e, finalmente, encaminhar-se para a porta principal.

Ela o segue descalça, de camisola e chorando, inconsolável.

– Papai, não se vá, ainda! Por favor – implora.

Voltando-se, o pai responde-lhe já com uma voz distante, quase inaudível, enquanto começa a desfazer-se:

– É preciso... filha querida... Fique em paz! Eu a amo, não... se esqueça!... Por enquanto, adeus!...

Braços estendidos, incapaz de expressar-se, na tentativa inútil de retê-lo, Leilah queda-se, enquanto a imagem do seu amado pai evola-se, desaparecendo... Um estranho silêncio instala-se, dominador...

Os ouvidos maternais de Maria captam-lhe o pranto e rapidamente ela chega à sala. Abraçando-a com cuidado, a ama pergunta aflita:

– Oh, minha querida! Agora vive como alma penada?

Em pranto convulso, trêmula pela experiência vivida, a moça exclama:

– Eu estive com papai, Maria! Você acredita? Ele falou comigo! Apareceu-me e explicou-me tantas coisas! Obrigada, meu Deus! Louvado seja!

Ajoelhando-se, ali mesmo, pede à Maria:

– Ore comigo agora mesmo por Antero e por Pablo. Eles necessitam muito do nosso amor!

Papai se foi por aquela porta, mas voltará! Disse-me não existir distância e nem separação para os que se amam!

Maria, emocionada, sem entender muito bem o que se passa com Leilah, faz-lhe a vontade e juntas oram cheias de fé.

Pedro, despertando com o ruído das vozes, vem ver o que há e depara-se

com as duas ajoelhadas, rezando. Cheio de sono, retorna à cama. No dia seguinte, certamente pensará que sonhou...

XXXI

LIVRE-ARBÍTRIO

Confortavelmente instalada em casa de Leilah, Milagres mal consegue respirar ante as atenções excessivas de Maria e de Pedro.

Nesse instante, ela percorre os jardins, ao lado de Leilah, que lhe instrui a respeito do valor das plantas e das flores.

Cansada dos ensinamentos, ela foge para esconder-se de Leilah, por entre as folhagens.

Milagres já reflete os cuidados que lhe são dispensados.

Para surpreender a moça, ela surge, de inopino, quase colidindo contra Leilah. Ambas caem entre os canteiros, abraçadas, em sonoras gargalhadas.

Leilah tenta beijá-la e ela escapa novamente.

Ouvindo Maria chamá-las para almoçar, Milagres entra pela casa e desaparece.

Leilah segue-a e, encontrando-a ajoelhada aos pés da imagem de Maria, indaga-lhe por que está ali.

– Não é assim que você e Maria pedem as coisas à Maria? – responde ela, muito séria.

– Sim. E o que você está pedindo, queridinha?

– Para ela me levar de volta a minha casa...

– Oh, e você não é feliz aqui?

– Sou, Leilah! Mas sinto saudades da minha mãe! Há tanto tempo não a

vejo!...

– Minha pequena, por que não disse antes?

– É que pensei que vocês soubessem disso...

– Tem razão. Deveríamos saber...

Dando-lhe a mão, puxa-a para si, animando-a:

– Bem, nós resolveremos isso, está bem? Eu lhe prometo. Agora lave as mãos e venha almoçar.

Observando a pequena que mal se alimenta, Maria indaga:

– Milagrito, quer ficar magra e feia? Nem tocou na comida!

– Eu não quero, Maria.

Leilah intervém, esclarecendo:

– Saudades da mãe...

– Valha-me Deus, nosso Senhor! Como se pode ter saudades daquilo que não presta?

Compreendendo o olhar significativo de Leilah, Maria desculpa-se:

– Está bem, já sei: falei demais, como sempre! Desculpem, retiro o que disse!

– Precisamos falar com Justice a respeito.

A menina, absorta, com os cotovelos sobre a mesa, as mãos no queixo, sequer ouve o que elas dizem.

Leilah, abraçando-a, retira-a da mesa e tenta distraí-la com um belo cãozinho que ganhou há poucos dias de Justice.

O animal consegue fazê-la sorrir de novo e esquecer momentaneamente as saudades de sua 'mãe'.

Justice, informado, é tomado de surpresa. Estivera convicto de que Milagres sentia-se satisfeita longe da vida que levava antes.

Contudo, decidem levá-la até Dolores.

Milagres, ao rever a 'mãe' corre-lhe ao encontro, enlaça-a demoradamente e com força. Depois de instantes, afrouxando o abraço, fala-lhe ansiosa:

– Mamãe, gosto tanto de você! Já estou boa e podemos trabalhar de novo!

Justice e Leilah puderam observar como aquela mulher rude e leviana está comovida e perplexa diante do procedimento de Milagres ao ouvi-la dizer, carinhosa e lúcida, como jamais se poderia supor:

– Milagres, ouça bem: Eu estou ficando velha para cuidar direito de você...

Sem dar-lhe tempo de terminar a frase, Milagres exclama, entre lágrimas:

– Eu posso cuidar de tudo! Vou trabalhar muito e você pode ficar em casa!

– Ouça, Milagres. Eu, na verdade, não sou sua mãe e sim sua tia...

Arregalando os lindos olhos, surpresa com essa revelação, ela indaga aflita:

– E foi por isso que me mandou embora? E quem é a minha mãe?

As indagações dolorosas e profundas que se sucedem, fazem Justice e Leilah perceberem a maturidade espiritual daquele ser, embora num corpo infantil.

Sem poder furtar-se à realidade do momento, Dolores responde:

– Era minha irmã querida e morreu quando você era ainda um bebê. Para que os outros acreditassem ser você minha filha, acostumei-a a chamar-me de mãe e nunca lhe disse toda verdade. Entende?

– Não. Se eu gosto de você como minha mãe, por que não ficamos como antes?

Minha querida, lamento fazê-la pensar que eu não tenho coração. Claro que eu gosto muito de você!

Sabe, Milagres? Eu nunca tive mãe, nem tia, nem ninguém! A vida que levo, sempre vivi. Cresci num lugar muito 'feio' e aprendi a ser como sou.

– E como você é?! Eu já disse que gosto de você!

– Não é bom ser como eu sou, Milagres! Por isso, eu não a quero seguindo os meus passos! Nunca pensei nisso antes. Vendo-a tão forte e bonita como está, sei que sua vida vai ser diferente da minha se ficar longe de mim.

– E se eu não quiser?

– Há de querer, quando souber que me fará feliz e que esse senhor vai-me ajudar financeiramente, assegurando-me uma velhice sossegada.

– Mas estará sozinha! Não quero ir! Quero ficar aqui com você!... – e

Milagres começa a chorar, desconsolada.

Justice pede licença a Dolores, aproxima-se de Milagres, ajoelha-se para poder ficar-lhe à altura e fala-lhe, docemente:

– Querida, se quiser ficar, nós não impediremos. É o seu direito. Mas ouça o que eu tenho a dizer:

Você é pequenina, inteligente e boa. Aqui, dentro de pouco tempo, sua vida chegará a ser muito ruim e vocês duas mais infelizes do que já são.

Eu não a tirarei da sua mãe. Eu e Leilah a conduziremos pela vida, dando-lhe os meios necessários para se ilustrar e se proteger preparando-lhe um futuro melhor. Só assim você poderá ajudar de verdade a sua mãe, compreende? Não se preocupe com ela. A princípio sua mãe irá morar em outro lugar onde poderá viver com mais calma e segurança. Arranjar-lhe-emos um trabalho e assim, se ela colaborar, mudará de vida. Que me diz?

– Justice, não entende que eu gosto da minha mãe? Vocês são muito bons, mas eu não quero me afastar dela. Não percebe que ela vai ficar sozinha? Ajude-me se quiser, mas não me tire daqui! Por favor!

A pequena aumenta o choro, aflita.

Apertando-a de encontro ao coração, Justice a tranquiliza:

– Acalme-se, minha pequena, e não chore. Julguei poder mudar seu destino. Não posso, todavia, obrigá-la a fazer aquilo que não deseja. Você tem o direito de fazer a sua escolha. Fique livre para decidir o que quiser, certo?

– Verdade? – indaga ela animada.

– Sim, verdade.

– Então, deixe-me aqui! Não desejo voltar para a casa de Leilah. Quero ficar com ela – diz, apontando para Dolores, que tudo olha e ouve silenciosa, cada vez mais surpresa.

Justice levanta-se e olhando para Leilah indaga-lhe:

– Diante disso, minha querida, que fazer?

– Ajudar as duas! Eis o que fazer, querido! Providenciaremos uma

mudança de vida para elas e assessoraremos os passos de nossa queridinha. De nosso amor ela não escapa mais! Já nos conquistou plenamente e não podemos mais viver sem ela! Concorda?

– Certamente! Deixa-lá-emos aqui, para dirimir as saudades enquanto ultimamos a transferência das duas para outro local. Informaremos também ao senhor de Marsilhac para não concluir os papéis da adoção.

– Justice! Que tal sermos os padrinhos dela?

– Ótima ideia, Leilah. Assim teremos alguma ascendência real sobre ela, oficializando esses direitos!

Milagres, que já se refizera emocionalmente, agradecida pelo resultado daquela conversa, corre até Leilah e a abraça fortemente, em silêncio comovedor, grata por tanta compreensão. Em seguida beija Justice, entre risadinhas, enquanto ele lhe faz cócegas.

XXXII
NOS ESGOTOS

Dolores não pôde esquivar-se dos efeitos do amor sem condições, do amor-doação que se irradia do coração inocente de Milagres.

Acordando abatida, no dia seguinte, evita os companheiros viciosos e dedica-se à pequenina da melhor forma possível e à limpeza da casa, como nunca fizera antes.

Milagres, ao seu lado, participa da azáfama incomum ali, mas com a qual já se habituara quando em casa de Leilah, cujos exemplos falaram alto ao seu coraçãozinho. Espevitada e bulhenta auxilia em tudo, prestativa, incansável.

Vez por outra, agarra Dolores pelo pescoço e a beija, como a querer compensar a saudade experimentada.

Retribuindo o carinho, Dolores a olha e estranhamente passa a vê-la como realmente é. Nunca se detivera em observar-lhe os traços fisionômicos ou os seus sentimentos. Nesse momento, exclama satisfeita:

– Como você é bonita, Milagrito!

– Porque me pareço com você, mamãe!

Dolores vai até o espelho, demora-se numa análise dos próprios traços fisionômicos e conclui que a pequenita tem razão. Elas são mesmo muito parecidas!

Recorda-se a si mesma: criança, sofrida, traumatizada e muito infeliz...

Passando as mãos sobre as linhas do rosto, observa as rugas que já se

avizinham, embora mal tenha passado dos trinta anos...

Entristecida, acaricia-se constatando vestígios da antiga beleza.

Deixa o espelho e sai arrumando os longos cabelos, trançando-os e prendendo-os no alto da cabeça com um belo pente dourado.

Grossas lágrimas correm no seu rosto contraído pela decepção e pelo desânimo.

Senta-se, olha em volta e dá-se conta de que também nunca observara sua casa, seus pertences, sua vida... Foi vivendo sempre sem parar para pensar, como uma pedra rolando, rolando...

Relembrando seu passado, surpreende-se chorosa, esfarrapada, vivendo em porões malcheirosos e malfrequentados, sendo usada, espoliada e maltratada por tantos...

Um dia, para defender-se e sobreviver adotou aquela personalidade cínica a qual se habituou.

Nos altos e baixos do chão de terra batida, seus olhos pervagam parecendo rever cenas do passado sucedendo-se continuamente.

Impossível conter a mágoa sufocada por tanto tempo. Cai num pranto convulsivo, ouvido por Milagres, que assustada acorre:

– Mãezinha, por que está chorando, o que aconteceu?

Sem poder responder, ela puxa com carinho a pequena contra o peito.

Milagres principia a chorar. Dolores controla-se e diz à pequena:

– Não chore. Eu estou bem.

– Você não vai chorar mais?

– Não, não vou.

– Por que você chorava, mamãe?

– Por nada, Milagres.

– Não entendo...

– É melhor assim. Vamos trabalhar?

– Nas ruas?

– Não, aqui. Vamos terminar essas arrumações e fazer uma comida bem

gostosa. O senhor de Marsilhac deu-me um bom dinheiro.

– E quem é esse senhor?

– Um amigo do senhor Justice.

– Então deve ser bom!

– Você não quis ser adotada pelo senhor Justice?

– Não quero ficar longe de você.

Dolores a abraça novamente e dando-lhe uma palmadinha, anima-a.

Arrumada a casa, Dolores pergunta:

– Milagrito, você gostaria que nos mudássemos para uma casa melhor?

– Sim! E, quando eu quiser ver Justice, Leilah, Maria e Pedro, você me leva?

– Eu não sei onde moram e nem conheço Maria e Pedro, mas eu descubro e a levarei até eles quando você quiser. Mas irá com roupas e sapatos novos! Vou comprá-los para você!

– Não é preciso, mamãe. Leilah me deu muitas roupas e sapatos novos.

– Mas, eu quero ter o prazer de escolher coisas boas para você, como nunca fiz antes.

– Está bem, mãezinha.

Num sorriso de esperança, Dolores já consegue antever um futuro melhor para ambas.

XXXIII
VIDA NOVA

Algum tempo depois, em um bairro ajardinado, numa bonita casa, estão morando Dolores e Milagres.

Mudaram-se há algumas semanas para essa residência adquirida por Justice.

O exuberante jardim e a decoração interior foram feitos respectivamente por Maria e Leilah.

Os móveis foram presente de Conrad e Nívea.

Admitida entre os empregados, na mansão de Justice, Dolores ganha agora honestamente o seu salário.

Milagres está estudando em escola próxima.

Saídas das ruas, onde viviam miseravelmente, hoje vivem em paz, na construção de um futuro melhor.

Sendo domingo, Leilah e Maria vão visitá-las. São recepcionadas com muito entusiasmo e alegria.

Maria, saudosa, conversa longamente com Dolores. Animadas alegram-se com as novidades da casa e da vida das duas que mudou de rumo radicalmente para melhor.

Leilah, tirando o chapéu, senta-se em confortável sofá florido, tendo ao lado a agitada Milagres, que feliz com a sua presença não mede esforços para lhe demonstrar os sentimentos, espontaneamente, com os olhinhos

brilhando como um céu estrelado.

Apertando-a de encontro ao coração, Leilah a beija carinhosamente, enquanto lhe indaga sorridente:

– Adivinhe, Milagres, o que tenho aqui, dentro desta caixa!

– Deixe ver... Se a caixa está toda furada, é para algum bichinho respirar, acertei? – resposta dada, ela aproxima-se da referida caixa e olha através dos pequenos orifícios. Batendo palmas e gritando, em alegria esfuziante, exclama:

– É um cachorrinho! É um cachorrinho! Abra logo, Leilah, por favor!

Atendendo-a, Leilah abre a embalagem e retira um cãozinho de pelo luzidio, marrom com manchas brancas, tímido, a olhar tudo a sua volta. Coloca-o no chão. O bichinho balança o rabo e passa a cheirar tudo a sua volta, cauteloso.

Cuidadosa, Milagres o acompanha, admirando-lhe os movimentos, dando saltos e gritinhos de prazer.

Voltando-se para Leilah, pergunta vivamente interessada:

– É para mim?...

– Sim, minha querida.

– Obrigada, obrigada, Leilah! Eu queria tanto um desses! – e beija Leilah, saindo a correr em seguida atrás do animal que já se eclipsara.

Leilah observa-lhe o corpo forte e bem proporcionado, os cabelos longos e sedosos a cair-lhe nas costas, já recuperada plenamente da pneumonia.

O cãozinho irrompe pela sala adentro e Milagres vem buscá-lo. Segurando-o com carinho e cuidado ordena:

– Venha para fora, filhinho, vamos brincar!

Dolores, grata pelo presente dado a Milagres, agradece à Leilah e pergunta:

– Como está o senhor Justice?

– Ainda viajando, brevemente retornará.

Demonstrando entusiasmo, Dolores comenta:

– O seu vestido de noiva está ficando deslumbrante!

– Eu sei que você e Maria estão trabalhando nele com muito empenho. Obrigada! – mudando de assunto, ela quer saber se Milagres está bem na escola.

– Sim, muito bem! Os professores elogiam o seu esforço para aprender e a sua notável inteligência. Adapta-se com muita facilidade, para a surpresa de todos.

– Ótimo! Justice ficará muito feliz ao saber. Ele a ama muito e se preocupa com ela e com o seu futuro.

– Ela fala nele todo tempo. Diz aos amiguinhos que ele é seu tio. Antes de dormir, pede a Deus por todos, mas especialmente por ele. Diz que aprendeu como se reza com Maria.

Leilah sorri, lembrando-se do esforço e da paciência de Maria ensinando as suas orações intermináveis a Milagres.

– Senhorita Leilah – Dolores retoma a conversa –, eu, por minha vez, agradeço a Deus o rumo que a minha vida tem tomado.

– Sim, Dolores, devemos agradecer sempre e nos momentos de alegria ou de tristeza recordá-Lo sempre para que Ele faça parte das nossas vidas, abençoando-nos.

– Entendo... Todavia, o que mais eu fazia, senhorita, era blasfemar...

– E isso a auxiliava de algum modo?

– Não, nunca... Senhorita, onde cresci, os valores são bem diferentes. Desde cedo me acostumei à desonestidade... Por meio de expedientes, conseguia os parcos recursos com os quais sobrevivia. A simples recordação me envergonha...

– Esqueça o passado e viva o presente, Dolores. Nessa mudança de vida, o seu caráter elevou-se. Muito rapidamente você se adaptou ao trabalho honesto e isso deve fazê-la sentir-se muito orgulhosa de si mesma. Confie sempre e prossiga determinada no bem. Dessa forma, encontrará ajuda sempre. Nós nunca mais deixaremos você e a pequena Milagres.

– Graças a Deus! Sabe que Maria me presenteou com uma bela imagem da

Virgem de Macarena? Entronizei-a no oratório, no quarto.

– Bom para Milagres, que agora terá onde fazer as suas orações, se bem que o verdadeiro altar está nos nossos corações.

– Tem razão, mas ao admirá-la nessa bonita imagem, lembro-me da sua missão junto a Jesus, avivando-me a responsabilidade como mãe de Milagres. Pedirei a ela por todos que nos tem auxiliado nessa nova vida.

– É somente assim que o mundo progride, Dolores, num auxílio mútuo.

Maria que chega do jardim, onde admirava Milagres e o pequeno animal, ouve as palavras de Leilah e acrescenta:

– Conhecê-la, Dolores, ensinou-me que costumamos discriminar as pessoas pelo que elas pensam ou agem, e normalmente diferente de nós. Julgando-as precipitadamente e de maneira nada cristã, nos esquecemos de avaliar os motivos que as levaram a serem como são.

Muitas vezes, o que precisam é de apenas uma boa oportunidade, como aconteceu com você.

Estou agradavelmente surpresa com os seus cuidados com Milagres e com a casa, Dolores, além da sua dedicação com as diversas tarefas na casa de Justice. Veja quanta ordem e limpeza! Parabéns!

– Nem sei o que dizer, fico encabulada... Posso lhes garantir que tenho me esforçado para ser digna da ajuda de todos vocês.

– E tem conseguido, Dolores, continue assim e não se arrependerá!

– Bem, nós já vamos! Fiquem em paz! Até!

Quando se dirigem para a porta de saída, Milagres entra correndo na perseguição do cãozinho:

– Docinho, volte já aqui! Obedeça!

Elas riem, Milagres já batizara o animal.

Beijando-a, Maria e Leilah retornam para casa.

XXXIV
A VERDADE

Sob um céu de estrelas cintilantes, envolvidos pela brisa amena, de suave perfume, Conrad e Nívea conversam de mãos dadas a respeito do parentesco entre ambos ter-lhes facilitado o encontro e a descoberta de que se amavam.

Nívea, mostrando-se curiosa, indaga:

– Conrad, e quanto à sua carreira? Esqueceu-a? Procure realizar os seus sonhos enquanto o tempo permite.

– A falta de tempo para ocupar-me desse assunto foi providencial. A experiência dolorosa, vivenciada ao lado de Justice, mostrou-me que a carreira militar não corresponde aos meus anseios. Acompanhando o trabalho do doutor Lombardi, acabei fascinado pela advocacia.

– Que boa surpresa, meu Conrad! – exclama Nívea.

– Tenho pensado na possibilidade de vir a ser advogado, daqueles que fervorosa e honestamente defendem os inocentes.

– A situação vivida, por causa de Justice, inspirou-lhe a vocação por uma profissão mais de acordo com a sua índole.

– Exatamente, minha querida. Por causa dele, muitas noites passei em vigília, imaginando-o condenado irremissivelmente. E não me envergonho de dizer o quanto chorei pela incerteza. Esse sofrimento despertou-me o desejo de defender os fracos e os infelizes. Planejo ingressar na universidade

logo após o nosso casamento.

– Conte com o meu total apoio!

– Obrigado, querida. Pedirei igualmente o auxílio do nosso caro advogado, que com sua experiência poderá me orientar.

Abraçam-se. A esperança, a coragem e a vontade os animam.

Olhando as miríades de estrelas que enfeitam o teto do mundo, Conrad não se contém:

– Quanta grandeza, minha amada! Por que o homem na Terra ainda se amesquinha tanto? Bastaria olhar esses céus com 'olhos de ver' para participar desse concerto universal.

Como a criatura humana pode ser tão insensível, transformando-se em verdugo do seu irmão, em legislador e executor de leis tão cruéis? Que espécie de sentimentos banha os corações endurecidos?

– Nenhum, eu creio.

– Pois eu duvido, Nívea. No fundo de cada alma, mesmo daquela mais empedernida, existe a centelha divina, apenas sem condições momentâneas para se expandir.

Não é possível o Criador estar esquecido totalmente nos corações das Suas criaturas! Observando à nossa volta, olhando essa imensidão, tudo nos fala da Sua grandeza e da Sua perfeição! Somos parte disso!

– É que os interesses egoístas e a vaidade tiram-lhes a possibilidade de reconhecerem o Pai, meu amor.

– Nívea, se Deus nos conceder filhos, nós os criaremos com muita responsabilidade e amor; ensinar-lhes-emos que são parte importante deste Universo!

– Assim será. Espero com ansiedade por esses futuros filhos... – diz Nívea comovida.

Abraçam-se amorosos, silenciosos, introspectivos, reverentes diante do Poder Maior.

*

Leilah indaga à Maria sobre Paquito.

Recebendo as informações, prepara-se para ir visitá-lo e pede a Pedro que a acompanhe.

Acomoda numa cesta alimentos, roupas e medicamentos que são ministrados ao menino regularmente.

Faz lindo ramalhete de flores para a mãe do pequeno.

Tudo pronto, acomodam-se em pequena charrete e partem.

Durante o extenso percurso que os cavalos vencem vagarosamente, eles conversam.

A proximidade do casamento de Leilah deixa-os alegres, sorrindo a qualquer novo fato que os surpreenda.

Paquito, nos seus onze anos, apresenta compleição robusta. Menino de boa índole, trabalhou com Pedro durante algum tempo no estábulo até ter manifestada uma febre renitente.

A mãe, bonita, laboriosa e amável, dedica-se às tarefas da casa enquanto que o pai trabalha na agricultura em fazendas de pessoas abastadas. Seu ordenado mal dá para o sustento da família. O casal tem ainda um bebê nascido há poucos meses.

Pedro avisa à Leilah que estão chegando.

Ao divisar a pequena tapera, a moça fica a imaginar quantas dificuldades aquela gente deve passar e seu coração confrange-se dolorosamente.

Aproximando-se, são recebidos com deferência por Catita, a mãe de Paquito. Ela tem o bebê nos braços.

Fazendo-os entrar em sua humílima casa, recebe agradecida a cesta que coloca sobre a tosca mesa coberta com toalha limpa e artesanal.

– Senhora Catita, como está o nosso Paquito?

– Bem melhor, senhorita. Com os remédios e os alimentos que Maria nos trouxe, ele aos poucos vai-se restabelecendo.

– Folgo em sabê-lo – diz Pedro –, tenho tido muito serviço e preciso de Paquito o mais breve possível, senhora Catita.

– Recuperando-se, ele irá porque também necessitamos muito do seu

ordenado.

– A propósito – diz Leilah –, eis aqui o dinheiro.

– Como posso receber esse dinheiro se ele não tem trabalhado?

– Seu motivo tem sido justo. E, agora mais que nunca, necessita de recursos. Pegue-o!

Com os olhos marejados de lágrimas, Catita recebe das mãos de Leilah o envelope contendo o salário do filho, comentando:

– Vocês são tão bons... tão diferentes dos patrões de meu marido. Pobre homem, trabalha tanto e recebe uma miséria. Chega aqui cansado, sem estímulo e sem perspectivas...

– Sempre que pudermos, nós os auxiliaremos, senhora.

– Deus lhes pague e os faça felizes.

O bebê aquieta-se sonolento e a mãe o coloca num berço de madeira escura, cobre-o, certificando-se de que adormecera e vai com Pedro e Leilah ao quarto de Paquito, onde o encontram pálido e ofegante, deitado em leito muito simples e asseado.

– Paquito – diz a mãe –, estão aqui os nossos amigos para vê-lo. Trouxeram remédios, mais alimentos e o seu ordenado.

Fitando-os com doçura ele agradece.

– Como está, Paquito? – indaga Leilah sorrindo para animá-lo.

– Melhor, senhorita. Brevemente, estarei de volta às minhas funções.

– Você faz muita falta, Paquito. Estou sobrecarregado – intervém Pedro, tomando-lhe a mão e apertando-a com delicadeza.

Leilah pede à Catita que ponha na água as flores que traz nas mãos. Retirando-se, a mulher vai providenciar.

Inclinando-se sobre Paquito, Leilah o beija na testa.

Muito tímido, ele sorri contrafeito e grato.

– Paquito, alimente-se direito e tome os remédios, sim?

– Eu prometo, senhorita.

– Quero-o sadio e forte no meu casamento.

– A senhorita vai se casar?

– Brevemente.

– Eu gostaria de ir...

– Conto com você, com sua mãe e com seu pai.

Catita, já de volta, com uma vasilha a se fazer de jarra, vai arrumando as flores e pergunta:

– Ouvi o convite, mas com quem vou deixar o meu bebê?

– Leve-o, não faltará quem queira mimá-lo... enquanto a senhora trabalha.

– Em que poderei trabalhar, senhorita?

– Naquilo que for necessário. Os três poderão trabalhar durante a festa e receber cada qual seu salário.

– Senhorita Leilah, senhor Pedro, que felicidade seria podermos ganhar nossos próprios sustentos! Vivemos quase em miséria extrema apesar de nos esforçarmos tanto.

Por causa do bebê, deixei o plantio que fazia para o dono desta propriedade. Atrasando o aluguel em decorrência dessa necessidade, recentemente, ele nos mandou avisar que se não quitarmos nossas dívidas seremos despejados.

Aonde iremos com o bebê tão pequeno e com Paquito doente?

– Tudo se arranjará, senhora Catita. Confie em Deus. Nós os ajudaremos.

– Agradeço tanto. E dona Maria, como vai?

– Muito bem. Pedro, é hora de irmos.

– Sim, vamos. Fiquem em paz.

– Que Deus os recompense.

– Até logo, Paquito – diz Leilah, beijando-o novamente.

– Até logo. Muito obrigado. Brevemente estarei lá no meu trabalho – responde Paquito esperançoso.

– Sem dúvida. O lugar é seu – tranquiliza-o Pedro, já saindo.

Na pequena charrete, pensativa, Leilah suspira. Observando-a, Pedro fala:

– Leilah, seu coração sofre por eles!

– Muito, Pedro. Como podem viver com tantos obstáculos, sofrendo a indiferença daqueles que os exploram impunemente?

– Assim é o mundo, menina. Sempre foi assim.

– E não vai mudar, Pedro?

– Certamente. Porém tão devagar que os sofrimentos se acumularão enormemente. O ser humano, Leilah, ainda é muito egoísta.

– Eu diria acomodado.

– Por ser egoísta. Concorda?

– Sim, lamentavelmente. Se soubessem da alegria que sente o coração, quando pode socorrer e enxugar lágrimas, todos procurariam praticar a caridade legítima.

– Mas somos ainda bastante imperfeitos para compreendermos. A maioria se compraz em ignorar o que não seja dos seus próprios interesses.

– Oh, Deus, transformai os corações dos homens! Só assim poderemos ser felizes!

– Um dia, Leilah, o homem acabará aprendendo.

– Através do sofrimento?...

– Que escolheram...

– Pedro, por que sofrem os bons?

– Pergunta boa essa, Leilah. Por que você mesma não responde?

– Tentarei. Conforme os esclarecimentos do caríssimo doutor Lombardi, a origem do sofrimento está na nossa imperfeição e em parte por conta de nossas escolhas pretéritas, considerando nossas vidas passadas.

– Ah!... – faz Pedro, introspectivo e surpreso –, você crê nisso?

– Pelo menos é mais racional, você há de convir.

– Tem razão, Leilah. Penso também que muitos dos sofrimentos nós mesmos provocamos na atual existência, por descuido ou ambição.

– Concordo, Pedro. O caso do meu querido Justice serve de exemplo.

– Além de sofrermos por imprudência, fazemos sofrer os que nos amam!

– O que é um contrassenso. Geralmente, temos anseios de livrar os nossos

amores de sofrimentos, no entanto, não raras vezes, somos-lhes causa de dor e de pesar...

– Escute, minha filha. Se nós nascemos muitas vezes segundo o doutor Lombardi...

Leilah interrompe o pensamento de Pedro:

– Não apenas segundo o doutor Lombardi, Pedro. Ele nos trouxe conhecimentos e filosofias que muitos povos acatam, com algumas exceções, como acontece no Ocidente.

– Tudo bem. Se nós nascemos muitas vezes, quem fomos nós no passado? O que fizemos? Por que sofremos e, principalmente, minha querida, o que determinou estarmos juntos?

– Arre! Que ansiedade, Pedro! Vamos por partes. Eu li a respeito, primeiramente com Pablo e depois com Justice, ambos interessados em assuntos espirituais.

O que fomos está insculpido em nosso caráter, bastando-nos observar nosso comportamento no dia a dia. Estamos todos nos ajustando ante a Lei Maior, a de Deus.

As nossas inclinações mostram-nos como somos ainda. Se não nos esforçamos para expulsar de nós os vícios, não nos tornamos muito diferentes de ontem e marcamos passo na nossa vida atual. Somos os construtores do nosso amanhã. O que fizermos hoje refletir-se-á na futura existência, sob forma positiva ou negativa, conforme as nossas obras, como disse Jesus.

– Leilah, como considerar os grandes missionários que sofreram e continuam a sofrer muito?

– São homens já conscientes de suas responsabilidades. Enquanto trilham os caminhos tortuosos da Terra, vão aprendendo mais e evoluindo, exemplificando o amor, como fizeram os cristãos nos circos de Roma e tantos outros!

E respondendo a sua última pergunta, Pedro, nós fazemos parte de um

determinado grupo – prossegue Leilah –, ou para nos reconciliarmos, porque adversários em outras existências, ou para nos auxiliarmos, porque amigos de ontem, num prosseguimento de vidas, onde nos reencontramos neste ou naquele setor de relações, neste ou naquele país, em busca da nossa pátria verdadeira, o "reino dos céus" pregado por Jesus, nosso mestre e irmão.

– Quer dizer então que já nos conhecíamos em vidas passadas? – indaga Pedro, cada vez mais interessado.

– Sim, Pedro.

– Reencontrar-nos-emos no futuro?

– Exatamente.

– Louvado seja Deus!

– Por que, meu querido Pedro?

– Porque nos amamos! Seria desastroso nos separarmos quando a morte nos alcançar!

– A morte sequer existe, Pedro. Vi meu pai como estou vendo você neste momento. Ele prossegue amando e velando por mim, assim também como faz minha mãe.

– Que conhecimentos divinos! E Maria os ignora!

– Ela, por enquanto, está sem condições de entendê-los, mas o amor que existe naquele coração também a conduz ao amadurecimento espiritual.

– Entendo... Leilah, por que os homens de religião não ensinam tudo isso ao povo, dando-lhes mais fé e mais esperança?

– Porque seria contra os seus interesses mesquinhos. A verdade, Pedro, não pode ser retida por mãos corruptas. Em breve, será implantada sem máculas, ao alcance de todos, sem distinção.

Silenciando, eles entregam-se à reflexão durante o resto do trajeto.

XXXV

O TESTAMENTO

Amoráveis e ansiosos, Justice e Leilah preparam-se para o casamento.

Na azáfama contagiante, Justice sente mais que nunca a falta de seu querido Antenor, sempre tão solícito e competente...

Agora, além da ajuda de Adelaide, conta com a de Dolores e pretende aumentar o número dos criados futuramente.

Vê Milagres quase diariamente, supervisionando a vidinha dela, no que é secundado por Leilah. Enfim, a menina conta com a dedicação de todos.

Conrad e Nívea, afinal, recebem do doutor Lombardi o aviso para convocar a família e os demais interessados, entre os quais Justice e Conrad, para a abertura do testamento.

Dias depois, num clima solene e bastante grave reúnem-se.

Finalmente, o ilustre advogado entra no salão com pastas e papéis, acomoda-se diante de grande escrivaninha, abre as referidas pastas e vai retirando e separando os diversos documentos.

A seguir, pausadamente, vai anunciando os nomes dos herdeiros e dos beneficiários pela vontade do senhor Pedro de los Prados, que em grande retrato na parede parece saudar a todos com seu sorriso amável e sincero.

Nívea sente-se nervosa e sensibilizada. Aquela ocasião relembra, sem que ela consiga evitar, o dia dos funerais do pai.

Aproxima-se mais de Conrad e aperta-lhe a mão, buscando tranquilizar-se.

O rapaz entende e consegue acalmá-la com doce olhar e carinhoso abraço.

Um pequeno burburinho é ouvido no salão e o doutor Lombardi requisita silêncio. Logo após inicia a leitura da seguinte carta:

"Meus caros,

Que a paz de Deus os visite e que Sua proteção os guarde.

Ao ouvirem estas palavras, eu já não estarei entre vós.

Certamente sentirei saudades de todos, principalmente de você, filha adorada!

Saúdo a todos com respeito e consideração.

Somos todos companheiros de caminhada, desde a filha querida, até os criados mais humildes.

Cumprimos os nossos deveres com denodo e fé em Deus e conto agora com a Sua misericórdia infinita.

Nos meus últimos dias sobre a Terra, tenho-me analisado e posso declarar com tranquilidade que de nenhum ato me envergonharei diante Dele.

Falhas eu as tenho e muitas, humano que sou.

Mas pautei minha vida sempre dentro da honestidade e respeito para com todos. E agora não poderia ser diferente.

Todos os bens materiais que Deus me concedeu no mundo deixo-vos de forma justa e satisfatória, mas acima de tudo deixo-me inteiro em cada um, com amor e saudade.

Não os esquecerei, por onde quer que eu vá, nesses espaços que ainda desconheço, mas para os quais me dirijo confiante.

Podem estar certos de que no momento da abertura deste testamento, eu comparecerei, dividindo com todos as alegrias que julgo proporcionar através das diversas disposições deixadas por mim.

Nívea, jamais me cansarei de rogar a Deus por sua felicidade, ao lado do nosso amado Conrad.

Estarei presente ao casamento, sem dúvida, feliz e agradecido por tudo que a vida nos concedeu.

Justice e Leilah, eu os abençoo igualmente. Sejam felizes, muito felizes!

Encontrar-me-ei com Lisbeth, Felícia, Mateus, Antenor, com minha amada Lucimar e com todos os outros que vi partir.

Finalmente nos reuniremos todos.

Não me esqueçam e orem por mim.

Aproveitem o que lhes dou e multipliquem-no com esforço e honestidade.

Deus os abençoe a todos.

Um dia, ver-nos-emos novamente!

Pedro de los Prados"

Nívea soluça abraçada a Conrad, igualmente emocionado, a reter corajosamente as lágrimas que brilham em seus olhos.

Justice, de cabeça baixa, ao lado de Leilah, demonstra profunda emoção.

Em continuação, o advogado lê as disposições testamentárias que concedem a metade de todos os bens para Nívea e um terço da outra metade a Conrad.

Na lista de doações o nome de Justice é o primeiro a ser contemplado com soma considerável.

A cada servidor, nominalmente, conferem-se imóveis e quantias em dinheiro.

A felicidade ilumina os rostos daquela gente humilde cujo futuro agora está garantido.

Terminada a reunião, Nívea manda servir o almoço, acompanhado dos vinhos conservados por longos anos na adega da propriedade.

Os criados, gratos e satisfeitos, se esmeram para agradar a todos.

Os problemas financeiros de Justice e Conrad, que já vinham sendo resolvidos, agora ficam definitivamente solucionados.

Todos, reunidos, riem e cantam até altas horas.

Um grupo de dançarinos flamencos anima a festa com seus sapateados e suas castanholas.

Não muito afastado, guitarristas tocam e cantam músicas madrilenas sob o

céu estrelado.

O clima romântico faz com que os noivos se aconcheguem, antevendo as delícias do matrimônio.

Terminada a apresentação dos guitarristas, os dançarinos, ciganos dos arredores aproximam-se cantando e dançando ao redor dos dois risonhos e felizes casais, ao som de palmas acompanhadas de pequenos gritos de olé; batendo os pés, saúdam os noivos augurando-lhes bom êxito no passo que darão dentro de poucos dias.

As mulheres sacodem as saias coloridas em movimentos rápidos, harmoniosos e belos.

As fogueiras acesas parecem também participar das danças e da alegria através dos ondulantes movimentos das chamas.

Maria e Pedro estão extasiados.

Milagres dorme no colo de Maria, enquanto Dolores trabalha.

A festa termina pela madrugada, quase ao raiar do sol.

Exaustos, todos procuram o repouso nos seus lares.

Nívea, antes de dormir, agradece ao pai todo o amor que recebeu e que continuará recebendo dele.

Leilah, agradecida a Deus e na expectativa de seu próximo casamento, antes de repousar, vai ao oratório agradecer e encontra Maria ali, ajoelhada.

Abraça-a silenciosa pelos ombros e a beija no rosto.

Ajoelhadas, lado a lado, fazem suas preces. Têm muito a agradecer e a pedir. O futuro acena para todos enigmático...

Pretendendo comemorar o casamento com grande festa, os casais combinam com Pedro, Maria, Dolores e Milagres para irem juntos à paróquia, em agradecimento às conquistas de suas vidas, pedir proteção para o futuro e marcar a data dos casamentos.

A caminho, Leilah narra a Justice a visão que tivera de seu pai, a declaração que fizera sobre as circunstâncias da própria morte, desculpando o rapaz, e dos renascimentos de Antero e Pablo como seus futuros filhos.

Muito emocionado, Justice reconhece:

– Ah, querida de minh'alma, esse é um sinal de que estou em paz diante de Deus e que Ele se faz presente em nossas vidas. Não acha?

– Naturalmente, Justice, foi uma experiência belíssima!

– Leilah, quero estar atento a esses sinais que nos conduzem melhor, porque são pontos de referências na nossa caminhada.

– Sendo fenômenos especiais e subjetivos, devemos preservá-los de quem não os entende.

– Sim, porque nós também ainda não os entendemos muito bem.

– Mas podemos, através deles, vislumbrar a justiça de Deus.

– Sem dúvida alguma.

– Justice, meu pai nos 'profetizou' também momentos difíceis...

– Que venham. Unidos venceremos todos os obstáculos.

– Concordo. O nosso amor tem superado grandes dificuldades.

Enfim, chegam e encaminham-se em direção à igreja.

Dolores, embora emocionada, ao rever os antigos companheiros na porta da igreja, furta-se aos olhares que não reconheceram a antiga Lolita naquela mulher bem vestida. Respeitosa e compenetrada, puxa Milagres pela mão antes que ela, ingenuamente, as exponha.

A menina, pressentindo que a mãe a quer calada, segue-a docilmente.

O grupo ajoelha-se reverente.

As chamas das velas tremeluzentes, as vozes que se ouvem no coro enternecem e propiciam o recolhimento religioso.

O culto prossegue e Milagres canta, juntamente com o coral, as músicas sacras, surpreendendo seus amigos, esquecidos momentaneamente de que há vários anos ela ouve aquelas litanias diariamente.

Novos conceitos começam a nortear a vida de Dolores.

Modificada intimamente, constata que jamais entrara naquele templo de oração. Procurou sempre a ajuda do lado de fora, quando deveria tê-la buscado ali dentro, primeiramente com Deus e depois nos conselhos de

padre Hermano, que dirige as obras comunitárias da paróquia. Certamente, ele poderia auxiliá-la, se ela assim tivesse desejado.

Renovada interiormente, agradece aos céus a ajuda que chegou através de Milagres e de seus amigos. Pretende ser digna de tudo que tem recebido e ficar atenta para retribuir da melhor forma.

Ao findar o ritual, Milagres está dormindo aconchegada ao corpo de Maria.

Justice, ao vê-la, recebe-a nos braços, conduzindo-a à Leilah, que aguarda na carruagem.

Em movimento, o veículo trepida e Leilah a envolve com mais cuidado para protegê-la.

Justice as admira feliz e enlevado.

Dolores observa a menina e, relembrando as vezes em que pensou livrar-se dela, considerando-a fardo pesado, seus olhos se enchem de lágrimas.

Maria, perspicaz, socorre:

– Dolores, pense no futuro, o que passou, passou. Reerga-se, trabalhe e seja feliz com esse querido anjo que a ama tanto.

XXXVI

PLANEJAMENTO

O CUMPRIMENTO DAS últimas vontades do senhor Pedro de los Prados, estabelecidas no testamento, beneficiou efetivamente a vida dos seus herdeiros.

Justice conclui sua estabilidade financeira, coroando de êxito os esforços que há muito vinha empreendendo.

Seu casamento e o de Conrad foram marcados oficialmente. Os preparativos intensificam-se correspondendo às expectativas. Serão feitas pequenas reformas no palacete de Nívea onde ela e Conrad ficarão.

São providenciados os vestidos das noivas e os ricos trajes dos noivos.

O vestido de Leilah saiu das mãos diligentes de Maria. É uma verdadeira obra de arte. Com a leveza e a mágica incomparável foi confeccionado em renda valenciana, forrado de seda pura.

Ao prová-lo, Leilah exclama admirada:

– Maria! É um sonho! Jamais imaginei vestir tal preciosidade!

Vaidosa, Maria redargui:

– Ora, e pensa que eu deixaria por menos? Quero-a lindíssima! Será a realização do meu sonho, vê-la vestida assim 'diante de Deus', feliz e unindo-se ao homem que você ama! A ocasião é única, Leilah. Precisa ser marcada com arte, pureza e ventura! Meu coração de mãe sente-se explodir de felicidade! Você nem pode imaginar como estou me sentindo.

Dirigindo-se à mãe de Milagres, Maria comenta:

– Dolores, a sua ajuda tem sido valiosa. Sem você eu não teria conseguido tanto! A vida nos trouxe você em boa hora! Não é, Leilah?

– Sim, Maria. Dolores e a nossa amada Milagres já fazem parte da nossa família.

– Bem, minha filha, pode tirá-lo. Vamos rematá-lo com minúsculas pérolas do Ceilão.

– Maria, vou sentir-me uma princesa das '*Mil e uma noites*'!

– E será feliz para sempre, minha querida!

Pedro que se aproximava, ao divisar o belo traje de noiva nas mãos de Maria sente o coração apertar-se. Sabe que aquela fase das suas vidas está terminando, que de algum modo 'perderão' a querida menina.

Está estranhamente emocionado. Ama Leilah como se fosse sua filha legítima.

Sai sorrateiro, para não ser flagrado com os olhos cheios de lágrimas. Mas, sem se deixar arrastar pelo sentimento de perda, ele pensa: "Brevemente, estaremos ouvindo vozes de crianças nesta casa. Peço a Deus que me permita vê-los e amá-los."

Sob nova perspectiva, volta ao seu trabalho que, com a proximidade do grande evento, se avoluma.

Paquito, que já voltou às suas funções, o ajuda diligentemente. É menino bom, laborioso, alegre, além de ser ótima companhia.

Justice, no momento, encontra-se diante de um dilema. Busca Leilah para decidirem juntos onde deverão morar, pois não pode ignorar Maria e Pedro e nem quer ver comprometida sua privacidade, logo no início de sua vida conjugal.

Imaginando algumas soluções, ele as expõe:

– Leilah, considerando que Pedro e Maria não devem ser desalojados; que não quero entregar a minha casa a estranhos ou fechá-la e que trabalho em Barcelona, pensei em morarmos lá, após o casamento, deixando Pedro e

Maria aqui, onde sempre viveram.

No entanto, sinto que sem você eles ficarão tristes. Então, o que acha, Leilah, de trazermos Dolores e Milagres para morarem aqui em Santo Antônio de la Sierra com Pedro e Maria? A nossa querida 'mãe' sentirá menos a sua partida.

– Concordo com essa ideia porque resolve parte dos problemas. Maria poderá dedicar-se à Milagrito e Dolores, por sua vez, trabalhará com mais tranquilidade.

Prosseguindo, ela lhe diz:

– Há algo mais, quer ouvir?

– Certamente, minha vida!

– Como você sabe, Paquito trabalha conosco e é nosso protegido. Pois bem. Ele e os pais estão sendo despejados pelo proprietário e como não têm para onde ir, poderiam mudar-se para o chalezinho que você comprou para Dolores e Milagres morarem.

– Excelente!

– Eles têm um bebê lindo, Justice! São tão simples e tão esforçados!

– Vamos visitá-los e consultá-los a respeito?

– Claro que sim! Levaremos Milagres!

– E então, meu amor, já decidimos tudo?

– Quase, meu querido. E quanto ao meu trabalho?

– Também pensei nisso: montaremos em nossa casa uma estufa e transplantaremos também para lá o seu jardim, permitindo assim que prossiga o seu trabalho sem interrupção. Tenho ainda planos de expandir, junto a você, esse comércio, minha querida. O que pensa?

– Que você parece ler os meus pensamentos, meu amor! Desejo, sem dúvida, continuar trabalhando, já que isso me agrada e completa.

– Concordo plenamente, Leilah. Você será a mesma de antes, com as mesmas ocupações que lhe agradam. Eu jamais sufocaria a mulher amada. Aprendi duramente sobre liberdade...

– Meu amor, eu o farei esquecer tudo que sofreu, prometo. E os filhos, quando chegarem, nos auxiliarão nesse mister.

– Para mim, minha querida, eles já estão conosco. É uma sensação amorosa... Quase posso vê-los e tocá-los... Que sejam bem-vindos! Nós os conduziremos com muito amor e responsabilidade pelos caminhos da vida. Que Deus nos abençoe e a eles também, Leilah!

Encerram a conversa com um beijo ardente.

Maria que se aproximava, ao vê-los enlaçados, retorna sem ruído, sorrindo discretamente.

XXXVII
LEMBRANÇAS

Balbuciando as primeiras palavras, o bebê de Catita encanta e alegra os pais e o irmão mais velho. Eles formam uma família unida, laboriosa e cheia de fé no futuro.

Catita foi contratada para lavar roupas para Maria que, assim, dispõe de mais tempo para dedicar-se com tranquilidade ao acabamento artístico do vestido de Leilah e organizar a recepção. A verdadeira intenção, porém, é oferecer condições a Catita para aumentar o rendimento familiar, aliviando-lhe as dificuldades.

Alguém bate à porta e Catita vai atender, surpreendendo-se com a presença de Leilah e de Justice que ainda não conhece.

– Por favor, entrem! Que prazer, senhorita Leilah!

– O prazer é nosso. Viemos vê-la, pois precisamos falar-lhe. Este é meu noivo, Justice de los Prados.

Catita e Justice trocam pequena reverência, em saudação.

Entram e enquanto se dirigem às cadeiras indicadas, Leilah ouve o bebê chorar e indaga:

– Como estão todos? E o bebê, por que chora?

– Estamos todos bem. O bebê despertou agora e certamente nos ouviu; por isso, chora.

A mulher sai e retorna com o pequeno ao colo que já sorri entre as

lágrimas.

– Mas que beleza, Catita! Ele está maravilhoso! Posso pegá-lo? – indaga Leilah.

– Naturalmente, senhorita. Ele já a conhece. Veja como lhe estende os bracinhos.

– Venha cá, Rafael.

Leilah aconchega o bebê com doçura, enquanto Justice observa a singeleza daquele lar: pobre, porém saudável, evidenciando fé e alegria.

– Senhorita Leilah – diz Catita –, com o dinheiro das roupas que lavo, estou conseguindo fazer frente às despesas.

– Fico feliz, senhora Catita.

Atentos ao ruído da porta que se abre, veem entrar um homem de roupas humildes, pele queimada de sol, pés descalços, mãos visivelmente maltratadas, segurando um boné de lã escura e que demonstra surpresa com a presença deles, cumprimentando-os, respeitoso:

– Bom dia!

Justice e Leilah respondem e Catita esclarece:

– Esse é o meu marido, Carlos.

O homem olha amoroso para Rafael no colo de Leilah, beija ligeiramente a esposa e encaminha-se para o interior da casa.

Sua aparência é triste, desoladora.

Catita, preocupada, pede licença para acompanhá-lo, o que faz prestimosa.

Da sala, eles ouvem frases entrecortadas de emoção:

– Calma, Carlos – diz Catita –, tudo se arranjará, não tema! Confie em Deus! Vou atender aos nossos amigos e logo depois poderemos resolver juntos, certo? Acalme-se, por Deus!

Justice e Leilah entreolham-se e ele se adianta, ao ver a mulher retornando à pequena sala:

– Senhora Catita o que nos trouxe aqui, interessará ao senhor Carlos. Necessitamos mesmo de sua aprovação, como chefe da família.

– Sim, senhor. Eu irei chamá-lo.

Antes que se afaste, o marido surge à porta, submisso e abatido. Parece carregar pesado fardo.

– Aqui estou, senhor, à disposição.

Leilah, solícita, intervém:

– Senhor Carlos, perdoe-me a ousadia, mas noto-lhe extrema palidez e desejaria saber se necessita de cuidados médicos.

– Não, senhorita. Estou bem, não se preocupe.

Leilah olha significativamente para o noivo, incitando-o a falar. Justice compreende, retoma a conversa e esclarece:

– Caros amigos, tomando providências atinentes ao nosso futuro, constatamos que uma de nossas moradias ficará desativada. Sabendo que já lhes foi concedido um prazo para deixarem esta casa, julgamos por bem oferecer-lhes a referida residência.

Carlos e Catita trocam olhares e ele informa:

– Senhor, não temos condição de assumir dívidas. Acabo de perder o emprego e a situação é mais precária que antes. Para 'apressar' a nossa saída desta casa, o meu patrão despediu-me. Por isso encontro-me em casa em horário que normalmente eu estaria trabalhando. Agradecemos muito, mas declinamos da oferta pelas circunstâncias.

Diante da facilidade com que Carlos se expressa, Justice indaga surpreso:

– Que grau de instrução o senhor possui?

– Estudei vários anos, senhor. Meus pais tiveram posses e eu pude usufruir de boa formação acadêmica. Perdendo-os e a tudo que tínhamos, de uma hora para outra, vi-me obrigado, para não ficar reduzido à penúria extrema, a aceitar qualquer emprego e aqui estou como lavrador. Não deploro tal ocupação porque é dela que tiramos nosso sustento, mas o egoísmo e a mesquinhez do meu ex-patrão vai nos garroteando aos poucos...

Ao sair daqui, premido pela situação, talvez descubra outro trabalho, quem sabe? Continuarei lutando por mim e pelos meus, com fé em Deus. Ficamos-

lhes bastante agradecidos e lamentamos não poder aceitar a oferta.

Catita, de cabeça baixa, medita enquanto acaricia o bebê que já retornara ao seu colo.

Leilah, entre lágrimas e sorrisos, esclarece comovida:

– Senhor Carlos, não queremos alugar a casa e sim emprestá-la durante o tempo que precisarem...

Espantado, o homem mal pode crer no que ouve.

– Emprestar? Ouviu isso Catita?

– Sim, Carlos. Da senhorita Leilah e dos seus só podemos esperar o bem! Graças a Deus!

Carlos, apesar da emoção, esquadrinha o semblante de Justice e comenta:

– Senhor Justice, parece-me conhecê-lo; no entanto, sei que jamais o vi...

– Eu gostava muito de touradas. Quem sabe nos vimos nos estádios?

– Pode ser...

– Bem – diz Leilah –, se vocês aceitam o auxílio, nós os avisaremos assim que a casa estiver vazia.

Carlos, apreensivo, intervém:

– Por favor, não desalojem ninguém por nossa causa. Conseguirei ajuda de outra forma. Sendo Contabilista, alguma oportunidade há de surgir. Tenho planos, apesar das dificuldades advindas com a minha doença e com o nascimento do bebê. A princípio, trabalhei nos escritórios do senhor Gutierrez, mas ficando acamado, ele me substituiu rapidamente, restando então o trabalho rude que assumi sem poder escolher.

– Acalme-se, senhor Carlos – diz Justice sorrindo –, não prejudicaremos ninguém. Quem mora lá, mudar-se-á por circunstâncias mais favoráveis! A residência estará à sua disposição dentro de poucos dias e após a mudança me procure, porque atualmente preciso de mais um contabilista em meu escritório.

A propósito, senhora Catita, hoje quase trouxemos Milagres para conhecer o bebê. Ela e a mãe, Dolores, mudar-se-ão em breve e felizes já tomam as

primeiras providências. São elas que deixarão a casa em questão.

Milagrito não pôde vir porque se encontra um pouco febril. Oportunamente vocês a conhecerão, pois que ela nos é extremamente cara ao coração – informa Leilah.

– Teremos imenso prazer nisso, cara senhorita. Beije-a por nós!

O homem julga estar sonhando. Aproxima-se de Justice, estende-lhe a mão e diz:

– Senhor Justice, não sei como expressar-lhe a minha gratidão. Posso afiançar-lhe como profissional que o senhor não se arrependerá e dentro em breve poderei lhe pagar o aluguel devido.

Voltando-se para Leilah, diz:

– A senhorita é um verdadeiro anjo. Bendito o dia em que acolheu a minha família. Ser-lhe-ei eterno devedor.

Leilah ouve comovida.

O cumprimento do dever cristão deixa Justice e Leilah plenos de satisfação e alegria. Carlos e Catita não se sentem humilhados com o benefício oferecido, pois, sendo-lhes dada a oportunidade de reabilitação através do esforço próprio do trabalho digno, com certeza quitarão suas dívidas.

Não há mais razão para Justice e Leilah ali se demorarem. Precisam se retirar. É Leilah quem se dirige ao casal a lembrar-lhes:

– Gostaria que assistissem ao nosso casamento e também ajudassem Maria e Dolores no dia da festa.

– Lá estaremos, senhorita.

Justice e Leilah, de mãos dadas, dirigem-se à porta acompanhados por Carlos e Catita, onde se despedem.

Os noivos retornam felizes e recompensados.

Na humilde casinha, Carlos e Catita, animados com a perspectiva de dias melhores, tentam controlar a emoção que ainda repercute em suas almas.

– Escute, minha Catita. O senhor Justice não lembra alguém? Faça um esforço de memória! O rosto dele, os traços, as expressões, não lhe recordam

o nosso querido 'hóspede' de anos atrás? Nós tínhamos apenas o nosso Paquito!

– Mas, então, não morávamos aqui, Carlos.

– Morávamos em Barcelona, onde vivíamos bem, em nossa querida casinha. Lembra-se dele?

– Ainda não. Fale em quem está pensando, Carlos.

– No senhor Mateus, Catita!

– Ah! – diz ela batendo na testa –, lembrei! Aquele senhor sofrido e meio enigmático, surgido não sei de onde, que foi nosso hóspede por dois meses? É esse, não é?

– Finalmente você lembrou! Que semelhança com o senhor Justice! Nunca mais soubemos dele. Deixou-nos saudades!...

– Tem razão. Solícito e amigo, apesar de calado e misterioso – diz Catita saudosa, refeita do esquecimento.

– Por onde andará o nosso caro amigo, Catita? Eu gostaria muito de reencontrá-lo e abraçá-lo novamente...

XXXVIII

O GRANDE DIA

Os preparativos se intensificam com a proximidade das bodas.

A natureza supera-se em exuberância coroando tudo com mais beleza.

O sol, radiante de luz e vida, observa complacente os mortais em seus diferentes objetivos, caminhando, tropeçando, levantando-se...

Árvores frondosas, carregadas de frutos, testemunham mudas, mas plenas de vida, a grandeza divina. Pássaros de cores variadas voam céleres, entoando melodias incomparáveis. As flores exalam os mais delicados perfumes, impregnando o ambiente com aromas balsâmicos e sutis que embriagam a alma, fazendo-a aspirar a felicidade. Um concerto de sons inaudíveis aos ouvidos humanos perpassam os ares em sinfonia sedutora, embalando e extasiando...

No ar, sensações diferentes e renovadoras.

A presença do Criador derramando-se sobre as criaturas, abençoando-as, fala-lhes de sua origem divina e de seu lugar nesse incomensurável Universo.

Destas bem-aventuranças participam aqueles corações amantes que se unirão 'diante de Deus' e dos homens.

Repletos de amor e sonhos, nobres e dignos, os dois casais entregam seus sentimentos a Jesus e à Maria, buscando proteção aos seus destinos.

Padre Hermano, trajando paramentos especiais, inicia a cerimônia. Auxiliando-o, seu ajudante Paquito, que se incumbe da tarefa com carinho e responsabilidade.

Solenes, os noivos trocam juras de fidelidade eterna. E são sinceros em suas promessas.

Inúmeras vezes, Maria enxugou as lágrimas.

Dolores, ao seu lado, percebe-lhe a emoção e apertando-lhe o coração, como num presságio, fixa os olhos em Milagres, que séria e compenetrada junto aos noivos segura a almofada de veludo carmesim, onde há poucos instantes estavam as alianças.

Sensibilizada, Dolores fala:

– Maria, que Deus abençoe os casais e os faça felizes! Parabenizo-a por estar realizando hoje o seu mais caro sonho. No entanto sinto que não verei Milagres crescer e se casar...

A um gesto de protesto de Maria, ela aduz:

– Sei por que digo isso e quero pedir-lhe aqui ante o Senhor que proteja Milagres quando eu me for...

Surpresa, Maria deseja interrogá-la, mas o momento não comporta tal ação. Responde, então, procurando acalmá-la:

– Fique tranquila. Eu prometo. Farei por Milagres tudo que fiz por Leilah. E agora, por favor, tire essa ideia da cabeça.

Leilah está deslumbrante em sua longa túnica rebordada de pérolas ao lado de Justice, elegante e digno.

Conrad admira-os e, numa fração de segundos, recorda-se de tudo que passaram até chegarem àquele momento.

Testemunhando a ventura do irmão, ele agradece devotadamente à Providência Divina...

Agora, os seus olhos recaem sobre Nívea ao seu lado, parecendo uma rainha, trajando suntuoso vestido de gaze rebordado em fios dourados. Na mão, significativo buquê de jasmins naturais ligados pelos mesmos fios que

refletem a luz das velas.

Nos bancos da igreja estão todos os parentes, amigos e o senhor Manuel Carreras, bastante arrependido por ter fechado as possibilidades de negócios com Justice, que próspero agora quitou suas dívidas e despachou-o peremptoriamente.

Não recebeu convite, todavia sabendo do evento compareceu à igreja. Tentará ser visto quando dos cumprimentos, para fazer-se lembrado. Não desistirá de tentar negociar com Justice.

Pedro, um pouco atrás, elegante em seu traje andaluz, chora. Não pôde se conter; o coração explodiria...

Maria, buscando-o com o olhar, identifica-o à distância e se conforma. Conhece-o bastante bem para saber que não adianta chamá-lo.

Os sinos repicam alegremente e os noivos preparam-se para sair.

Milagres precede-os, sorridente e fagueira.

Todos a olham e ela se recorda de quantas vezes, ali mesmo, do lado de fora da igreja, esperava para ver os noivos, e do quanto desejou poder participar da cerimônia! Agora está realizando de forma gloriosa o seu sonho infantil.

Na saída, Pedro espera por Maria e oferece-lhe o braço indagando emocionado:

– Lembra-se do nosso casamento, Maria?

– Jamais esquecerei, meu querido Pedro!

Apertando-lhe a mão, ele afirma:

– Eu me casaria de novo com você, Maria.

Emocionada, ela responde:

– E eu também com você. Pedro! Deus nos tem abençoado, não é?

Enternecidos, eles se dirigem aos noivos para abraçá-los e acompanhá-los ao lar de Justice onde uma grande festa está preparada.

Entre os que servem, estão Catita e Carlos.

Rafael, confortável, brinca atentamente vigiado por Maria.

Dolores, dividindo-se entre as múltiplas providências na cozinha, recebe uma encomenda de doces, das mãos de um homem que, depois da entrega permanece parado, fitando-a, curioso. Atarefada, ela não lhe observa as feições, mas se surpreende quando ele exclama:

– Lolita! Você, aqui?

Envergonhada, ela finge não reconhecê-lo, mas ele, cínico, comenta:

– Ora, quem diria! A minha Lolita, bem vestida e perfumada! Quase não a reconheço!

Avançando para a pobre mulher, assustada, agarra-a pela cintura e tenta beijá-la.

– Por favor, Santiago... Largue-me... – implora Dolores, defendendo-se do assédio grosseiro.

E ele insiste abusado, intimidando-a:

– Quer que eu diga a todos quem é você? De certo que não! Parece uma grande dama! Com que então pescou um peixe grande, hein?

– Por favor, solte-me! Em nome de Deus, esqueça-me! Mudei de vida. Não me obrigue a fazer aquilo que não desejo!...

À porta da cozinha, surge Justice procurando por Milagres.

Espantado, flagra a cena e percebe Dolores debatendo-se.

Avança na direção dos dois e puxa Santiago pela gola, quase tirando-o do chão, enquanto indaga:

– Como entrou aqui?

– Eu? – ele pergunta trêmulo. – Sou um entregador! Dolores me conhece!

Justice agora o reconhece. Vira-o em casa de Dolores.

Recostada na mesa, ofegante, Dolores chora.

Enérgico Justice avisa:

– Esta – e aponta na direção de Dolores – não é a mulher que você conheceu! Esta trabalha aqui e se eu o vir importunando-a novamente, você se arrependerá! Vá-se embora daqui antes que eu lhe dê a lição que merece!

Acovardado, o homem sai correndo.

Mais calmo e solícito, Justice dirige-se à Dolores:

– Ele a feriu?

– Não, senhor Justice. Eu estou bastante envergonhada. Perdoe-me. Nós nos conhecíamos e ele estava habituado a me procurar... Hoje, devo aos corações bondosos dos senhores a chance de uma nova vida... Quer que eu me vá? Creio que já empanei o brilho de sua festa!...

Compreensivo, ele esclarece:

– Minha cara, não tenho competência para julgá-la; aliás, sou testemunha da sua transformação.

Prossiga nesse novo caminho, não desanime e nem descreia da bondade das criaturas. Você acabará 'enterrando' esse passado, se o deplora de fato. Não pode imaginar o quanto eu lhe entendo... Retorne à alegria e aproveite a festa. Eu, por minha vez, farei o mesmo.

– Sim, senhor. Muito obrigada – balbucia Dolores, profundamente acanhada e enxugando as lágrimas.

Reequilibrado, Justice retorna aos salões à procura de Leilah, enquanto recorda claramente as palavras de Antenor: "Além dela (Leilah), o mundo de vícios no qual você tem vivido lhe cobrará, sem piedade e sem respeito."

Baixinho, para si mesmo, ele exclama, passeando os olhos por todos os recantos daquele lar:

"Querido, saudoso e sábio Antenor!... Como explicar, meu segundo pai, o que vi, quando do ataque insano de Pablo? Pois que, sobrepondo-se a ele, eu pude ver você, meu velho, tomando-lhe corajoso aquela arma mortífera, para atirá-la longe de nós?! Milhões de vezes, obrigado! Não fosse por você, sob a permissão de Deus, eu hoje não estaria aqui, casando-me e sendo feliz! Concluo que você, forte e gentil catalão, está junto ao Pai, nos protegendo! Seja muito feliz, Antenor querido! Meu coração e o de Conrad o amarão devotadamente para todo sempre!..."

– Falando sozinho, meu amor? – é Leilah, que lhe saindo à procura, vai encontrá-lo falando baixinho.

Os festejos prosseguem intensos.

Harmonizados com a ventura dos casais, os convidados correspondem às expectativas dos anfitriões.

As atrações programadas cuidadosamente promovem a alegria desejada.

Justice e Leilah, de braços dados, caminham entre os convidados, solícitos e cuidadosos, ouvindo-os, participando-lhes da conversa e acrescentando ilações felizes e providenciais.

Nesse instante, avizinham-se do grupo dos admiradores entusiastas de dom Miguel, o amigo toureiro que faz comentários ardorosos sobre a sua atuação na arena.

Justice, com delicadeza e tato, esquiva-se às apreciações, deixando-o desconcertado.

Só agora dom Miguel recorda-se de que Justice não tem comparecido para assistir às touradas há algum tempo... Apesar dessa frustração, ele conserva o seu *savoir-faire* e prossegue a narrar, orgulhoso, os seus sucessos.

Conrad e Nívea, que haviam-se integrado ao grupo, atraídos pela agitação, observando-lhe a ostentação, trocam olhares com Justice.

Conrad sorri, lembrando-se do antigo fascínio do irmão por esse tipo de diversão.

Em certo momento, os grupos se desfazem, chamados para assistirem a uma apresentação teatral, na qual atores selecionados encenarão uma peça de William Shakespeare.

Terminada a apresentação, os convidados se levantam e caminham, trocando ideias a respeito das falas dos personagens, do talento dos atores e extraindo do conteúdo da peça as mais variadas interpretações.

Em seguida, ouve-se o cantar apaixonado e o sapateado ritmado de dois grupos de bailarinos flamencos. Os convidados mais uma vez se movimentam, em busca da diversão que lhes é oferecida.

Sob as luzes das lanternas coloridas, a cena é mágica, contagiando pela beleza e pela perfeição de movimentos.

Extasiam-se todos, até a explosão dos aplausos no encerramento da exibição.

Conrad, atendendo às solicitações, declama algumas de suas poesias, enquanto um guitarrista toca suavemente nostálgica melodia andaluza.

Nesse clima de paz, os convidados se despedem e, aos poucos, a grande casa se esvazia.

Os personagens principais tomam seus rumos e em poucas horas o silêncio é total.

XXXIX

GRAND FINALE

No grande salão do palacete de Justice, madrugada alta, aqui e ali, riscam os ares pequeninas luzes azuis.

Elas flutuam, dançam e explodem em formas evanescentes que vagarosamente adquirem as características dos familiares 'mortos', que prosseguem compondo essa história, influenciando e sendo influenciados.

Dois planos se interpenetram solidários e atuantes. Do espiritual, identificamos os irmãos Mateus e Pedro de los Prados, Lisbeth, Antenor, a mãe de Nívea – Lucimar de los Prados –, Vicente Domingo Ashram, Caroline Ashram e Antero Luiz Ashram.

À pequena distância, em plano mais alto, volita luminoso o espírito Felícia, cujo olhar recai sobre o espírito Antero Luiz, mantendo-o equilibrado para aproveitar ao máximo o momento.

Mateus, como anfitrião, seguindo as instruções de Felícia, prepara-se para falar.

Seu rosto é grave, solene mesmo, apesar do sorriso amável.

Ao redor deles, em pequeno anfiteatro, espíritos afins, muitos deles ainda encarnados e para ali levados durante o sono do corpo físico, assistem ao desenvolvimento da reunião que tem início e recordam as importantes lições em torno da beleza do amor e dos mecanismos das múltiplas vidas.

Mateus principia a falar:

– Paz seja convosco! Em nome de nosso mestre Jesus sejam bem-vindos a este lar que me é tão caro ao coração!

Aqui nos encontramos reunidos, sob os auspícios da espiritualidade maior para, avaliando o nosso passado, nos sensibilizarmos e vislumbrarmos o nosso futuro.

Hoje, feliz e agradecido a Deus, assisti comovido aos enlaces dos meus queridos filhos Justice e Conrad.

Vejo finalmente meu filho reintegrar-se ao verdadeiro amor, através de Leilah, esse espírito tão amado por todos nós. Alçando-se até ela, ele impulsiona em si mesmo os legítimos valores espirituais que hoje lhe banham a alma, outrora tisnada pelos prazeres inferiores que o mundo infelizmente tão bem sabe oferecer.

A alegria me invade ao vê-los vitoriosos após tantos sofrimentos.

Temos a consciência dos erros e acertos praticados ao longo de nossas vidas, na recente e em passadas existências, quando então exercemos o livre-arbítrio aqui nesta Terra, amorosa e tolerante, que nos recebe e nos abriga incontáveis vezes, concedendo-nos um aprendizado cada vez mais intenso, rumo à angelitude!

Mateus se cala. Por instantes, sua voz vacila ao relancear o olhar por todos os presentes.

Dominando a emoção, ele prossegue:

– No exercício do nosso livre-arbítrio, promovemos a felicidade ou a infelicidade daqueles que mais amamos.

Nós sabemos onde falhamos e quais as imperfeições que ainda fazem parte de nós, pois neste plano onde estamos agora, a luz nos atravessa os espíritos, revelando-nos, sem rebuços.

A hipocrisia mundana já não nos pode valer. Somos o que fomos e seremos aquilo que fizermos de nós nas futuras oportunidades. A alegria do momento, proporcionada em nosso núcleo espiritual pela união dos nossos queridos jovens, nos oportuniza uma reflexão. Subordinados à grande

misericórdia divina, é momento de planejarmos da melhor forma o nosso futuro, de acordo com a necessidade de cada um de nós.

Em tom reflexivo, Mateus dirige o olhar a um dos presentes e o convida:

– Solicitamos a presença do senhor Vicente Domingos Ashram para expor os seus pensamentos e propósitos.

Espraiando luminosidade suave, o pai de Leilah, com voz pausada, se expressa:

– Caros irmãos! Apesar da bondade que tenho procurado cultivar no coração, tenho sido autoritário e orgulhoso.

Dessa forma, afastei de mim Antero, o filho querido, inimigo do passado que me cobrava fortes sentimentos filiais. Afastados ficamos, e separados física e espiritualmente concluímos a vida. Desperdiçamos tempo e oportunidades valiosas em função do nosso orgulho.

Minha filha, Leilah, que hoje se uniu ao filho de meu amigo Mateus, companheiro de antigas jornadas, receberá como filhos a mim e a Antero, a fim de que, sob o influxo do seu amor, pai e filho de outrora se amem como irmãos de sangue.

Reabilitando-se, Antero alegra-se com as núpcias da irmã e aos poucos se prepara para renascer.

Reunidos enfim sob o olhar vigilante e amoroso de Felícia, que esteve entre nós nessa última existência, daremos novos rumos aos nossos destinos!

Vicente Domingos chora comovido e, incapaz de prosseguir, saúda os ouvintes com um aceno.

Mateus chama Lisbeth, sua primeira esposa e, hesitante, ela interioriza-se, buscando acalmar-se. Em seguida fala:

– Queridos irmãos, aqui estou, propondo-me a retornar ao casamento com Mateus. Dessa vez lutarei contra a inércia que me favoreceu a loucura.

Enquanto eu me entregava a depressões, influências deletérias alcançaram-me o cérebro, instalando-se a doença mental que me levou ao trágico fim.

Hoje, sofro as consequências do meu ato criminoso. Devo reequilibrar o

tônus vibratório da minha mente, profundamente prejudicado pela queda no abismo. Reencontrar-me-ei com Mateus para corrigir-me e corresponder aos seus anseios de homem honrado e amoroso.

Ainda me custa falar a respeito. Todavia, em tratamento prolongado no mundo invisível, aos poucos me reorganizo para a caminhada futura que desta vez eu espero seja vitoriosa!

Os primeiros anos de vida de meu amado filho Justice foram marcados por minha indolência e insensatez. Possa ele perdoar-me! Um dia, ao nos reencontrarmos, esforçar-me-ei para reconquistá-lo. No dia de hoje, auguro-lhe felicidades!

Quando esteve preso, acusado de ser o autor da morte de Pablo, pude, por concessão divina, ampará-lo amorosamente, apesar de minhas grandes deficiências. É o amor materno rompendo todas as barreiras!

Com a voz entrecortada por soluços, Lisbeth silencia.

Emocionado, Pedro de los Prados, dirige-se a todos:

– Meus irmãos! Deus nos abençoe a todos e aos jovens que hoje se consorciaram alegrando os nossos corações! Essas uniões nos permitirão novas programações para o futuro.

Eu, particularmente, estou feliz e esperançoso com a união de Nívea e Conrad, espírito amadurecido, querido do meu coração, em quem deposito as minhas mais caras esperanças ao lado da filha muito amada.

Tenho ainda muitas saudades.

Prosseguirei do lado de cá zelando por este casamento, que se constitui em promessa luminosa para nós e para muitos outros!

Na união dessas duas almas, empenhadas na formação de um lar íntegro, serão dados os mais lídimos exemplos de amor e dignidade!

Célula mater da sociedade, a família é o viveiro onde as almas aportam para progredirem incessantemente.

Após este consórcio, no qual receberão como filhos espíritos recalcitrantes, os dois poderão alçar voos ainda mais altos. Prosseguirão velando pelos que

aqui deixarem e, quando possível, por misericórdia divina, estarão presentes. De minha parte, tudo farei por eles.

Desejo a todos as bênçãos de Deus e a conquista do almejado progresso! Paz!

Elevando a mão em saudação luminosa, Pedro abraça demoradamente Mateus.

Felícia, a certa distância, sorri em sua radiosidade. Inspira Mateus a falar a respeito de Pablo:

– Quanto ao nosso caro irmão Pablo Cortez, ante as leis maravilhosas do Pai, ele terá oportunidade de ser acolhido como um dos filhos de meu querido Justice. Renascendo como filho do seu rival e de Leilah, a quem muito ama, poderá pacificar-se, amenizando o seu temperamento impulsivo.

Durante séculos, os dois vêm disputando o amor de Leilah.

Aprenderão agora a amar com renúncia e abnegação.

É dessa forma que evoluímos nas diversas moradas da 'Casa do Pai', nesse Universo fantástico!

Felícia sinaliza à senhora Ashram para que também se pronuncie.

– Meus irmãos – assim ela diz –, é profundamente tocada pela emoção que me expresso agora.

Há séculos, caminho ao lado de Vicente e dos espíritos Leilah, Antero e Maria!

Aprendi a amá-los devotadamente, assim como à Nívea, de quem fui mãe por várias encarnações!

Desta vez, a minha permanência ao lado deles foi curta, permitindo aos meus amores um desafio maior na semeadura e na colheita dos seus progressos.

Se me ausentei, espiritualmente continuei a minha solicitude maternal, dentro das possibilidades resultantes dos comportamentos de cada um.

Vicente, em futuro próximo, terá a tarefa de auxiliar na condução dos irmãos mais novos, que se demoram na caminhada rumo à luz.

Antero, meu amado filho tantas vezes, ainda desequilibrado por abusar das energias sexuais, renascerá com comprometimentos consequentes nessa área a exigir-lhe abnegação, numa vida solitária, embora recebendo todo auxílio...

Felícia, espírito elevado e amoroso que nos orienta há muito tempo e quando necessário está conosco, organiza planos providenciais que o auxiliarão.

Filho querido – ela dirige o olhar a Antero –, você lamentou-me a perda e acabou usando-a para desculpar-se dos desvarios, nos quais ainda se compraz inadvertidamente. Acomodado em sua revolta injusta, malbaratou o tempo e exauriu-se em emoções enervantes, canalizando as energias nos caminhos levianos do mundo, com obstinação...

Inúmeras vezes estive ao seu lado, tentando reconduzi-lo ao bem, inutilmente!

Conchita em seu caminho seria o incentivo ao seu reerguimento. Amando-o com fervor, ela teria sido sua oportunidade de equilíbrio, mas você encastelou-se nas lamentações descabidas e lançou-se à cata de novas emoções, como um navegador aventureiro sem rumo.

Filho amado, as leis do Pai são sempre o estímulo ao progresso.

Renascendo através da irmã muito querida, você terá a sua 'Estrada de Damasco'. Aproveite bem, Antero. Estaremos todos vigilantes, integrados e dispostos a incentivá-lo e a protegê-lo mais uma vez!

Nós o amamos, lembre-se disso. Esperamos muito de você!

Desejo ainda, em nome de Deus e de Seu imenso amor por nós, abraçar àquela que me substituiu à altura, num compromisso maternal firmado entre nós duas.

Estive ao seu lado muitas vezes, inspirando-a e encorajando-a nas tarefas de conduzir os 'nossos filhos'.

Desprendida do corpo físico pelo sono, Maria adentra o salão, amparada por dois trabalhadores espirituais.

Assustada, olhando à sua volta, exclama reverente:

– Onde estou? Meu Deus, parece que estou vendo a 'Virgem de Macarena'!

Envolvida pelos fluidos luminosos e tranquilizantes emanados das mãos de Felícia, ela se acalma, mas se surpreende, ao se deparar com a sorridente senhora Ashram, que a acolhe nos braços amorosos.

– Minha boa Maria! Que bom recebê-la aqui entre nós! Somos antigas companheiras! Agradeço-lhe a dedicação à família querida entregue ao seu coração!

Sou testemunha de sua abnegação ao conduzi-los após o meu trespasse! Fiel e dedicada, sacrificou-se sempre em prol dos nossos amores!

Maria, trêmula e emocionada, tanto quanto surpresa, exclama:

– Caroline! Querida Caroline! Quanta saudade! Como posso estar-lhe vendo agora? De certo eu também morri!

– Não, Maria. Sua vida será longa e cada vez mais útil.

– E então, como posso estar aqui? Aquela não é Maria, a mãe de Jesus? – diz, indicando Felícia.

– Não, minha cara. É espírito amigo que nos protege há muito tempo, por misericórdia divina. Foi a mãe de Conrad de los Prados e madrasta de Justice.

– Caroline, não consigo entender direito. Desculpe-me.

– Não importa, Maria. Olhe à sua volta e verá como a vida é eterna...

Observando cuidadosamente a todos os que ali se encontram e profundamente emocionada, ela reconhece Antero e lança-se a ele, abraçando-o em transporte de felicidade.

Ele beija-lhe, amoroso, as mãos calosas, o rosto querido, banhado de pranto e recorda de pronto que, em vida, nunca o fizera.

Divisando o senhor Vicente Domingos, abraça-o com respeito e admiração.

Identifica também o senhor Pedro de los Prados que a saúda respeitoso,

inclinando ligeiramente a cabeça.

Falando baixo e amedrontada, ela diz:

– Caroline, sua filha, a nossa amada Leilah, casou-se hoje e será feliz com o homem que ama! Finalmente cumpri o nosso acordo...

– Sim, Maria, eu sei e agradeço-lhe profundamente. Recordo-me sensibilizada de nossa mocidade, Maria. Sempre fomos como irmãs legítimas. O amor fraterno, que sempre nos uniu, permitiu-nos o revezamento dos cuidados aos meus filhos. A sua fidelidade me comove, Maria!

Abraçando-a fortemente, Caroline conclui:

– Deus a abençoe, Maria, e a todas as mães da Terra como você, um exemplo grandioso que, não recebendo filhos no ventre, os adotou no coração! Estaremos sempre juntas nesse seu caminhar.

Caroline despede-se do grupo nimbada de luz, saudando a todos amorosamente.

Felícia acerca-se da tribuna e dirige-se ao grupo familiar:

– Paz aos corações, em nome do mestre Jesus!

Ele nos permitiu esse conúbio celestial e a Ele agradecemos profundamente, comprometendo-nos a nos empenhar na exemplificação de seu amor.

Inseguros e trôpegos, temos caminhado neste planeta reiteradas vezes. Ele, o Bom Pastor que não deixa extraviar uma só das Suas ovelhas, nos conduz paciente e amoroso para o Seu aprisco!

Um dia conseguiremos entender em profundidade a grandeza dessa solicitude divina!

Vergados pelo peso de nossas escolhas, nem sempre no caminho do bem, gememos e choramos neste pequenino orbe, após termos, grande parte de nós, conhecido esferas mais venturosas. Hoje, no exílio, dotados de inteligência mais desenvolvida, nem por isso mais sadia, submetendo-nos por vontade própria ao processo de expiações e provas, onde ainda teimamos em nos digladiar em nome do nosso orgulho, de nossa vaidade e

do nosso egoísmo!

Prepotentes, e exigindo mais do que merecemos, sofremos e fazemos sofrer, demorando-nos num contexto aflitivo!

O Pai, estendendo-nos Sua misericórdia, enviou-nos o mestre Jesus! Porém, ainda recalcitrantes, fomos incapazes de compreender as messes de amor, a grande mensagem do Nazareno!

Nos sentindo culpados e ínfimos, sofremos até hoje sem entender nossos atos de outrora.

Nossos códigos de vida são ainda mesquinhos e desumanos...

Invigilantes, prosseguimos inconsequentes, esforçando-nos tão somente para satisfazer nossos propósitos inferiores, bastante arraigados em nosso íntimo.

Essências divinas que somos, sob o amorável olhar de Jesus, chafurdamos no erro, acumpliciando-nos no mal e na impiedade, deixando rastros de sangue e de lágrimas em nossa longa e cansativa jornada.

Hoje, colhemos os frutos amargos das nossas decisões arbitrárias!

Os que já ouviram a voz do Bom Pastor, entenderam suas lições e as praticaram, ascenderam planos mais altos e velam pelos que aqui permanecem.

Bem-aventurados aqueles que, enquanto se esforçam para darem conta de si, auxiliam o seu próximo!

Deixemos brilhar em nós a essência de Deus, nosso Pai, seguindo os ensinamentos amorosos de Jesus, o paradigma da Humanidade, que nos aguarda pacientemente de braços abertos.

Nele encontraremos forças e inspiração para trilharmos o caminho de nossa ascensão.

Recordemos a cada novo dia as suas palavras:

"Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o

meu jugo e leve o meu fardo...”

Que Deus abençoe e fortaleça os nossos propósitos de união, em nome da verdadeira caridade que ele nos ensinou.

Por vezes, sentir-nos-emos perdidos e desanimados, todavia levantaremos os olhos para os céus buscando o Pai e prosseguiremos tecendo a nossa ‘túnica nupcial’!

O esforço é imprescindível, encurtando os nossos passos na direção daqueles que à frente nos aguardam amorosos.

O momento é este! As trombetas tocam nos quatro cantos da Terra!

Que todos os companheiros desta assembleia possam manter em suas consciências as propostas de vida futura, uma bênção de evolução que só um Pai amoroso, justo e bom concederia.

O auxílio sempre existirá, nunca se esqueçam.

No testemunho de cada coração, a aparente solidão será sempre oportunidade de provar o aprendizado alcançado!

Paz para todos!

Deus seja louvado!

Ao encerrar a reunião, Felícia dirige amoroso olhar para os recém-casados, abraçados ternamente, que a tudo assistem deslumbrados, com o pranto a lavar-lhes os semblantes, surpresos e gratificados.

Revendo seus entes amados, destacando-se Felícia, Conrad dirige-se à mãe e diz profundamente emocionado:

– Mãe querida, você nunca esteve distante! Eu sabia!

Em resposta, suavemente, Felícia se faz ouvir:

– Sim, filho querido, eu jamais o deixarei! Eu o amo!

Todos, indistintamente, confraternizam-se, como se a festa tivesse prosseguido pela madrugada, com a chegada de tão nobres e amados convidados...

No dia seguinte, quando despertarem, estarão estranhamente sensibilizados e, ao conversarem, alguns descobrirão com espanto que

partilharam o mesmo ‘sonho’!

XL

CONFISSÃO

Tal qual Maria de Magdala, numa transformação radical, merecendo orientação adequada e apoio constantes, Dolores vive agora em Santo Antônio de la Sierra, com Maria, Pedro e Milagres.

Nesse trabalho de amor e na condução criteriosa de Milagres, que requisita atenção e carinho de acordo com sua idade, o coração da boa Maria se divide e se doa de forma luminosa.

Com a ausência de Leilah, pelo casamento, e consequente transferência de residência, ela amplia a tarefa de educar, amando, agasalhando as duas sob suas asas maternais.

Pedro, vigilante, carinhoso e discreto, secunda-a diligentemente.

Aprendeu a amar Milagres, em quem reencontra a sua querida menina Leilah, agora casada e feliz.

Respeita e admira Dolores em seus novos propósitos. Compreende seu sofrimento e nota as cicatrizes que o mundo lhe fez, marcando-a profundamente, assim como tantos outros que desprotegidos sofrem, gemem e choram por falta de compreensão e caridade do ser humano, ainda tão insensível.

Cheio de fé, apesar de nem sempre exteriorizá-la, medita sobre como as criaturas, em seu egoísmo, vivem distraídas da realidade espiritual.

Recorda-se comovido da conversa com Leilah a respeito das muitas vidas e

conclui que a acomodação egoísta prejudica não apenas o presente, mas compromete também o futuro.

Com lágrimas nos olhos, relembra Leilah, sensibilizada, rogando a Deus o amor para os corações humanos...

Nunca mais, depois daquela bela preleção do caro doutor Lombardi em casa de Nívea e da posterior conversa com Leilah a respeito dos mesmos princípios, deixou de analisar esses "novos ventos filosóficos que varrem o mundo"...

Tem esperança de que a implantação desse novo saber seja intensificada, atendendo assim aos clamores dos corações aflitos como eram os de Dolores e de Milagres.

Admira cada vez mais a sua querida Maria que, apesar de reagir aos novos conhecimentos, prossegue com fé e coragem, fazendo criteriosamente a 'vontade de Deus'.

Através do seu coração amoroso e dos seus exemplos, ela influencia outras criaturas que, possuindo boas tendências, precisam apenas de exemplo e de estímulo.

Com essa mulher dedicada aprendeu mais que em toda sua vida de homem que lutou e viveu só, fazendo aquilo que achava certo, sem família e sem apoio.

De Andaluzia veio para Barcelona, e ali conheceu Maria, criada ainda jovem da mãe de Caroline (futura mãe de Leilah e Antero).

Maria e Caroline tinham a mesma idade e tornaram-se boas companheiras.

Caroline casou-se e sobrevindo algum tempo depois o falecimento da mãe, convidou Maria para fazer-lhe companhia.

Pedro se lembra sorridente de como lhe fora difícil aproximar-se dela. Recatada e extremamente religiosa, fugia-lhe, apesar de corresponder-lhe aos olhares de admiração e de interesse.

Caroline, em sua perspicácia, auxiliou-o, aproximando-os.

Pouco tempo de namoro foi preciso para que descobrissem que se amariam

para sempre.

E assim, casando-se com ela, deixou o emprego na Chácara das Flores para morar e trabalhar na mesma casa a pedido de Caroline e do senhor Vicente Domingos.

Desde então, vive ali, ao lado da mulher, feliz, de forma laboriosa.

Os aposentos deles ficam dentro da casa e são tão bonitos e confortáveis quanto os outros.

Entre eles e os patrões não existe distância e sim união e convivência fraterna.

Vê com bons olhos a chegada de Dolores e Milagres.

O coração de Pedro é território que se expande cada vez mais.

Com olhos paternais, ele observa Paquito, cujo consórcio com Milagres preconiza, satisfeito.

Milagres é espírito elevado que, desde épocas recuadas, comprometeu-se a velar por Dolores, espírito rebelde e vacilante.

Para isso, através dos laços consanguíneos, tem vivido ao seu lado nas inúmeras e sucessivas vidas.

Maria e Dolores, na varanda que dá para belíssimo jardim, enlevadas observam Milagres, cabelos ao vento, irrequieta e ruidosa, externando alegria e saúde, a correr com o pequeno cão Docinho.

Silenciosa, Dolores se encontra chorosa e abatida.

Consternada, Maria lhe indaga:

– Dolores, o que você tem? Quem sabe se me disser os motivos de sua tristeza eu poderei auxiliá-la?

Tentando esconder o pranto, desviando o rosto, ela responde com dificuldade:

– Você, Maria, é a irmã que o céu colocou no meu caminho.

– E por que chora? Na igreja fez o mesmo. Não quer me contar ou não confia bastante em mim?

– É que não sei como lhe contar o que descobri...

– Não vacile, conte-me logo. Estou ansiosa para saber.

– Maria, eu estou doente. Brevemente morrerei.

Assustada, Maria dá um grito e Dolores, pedindo calma, prossegue:

– É a sífilis, Maria... Os sintomas dessa doença que eu bem conheço se revelam em mim... A vida foge-me e eu agradeço a Deus a oportunidade que me dá; mas além da perspectiva do sofrimento físico, carrego no peito remorsos dolorosos...

Que tive vida desregrada e vulgar não é segredo para ninguém.

Desde a infância, conheço o mundo no que tem de pior, e as minhas eventuais boas intenções foram sufocadas pelos que me exploraram.

E assim, nunca procurei vida diferente, apesar de ter visto bons exemplos, como o da antiga companheira Milagres, que saiu do pardieiro onde vivia, assumiu nova vida e hoje está casada com homem digno, morando em Sevilha, onde constituiu uma bonita família.

Por causa dela, sugeri à minha irmã, o nome da minha sobrinha.

Ainda agora, Maria, apesar de toda ajuda recebida de vocês, sinto saudades da vida boêmia de antes...

– Dolores! Como pode dizer isso? Estou escandalizada! – Logo em seguida, entristecida e penalizada ela acrescenta: – Perdoe-me a censura, Dolores. Percebo-lhe o desespero pela descoberta da doença. E sendo assim não pensa no que diz...

– Em verdade, estou abrindo o meu coração, Maria; e ele não é tão bonito quanto o seu. É melhor confessar os nossos erros aos amigos, esperando compreensão.

Prosseguindo, falando sempre baixo para Milagres não ouvir, Dolores diz:

– Maria, preciso me livrar desses remorsos...

– Remorsos, Dolores? De quê?

– De tudo que aceitei da vida, sem questionar. De não ter procurado as opções de trabalho que a vida oferece. De tantos maus-tratos à pequena Milagres! Temo encontrar a minha irmã no reino dos mortos!

Conduza-me para Deus, Maria! Antes da grande viagem!...

Sabendo que me restam poucos anos de vida, quero dedicá-los a Milagres e a minha alma tão esquecida...

– Não desanime, Dolores. Procuraremos tratamento. Justice e Leilah dar-lhe-ão a ajuda necessária.

– Não tenho esperanças de cura. Há muito sei de tudo e acho mesmo que isso me deu mais força para pensar em Milagres e para tomar novos rumos... Sou extremamente sincera ao confessar-lhe que, se estivesse saudável, talvez retornasse à antiga vida...

– Dolores!

– Entretanto, Maria, as palavras do senhor Justice, quando Santiago me agrediu, calaram-me fundo na alma e desde então sinto Deus infundindo-me ânimo e concedendo-me oportunidades através do amor de Milagres e do amparo de todos vocês para que eu persevere no bom caminho...

Maria está estupefata. Para disfarçar a emoção, solta os longos cabelos, finge arranjá-los, volta a prendê-los com o precioso pente de tartaruga e fita o chão, constrangida. A boa Maria jamais conviveu com o mal. Para ela é muito difícil entender os vícios do ser humano. Daí ter sido tão extremista em seu julgamento para com Justice.

Silenciosa ainda, ela olha ao longe. O céu está azul e as brancas nuvens passam, passam...

Ela pensa circunspecta: "Dolores é como uma nuvem que está passando..."

Não consegue mais se conter. Cai em pranto e enxuga as lágrimas no avental.

Sentindo-se culpada, Dolores lhe toca o braço robusto e lhe pede:

– Perdoe-me e acalme-se, por favor. Eu lhe devo tanto, não desejo magoá-la...

– Não me magoou, Dolores. Lamento tudo, sinto-me impotente, diante da doença que diz carregar. Sofrerei tanto quando você se for... Oh, meu Deus! Que fazer?

– Continuar ajudando-me e ensinar-me como pedir a Deus para arrancar do meu coração esses remorsos para que eu O encontre em paz, sentindo-me perdoada...

Apertando-lhe ambas as mãos, Maria diz profundamente comovida:

– Acalme o seu coração, Dolores. Deus é misericordioso e sempre nos dá novas oportunidades de acerto!

Você se tornou minha boa irmã e daqui para frente representarei a sua. Através do meu amor por vocês e das suas novas propostas de vida, dedicando tanta ternura à nossa queridinha, alegraremos o coração da sua irmã, onde ela estiver.

Faremos Milagres muito feliz e ela quando reencontrar você... Oh, meu Deus! Custa-me pensar que você partirá!... Saberá entendê-la, realizada com a sua transformação moral.

Conte com o nosso amor e dedicação. Você terá toda ajuda de que precisar. Nunca estará sozinha.

Hoje mesmo, logo após o almoço, iremos conversar com padre Hermano e você poderá abrir o seu coração como fez comigo. Ele a orientará de forma satisfatória. Consente, Dolores?

– Sim e agradeço.

– Bem, anime-se. Vamos cuidar do almoço, Milagres daqui a pouco terá aquela fome que nós já conhecemos!

Abraçando Dolores, Maria segue junto a ela, rumo à cozinha...

XLI
INSTANTÂNEOS

Algumas semanas após o grande evento, o senhor Carlos, marido de Catita procura Justice.

É conduzido com cortesia ao escritório que anteriormente o senhor Mateus ocupava e agora, o filho usa carinhosamente.

Respeitoso, ele aguarda Justice orientar alguns funcionários sobre o expediente.

Com visível cansaço, mas com bonomia, Justice faz-lhe sinal para aproximar-se e pede que se acomode à sua frente em confortável poltrona.

– Senhor Carlos, obrigado por ter vindo.

– Eu é que agradeço.

– Pois bem, adivinho-lhe grande capacidade profissional.

– Garanto que o senhor não se decepcionará.

– Ótimo. Tenho aqui, no momento, várias pastas com documentos contábeis. Quero que os verifique para depois fazermos uma avaliação juntos. Alguma observação?

– Nenhuma, senhor Justice.

Sobraçando as pastas, Carlos se propõe a sair quando se depara, surpreso, com o retrato de Mateus.

Notando-lhe o interesse, Justice esclarece:

– É meu querido pai, Mateus de los Prados.

Silencioso, Carlos demonstra emoção.

– O senhor o conheceu, senhor Carlos? – inquire Justice.

– Sim, senhor Justice, eu o conheci.

– Foi seu contabilista? Não me recordo do senhor.

– Não, senhor. É uma longa história.

– Pode me contar? Tudo que diz respeito a ele me interessa.

– Naturalmente! Certa manhã chuvosa, há alguns anos, cavalgava eu por estradas ermas em direção ao trabalho, quando divisei um homem caído de bruços no chão enlameado.

Apeei rapidamente e virando-o para cima, pude constatar que ele estava desacordado. Na testa, grande galo era visível, proveniente da provável queda do cavalo que desaparecera. Ele estava ricamente trajado, era fino e elegante, tinha belas feições, moreno, forte, dono de bastos cabelos negros e mãos bem tratadas.

Coloquei-o sobre o meu cavalo e retornei, levando-o para casa.

Minha esposa Catita, refazendo-se do impacto da dupla surpresa – da minha presença, quando me julgava no trabalho, e a do desconhecido –, auxiliou-me a retirá-lo do animal e minutos depois ele dormia profundamente numa cama confortável, vestido em roupas secas e limpas.

Uma febre alta fazia-o delirar, imprecando contra tudo, exclamando em altas vozes as suas tristezas, o seu desespero...

Chamamos o médico e ele diagnosticou uma pneumonia, causada pelas horas que ele permaneceu sob a chuva torrencial.

Depois de algum tempo curou-se; era de compleição muito forte. A alma, entretanto, continuava doente e ele, mudo, espectral, não fazia caso do mundo que o rodeava. Nada lhe alterava as feições trágicas, a não ser ao acariciar Paquito, quando então as lágrimas desciam-lhe abundantes pelo rosto. Mas não desabafava.

Tornamo-nos amigos. Finalmente, confiando em mim, abriu seu coração e contou-me sua desdita, as razões do seu desespero.

Chamava-se Mateus de los Prados. Informou-nos de que regressaria para sua casa assim que se sentisse preparado para isso. Dizia-se exausto e incapaz de prosseguir, pelo menos naquele momento. Precisava se refazer espiritualmente antes de retomar a sua vida.

Morou conosco dois meses e nesse tempo conquistou-nos profundamente por seu caráter e seus dotes de coração.

Um dia, despediu-se prometendo voltar para nos visitar e principalmente a Paquito, a quem se afeiçoara demais. Nunca mais o vimos.

Deve ter-nos procurado como prometeu, porém havíamos mudado de residência.

A vida foi passando e, engolfados nela, esquecemos um pouco do nosso amigo até que, conhecendo o senhor, revi nos seus traços fisionômicos os do meu querido companheiro. Nesse momento, entendo a semelhança.

Justice ouviu tudo em silêncio e profundamente comovido. Fixando a imagem do pai no retrato ele desabafa:

– Pai querido, senhor Carlos! Saudoso, amado das nossas almas! Então foi em sua casa que esteve? Nunca nos disse. Ele era severo e às vezes indecifrável... Espírito raro, cheio de amor e de saber...

Nesse momento, ele nos auxilia aos dois. Ao senhor e a mim que posso ressarcir a dívida de gratidão que ele certamente carregou em relação a sua família.

– Senhor Justice, agradeço a Deus, termos recebido o auxílio dos seus corações generosos, antes desse reconhecimento. Desejo apenas o emprego e quanto à casa, quero-lhe pagar aluguel justo, dentro de pouco tempo.

Prezo a amizade desse inusitado amigo que foi seu querido pai. Pelo seu modo de falar, concluo que já não deve estar mais entre nós. Respeitosamente, devo lhe dizer que nada quero em troca, apenas reverenciar sua memória. Recebemos a visita de alguém que enriqueceu nossas vidas, mesmo que por pouco tempo, nos conquistando eternamente. Espero que, de onde ele estiver, continue sendo o nosso caro senhor

Mateus!...

– Senhor Carlos, sentir-me-ei melhor se puder recompensá-lo...

– Declino da oferta e agradeço.

Justice aperta-lhe a mão, exclamando:

– Que Deus o recompense suficientemente! Muito obrigado, senhor Carlos; ao senhor, à senhora Catita e ao nosso Paquito, que naqueles momentos de aflição foi um bálsamo nas feridas do coração do leão, que foi o meu amado pai!

Despedem-se depois de Justice indagar se estão bem instalados no chalezinho e Carlos confirmar entusiasmado e agradecido.

Antes que Carlos saia, Justice o convida a rever Leilah, o que o agrada muitíssimo.

Avisada de que o marido a procura, Leilah, corada pelo sol, deixa momentaneamente o trabalho das flores, arranja melhor o cabelo que insiste em cair-lhe sobre os olhos e vendo-os aproximarem-se, cumprimenta alegremente o marido de Catita.

– Bom dia, senhor Carlos! Que prazer revê-lo! Como estão Catita e as crianças?

– Estão muito bem naquele pequeno paraíso e com toda a ajuda recebida. Deus os abençoe! Gostaria que nos visitasse.

– Eu irei. O jardim ocupa-me bastante. Nesse sentido, estou pensando em requisitar os préstimos de Paquito algumas vezes por semana.

– Ele virá assim que for chamado, garanto-lhe.

Voltando-se para o marido, diz sorridente:

– Justice, começou a trabalhar muito cedo! Assim ficará doente! Sequer alimentou-se ainda hoje!

– Não se preocupe, minha querida. Terei mais um auxiliar e dos mais competentes no senhor Carlos.

– Ah, muito bom!

Carlos ensaia retirar-se quando Justice o impede, comentando:

– Leilah, imagine você que o senhor Carlos conheceu papai!

– E de que forma? – ela indaga surpresa.

– Já lhe havia contado que papai desapareceu de casa durante dois meses, lembra-se? E que depois desse tempo ressurgiu bem de saúde, embora taciturno, introspectivo...

– E daí, Justice? Estou curiosa!

– Pois bem; ele esteve na casa dos nossos amigos Carlos e Catita como hóspede; a princípio, doente e depois, em recuperação.

– Em Santo Antônio de la Sierra?

– Não, aqui em Barcelona, onde residiram antes. Ao conhecer-me, o senhor Carlos recordou-lhe os traços, sem contudo me revelar. Há poucos momentos, viu o retrato dele na parede do meu escritório, contando-me tudo. Pude finalmente juntar os pedaços desse quebra-cabeça tão antigo, que nos deixava curiosos, a mim, a Antenor e a Conrad, que tão logo retorne da Itália será informado.

– Congratulo-me com você, Justice, e com o nosso amigo, senhor Carlos. Reencontrar amigos em nossa vida é tarefa gratificante!

– Quando vivemos atentos, não é, querida? Enquanto a acompanhava em socorro à família dele, jamais poderia imaginar a descoberta que faríamos posteriormente! Assaz interessante!

Carlos que a tudo ouvira interessado e comovido, despede-se e retira-se regressando para casa.

Justice e Leilah, abraçados, vão em direção ao interior da casa venturosos, aconchegando-se um ao outro.

– Justice, estou saudosa de Conrad e Nívea.

– Eu também, Leilah.

– Eles irão à Grécia também, não é verdade?

– Sim. Os dois sentem verdadeiro fascínio por aquele país, que é o grande centro da cultura, da arte e da beleza.

Olhando-a amorosamente, querendo captar-lhe a reação, pergunta-lhe se

gostaria de ir à Grécia.

– Sem dúvida, mas eu me sentiria mais feliz se pudesse conhecer a Índia, a sua cultura milenar, seu misticismo e os seus conhecimentos védicos...

– Pois iremos, Leilah!

– Verdade? E os seus negócios?

– Além de tê-los em boa ordem, pressinto que o senhor Carlos será de grande valia nesse sentido. Naturalmente só poderemos viajar após o regresso de Conrad, que então me substituirá à frente de tudo enquanto não ingressa na Universidade.

Faremos uma viagem à Índia e iremos também à Inglaterra, onde desejo adquirir novas técnicas administrativas para aplicá-las aqui.

– Justice, estou feliz e ansiosa desde agora, mas e o meu jardim?

– Contrataremos jardineiros pelo tempo necessário. Sossegue.

Dolores vem chegando com Milagres, que corre para Leilah, beijando-a, para logo depois fazer o mesmo com Justice que, enlevado e carinhoso, retribui os afagos da menina.

Cumprimentando-os, Dolores encaminha-se aos seus afazeres.

XLII

ISIS E NÊMESIS

(NOTAS DO AUTOR)

Nossos caros personagens seguem suas vidas num processo de aperfeiçoamento espiritual cada vez mais intenso.

E nós, que os acompanhamos por tanto tempo, pediremos permissão a Nêmesis para levantarmos algumas pontas do véu de Isis e, dessa forma, os surpreendermos em futuro próximo:

"Justice adquirindo a Chácara das Flores, numa homenagem póstuma a Pablo e na intenção de ampliar o trabalho de Leilah.

Pablo renascido, mais pacificado pelas lições experimentadas e dolorosamente assimiladas na encarnação anterior, retomando o comando daqueles sítios floridos, antes amorosamente planejados e cultivados por seu coração apaixonado e insubmisso. Estribado em melhores propósitos, refazendo a tarefa de exercitar os novos conceitos de superioridade e inferioridade temporais e sob o influxo amoroso e enérgico dos pais, será mais fraterno e menos arbitrário.

Ao seu lado, companheiro constante, amigo de muitas outras caminhadas, aconselhando-o com sucesso, está Rafael, irmão mais novo de Paquito.

Concretizando a premonição de Pedro, Paquito e Milagres estão casados e felizes, enquanto Dolores, saudosa, observa-os do mundo maior, mais harmonizada consigo mesma e com a irmã, a mãe legítima de Milagres.

Alguns meses depois do enlace de Milagrito, Pedro deixa Maria viúva e inconsolável. Aquele coração sensível e abnegado cansou-se da vida e, assim, ele reingressou no mundo real, consciente e tranquilo, readaptando-se à espera de novas oportunidades, que almeja sejam ao lado daqueles que ama.

Conrad, brilhantemente diplomado em Direito, é competente causídico, defendendo entusiasmado aqueles que o contratam a peso de ouro, como também àqueles que, destituídos de posses materiais, muitas vezes ficam à mercê da sorte aguardando alguém que os possa ajudar. Digno e impoluto, leal às leis de Deus e dos homens, recebeu em sua prole espíritos carentes de lições de ética e honestidade.

Junto à sua querida Nívea, tem o compromisso de direcioná-los com o amor e a energia.

Por acréscimo, o caçula é belíssimo menino, mas incapaz de expressar-se através do corpo físico, dono, porém, de docilidade e resignação notáveis. É o espírito se ajustando diante da Grande Lei. Carrega na consciência a culpa dos desmandos e enganos do passado.

Completando a jornada, todos eles, após terem passado pelas mãos responsáveis desses pais, espíritos com referenciais e condições de obterem sucesso na tarefa, estarão melhores e mais conscientes dos verdadeiros objetivos da vida e mais bem preparados para futuros mergulhos na carne.

Conrad e Nívea, apesar de todos os entraves, instalarão nos arredores de Barcelona uma instituição filantrópica que abrigará e educará crianças órfãs. Ali aplicarão generosamente os amplos recursos financeiros e morais que possuem."

E... a areia fina da ampulheta escorre vagarosamente, indiferente aos efêmeros destinos dos mortais, que renascem inúmeras vezes para modificarem-se e fazerem brilhar a centelha divina que trazem dentro de si!

J. W. Rochester

Esta edição foi gerada a partir da 1ª reimpressão da 3ª edição.
O texto foi composto em Goudy Old Style 11,5/14 e o título em Trajan Pro 20/28.
Eliana Haddad e Izabel Vitusso realizaram a preparação do texto. André Stenico
elaborou a programação visual da capa e o projeto gráfico do miolo.